

ERIN STERLING



«Uma comédia romântica enfeitiçadora que me fez suspirar numa página e rir à gargalhada na seguinte.» Tessa Bailey, autora *bestseller* do *The New York Times*





Table of Contents

[A Maldição Do Ex](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Agradecimientos

ERIN STERLING







**ZERO
AOITO**
www.zeroaoito.pt

20
anos

Uma chancela da Zero a Oito – Edição e Conteúdos, Lda.

Morada: Rua Castilho, 57 – R/C direito, 1250-068 Lisboa

Telefone: 213 713 130

Fax: 213 713 139

E-mail: publicacoes@zeroaoito.pt

Edição original

Título: *The Hex ex*

Texto: Erin Sterling

Ilustração: página de rosto e entrada de capítulo © Kuznetsova Darja / Shutterstock, Inc.

THE EX HEX Copyright © 2021 by Rachel Hawkins

Publicado por acordo com o autor c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: A maldição do Ex

Tradução: Vernáculo

Revisão: Nuno Pereira

Design de capa: Mafalda Mota

Paginação: dprojetos.pt

1.ª edição: abril 2023

ISBN: 978-989-8879-32-5

Depósito legal: 512 574/23

Impressão e acabamento: Eigal

© 2023, Zero a Oito. Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo eletrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito da Zero a Oito.

Esta obra é de ficção. Nomes, personagens, lugares e ocorrências decorrem da imaginação da autora ou são utilizadas ficcionalmente e não construídas como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, são mera coincidência.

*Para Sandra Brown, Jude Deveraux, Julie Garwood,
Judith McNaught e Amanda Quick, os escritores que me
fizeram querer escrever romances quando eu tinha doze anos.
Foram precisos trinta anos, mas cá estou eu por fim!*

Prólogo



Nunca mistures vodca com feitiçaria.

Vivi sabia disso. Não só a sua tia Elaine lho dissera milhares de vezes, como também estava escrito nos panos de cozinha e *T-shirts* e, ironicamente, nos copos de *shot* da *Something Wicked*, a loja da tia Elaine na baixa de Graves Glen, Geórgia.

Era, provavelmente, aquilo que a família Jones tinha mais próximo de um lema familiar.

Mas devia haver exceções para corações partidos, pensava Vivi, enquanto mergulhava mais fundo na banheira e bebia outro gole do *cocktail* de vodca e arando que a prima Gwyn lhe preparara.

E naquele momento o dela estava completamente partido. Talvez até estilhaçado. Minúsculos pedaços de coração a chocalhar às voltas no peito, tudo porque se deixara levar por um sotaque engraçado e uns olhos muito azuis.

Fungando, sacudiu novamente os dedos para encher o ar com o cheiro do perfume de Rhys, um odor cítrico e apimentado que ela nunca conseguiu identificar muito bem,

mas que lhe tinha ficado de tal modo gravado no cérebro que a sua magia conseguia evocá-lo.

Ainda agora, afundada na banheira de pés de garra de Gwyn, conseguia lembrar-se de como aquele cheiro lhe fazia a cabeça andar à roda quando enterrava o rosto no peito dele, de quão acolhedora era a pele dele.

— Vivi, outra vez, não! — gritou Gwyn, do quarto. — Isso está a fazer-me dores de cabeça!

Vivi deslizou ainda mais para dentro de água, fazendo com que transbordasse nos lados da banheira, quase apagando uma das velas que colocara no rebordo.

Outra das lições da tia Elaine — a melhor cura para qualquer coisa são velas e um banho de imersão, e embora Vivi tivesse posto bastante alecrim e mãos-cheias de sal rosa na água, e acendido quase todas as velas que Gwyn tinha, não estava a sentir-se nada melhor.

Apesar de o vodca estar a ajudar, reconheceu, inclinando-se para beber outro gole com a absurda palhinha púrpura brilhante.

— Deixa-me viver! — respondeu, depois de esvaziar o copo, e Gwyn espreitou pela porta entreaberta, o cabelo rosa a ondular-lhe sobre os ombros.

— Minha querida, adoro-te, mas andaste com o tipo durante três meses.

— Nós só terminámos há nove horas — replicou Vivi, não acrescentando que, na verdade, tinham passado nove horas e trinta e seis minutos, quase trinta e sete. — Tenho pelo menos mais quinze horas de mau humor. Está no manual.

Gwyn revirou os olhos.

— É por estas e por outras que te disse para não namorares bruxos — disse ela. — Muito menos bruxos

Penhallow. Aqueles parvalhões podem ter fundado esta vila, mas continuam a ser uns bruxos de merda.

«Bruxos de Merda», concordou Vivi, olhando tristemente para o copo vazio enquanto Gwyn desaparecia novamente na direção do quarto.

Vivi era ainda muito mais inexperiente nestas coisas das feitiçarias do que Gwyn. Enquanto a prima crescera com a tia Elaine, uma alegre bruxa praticante, a mãe de Vivi, irmã de Elaine, mantivera os seus feitiços em segredo. Só quando morreu e Vivi foi viver com Gwyn e Elaine é que começou a fazer uso desta sua faceta.

O que significava que ela não estava a par dos bruxos e de que conhecer um no Festival do Solstício numa noite quente de verão podia ser tanto a melhor como a pior coisa que lhe poderia acontecer.

Vivi levantou a mão e agitou os dedos. Um momento depois, uma imagem difusa e trémula ergueu-se da água.

Era um rosto bonito, boa estrutura óssea, cabelos pretos, olhos cintilantes e um sorriso jovial.

Vivi franziu-lhe o sobrolho antes de agitar novamente a mão, fazendo levantar-se uma minimaré que se desfez fora da banheira. O rosto desvaneceu-se numa torrente de centelhas.

Como seria agradável ela conseguir apagar a memória dele com a mesma facilidade, mas mesmo no seu estado triste e encharcado de vodca, Vivi sabia que não devia brincar com esse tipo de magia. E alguns pedacinhos do seu coração não queriam esquecer os últimos três meses, queriam agarrar-se à memória daquela noite em que se conheceram, ao modo melodioso com que ele dizia o nome dela, sempre *Vivienne*, nunca Vivi, como naquela primeira noite em que lhe perguntou: *Posso beijar-te?* E ela respondeu: *Agora?* Ele sorriu com aquele sorriso demorado,

dizendo-lhe: *Preferia agora, mas estou aberto a outra altura em que tenhas disponibilidade*. E como é que alguma mulher conseguiria resistir àquilo? Especialmente uma de dezanove anos no seu primeiro Festival do Solstício? Especialmente quando o homem que dizia aquelas coisas era alto, ridiculamente bonito e *galês*?

Era ilegal, era o que era, e ela ia apresentar algum tipo de reclamação ao Conselho das Bruxas assim que...

— Vivi! — gritou Gwyn, do quarto. — As luzes estão a falhar por tua causa.

Ups.

Vivi sentou-se e puxou a tampa do ralo da banheira de Gwyn, com a esperança de que alguma da sua angústia fosse pelo cano abaixo juntamente com a água.

Passou cuidadosamente por cima das velas e puxou o roupão de Gwyn, soltando-o do gancho da parede, sentindo-se ligeiramente melhor ao apertar o cinto preto de seda à volta da cintura. Era por isso que ela tinha ido para o chalé de Elaine e Gwyn na floresta, bem no alto das montanhas acima de Graves Glen, em vez de voltar para o dormitório na faculdade. Ali, naquele pequeno espaço confortável com as velas e os gatos, todos os quartos a cheirar a lenha e ervas, Vivi sentia-se em casa.

Talvez ela e Gwyn pudessem fazer máscaras faciais ou algo do género. Beber mais uma bebida ou cinco. Ouvir Taylor Swift.

Ou então, corrigiu Vivi, quando saiu da casa de banho e viu Gwyn a fazer um círculo de sal no chão, elas podiam fazer... o que quer que aquilo fosse.

— O que estás a fazer? — perguntou, agitando uma mão em direção à casa de banho. Um segundo depois, o copo flutuou na sua direção com a palhinha mirabolante a balançar, e Vivi agarrou-o antes de se dirigir para a

secretária de Gwyn, de forma a servir-se de mais uma bebida.

— Estamos a amaldiçoar aquele imbecil — retorquiu Gwyn, com um grande sorriso.

— Ele não era um imbecil — contrapôs Vivi, mordiscando a ponta da palhinha e olhando para o círculo.
— Não no início. E, para ser franca, fui eu que acabei a relação, não ele.

Fungando, Gwyn começou a juntar o cabelo para fazer um rabo de cavalo.

— Tu acabaste a relação *porque* ele é um imbecil. Ele veio a Graves Glen, seduziu-te e durante todo esse tempo o pai dele estava no País de Gales a organizar o casamento dele com uma bruxa toda chique. E ele sabia! E não se preocupou em dizer-te! Não, mantém-se por unanimidade a decisão de que ele é um imbecil.

— Por unanimidade referes-te a ti, certo?

— A mim e a Sir Purrcival — respondeu Gwyn, fazendo um gesto na direção do minúsculo gatinho preto enrolado sobre a sua cama. Ao ouvir o seu nome, levantou a cabecinha e piscou os olhinhos amarelo-esverdeados para Vivi, antes de dar uma miadela que *parecia* uma espécie de concordância.

E Rhys *estava* noivo. Bem, quase noivo. Não foi essa a palavra usada por ele. Foi «comprometido». Tinha-a deixado escapar nessa manhã, quando se enroscavam no calor da cama, enquanto lhe beijava o ombro e murmurava que tinha de voltar para casa durante uma semana, mais ou menos, para resolver uns assuntos.

«Uns assuntos», aparentemente, significava: «Dizer ao meu pai para cancelar *o meu casamento com uma desconhecida*.» E depois tivera o descaramento de ficar

chocado por *e/a* ter ficado chocada, e, sim, na verdade deviam, definitivamente, amaldiçoar aquele imbecil.

— É justo — concordou Vivi, cruzando os braços sobre o peito. — O que fazemos?

— Abre as janelas — disse Gwyn, aproximando-se da secretária e agarrando numa vela que se encontrava num suporte de vidro que, de alguma forma, passara despercebido a Vivi para o seu ritual do banho.

Vivi fez o que a prima pediu. O ar frio de finais de setembro entrou pelo quarto, trazendo com ele um cheiro a pinheiro. Sobre o topo da montanha mais alta, a lua brilhava cheia e branca, e Vivi enviou-lhe um pequeno aceno embriagado antes de colocar a cabeça fora da janela e olhar para a montanha de Elaine.

Lá em cima, algures na escuridão, encontrava-se a casa da família de Rhys, que ele nunca visitara antes daquele verão. Estava agora às escuras, porque Rhys se tinha ido embora.

Embora.

De volta para Gales e fosse qual fosse a vida que aí tinha antes de ir fazer o curso de verão na Faculdade de Penhaven.

E o curso tinha acabado.

Os olhos picavam-lhe outra vez. Vivi virou-se para a prima.

Gwyn estava sentada no lado de fora do círculo, agora com a vela colocada no centro, a chama a tremeluzir, e por um segundo, Vivi hesitou. Sim, era verdade, Rhys partira-lhe o coração. Sim, ele não lhe tinha dito que o pai estava à procura de uma mulher para ele. Sem conversarem, sem aviso, sem se preocupar em como ela se sentiria com tudo aquilo. Cem Por Cento Atitudes de Imbecil.

Mas amaldiçoar?

E amaldiçoar bêbeda?

Talvez fosse um bocadinho de mais.

E então Gwyn fechou os olhos, estendeu as mãos e disse:

— Deusa, rogamos-vos que este homem nunca mais ensombre a porta da Vivi ou a sua vagina.

Vivi quase se engasgou com a bebida, rindo mesmo enquanto o álcool lhe ardia ao entrar no nariz e saltava para o lado oposto do círculo, onde se encontrava Gwyn.

— Deusa — pediu Vivi, bebendo mais um gole —, rogamos-vos que ele nunca mais use as suas covinhas para fazer mal a donzelas inocentes.

— Boa — disse Gwyn, antes de acrescentar: — Deusa, rogamos-vos que nunca mais deixeis que o cabelo dele faça aquela coisa. Sabeis do que estamos a falar.

— Sabe perfeitamente — assentiu Vivi. — Deusa, rogamos-vos que ele seja o tipo de homem que pense sempre que o clítoris se encontra exatamente a oitenta e cinco milímetros do sítio onde realmente se encontra.

— Diabólico, Vivi. Verdadeira magia negra.

Com a cabeça à roda, mas o coração um pouco menos despedaçado, Vivi sorriu e inclinou-se sobre o círculo, perto da vela.

— Partiste-me o coração, Rhys Penhallow — disse ela. — E nós amaldiçoamos-te. A ti e a toda essa tua linhagem estúpida e atraente.

De repente, a chama da vela aumentou, assustando-a de tal maneira que entornou a bebida ao afastar-se. Do seu lugar na cama, Sir Purrcival bufou e arqueou as costas.

Gwyn saltou para agarrar nele, mas antes que o conseguisse fazer, as duas janelas fecharam-se subitamente com tal estrondo que as cortinas foram empurradas para trás.

Vivi soltou um grito e levantou-se, esborratando com o pé o círculo de sal. Quando se virou, viu a chama da vela incrivelmente alta, mais alta do que Gwyn, antes de se extinguir abruptamente.

Ficou tudo calmo e sossegado, com a exceção de Sir Purrcival, que continuava a bufar e a chiar enquanto voltava para as almofadas de Gwyn. Vivi não tinha a certeza de alguma vez na vida ter ficado sóbria tão depressa.

— Bem, isto... foi esquisito — atreveu-se finalmente a dizer. Gwyn aproximou-se da janela e subiu-a com cuidado.

A armação subiu facilmente e manteve-se no mesmo lugar. Quando Gwyn se voltou para a prima, já não estava tão pálida.

— Fizeste as luzes falharem há pouco, lembra-te? Se calhar foi, tipo, um pico de energia. Um pico dos mágicos.

— Isso pode acontecer? — quis saber Vivi. Gwyn assentiu com a cabeça, talvez um pouco depressa de mais.

— Claro. Quero dizer... nós só estávamos a brincar. Nada disto era magia para amaldiçoar a sério. Acho que a vela era da *Bath & Body Works*.

Vivi olhou para o rótulo.

— Sim, tenho a certeza absoluta de que «Passeio no Pomar» não tem nada que ver com o obscuro.

— Certo — anuiu Gwyn. — Portanto, nada de mal, nenhum erro, exceto termos assustado aqui o pequenito.

Tinha conseguido convencer Sir Purrcival a ir para o seu colo e ele enroscou-se, mesmo parecendo estar a olhar de um modo geral para onde Vivi se encontrava.

— Parece que não conheço a minha própria força — disse Vivi, e depois, ao mesmo tempo, ela e Gwyn acrescentaram:

— Nunca mistures vodca com feitiçaria.

Com um riso um pouco acanhado, Vivi voltou a colocar a vela na secretária de Gwyn.

— Sentes-te melhor? — interrogou Gwyn. — Livraste-te desse homem com a falsa maldição?

Seriam precisos mais do que um banho, muitas bebidas e algumas patéticas mágicas para se esquecer de Rhys. Mas, naquele momento, Vivi assentiu com a cabeça.

— Acho que sim. Tens razão, foram apenas três meses e agora ele voltou para Gales, por isso não vamos ter de voltar a ver-nos. Ele que continue com a vidinha dele, eu vou retomar a minha. Agora vamos limpar este sal todo antes que a tia Elaine apareça e se aperceba de que estivemos a beber e a fazer feitiçarias matadas.

Vivi virou-se, e nem ela nem Gwyn viram a vela reacender-se por um instante, a chama a cintilar, o fumo a ondular em direção à janela aberta e à lua cheia.

Capítulo 1



Nove anos depois

Claro que não parava de chover.

Para começar, era Gales, por isso a chuva estava incluída no pacote, e Rhys percebia isso, mas vinha a conduzir desde Londres nessa manhã com sol e apenas algumas nuvens ocasionais. Maravilhosos céus azuis, colinas verdes onduladas, o tipo de dia que faz alguém desejar saber pintar ou talvez desenvolver algum tipo de hábitos poéticos.

Só ao chegar a Dweniniaid, a pequena povoação onde a sua família vivia há séculos, começou a chover a cântaros.

Ele tinha quase a certeza de saber porquê.

Com o sobrolho franzido, Rhys estacionou o carro alugado mesmo ao lado da High Street. Não precisava de ter ido a conduzir, claro. Podia ter usado uma Pedra das Viagens e estaria ali num piscar de olhos, mas a sua insistência em conduzir para todo o lado irritava o pai e isso dava-lhe mais prazer do que o da conveniência de viajar com magia.

Embora, pensou ele ao sair do carro e fazer uma careta para o céu, naquele dia parecia estar a prejudicar-se para se vingar de alguém.

Mas o que estava feito, estava feito, e Rhys puxou um pouco a gola do casaco e avançou pela povoação.

Não havia muita coisa na High Street — algumas lojas, uma igreja numa ponta e na outra um bar. Era nessa direção que ele agora caminhava. Naquela tarde, havia muito poucas pessoas na rua, mas todas passavam para o outro lado da rua quando o viam.

Era maravilhoso ver como a reputação da família se mantinha intacta como sempre.

No final da rua, *The Raven and Crown* chamava por ele, com os acolhedores retângulos de luz das janelas a sobressair no dia cinzento. Assim que Rhys empurrou a porta da frente para a abrir, foi acometido por alguns dos seus cheiros preferidos — a riqueza maltada da cerveja, o travo acre da cidra e o calor do carvalho envelhecido.

Raios, como tinha saudades de casa.

Talvez fosse porque desta vez estivera muito tempo fora. Geralmente, tentava aparecer com um intervalo de poucos meses, ou mais frequentemente, se soubesse que o pai estava fora. Em termos de lealdade familiar encontrava-se entre os dois irmãos mais velhos.

Llewellyn, o mais velho, geria o bar e mantinha um contacto próximo com o pai. Bowen, o irmão do meio, desaparecera para as montanhas de Snowdonia dois anos antes e comunicava com eles de quando em quando, de um modo geral para os assustar com a sua barba cada vez mais cerrada.

Por isso, Rhys não era, para variar, o filho mais dececionante, um título que ele não se importava de usar, até Bowen deixar de fazer o que quer que andasse a fazer lá por cima.

Contudo, nunca seria o preferido. Wells conquistara o lugar há muito, e Rhys não se importava em deixá-lo lá.

Além disso, tinha uma certa piada ser a ovelha negra. Quando fazia asneira, isso era considerado um dado adquirido, e quando conseguia não fazer asneira, ficavam todos agradavelmente surpreendidos.

Ganhava sempre.

Rhys tirou o casaco e pendurou-o no bengaleiro junto à porta, mesmo por baixo do velho anúncio da cidra *Strongbow*.

Ao fazê-lo, vislumbrou o homem que se encontrava atrás do balcão a olhar para ele.

E quando se voltou para trás, reparou que o homem que estava atrás do bar — o seu irmão mais velho Llewellyn — era a *única* pessoa no bar.

Llewellyn era igualzinho ao pai, mas com menos trinta anos: a mesma expressão austera, o mesmo nariz romano — bem, na verdade, todos tinham aquele nariz —, os mesmos lábios finos. Era apenas ligeiramente menos cretino. Mas igualmente empenhado em manter-se naquela pequena povoação onde todos tinham medo dele, gerindo aquele bar que apenas era frequentado por turistas ocasionais e pelo antigo irmão.

— Olá, Wells — saudou Rhys. Como resposta, Wells limitou-se a grunhir.

Típico.

— Vejo que o negócio continua a bombar — observou Rhys, enquanto avançava para o balcão, tirando uma mão-cheia de amendoins de uma taça de vidro.

Wells lançou-lhe um olhar sombrio do outro lado do balcão de mogno polido e Rhys sorriu, atirando um amendoim para a boca.

— Anda lá — disse ele —, admite que estás contente por me veres.

— Surpreendido por te ver — reagiu Wells. — Pensava que desta vez nos tinhas abandonado definitivamente.

— E abdicar desta calorosa união fraternal? Nunca.

Wells sorriu com relutância.

— O pai disse que estavas na Nova Zelândia.

Assentindo, Rhys tirou outra mão-cheia de amendoins.

— Até há uns dias. Despedida de solteiro. Um grupo de ingleses queria a experiência completa de *O Senhor dos Anéis*.

A empresa de viagens de Rhys, *Penhallow Tours*, tinha crescido de negócio de um homem só, gerido a partir do seu apartamento em Londres, a empreendimento com dez funcionários, que geriam várias viagens à volta do mundo. Os clientes costumavam considerar as viagens que ele organizava como as melhores das suas vidas e as críticas estavam repletas de pessoas que derramavam elogios sobre nunca terem tido um dia de mau tempo, um voo atrasado, um único caso de intoxicação alimentar.

Incrível o que podiam fazer uns minúsculos toques de magia.

— Bem, estou contente por teres vindo — disse Wells, voltando às suas limpezas. — Porque agora podes ir falar com o pai e melhorar o mau humor dele.

Acenou com a cabeça em direção às janelas, e Rhys virou-se, observando a intempérie verdadeiramente abissal de um outro modo.

Porra.

Então, ele tinha razão. Não era uma tempestade normal, mas uma criada pelo pai, o que, sim, significava que Rhys o tinha indubitavelmente irritado. Os irmãos nunca tinham feito com que o pai provocasse uma tempestade.

Rhys causara... vinte? Duas dúzias? Demasiadas para contar, na verdade.

Voltando-se para Wells, Rhys esticou-se para apanhar mais amendoins e levou com o pano húmido na mão.

— Au! — soltou, mas Wells já estava a apontar para a porta.

— Vai lá falar com ele antes que inunde a estrada principal e eu não volte a ver um cliente.

— Eu não sou um cliente?

— Tu és uma dor de cabeça, é o que és — respondeu Wells, suspirando com as mãos nos quadris. — A sério, Rhys, vai só falar com ele, acaba com isto. Ele tem saudades tuas.

Rhys bufou enquanto se levantava do banco.

— Agradeço, Wells, mas só dizes tretas.

Uma hora depois, Rhys questionava-se porque é que não ficara no bar o tempo suficiente para beber uma cerveja. Eventualmente três.

Decidira ir a pé até à casa, em vez de provocar mais o pai com o carro — um verdadeiro exemplo de crescimento e maturidade da sua parte, pensou —, mas quanto mais se aproximava, pior ficava o tempo, e até o feitiço de proteção lançado sobre si mesmo não resultava na perfeição.

Por um momento, considerou desistir, deixar que o pai o visse patético e enlameado, mas, não, esse tipo de coisa só funciona com pais que tenham coração, e Rhys estava praticamente seguro de que Simon Penhallow nascera sem um desses.

Ou talvez o tivesse tirado de si próprio a determinada altura, em algum tipo de experiência para perceber quão canalha um homem conseguia ser.

O vento uivava ao descer do topo da montanha, fazendo com que as árvores que ladeavam a estrada crepitassem e se agitassem. Na verdade, Rhys sabia que o pai era incrivelmente poderoso, mas não tinha de ser um clichê.

Também um clichê: a mansão da família Penhallow, Mansão Penhaven.

Rhys interrogava-se por vezes como é que a sua família tinha conseguido evitar ser assassinada ao longo dos quinhentos anos em que chamaram casa ao informe monte de pedras e óbvia feitiçaria. Mais valia terem posto sinais na frente do jardim a dizer AQUI HÁ BRUXAS, porra.

A casa estava mais acocorada na colina do que sobre ela, com apenas dois pisos, mas longa, um labirinto de passagens escuras e tetos baixos e esquinas sombrias. Um dos primeiros feitiços que Rhys ensinara a si próprio tinha sido o feitiço básico de iluminação, de forma a conseguir *ver* o raio das coisas quando queria chegar à mesa do pequeno-almoço todas as manhãs.

Também se questionava sobre se o local seria um pouco diferente, um pouco... mais luminoso, se a mãe estivesse viva. Segundo Wells, ela odiava a casa tanto quanto Rhys, e quase conseguira convencer o pai a mudarem-se para uma casa mais pequena, mais moderna e acolhedora.

Mas morreu apenas uns meses depois de Rhys ter nascido, e qualquer conversa sobre sair daquela casa monstruosa era reprimida. Penhaven era a casa deles.

Os destroços medievais de uma casa aterradora e desconfortável.

À primeira vista, parecia sempre um pouco torcida, as pesadas portas de madeira descaídas nas dobradiças. Rhys suspirou enquanto subia os degraus da entrada, movendo a mão suavemente à sua frente.

A camisola, as calças de ganga e as botas que usava tremeluziram e ondularam, transformando-se num fato preto com o brasão da família bordado no bolso. O pai preferia que todos usassem mantos em casa, mas Rhys só ia até aquele ponto em nome da tradição familiar.

Nem se incomodou em bater à porta; o pai sabia que ele ali estava no momento em que pisou a base da montanha, possivelmente assim que entrou no bar. Havia feitiços guardiões por todo o lado, uma fonte de frustração interminável para Rhys e os seus irmãos sempre que se atrasavam um pouco na hora de recolher a casa.

No momento em que Rhys colocou a mão na porta, esta abriu-se, gemendo ameaçadoramente nas dobradiças, e o vento e a chuva aumentaram de intensidade, soprando com toda a força por um segundo, quando o feitiço de Rhys falhou.

Foi atingido na cara por água gelada, que lhe escorreu pela gola da camisa e deixou o cabelo colado à cabeça.

— Perfeito — murmurou. — Mesmo perfeito.

E entrou.



Capítulo 2

Qualquer que fosse o tempo lá fora, o interior de Penhaven era sempre sombrio.

O pai de Rhys preferia que fosse assim. Cortinas pesadas de veludo cobriam a maior parte das janelas. E as poucas janelas sem cortinas eram feitas de vitrais espessos em tons escuros de verde e vermelho, distorcendo a luz que passava através delas, produzindo estranhas formas na pesada mesa de pedra à frente da porta da entrada.

Rhys ficou na entrada por um momento, com o olhar levantado para a maciça escadaria e o retrato a óleo dele, do pai e dos dois irmãos em tamanho real. Estavam todos com mantos, todos a olhar solenemente para a porta da entrada, e sempre que Rhys via o retrato lembrava-se de ter doze anos e de posar para ele, de ter detestado ficar tão quieto, de quão abrasador e desconfortável era o manto, de quão ridículo era o pai não os deixar tirar uma fotografia para o artista pintar a partir dela.

Mas, não, o pai gostava das tradições, e suar as estopinhas enquanto posavam para um monumental retrato a óleo ser pintado estava ao nível de cortar a própria lenha para o Natal ou frequentar a Faculdade de Penhaven, em termos de Coisas Que os Homens Penhallow Fazem.

— Não me faça esperar.

A voz ressoou de todo o lado e de nenhum. Rhys suspirou novamente, passando a mão pelo cabelo antes de subir rapidamente as escadas.

O pai estava na biblioteca, o seu cenário preferido para qualquer tipo de confronto entre pai e filhos ao longo dos anos. Ao abrir a pesada porta dupla que dava para a sala, Rhys sentiu-se imediatamente transportado para o passado.

Não só nas suas memórias, apesar de ele ter imensas daquela sala, mas literalmente. A biblioteca do pai era, de alguma forma, impossivelmente mais gótica do que o resto da casa. Havia madeira preta, mais veludo, castiçais de prata pesados cobertos de anos de cera endurecida. No teto, um candelabro feito com chifres de veado derramava uma luz lúgubre no soalho de madeira. Rhys nunca ansiara tanto pela luz intensa do seu apartamento em Londres. As janelas abertas, os lençóis brancos na cama, os sofás confortáveis que não levantavam nuvens de pó quando alguém se sentava.

Nem um pedaço de veludo — nem a porra de uma *almofada* — em toda a casa.

Não era de admirar nunca mais ter ali voltado.

Simon Penhallow estava de pé em frente ao grande espelho usado para fazer previsões e comunicar com colegas bruxos, com as mãos entrelaçadas atrás das costas, usando, tal como Rhys previra, o seu manto. Preto, claro. O cabelo também era preto, apesar de salpicado com alguns grisalhos, e, ao virar-se, Rhys achou que ele parecia agora um pouco mais velho. Mais algumas rugas à volta dos olhos, a barba mais branca.

— Sabes há quanto tempo não pões os pés nesta casa?
— perguntou o pai, e Rhys conteve uma resposta sarcástica.

Tinha pelo menos três preparadas, mas o pai não era grande apreciador da sagacidade de Rhys, por isso limitou-se a entrar na sala, imitando a postura do pai, com as mãos atrás das costas.

— Não sei ao certo.

— Meio ano — respondeu o pai. Porque não responder uma coisa normal, como «seis meses»?

— Há meio ano que não visitas o teu pai e a tua casa de família.

— Está bem, mas, em minha defesa, ainda estou melhor do que o Bowen, não estou?

Rhys fez um sorriso maroto, mas, como sempre, Simon era a pessoa que Rhys nunca conseguiu cativar.

— O Bowen está envolvido em algo que por acaso beneficia esta família. Ao contrário de ti, a viver uma vida de solteiro em Inglaterra.

O pai de Rhys tinha a tendência de dizer «Inglaterra» como se pretendesse dizer um *sórdido poço de deboche*, e, não pela primeira vez, Rhys pensou se a ideia que o pai tinha da sua vida não seria muito mais interessante do que a vida que realmente tinha.

Está certo, na verdade, havia algum deboche, mas, de um modo geral, Rhys vivia a vida normal da maior parte dos rapazes de vinte e tal anos. Geria o seu negócio de viagens, via os *jogos* de rãguebi no bar com os amigos, namorava.

Nada fora do normal, exceto pelo papel que a magia desempenhava em todas essas coisas.

Os clientes tinham sempre viagens pacíficas e sem problemas. A sua equipa preferida ganhava sempre. E apesar de não usar magia nas mulheres com quem namorava, por vezes usava um encantamento para assegurar que conseguia uma reserva no restaurante que queria ou que o trânsito nunca o atrapalhasse.

Não abusava dos poderes que tinha, mas não havia dúvidas de que a magia suavizava as coisas, algo que Rhys sempre apreciou.

— Estás a desperdiçar o teu talento como mago — continuava Simon —, envolvido em toda essa frivolidade.

— Os *magos* acabaram, pai, já lhe disse, agora somos todos bruxos. Há décadas que é assim.

Ignorando o filho, Simon prosseguiu:

— Chegou também para ti o tempo de cumprires as tuas obrigações para com a família, Rhys. E é por isso que te envio de novo para Glynn Bedd.

Glynn Bedd.

Graves Glen.

Vivienne.

Ele não pensava nela com frequência. Os anos tinham passado; o que acontecera entre eles fora ardente, mas passageiro, e depois dela seguiram-se outros relacionamentos mais sérios.

Mas de vez em quando ela aparecia na sua mente. O sorriso bonito. Os olhos cor de avelã. A maneira como enrolava as pontas dos cabelos louros quando estava nervosa.

O sabor.

Não, definitivamente, não era uma memória útil naquele momento.

Era melhor lembrar as lágrimas de raiva, os braços cruzados sobre o peito, as calças que ela lhe atirara à cabeça.

Credo, que filho da mãe ele tinha sido.

Estremeceu um pouco, aproximou-se do pai e disse:

— Graves Glen? Porquê?

Simon franziu a testa, afundando as covas sob as maçãs do rosto.

— É o aniversário da fundação da cidade e da faculdade — revelou Simon. — Tem de estar presente um Penhallow. Os teus irmãos têm outras responsabilidades, tal como eu, por isso vais tu. Tens de partir o mais brevemente possível e eu farei com que a casa esteja pronta para te receber.

Acenou com a elegante mão de dedos longos.

— Estás dispensado.

— Estou dispensado uma porra — respondeu Rhys, e Simon endireitou-se. Rhys tinha mais de um metro e oitenta, mas o pai, tal como Wells, era mais alto um centímetro ou dois, algo que Rhys sentiu profundamente naquele momento. Mesmo assim, não vacilou.

— *Da* — disse, voltando a usar um nome que não pronunciava desde criança. — Sabe que aquela coisa do Dia do Fundador já não tem nada que ver connosco, não sabe? Basicamente, é uma festa de *Halloween*. Vendem abóboras, pelo amor de Deus, *Da*.

Umas pequeninas, pintadas. Acho que tem morcegos de peluche pelo meio. Não é nada que exija a nossa presença.

— E, contudo, a nossa presença será sentida, porque vais lá estar — contrapôs o pai. — A cada vinte e cinco anos, um Penhallow deve regressar para recarregar as Linhas de Ley, e esse Penhallow serás tu.

Treta.

Tinha-se esquecido das Linhas de Ley.

Há cem anos, o seu antepassado Gryffud Penhallow tinha fundado a povoação de Glynn Bedd nas montanhas do norte da Geórgia, num local onde o véu era fraco e a magia forte. Naturalmente, a cidade atraía bruxos ao longo dos anos, e a sua faculdade, que tinha o nome da família Penhallow,

fornecia cursos normais para os humanos, assim como artes arcanas para bruxos.

Os humanos que frequentavam a faculdade não sabiam disso. Pensavam apenas que era extremamente difícil entrar no curso de Costumes e Práticas Históricas, e também que aceitavam uma tonelada de alunos em planos de mobilidade.

Nove anos antes, Rhys fora um desses alunos, só para o curso de verão, e tinha várias razões — bem, uma muito grande — para não querer voltar.

— Já agora, como é que sabes isso — perguntou o pai, semicerrando ligeiramente os olhos. — Sobre o Dia do Fundador. Da última vez em que lá estiveste, não ficaste o tempo suficiente para testemunhares isso.

A verdade era *porque eu de vez em quando bebo um whisky a mais e vejo o que Aquela Que Escapou está a fazer e ela ainda vive lá, e é por isso que definitivamente não quero lá voltar*, mas Rhys suspeitou que essa não era a resposta que devia dar.

— Essa povoação faz parte do nosso legado, *Da* — preferiu dizer. — Tenho-me mantido a par do que lá se passa.

Rhys teve a certeza de que o olhar do pai não era de orgulho, porque tinha igualmente a certeza de que Simon ter orgulho fosse no que fosse que Rhys dissesse ou fizesse abriria um rasgão no tecido espaciotemporal. Mas pelo menos o pai não o olhava com um ar ativamente irritado, e isso já era alguma coisa.

E como detestava ainda dar importância a isso. Da última vez em que tentara conquistar a aprovação do pai, isso custara-lhe Vivienne.

Tudo bem, parte do que aconteceu teve que ver com a sua completa imbecilidade ao não se dar ao incómodo de

mentonar que concordara em que o pai lhe encontrasse a noiva bruxa perfeita, mas tudo parecia tão distante e Vivienne estava mesmo ali, real, imediata, não um conceito abstrato de mulher, e tinha sido tão fácil ir adiando o momento de lhe contar.

Até deixar de ser possível adiar e ela lhe ter chamado, e com razão, todos os nomes do mundo, incluindo alguns que ele nem conhecia, e ter saído tempestuosamente.

E agora o pai estava a pedir-lhe que voltasse lá.

— Faz isso pela tua família. Faz isso por mim — pediu Simon, aproximando-se para pôr as mãos nos ombros de Rhys. — Vai a Glynn Bedd.

Ele tinha quase trinta anos. Geria um negocio de sucesso que começara sozinho, vivia a vida de que gostava, era um *adulto* e não precisava da porcaria da aprovação do pai.

E, ainda assim, Rhys ouviu-se dizer:

— Está bem. Eu vou.

— Eu disse-te para não ires ao Festival do Solstício, eu disse-te que só ias ter problemas.

Com a cabeça ainda em cima do balcão, Rhys levantou a mão para lhe fazer a continência com dois dedos.

Ouviu Llewellyn fungar.

— Bem, eu disse.

— Sim, e eu ignorei o teu conselho fraternal, para minha desgraça. Obrigadinho, Wells, muito útil.

Tinha voltado ao bar depois da conversa com Simon, e desta vez para finalmente conseguir beber a cerveja.

O que, provavelmente, foi a única razão que o levou a confessar tudo a Wells. Não só sobre o *Da* estar a enviá-lo para Graves Glen, mas sobre o verão de nove anos antes.

Sobre Vivienne e todas as formas como estragou tudo.

Rhys levantou a cabeça para ver se Llewellyn se dirigira para as torneiras, de forma a servir outra cerveja que muito desejava que fosse para si. Esta era claramente uma conversa para litros de cerveja.

— Estavas apaixonado por ela? — perguntou Wells.

Rhys esforçou-se bastante para não se contorcer no banco. A família não costumava fazer estas coisas, falar sobre sentimentos e isso. E tanto quanto Rhys conseguia perceber, Wells não tinha sentimentos. E quaisquer emoções que Bowen pudesse ter estavam reservadas para o que quer que ele estivesse a fazer nas montanhas.

— Eu tinha vinte anos — replicou por fim, engolindo o resto da cerveja. — E era verão e ela era tão bonita.

Tão bonita. E tão doce. Fora como se alguém lhe tivesse batido no peito quando a viu no Festival do Solstício, sob aquele céu violeta, com a coroa de flores na cabeça. Ela sorriu para ele, e foi...

Instantâneo. Irrevogável.

A porra de um desastre.

— Eu... senti... — dizia, recordando — como se pudesse... pudesse ter sentimentos de amor.

Caramba, aquilo tinha sido difícil. Como é que as pessoas conseguiam estar sempre a falar daquelas coisas?

Wells apoiou os cotovelos no balcão e inclinou-se. Tinha as feições ligeiramente austeras do pai e uma espécie de brilho tranquilo no olhar que Rhys sempre achou um pouco inquietante, mas os olhos tinham o mesmo azul-claro dos seus.

— Talvez nem a vejas — disse Wells. — Vais lá estar o quê? Um dia, talvez dois? — O seu sorriso tornou-se irónico. — Isso é mais ou menos o máximo que consegues estar num sítio, não é?

Ignorando a piadinha, Rhys assentiu.

— Vou amanhã. O Dia do Fundador é no dia seguinte. Chego, recarrego as linhas e saio.

— É tranquilo — adivinhou Wells, abrindo as mãos. E Rhys assentiu outra vez quando mais uma visão da cara cheia de lágrimas de Vivienne surgiu à sua frente.

— Tranquilíssimo.

Capítulo 3



O monte de papéis na secretária de Vivi gritava. Bem, gemia, na verdade, uma espécie de guincho agudo. Franziu a testa e afastou-se do computador e do *e-mail* que tinha estado a escrever ao seu chefe de departamento para observar os papéis no canto que emitiam aquela espécie de gemido.

De olhos semicerrados, aproximou-se dos trabalhos, atirando-os para a secretária um atrás de outro até encontrar o que procurava. Não só parecia estar a guinchar, como as letras estavam a ficar cada vez mais vermelhas.

— Apanhado com a boca na botija — murmurou, enquanto confirmava o nome no canto superior.

Hainsley Barnes.

Ah, sim, o menino Lacrosse. Nada de admirar. Faltara às últimas aulas e, pelos vistos, ninguém do último semestre se dera ao trabalho de lhe dizer que a senhora Jones era particularmente boa a descobrir quem copiava.

Ser feiticeira tinha muitos benefícios inesperados.

Vivi passou a mão pelo trabalho e retirou o feitiço. As letras voltaram a ficar pretas enquanto o lamento

lancinante ia decrescendo aos poucos. Depois marcou-o com um *post-it* vermelho antes de o atirar para uma gaveta.

— Que raio de som era aquele?

A colega preferida de Vivi do departamento de História, Ezichi, estava à porta a franzir o nariz. Como o trabalho continuava a gemer na secretária de Vivi, esta deu-lhe uma pancada discreta.

— Um alarme do meu telemóvel — respondeu, enquanto o som parava abruptamente. — Para me lembrar de que já devia ter terminado isto aqui... — Verificou as horas no computador. *Merda*. — Há trinta minutos.

Era a terceira vez nessa semana que ia chegar atrasada ao jantar de família por que a tia Elaine era tão fanática, mas os exames a meio do ano eram assim.

Vivi saltou da secretária e pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e na carteira para a qual Ezi apontava.

— Miúda, tu não desiludas a mulher que faz os meus banhos de sal preferidos — disse ela, e Vivi agarrou na carteira, tirando um saquinho de musselina.

— Por falar nisso, ela disse-me para te dar isto, portanto, obrigada por me lembrares.

Ezi agarrou no saquinho que Vivi lhe estendia como se contivesse pedras preciosas e encostou-o ao peito, inspirando profundamente.

— Não leves a mal, Vivi, mas gosto mais da tua tia do que de ti.

— Não levo — disse Vivi. — Ela é mágica.

Literalmente, mas Ezi não sabia disso. Ao terminar a licenciatura na Faculdade de Penhaven, Vivi decidira fazer o mestrado em História. Normal, História dos humanos. E que ia ensinar jovens humanos normais, ao contrário dos bruxos

que assistiam às outras aulas ligeiramente mais secretas em Penhaven.

Até então, não era uma decisão da qual se tivesse arrependido, apesar de suspeitar que teria de trabalhar muito mais para ensinar Introdução à Civilização Mundial do que se tivesse de ensinar Como Fazer Velas para Rituais.

Ao mesmo tempo que subia as escadas a correr, saindo da cave onde se localizavam os gabinetes dos assistentes do departamento de História, tentou vestir o casaco e enviar uma mensagem a Gwyn. *Estou atrasada.*

Assim que abriu as portas, o telemóvel silvou-lhe na mão.

Eu conheço a tua linguagem, por isso sei que estás atrasada. Não escrevas enquanto conduzes. Ou não escrevas enquanto andas, tanto faz.

Vivi saiu para o pátio a sorrir. Ainda não tinha escurecido e a noite de outubro estava bastante amena, mesmo naquela zona das montanhas.

Aninhada no vale, a Faculdade de Penhaven era uma pequena joia de edifícios de tijolo vermelho e relvados verdes, carvalhos altos e sebes perfeitamente aparadas, e Vivi adorava-a provavelmente mais do que qualquer pessoa deveria adorar o seu local de trabalho.

Mas adorava. Especialmente agora que se sentiam no ar os primeiros indícios de outono, as folhas cor de laranja, o céu violeta. Penhaven era sempre mais bela no outono.

Tal como toda Graves Glen. Vivi reparou que já estavam instaladas as decorações para o dia seguinte, o Dia do Fundador, o início da época de *Halloween* em Graves Glen. Viam-se velas elétricas na montra da livraria da cidade, *Ihe Written Wyrd*, e autocolantes de abóboras na porta do *Coffee Cauldron*. Claro que a loja de Elaine e Gwyn, a *Something Wicked*, estava toda decorada, e Vivi tinha a

certeza absoluta de que vira um morcego a baloiçar, suspenso à frente do escritório do seu contabilista.

Não crescera naquele pedaço de perfeição no norte das montanhas da Geórgia. Os pais viviam em Atlanta e, apesar de sentir imenso a falta deles, estava muito agradecida por ter ido parar àquele lugar que parecia feito à sua medida. Aquela pequena vila onde conseguia encontrar o equilíbrio entre ser bruxa e uma mulher normal. O melhor de dois mundos.

A casa de Elaine estava situada numa colina no final de uma rua sinuosa, e enquanto conduzia sob as folhas cor de laranja e vermelhas, os pneus a rolar na estrada de terra, Vivi sentiu os ombros a relaxarem um pouco. Assim que viu o chalé, suspirou de felicidade.

Casa.

Depois de estacionar atrás do velho *Volvo* de Elaine, subiu as escadas a correr, passando pelas abóboras sorridentes e pelos morcegos ondulantes e luzinhas púrpura com a forma de bruxas.

A tia Elaine não se poupava no *Halloween*.

Assim que entrou, parou para fazer uma festinha a Sir Purrcival, que estava enrolado no seu cesto. Estava agora enorme, uma massa pesadona de pelo preto e olhos verdes que adorava Gwyn e tolerava Elaine e Vivi. Considerou-se uma felizarda quando ele, mesmo que muito lentamente, abanou a pata na sua direção antes de voltar a dormir.

— Eu sei, estou atrasada outra vez! — gritou Vivi enquanto lhe fazia uma última festinha.

Elaine deslizou até à entrada, o cabelo louro grisalho num emaranhado preso no cimo da cabeça, a saia preta a roçar o chão.

Se Stevie Nicks desse aulas de arte no secundário era a forma como Gwyn descrevia sempre o ar da mãe, e não era

uma imagem muito descabida. Mas funcionava com a tia Elaine de uma forma que Vivi nunca conseguiu. Ela mantinha-se fiel aos estampados florais e bolinhas.

— Sabes — disse a tia Elaine, apoiando na anca a mão cheia de anéis —, se viesses trabalhar comigo, estavas sempre por perto e não precisavas de te preocupar com os teus atrasos.

Um velho argumento, que Vivi, como sempre, desconsiderou com um gesto da mão.

— As duas passam muito bem sem mim.

A *Something Wicked* vendia vários artefactos de feitiçaria, desde velas a lenços e sabonetes, com a ocasional geleia pelo meio. O negócio melhorava sempre naquela época do ano, graças ao Dia do Fundador, mas não era invulgar terem dias em que não vendiam nada, de maneira que Elaine e Gwyn conseguiam perfeitamente gerir sozinhas a loja.

— Estaríamos ainda melhor contigo — insistiu Elaine, enquanto Vivi atravessava o *hall* na direção da cozinha.

De todas as divisões da casa, aquela era a que tinha mais ar de feitiçaria. Potes de cobre pendurados em ganchos no teto, frasquinhos com ervas no parapeito da janela, em cima da mesa os materiais amontoados para Elaine fazer as velas.

O efeito só era ligeiramente prejudicado por Gwyn, em pé junto ao fogão, a comer macarrão com queijo diretamente do tacho, com uma *T-shirt* na qual se lia: *Bruxa, não Estragues a Minha Onda*.

— O negócio aumentou tanto nos últimos anos — continuou Elaine, avançando languidamente em direção à mesa. — A Gwyn mal consegue acompanhar os pedidos *online*.

Gwyn assentiu, com o rabo de cavalo quase a desfazer-se.

— Toda a gente é bruxa, hoje em dia — reforçou ela, com a boca cheia. — Vendemos, tipo, cem baralhos de cartas de tarô só no mês passado.

Vivi levantou as sobrancelhas enquanto se dirigia para o frigorífico para ir buscar uma garrafa de vinho.

— Hummmm, a sério?

O negócio da tia sempre fora mais um passatempo do que realmente um meio de subsistência, mas Elaine recusava-se a ter qualquer coisa que se assemelhasse minimamente a um verdadeiro emprego. E Gwyn também não tinha muita inclinação para se juntar ao mercado de trabalho.

— Autocuidados, e isso tudo — continuou, colocando o tacho novamente ao lume e cruzando um pé sobre o outro. Vivi baixou o olhar e conseguiu ver que ela estava a usar as socas às riscas verde-vivo e pretas que eram um *bestseller* perpétuo da *Something Wicked*. — Cartas de tarô, velas, grimórios... — Gwyn enumerava os itens, contando com os dedos. — Mal conseguimos ter as coisas em *stock*. Vou ter de contratar alguém só para tratar das vendas *online*. Podias perfeitamente fazer isso.

— Eu gosto do meu emprego — reagiu Vivi, e a verdade é que gostava mesmo. Sim, havia as ocasionais Batotas à Lacrosse, mas conseguia lidar com isso perfeitamente e adorava o caminho para o trabalho pelo *campus* de Penhaven. Adorava ir ao grande refeitório para almoçar, adorava o seu gabinete com as cadeiras confortáveis que lá tinha. Adorava partilhar com os alunos o seu amor por História. De um modo geral, tudo aquilo encaixava bem com ela e fazia-a sentir-se... estável. Segura.

Duas das palavras preferidas de Vivi.

Enquanto Vivi abria o vinho, o telemóvel de Gwyn vibrou e ela suspirou.

— Juro por Deus, se for outra mensagem sobre as merdas do Dia do Fundador, vou andar pela cidade toda armada em Carrie.

— A presidente da Câmara — disse Elaine a Vivi, encenando um sussurro. — Continua a mandar mensagens à Gwyn por causa do Dia do Fundador, porque tem um fraquinho por ela e é a maneira de conseguir chamar-lhe a atenção.

— Uma jogada inteligente — concordou Vivi, enquanto se servia de vinho e Gwyn revirava os olhos.

— Eu já dormi com ela, mãe, não é isso.

— Outra jogada inteligente. — Vivi ergueu o copo e, distraída, Gwyn fez um brinde rápido, batendo no copo dela.

— Não, ela só está passada porque é o primeiro Dia do Fundador como presidente e quer que tudo corra bem — replicou Gwyn, mexendo os dedos muito depressa no telemóvel. — E ela é uma humana, não uma feiticeira, por isso é normal que este tipo de coisas a deixem nervosa.

— Ela sabe que és feiticeira? — perguntou Vivi, e Gwyn cuspiu uma framboesa.

— Credo, não. Isso é informação privilegiada que só forneço após o quarto encontro.

— Nunca tens um quarto encontro, querida — lembrou Elaine, alinhando as velas na mesa.

— Exatamente — replicou Gwyn, piscando o olho.

Ia a pôr de novo o telemóvel no bolso quando ele voltou a vibrar e a fez soltar um grunhido.

— Jane, sinceramente, és gira, mas o sexo não foi assim tão bom para justificar... Oh, merda.

— O que foi? — perguntaram Vivi e Elaine ao mesmo tempo, enquanto Gwyn olhava esbugalhada para o telemóvel.

— Hummmm. Nada. Nada de nada. Ela mandou-me um *nude*. Estou chocada e escandalizada. Por causa do *nude*.

Enfiando rapidamente o telemóvel no bolso, Gwyn pegou no copo de vinho e voltou a atenção para Vivi.

— Então! Como é que estão a correr as aulas com os *normies*?

— Uh-Uh — soltou Vivi, colocando a mão na anca. — És a pior mentirosa do mundo, Gwynnevere Jones. O que disse a Jane para fazeres essa careta?

Gwyn dividiu o olhar entre Vivi e Elaine, que estava a fixá-la com as sobrelhas levantadas, e finalmente suspirou, salpicando o vinho ao levantar as mãos.

— Como é o centésimo aniversário da fundação da vila, vão enviar um Penhallow.

Durante um longo momento, fez-se silêncio na cozinha enquanto as três assimilavam aquilo.

Um Penhallow.

Vivi bebeu um gole de vinho. Havia imensos Penhallow. Bem, ela sabia que havia quatro. Simon Penhallow, Terrível Bruxo, e os seus três filhos.

Um dos quais lhe estilhaçara o coração em biliões de fragmentos quando ela tinha dezanove anos.

O que fora há imenso tempo.

E era um assunto que ela ultrapassara por completo. Praticamente.

— Pode não ser ele — disse finalmente Elaine, virando-se para as suas velas. — Pode ser o horroroso do pai dele.

— Provavelmente — concordou Vivi. — Um centenário é especial. E apesar de Rhys, provavelmente, ter mudado

imenso nos últimos nove anos, mesmo assim não estou a vê-lo como a pessoa que enviariam para uma cerimónia importante, pois não?

— Oh, claro que não — anuiu Gwyn, abanando a cabeça e enchendo mais o copo de vinho. — Enviam o Rhys para as tretas animadas tipo o Festival do Solstício e aqueles cursos de verão matados da faculdade. Não iam enviá-lo para recarregar as Linhas de Ley.

— Claro que não — repetiu Vivi.

— Tenho a certeza de que isso nem lhes passou pela cabeça — declarou Elaine, batendo na mesa para dar maior ênfase.

— Mas talvez fosse boa ideia confirmar? — acrescentou Gwyn, demorando-se em cada palavra pronunciada.

Capítulo 4



— Há séculos que não fazíamos as nossas feitiçarias matadas!

Em pé no quarto de Gwyn, Vivi estava a sentir a mais estranha sensação de *déjà vu*.

Não que ela não tivesse ali estado imensas vezes desde toda aquela cena estranha depois de Rhys. Já tinha.

Mas era a primeira vez que ali estava numa noite de outono com um círculo de sal no chão e magia em andamento.

— Gwyn, toda a nossa vida são feitiçarias maradas — lembrou à prima, enquanto tentava sentar-se no chão com a sua saia-lápis, mas Gwyn limitou-se a abanar a cabeça, virando-se com os braços carregados de coisas. Vivi viu pelo menos três velas, uma toalha de altar, uma taça de prata e um pequeno saco preto com um fecho dourado.

— Não. Estou a falar das verdadeiras maradices de feitiçaria — disse ela, sentando-se no chão de madeira. — Tipo assembleias de bruxas. Tipo o filme, *O Feitiço*, mas a sério.

Vivi sorriu e subiu um pouco a saia. Cruzou as pernas e bebeu um gole de vinho.

— Não desde a noite em que o Rhys e eu acabámos — disse ela. Gwyn acenou-lhe com a mão para ela se calar.

— Isso não conta. Não foi magia a sério. A última vez em que fizemos magia *a sério* foi... no 12.º ano? Talvez? Aquele Beltane.

Vivi recordou-se e assentiu com a cabeça.

— Está bem, bom, desde que não convoquemos acidentalmente demónios, não há problema.

— Isso foi só daquela vez, e tecnicamente era um espírito básico muito irritado.

Vivi lançou um olhar a Gwyn sobre a borda do copo.

— Lembras-te de quanto tempo demorou até que as minhas sobranceiras voltassem a crescer?

Largando sobre o tapete do chão o monte de coisas que tinha nos braços, Gwyn soltou um suspiro.

— Vivi, se vais trazer má energia para aqui, isto não vai funcionar.

— Acho que só estás a dizer isso para acabarmos com a Conversa das Sobranceiras.

Gwyn não respondeu e abriu o pequeno saco preto. Tirou de dentro um baralho de cartas de tarô.

— Oh! — soltou Vivi, estendendo a mão para o baralho, mas Gwyn deu-lhe uma palmada.

— Nada de tocar! Não enquanto eu não estiver pronta.

— Mas eu ainda não tinha visto este — reagiu Vivi, e Gwyn sorriu, espalhando as cartas no chão. Mesmo sob a luz ténue do candeeiro, as cores pareciam brilhar e Vivi teve o vislumbre de um diáfano vestido branco na Imperatriz e de um amarelo cor de manteiga no Sol.

Gwyn pintava as suas próprias cartas há anos, desde que eram adolescentes, e não era a primeira vez que Vivi sentia uma pequena pontada no coração ao ver o trabalho da

prima. Não só porque as cartas eram lindas, embora definitivamente o fossem, mas porque Gwyn parecia sempre tão ligada à sua arte de uma forma nunca sentida por Vivi. Claro que gostava de lançar um feitiço ocasional e o seu pequeno apartamento sobre a loja tinha mais velas do que seria aconselhável, mas nunca tinha tido aquilo. Nunca o que Gwyn e Elaine tinham, aquele à vontade com a magia. Para as duas, fazer feitiços, grandes e pequenos, era tão fácil como respirar. E, contudo, sempre que Vivi usava magia, mesmo a mais pequenina, como o feitiço para apanhar os que copiavam, algo nela... parava.

Algo a retinha.

Às vezes, desejava que a mãe tivesse sido um bocadinho mais aberta em relação às coisas de feitiçaria. Talvez agora se sentisse mais à vontade se tivesse crescido a fazer magia.

Abanou a cabeça para afastar aquele pensamento.

Agora não interessava. Tinha exatamente a magia de que gostava, nem mais nem menos.

Gwyn colocara a taça de prata no tapete e fixara uma vela branca grossa no fundo. Agora, passava as mãos sobre as cartas e, murmurando baixinho, tirou uma delas.

O Mago usava um manto vermelho-vivo e tinha uma coroa branca de cristal na cabeça. Vivi sorriu ao aperceber-se de que a figura era claramente inspirada em Elaine. Até conseguiu ver Sir Purrcival a enroscar-se à volta das suas pernas, com os olhos verdes cintilantes.

— Bem — disse Gwyn, antes de beber um gole do vinho. — O mais importante em primeiro lugar. Vamos saber se estás com má sorte agora. Má sorte, eles vão enviar o Rhys. Boa sorte, quem vem é um dos irmãos ou o pai. Talvez um primo bonzão.

— Isso parece-me muito mais provável — admitiu Vivi, enquanto Gwyn acendia a vela na taça de prata. — Quero dizer, o Rhys odiava ter de lidar com as coisas da família. Não estou nada a ver ele querer voltar aqui.

Não depois de eu lhe ter atirado as próprias calças à cara e lhe ter dito... qualquer coisa má?

— Saberemos em breve — disse Gwyn, tirando mais quatro cartas do baralho de tarô.

Juntou O Mago às outras cartas e baralhou as cinco cartas com os longos dedos hábeis, deslizando-as para a frente e para trás uma e outra vez até Gwyn não fazer ideia de onde é que estava O Mago.

— Muito bem. A parte fácil. Vira as cartas, uma a uma — pediu Gwyn, ao mesmo tempo que as colocava voltadas para baixo no chão. — Se O Mago for uma das três primeiras cartas, má sorte.

Com a testa franzida, Vivi observou as cartas que tinha à sua frente. Gwyn pintara também a parte de trás, um padrão ondulante com espirais verdes e púrpuras, e Vivi deixou os dedos dançarem um momento sobre as cartas antes de virar a primeira.

Um homem encontrava-se à beira de um precipício com um pé no ar, como se estivesse a segundos de cair, os olhos azuis sobre o aro de uns óculos de sol, a camisa aberta até meio do peito.

O coração de Vivi teve um pequeno sobressalto porque aquela era uma cara familiar.

Depois, reparou em qual era a carta.

— O Louco? — perguntou, levantando os olhos para Gwyn.

A prima limitou-se a encolher os ombros, inclinando-se para trás e apoiando-se nas mãos.

— Eu tiro a minha inspiração de todo o lado, e quando chegou a altura de pintar essa, ele simplesmente... veio-me à cabeça. Estou errada?

O Louco tinha tudo que ver com riscos e oportunidades, saltar sem olhar, por isso, não, Rhys não era um mau modelo para aquela carta. Ainda assim...

— Então, isto é mau? — perguntou Vivi. Levantou a carta entre o polegar e o indicador, e abanou-a um pouco. — Isto quer dizer que é ele?

— Não — replicou firmemente Gwyn, abanando a cabeça. — Bem. Quer dizer. Talvez não? Não sei. Vamos ver qual é a carta seguinte.

Vivi virou a carta.

O Mago, com o rosto calmo da tia, a olhar fixamente para ela.

— Pelas mamas de Rhiannon¹ — soltou Gwyn, sentando-se tão depressa que quase bateu com o joelho no copo. — Vão enviá-lo.

Vivi gostaria que a sua pulsação não tivesse acelerado daquela maneira ao ouvir aquilo, desejava que as mãos não lhe estivessem a tremer ligeiramente quando estendeu o braço para virar as restantes três cartas.

A Estrela, que era claramente Vivi, à secretária de uma sala de aula com um vestido às bolinhas, uma maçã numa das mãos e uma esfera brilhante na outra; A Torre, o chalé de Elaine, mas com uma enorme racha no centro, metade a cair de um penhasco; e, por fim, A Lua, que era um...

— Lobisomem? — perguntou Vivi, a segurar a carta virada para Gwyn, que revirou os olhos e a tirou dos dedos de Vivi.

— Não questiones a minha visão artística — disse ela, juntando A Lua e as outras quatro cartas ao baralho.

Ficaram as duas sentadas no chão, a olhar para as velas, até que, por fim, Vivi disse:

— Bem, isto é uma estupidez.

Gwyn levantou os olhos.

— Que parte? A de que ele vem aí? A de nós descobrirmos que ele vem? Tu sentires-te esquisita porque ele vem? Quantas vezes é que eu disse a palavra «vem»?

— Tudo o que acabaste de dizer — observou Vivi, levantando-se e puxando a saia para baixo. — Olha, isto estava destinado a acontecer. A família dele fundou esta cidade e a faculdade, a faculdade onde, deixa-me acrescentar, eu trabalho. Ele faz parte deste sítio. Eu sabia disso quando me envolvi com ele. E...! — Levantou um dedo no ar. — Tive muitos namorados depois dele!

— Para ser honesta, tiveste três.

— O que é mais do que dois, que é um «par», por isso são muitos, Gwyn. *Estás do lado de quem?*

— Do teu — reconheceu rapidamente Gwyn. — Cem por cento do teu.

— Não tem importância — continuou Vivi, enquanto procurava os sapatos junto à cama de Gwyn. — Ele vem, faz lá aquela coisa toda do Dia do Fundador, «Ohhh, Olhem para Mim tão Lindo», e as coisas voltam ao que eram antes. E eu continuo a viver a minha vida livre dos Penhallow.

— Exceto na parte em que há uma estátua do antepassado dele no centro da vila e o sítio onde trabalhas tem o nome da família dele.

— Exceto isso.

— Lembras-te de quando fingimos que o tínhamos amaldiçoado? — perguntou Gwyn, sorrindo enquanto baralhava as cartas. Vivi bufou.

— Qualquer coisa sobre as covinhas dele e de nunca mais ser capaz de encontrar um clítoris.

— Que, agora que penso nisso — disse Gwyn, inclinando a cabeça para um lado —, é principalmente uma maldição contra qualquer mulher com quem ele tivesse saído e arrependo-me um pouco de a ter lançado. Por causa da fraternidade entre mulheres.

Rindo, Vivi abanou a cabeça.

— De qualquer modo, não te preocupes. Posso ter feito uma ocasional coscuvilhice nas redes sociais e ele parece... bem.

Melhor do que bem, na verdade. Continuava lindo, aparentemente geria uma agência de viagens superchique que transportava grupos por todo o mundo para fazer inúmeras coisas glamorosas e provavelmente ainda sabia *exatamente* onde é que se situava o clítoris. Ela e Gwyn tinham-se portado apenas como duas bruxas tontas e bêbedas, na galhofa e com sorte por não terem realmente usado qualquer magia. O que quer que tenha acontecido com aquela vela foi uma coincidência, de certeza.

Vivi acabara de se baixar para calçar as botas quando a porta do quarto de Gwyn se abriu de rompante.

— Mãe! — gritou Gwyn, levantando-se num salto — Não aprendeste nada com o Incidente Daniel Spencer?

Elaine limitou-se a acenar a mão face ao comentário e até Sir Purrcival entrou no quarto a miar maleficamente para todas.

— Então? — perguntou, e Vivi aproximou-se da secretária de Gwyn para se encostar a ela.

— As cartas dizem que sim — replicou ela. Elaine olhou brevemente para o teto, murmurando algo impercetível. — *Mas* — acrescentou Vivi, apontando com o copo de vinho vazio —, como eu estava a acabar de dizer à Gwyn, não é

uma coisa muito importante. Somos todos adultos e não é como se ele fosse ficar muito tempo. Até vos digo, aposto que nem sequer o vou ver.

¹ A rainha das fadas, Rhiannon, é uma deusa maior na mitologia da antiga Bretanha. É uma divindade que usa os seus poderes para o amor-próprio e o para os outros, fazendo os corações brilharem como um exemplo de amor verdadeiro e beleza.



Capítulo 5

Rhys não sabia que mal tinha feito ao Universo para merecer aquele dia.

Para começar, o voo. Esse tinha corrido mais ou menos, apesar de muito longo. O aluguer do carro em Atlanta fora frustrante, embora não mais do que conduzir no trânsito de Atlanta a caminho do norte. A certa altura, completamente desorientado no lado errado do carro, no lado errado da estrada, de olhos postos na parte de trás de um camião que ia à sua frente, Rhys quase cedeu e esteve para desistir e ligar ao pai e pedir-lhe, de má vontade, uma Pedra das Viagens para a viagem de regresso.

Acabou por não sacrificar o orgulho nesse altar específico e sobreviveu à viagem para Graves Glen com a sanidade intacta. Mas assim que chegou à vila foram só merdas atrás de merdas.

Foi multado por excesso de velocidade menos de cinco segundos depois de passar o letreiro de boas-vindas a Graves Glen. Irritante e caro (e, na opinião dele, ligeiramente injusto, uma vez que ia apenas a mais quinze quilómetros por hora do que o limite e a porcaria da cidade nem existiria se não fosse a família dele), mas não o suficiente para lhe estragar o dia.

O que lhe estragou o dia foi o que aconteceu meia hora depois, quando a meio da colina na direção da casa Penhallow teve um furo no pneu.

Por essa altura, já a sua paciência estava demasiado em baixo para pensar numa coisa tão perversa como mudar o pneu, por isso agitou a mão para que a coisa se resolvesse. Mas o pneu inchou para o dobro do tamanho antes de rebentar como o raio de um balão.

E quando tentou fazer com que o pneu sobresselente flutuasse para fora da mala do carro, este saiu a rodar enlouquecido de encontro a uma árvore, antes de rebolar colina abaixo.

O que significava que estava preso na floresta, à noite, a quase um quilómetro de casa, com a magia aparentemente pifada e as suas melhores botas cheias de lama.

Maravilhoso.

Era por isso que devia ter ficado em Gales, pensou, ao estender a mão para o banco de trás do carro à procura do saco. Diabos, ele podia ter ficado a gerir o bar enquanto Llewellyn tratava daquilo. Wells, provavelmente, não teria insistido em andar de avião e de carro. Wells teria sido sensato e usado a Pedra das Viagens para chegar e partir num instante, enquanto Rhys poderia ter descoberto algum talento desconhecido a tirar cervejas. Poderia ter mudado toda a sua vida.

Mas, não, Wells estava no *The Raven and Crown* e Rhys estava ali, numa colina da Geórgia com um carro completamente inútil. E podia apostar tudo o que tinha na carteira em como o pai não achara apropriado encher a casa com qualquer tipo de álcool.

Mal começara a subir a colina quando ouviu o som de um carro a aproximar-se.

Enviando à deusa um pedido para que a sua sorte finalmente mudasse para melhor, Rhys pôs o saco ao ombro e agitou os braços acima da cabeça à medida que os faróis desciam a colina e o ofuscavam.

Fez por estar perto da berma da estrada e parecer o mais afável possível, sorrindo, apesar de mal conseguir ver. Ainda estava a sorrir quando o carro... não parou.

E não só não parou, como pareceu ter-se desviado um bocadinho para a direita.

Ele estava à direita.

Teve apenas tempo para um breve pensamento atordoado — *esta pessoa vai atropelar-me, vou morrer numa colina na Geórgia, que forma tão merdosa de morrer* — antes de se desviar. Ouvia, ao longe, o chiar de uma travagem, o cheiro a borracha queimada, mas uma vez que acabava de se atirar pela encosta, tinha coisas mais prementes em que pensar.

Como parar de escorregar monte abaixo na escuridão e, se possível, salvar o casaco de cabedal.

Era óbvio que o casaco não sobreviveria — ouviu o som verdadeiramente horrível de um rasgão ao estender um braço para se agarrar a uma raiz saliente —, mas o que sobrava dele estava inteiro quando conseguiu interromper a descida, vários metros abaixo da estrada.

Lá em cima ainda conseguia ver o brilho dos faróis e ouviu uma porta de carro a abrir e a fechar, depois o barulho de passos sobre folhas à medida que alguém se aproximava da base da encosta, onde ele agora se encontrava.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus — arquejava uma voz muito familiar, e ah, sim, sim, *claro*.

Era evidente que o Universo ainda o odiava.

— Peço imensa desculpa! — gritava Vivienne, enquanto descia a colina. Rhys virou a cabeça e viu-a aproximar-se com os braços abertos. Era apenas uma silhueta, uma figura escura contra um fundo ainda mais escuro, mas mesmo que não tivesse ouvido aquela voz, tê-la-ia reconhecido, em qualquer lugar teria percebido de quem eram aquelas formas.

Mesmo nove anos depois.

Mesmo no escuro.

Porra.

Rhys encostou de novo a cabeça no chão enquanto observava o céu, a aguardar pelo inevitável momento em que ela se iria aperceber de quem quase atropelara e possivelmente voltar para o carro e acabar o serviço.

— Eu só o vi quando saltou — ouviu-a a dizer, agora já muito perto. — E foi uma coisa tão estranha, como se os travões bloqueassem e o volante tivesse vontade próp... Oh!

Rhys levantou automaticamente as mãos no momento em que Vivienne tropeçava no seu corpo deitado, mas não foi a tempo de a agarrar. E agora tinha de acrescentar à lista de queixas um cotovelo pontiagudo em cheio nos testículos.

— Desculpe! — repetiu ela, esforçando-se por se levantar, meio enrolada em Rhys à medida que ele tentava curvar-se sobre si próprio.

— Tudo bem — conseguiu ele arquejar. E então sentiu as mãos dela no peito, o cabelo dela nos lábios.

— Rhys?

Sentiu diminuir alguma da pressão no peito quando ela levantou uma mão e, com um estalar de dedos, fez pairar uma luz suave sobre eles ali deitados no chão.

Qualquer esperança de que o que quer que sentisse por ela nove anos antes fosse apenas uma mistura louca de verão, magia e hormonas foi imediatamente esmagada quando ele viu aqueles olhos castanhos, observou aquele o rosto corado e aqueles lábios entreabertos.

De igual modo, extinguiu-se de forma agonizante qualquer esperança de ter sido perdoado depois de todos esses anos quando ela semicerrou os olhos e disse:

— Não devia ter tentado abrandar.

— Também tenho muito prazer em ver-te, Vivienne — disse ele, ainda um pouco ofegante da queda colina abaixo e da quase castração.

Saindo de cima dele, Vivienne pôs-se em pé e começou a sacudir as folhas e a sujidade da saia.

A sua saia às bolinhas.

Todo o vestido era às bolinhas, reparou ele então, pequenas bolinhas cor de laranja num fundo preto.

Teria ele sempre achado as bolinhas tão instantânea e intensamente eróticas?

Não era uma coisa em que tivesse pensado antes, e era possível que tivesse batido com a cabeça algures durante a queda, mas agora não havia mais nada a fazer. As bolinhas vinham substituir as rendas pretas e o cetim vermelho em qualquer fantasia sexual que ele pudesse voltar a ter para o resto da vida.

A luz que Vivi conjurara ainda pairava sobre a cabeça dela. Enquanto tirava o último pedaço de folha do casaco preto, baixou de novo o olhar sobre ele.

— O que estavas a fazer na estrada? — perguntou ela. Rhys inclinou a cabeça em direção ao cimo da colina.

— Furo no pneu.

Vivienne bufou, apertando mais o casaco quando outra rajada abanou as árvores.

— E não foste capaz de o mudar nem com magia *nem* fisicamente?

— Não me tem corrido muito bem a noite, para dizer a verdade.

— A mim também não.

— E porque é que *tu* estás nesta estrada, Vivienne? Sabias que eu ia voltar?

— Não sejas convencido. A minha tia ainda vive nesta rua e eu ia a caminho de casa para jantar com ela e a Gwyn.

— Ah, a Gwyn — soltou ele ao lembrar-se da prima dela, uma feiticeira de cabelo cor-de-rosa que, suspeitava ele, o odiara assim que o conhecera.

Rapariga esperta.

— Como está ela? E a tua tia?

Vivienne suspirou e inclinou a cabeça para trás, de modo a olhar o céu.

— E que tal não fazermos isto? — disse ela.

Rhys rodou na sua direção, apoiando-se num cotovelo.

— Não fazermos o quê? Falarmos um com o outro?

— Conversa de circunstância — replicou Vivienne, baixando de novo o olhar para ele. — Nenhum de nós tem jeito para isso.

Por um longo instante ficaram a olhar um para o outro, Rhys ainda no chão, Vivienne de pé por cima dele. E ele lembrou-se de que tinham estado numa posição semelhante na última vez que se viram, imediatamente depois de ela ter saltado da cama quando ele lhe disse que tinha de voltar para Gales para desfazer o noivado.

Pensando bem, era fácil perceber que talvez ele não tivesse gerido a conversa tão bem como poderia ter feito,

mas ele pensava que Vivienne entenderia. Afinal de contas, ela também era bruxa; ela sabia tudo sobre os noivados.

E as calças dele a baterem-lhe na cara mostraram-lhe rapidamente que Vivienne *não* sabia realmente nada sobre noivados e que todo aquele verão mágico tinha chegado a um final literalmente de gritos.

Até àquele momento.

— Estou aqui por causa das Linhas de Ley — revelou ele, por fim, sentando-se e sacudindo os ramos que tinha no cabelo.

— Eu sei — respondeu ela, cruzando os braços sobre o peito. — Mesmo resvés, não? Apareceres só na noite antes do Dia do Fundador?

— Não queria passar muito tempo aqui — retorquiu ele, fazendo um sorriso cínico. — Nem sei porquê, dada a calorosa receção e tudo.

Vivienne revirou os olhos e virou-se para a colina.

— Sim, bem, eu pediria desculpa por quase te ter matado, mas ambos sabemos que seria uma mentira, por isso vou deixar-te à vontade para encontrares o teu caminho para casa.

— Ou então — sugeriu Rhys, levantando-se —, podias ser a querida maravilhosa que sabes que és e davas-me boleia.

Ela virou-se bruscamente, a luz ainda a balançar como um pirilampo desvairado.

— E porque é que faria isso?

— Bem — começou Rhys, levantando um dedo. — Primeiro, porque eu *estou* na cidade por razões altruístas que te beneficiam, assim como à tua família. Segundo — levantou outro dedo —, porque quando estavas em cima de mim, não fiz uma única referência pervertida às outras vezes em que nos encontrámos naquela posição.

— Só que estás a fazê-la agora, mas continua.

— E terceiro... — Rhys levantou o último dedo, depois olhou para a mão e franziu a testa. — Na verdade, a terceira coisa *era* uma referência pervertida ao nosso passado, por isso provavelmente é melhor deixares-me aqui a morrer.

Para surpresa dele, o canto da boca dela subiu ligeiramente ao ouvir aquilo.

Não era bem um sorriso, nada robusto como uma gargalhada, mas era alguma coisa. Apesar de tudo, ela já tinha gostado dele. Muito mesmo.

E ele também tinha gostado dela. Isso fora o pior de tudo quando acabaram. Por mais que tentasse, Rhys nunca conhecera alguém de quem gostasse tanto, o que o levava a sentir a falta de Vivienne dez vezes mais do que devia.

Mesmo agora, magoado, sujo e provavelmente em cima de merda de esquilo, estava... feliz. Contente por vê-la, exceto pela tentativa de homicídio veicular.

Talvez ter regressado não fosse assim tão mau.

E então ela virou-se para se ir embora, dizendo:

— Parece-me bem!

A luz acima dela apagou-se e Rhys ficou especado a vê-la subir o monte sem olhar uma única vez para trás.

Ainda estava no mesmo sítio quando ouviu a porta do carro a abrir e a fechar, o motor a ligar e os pneus a chiarem na estrada de terra.

No rescaldo, os únicos sons que restavam eram o do vento cada vez mais intenso e do longínquo restolhar de algum animal noturno.

— É justo, suponho — disse Rhys, na direção do escuro.
— É justo.

Suspirando, olhou para o cimo da colina e foi apanhar o saco onde tinha ficado. Colocou-o ao ombro e levantou a

mão livre para convocar a sua própria luz.

Os seus dedos faiscaram e uma chama saiu disparada, embatendo no ramo da árvore mais próxima, fazendo-a cair ao chão com um estalido e um cheiro muito semelhante a cabelo queimado.

— Certo... — disse Rhys, pisando as folhas que ardiam e genuinamente agradecido por sentir as primeiras gotas espessas de chuva começarem a cair.

Quanto mais depressa saísse de Graves Glen, melhor.



Capítulo 6

— Então, deixaste-o lá, sem mais conversa?

— Gwyn, já te contei a história três vezes. E isso apenas hoje. Ontem à noite, mandei-te uma mensagem e telefonei-te para te contar o que tinha acontecido.

Vivi estendeu a mão para reajustar o pequeno papel machê pendurado sobre a caixa registadora da *Something Wicked*. Atrás do balcão, Gwyn inclinou-se para a frente, de queixo apoiado nas mãos.

— Eu sei, mas é a minha história preferida. Quero-a contada tanto no meu casamento como no meu funeral. Quero que seja como um monólogo dramático numa noite de improvisação. Quero...

— Já percebi — interrompeu Vivi, rindo enquanto levantava a mão. — Mas, a sério, não tem assim tanta importância.

— Quase atropelaste o teu ex-namorado com um carro e depois deixaste-o literalmente deitado na sujidade da berma da estrada. É *tão* importante, és uma rainha absoluta.

Vivi sorriu novamente, mas, na verdade, ainda se sentia um pouco... bem, não propriamente culpada. Rhys era um

bruxo poderoso e estava a menos de um quilómetro da casa Penhallow. Conseguia tomar conta de si próprio.

Mas talvez tivesse sido um golpe um pouco baixo tê-lo deixado ali, sobretudo depois de toda a calma que Rhys demonstrara durante toda aquela cena do «quase atropelamento».

Claro que não era surpreendente. No fundo, «calma» era o estado normal de Rhys.

E charme.

Ele estava absolutamente charmoso na noite anterior.

Reprimindo um suspiro, aproximou-se do expositor das bolas de cristal e passou a mão sobre a que estava mais próxima.

A loja de Elaine era tão acolhedora e perfeita como a sua casa, e naquele dia, decorada para o Dia do Fundador, estava no seu melhor. As velas estavam acesas, enchendo a loja com o aroma de louro e salva, e os cristais estavam colocados em panos de veludo preto, como joias acabadas de encontrar.

Até mesmo Gwyn parecia mágica e mística naquele dia, embelezada com um vestido preto justo e botas de camurça até aos joelhos, o longo cabelo vermelho ondulante à volta do rosto.

Vivi estava um bocadinho mais subtil, com calças pretas e camisola às riscas púrpura, mas ela era a professora de História, não a proprietária da loja de bruxaria da vila.

Além disso, andara distraída nessa manhã.

Tinha passado uns bons dez minutos no duche a repassar pela cabeça a noite anterior, e todo o tempo que passara, todas as lágrimas que chorara por causa da horrível forma como tudo terminara. Quando baixou o olhar sobre aqueles olhos azuis, a mesma madeixa de cabelo preto a cair sobre a testa, aquele mesmo sorriso descontraído, o seu coração

tinha batido com força contra as costelas, o estômago afundara-se e ela nem queria *pensar* no que tinham feito outras partes suas.

Escusado será dizer que o seu corpo tinha muito presente o quanto gostara do corpo dele, o que era profundamente injusto e, muito honestamente, uma traição.

Inspirando profundamente, fechou os olhos e lembrou-se do mantra que, na noite anterior, lhe viera a mente no carro, ao afastar-se dele.

Ele é horrível, ele é horrível, ele é completa e absolutamente horrível.

Talvez não fosse o tipo de mantra iluminado, mas cumpria a função. E quando abriu os olhos, era-lhe um pouquinho mais fácil lembrar-se de que havia boas razões para o ter deixado sem hesitações, tanto há nove anos, como na noite anterior.

— Estavas a ver-te a ter sexo com ele?

Vivi olhou fixamente para Gwyn.

— Não — mentiu, e foi salva de mais perguntas pelo tinir da campainha da porta.

— Ainda não estamos abertos! — avisou Gwyn, mas não era um cliente madrugador do Dia do Fundador, era a presidente da Câmara.

Vivi olhou para Jane Ellis, uma morena baixinha que usava saltos agulha como ninguém. Os que calçava naquele dia eram cor de laranja vivo e combinavam lindamente com o fato preto e os brincos de caveiras que tinha nas orelhas.

— Alguma de vocês viu o Rhys Penhallow? — perguntou, teclando no telemóvel ao mesmo tempo que olhava para Gwyn e Vivi.

— Eu não — replicou lentamente Gwyn, ao mesmo tempo que também olhava para Vivi.

Aclarando a voz, Vivi deu um passo em frente e, com um enorme esforço, conseguiu não contorcer as mãos. Gwyn dizia sempre que era assim que ela se denunciava.

— Esbarrei nele ontem à noite — revelou ela. — Ia a caminho de casa.

Com um som de frustração, Jane concentrou-se no telemóvel.

— Bem, ele vai fazer o discurso do Dia do Fundador daqui a vinte minutos e ainda não se apresentou na banca de boas-vindas.

Vivi descontraiu um pouco. Certo, se essa era a única razão para preocupações, talvez Rhys não estivesse morto numa valeta na encosta do monte. As palavras «banca de boas-vindas» estavam provavelmente, a par de «responsabilidade fiscal» e «monogamia ética», entre aquelas que o fariam encolher-se todo.

— Não o consegui apanhar no telemóvel, mas se calhar estou a fazer uma trapalhada com a história do número internacional, não sei — continuou Jane. — De qualquer forma, o Dia do Fundador não pode começar antes de fazermos todos os discursos. E ele faz parte do programa. — Levantou um olhar suplicante para Gwyn. — *Ele. Faz. Parte. Do. Programa.*

— Ele vai aparecer — tranquilizou Vivi, colocando uma mão reconfortante no braço de Jane para logo em seguida dar um passo atrás. Credo, a mulher estava a vibrar, literalmente. Quanto café teria bebido naquela manhã?

— A Vivi pode ir à procura dele — sugeriu Gwyn, e Vivi perguntou-se se algumas bruxas teriam o poder de matar com o pensamento, porque ter-lhe-ia dado mesmo jeito naquele momento.

— Quero dizer — continuou Gwyn, mal disfarçando o sorrisinho —, nunca o conheceste, Jane, e ele e a Vivi são

velhos amigos.

— A sério? — perguntou Jane, virando-se para Vivi, e por um milésimo de segundo os seus dedos pararam de teclar no telemóvel. — Porque não disseste antes?

Vivi fungou e agitou a mão.

— Oh, foi há imensos anos, e não mantivemos contacto.

E, como já disse, de certeza que ele vai aparecer. Os Penhallow levam as tradições mesmo a sério, e ele veio de tão longe só para fazer isto.

E, definitivamente, ele não está morto, e eu não o deixei mesmo a morrer ou para ser comido por lobos, e já não há lobos na Geórgia, tenho quase a certeza. Embora existam ursos...

— Sabem que mais? Vou dar uma volta para ver se o encontro, boa?

Ao sair de rompante da loja, Vivi ouviu Gwyn dizer a Jane:

— Vês? Problema resolvido.

Vivi, definitivamente, esperava que sim.

A rua principal, que atravessava o centro de Graves Glen, já começava a encher-se, apesar de o céu estar cinzento e a temperatura ter descido durante a noite, passando de agradavelmente outonal a abertamente gélida.

Ao levantar o olhar, Vivi reparou nas nuvens a moverem-se rapidamente. Esperava que não começasse a chover. Já tinham tido alguns Dia do Fundador quentes e húmidos, mas geralmente a magia pulsante subjacente a tudo afastava o mau tempo.

Uma rajada de vento desceu a rua, chocalhando as abóboras de plástico penduradas nos antiquados candeeiros a gás. Vivi desejou ter ido buscar o casaco à sala das arrecadações da *Something Wicked*.

Se tudo corresse bem, encontraria Rhys rapidamente, levá-lo-ia até à banca de boas-vindas e depois poderia passar o resto do dia a ajudar Elaine e Gwyn na loja. Nem pensar em passar o dia no meio da multidão a ver Rhys fazer um grande discurso sobre a história da vila, a honra da família ou o que quer que fosse que ele planeava dizer.

Ao passar por uma família em que todos estavam vestidos de bruxas, até com os chapéus pontiagudos, Vivi sorriu. Adorava o Dia do Fundador, mesmo quando envolvia o ex. Era o início da época do *Halloween* e a vila enchia-se de pessoas realmente empenhadas em divertirem-se. Segundo a tia Elaine, no passado, o Dia do Fundador era um pouco mais sombrio, um reconhecimento dos sacrifícios que os Penhallow tinham feito para fundar aquela pequena vila enfiada entre as montanhas. Aliás, Gryffud Penhallow morrera após o seu primeiro ano lá, e segundo a lenda o seu fantasma ainda vagueava pelas montanhas que rodeavam a vila.

Mas ao longo da última década — e após vários presidentes da Câmara como Jane —, Graves Glen transformara-se num ponto turístico do *Halloween*. Havia o nome, claro, mas também todo aquele *charme de pequena vila*, as árvores cor de laranja vivo a brilhar, o pomar de macieiras mesmo na extremidade da vila. E como o Dia do Fundador era a treze de outubro, tinha-se lentamente transformado no início natural da época mais atarefada.

Lamento, Gryffud.

Já havia bancas montadas a vender de tudo, desde maçãs caramelizadas a «árvores do *Halloween*», pequenas miniaturas de árvores de Natal pintadas de preto e decoradas com abóboras de madeira, chapéus de bruxas e fantasmas.

Vivi acenou a várias pessoas que conhecia, incluindo Ezi, que estava a comprar um enorme saco de pipocas com o

namorado, Stuart, e ficou a olhar para aquele familiar andar desengonçado, aquele cabelo desgrenhado, aqueles ombros largos.

Por fim, quando já estava quase a concluir que Rhys devia estar mesmo dentro da barriga de um urso algures entre o chalé da tia e o fundo da montanha, Vivi reconheceu-o.

Estava mesmo à porta do *Coffee Cauldron*, com um enorme copo de papel na mão. À medida que Vivi se aproximava, puxou o copo para si.

— Vivienne, já tive uma manhã difícil; se estás aqui para me tentar matar outra vez, aviso-te, é muito antidesportivo da tua parte.

Tinha os olhos escondidos por óculos de sol, apesar de o dia estar cinzento, um estilo que seria desagradável em qualquer outro homem, mas que nele ficava, sem surpresa, muito bem.

Também ajudava que o resto da roupa fosse impecável. Calças cinzentas, camisa branca de fato, ligeiramente desabotoada, um casaco antracite e, à volta do pescoço, um pendente prateado com uma pedra de um tom escuro de púrpura.

Vivi teve uma memória súbita e vívida daquele mesmo pendente pendurado sobre o seu peito enquanto ele se movia sobre ela, dentro dela, e sentiu a cara a arder.

Antes dele, nem gostava de *joias* em homens, mas aquele colar caía-lhe na perfeição, a delicadeza da corrente dava-lhe ênfase à amplitude do peito, era um adorno que o tornava, de alguma forma, mais masculino, não menos.

Rhys bebeu um gole de café e não disse nada, mas Vivi sentiu que ele provavelmente sabia no que ela estava a pensar.

E talvez por isso o seu tom tenha sido um pouco mais brusco quando disse:

— Tens de ir para a banca de boas-vindas.

Ele fez uma careta.

— Mas que raio é isso?

Revirando os olhos, Vivi agarrou-o pelo cotovelo, conduzindo-o para longe do café em direção à fila de barracas armadas nos dois lados da rua entre a *Something Wicked* e a *The Written Wyrd*.

— A presidente está a passar-se porque tu ainda não te apresentaste, por isso vai apresentar-te.

— Estavas preocupada? — perguntou ele, e Vivi não gostou da forma deleitada daquele tom. — Achavas que eu tinha morrido? Achavas que as tuas ações insensíveis tinham resultado na minha morte?

— Acho que tens de te apresentar, fazer o teu discurso e ir para casa, Rhys.

Ele parou, fazendo-os estacar bruscamente, e voltou-se para a fitar. Levantou a mão para baixar um pouco os óculos de sol sobre o nariz.

— Tenho de me apresentar, fazer o meu discurso e recarregar as Linhas de Ley. Depois, posso ir para casa.

Vivi conseguia sentir algumas cabeças virarem-se na direção deles. Apenas reconhecia uma mão-cheia de bruxos na multidão, pessoas da faculdade, por isso a maior parte dos que estavam a olhar para eles não fazia ideia de quem Rhys era. Ele é apenas o tipo de pessoa que atrai os olhares.

Tinha gostado muito disso nele. Antes.

Naquele momento, inclinou-se e disse:

— Bem, talvez não devas anunciar isso a toda a povoação e a metade dos turistas da Geórgia, mas, sim, é

isso, depois vais para casa. É na parte do voltares para casa que quero que realmente te concentres.

Vivi tentou voltar a puxá-lo para descerem a rua, mas ele manteve-se firme e ela esquecera-se de que, para uma pessoa aparentemente tão esguia, ele era um tipo bastante sólido. Não se mexeria, definitivamente.

— Vem comigo.

Ela pestanejou.

— Para Gales?

Aquele sorriso descontraído que antes a deixara perdida agora só lhe dava vontade de lhe dar um soco na cara.

Ou beijá-lo.

Ou uma, ou outra.

— Decididamente, não me oponho a isso, mas estava a referir-me às linhas. Depois do meu discurso, depois deste... maravilhoso festival acabar.

Contra a sua vontade, aquilo provocava-lhe alguma excitação. Ela nunca tinha ido às Linhas de Ley, que se encontravam numa gruta na montanha oposta à montanha de Elaine. A gruta era um local sagrado, apenas visitado, ao que ela sabia, pelos Penhallow.

Estaria a mentir se dissesse que não as queria ver. Estar perto daquele tipo de poder.

— Disseste em tempos que querias ir — continuou Rhys, voltando a puxar os óculos de sol para cima.

E, então, ela lembrou-se. O Festival do Solstício, os dois numa tenda, a cabeça a rodopiar de magia e desejo e a pura emoção daquele homem, daquela noite.

Sabes, aqui não estamos longe das Linhas de Ley, dissera ele, beijando-lhe a ponta do nariz. A origem de toda a magia deste vale. Foi o meu antepassado quem as criou.

Oh, não me tinha apercebido de que andava enrolada com a realeza, brincara ela, e ele sorria antes de a beijar de novo. Sempre quis vê-las.

Mais tarde, ele sussurrara-lhe encostado à pele quente do pescoço:

Eu levo-te lá.

Não chegou a fazê-lo. Não tinham ficado juntos durante tempo suficiente para essa pequena viagem.

Mas naquele momento ele estava a sugeri-lo de novo.

Seria uma oferta de paz? Ou uma tentativa de sedução completamente descabida?

Ela olhou bem dentro daqueles olhos azuis e concluiu que não fazia ideia.

E nesse mesmo instante, também concluiu que não se importava. Aproximar-se das Linhas de Ley era uma honra que poucas bruxas tinham, e ela ia aproveitar a oportunidade.

— Está bem, claro — aceitou ela, e então, não fosse ele ter a ideia errada, espetou-lhe o dedo no peito. — Além disso, estás a dever-me uma.

— Não sei. Depois da tentativa de assassínio, eu diria que estamos no mínimo quites — respondeu Rhys, e depois, sob o olhar dela, bebeu o resto do café. — Está bem. Eu devo-te uma. Agora, mostra-me onde está essa «banca de boas-vindas» e vamos despachar isto.

Capítulo 7



— Não achas que temos o mesmo nariz, pois não?

Rhys observava a cabeça do seu antepassado, naquele momento caída na base da estátua. Quem quer que tenha esculpido o desgraçado Gryffud Penhallow não se poupou a pormenores — a madeixa de cabelo encaracolado sobre a sobrancelha, o ligeiro franzir da testa, a expressão de Nobre Sofrimento nos olhos e um nariz descomunal.

Com uma das mãos, a presidente, Jane, ainda desenrolava uma fita de advertência à volta da estátua partida. Com a outra, segurava o telemóvel e gritava para ele, por isso não respondeu e Rhys suspirou, tocando na cana do seu próprio nariz.

— Azar, meu velho — disse para a cabeça de Gryffud, antes de levantar o olhar para o topo do pedestal.

O discurso estava a correr tão bem, apesar de tudo. Rhys imaginara que o sotaque faria a maior parte do trabalho pesado por ele, mais a novidade de um verdadeiro Penhallow, vindo de Gales. E percebia que aquele era o tipo de coisas que as pessoas gostariam que fossem breves — na verdade, estavam ali para comprar maçãs caramelizadas e velas artesanais, não para o ouvir a tagarelar sobre os antepassados mortos.

Assim, graças a umas calorosas boas-vindas, um rápido reconhecimento da beleza da vila, algumas frases em galês, que agradavam sempre às multidões, ele tinha terminado. Uma tarefa despachada.

Eis senão quando a sua cabeça quase era arrancada dos ombros pela cabeça de Gryffud.

Assim que começou a descer os pequenos degraus para sair do palco ouviu um estalido, depois o arquejo da multidão. E se não tivesse tido o instinto de parar, teria sido atingido pela cabeça de pedra de Gryffud Penhallow.

— Peço imensa desculpa — lamentou a presidente pela trigésima quinta vez, pelo menos era o que Rhys achava. — Não consigo perceber como é que isto aconteceu.

Continuava a segurar a fita amarela, o telemóvel arrumado numa bolsa à cintura. Com os saltos altos, mal lhe chegava ao queixo, e apesar de Rhys achar que ela tinha substituído todo o seu sangue por *Red Bull*, parecia-lhe definitivamente atraente com aqueles enormes olhos pretos e as faces coradas.

Contudo, quase ser morto pela segunda vez em vinte e quatro horas tinha uma espécie de efeito amortecedor na sua libido, por isso nem tentou namoriscar ao responder:

— A culpa não é sua. Provavelmente, foi o velho Gryffud a dizer-me que teria preferido a vinda de outro Penhallow que não eu. E não o posso censurar por isso. Só estou agradecido por mais ninguém estar por perto.

Sorriu ao dizer isto, mas quando olhou para trás, para o espaço entre a estátua e a cabeça no chão, algo gelado se instalou no seu peito.

A noite anterior tinha sido uma coisa — uma série de incidentes que facilmente poderiam ser atribuídos a má sorte, a sua magia estar baralhada por ter atravessado o raio de um oceano inteiro.

Mas isto? Isto parecia... diferente.

As cabeças das estátuas não caem assim, certamente não enquanto ele passava exatamente por baixo. Depois de garantir mais uma vez à presidente que estava bem e não planeava decretar uma vingança extravagante à conta do que acontecera, Rhys atravessou a rua na direção da loja da família de Vivienne.

Uma campainha soou quando ele empurrou a porta para entrar, um som ligeiramente desafinado e assustador. Mesmo por cima dele, um pesadelo animatrónico em forma de corvo começou a grasnar e a abanar as asas, com os olhos púrpura a brilhar.

— Subtil — observou ele, e do seu lugar ao lado da caixa registadora, a prima de Vivienne, Gwyn, levantou-lhe o dedo do meio.

— Estamos fechados.

— É muito óbvio que não estão.

— Estamos fechados para todo e qualquer ex da Vivi, e tu estás habilitado, por issoooooooooo...

Ali perto, um grupo de raparigas olhava para um expositor de diários com capa de pele. Rhys viu o sinal de uma mão pintada a avisar que eram grimórios, mas não conseguia detetar o mais ínfimo indício de magia vindo deles. Talvez fosse melhor não vender os verdadeiros aos turistas, embora, à medida que olhava em redor, se tenha apercebido de que poucas coisas na loja irradiavam qualquer tipo de poder real, exceto a própria Gwyn, vestida naquele dia com toda a parafernália de bruxa.

Estivera com ela poucas vezes durante aquele verão em que viveu em Graves Glen, na altura em que ela tinha o cabelo cor-de-rosa. Agora estava vermelho e comprido, chegando quase à cintura, e apesar de não ser muito

parecida com Vivienne, havia definitivamente alguma semelhança no olhar de desprezo que lhe lançava.

— Perdeste a minha quase decapitação? — perguntou ele, inclinando a cabeça em direção à rua.

Gwyn arregalou os olhos.

— Espera, um dos meus sonhos quase se concretizou e eu não estava a assistir?

— Que sonhos?

Vivienne apareceu de trás de uma cortina coberta de estrelas num dos cantos da loja, com uma caixa nos braços que continha o que pareciam ser pequenas caveiras, o cabelo preso num carrapito emaranhado. Quando soprou uma madeixa da frente da cara, o coração de Rhys disparou-lhe dolorosamente no peito.

Se pelo menos ela não fosse tão *bonita*. Se há nove anos ele não tivesse sido o maior parvalhão deste lado do Atlântico.

Se pelo menos ele não suspeitasse, mesmo que só um pouquinho, de que ela poderia estar por detrás daquela sua súbita onda de azar.

Não queria ter esse pensamento, mas nos últimos minutos, desde que levantara o olhar para ver o nariz de Gryffud a rumar contra o dele, que isso não lhe saía da cabeça.

Parecia demasiada coincidência que mal ele tivesse chegado a Graves Glen, nove anos depois, tudo tivesse corrido mal. E apesar de nunca ter considerado Vivienne do tipo vingativo, ela *tinha-o* deixado, na noite anterior, a morrer ou para ser comido ou atropelado.

Tudo merecido, provavelmente, mas não era essa a questão.

Olhou para ela e perguntou:

— Por acaso vendem espelhos de adivinhação nesta loja? Atrás do balcão, Gwyn bufou.

— Claro, logo atrás dos nossos frascos de olhos de salamandra. Mas que idade tens tu, mil anos?

Os espelhos de adivinhação *estavam* um pouco fora de moda, mesmo para as bruxas, mas também o pai de Rhys estava fora de moda, o que significava que era uma das melhores formas de comunicar com ele.

— Por acaso acho que pode haver um nas traseiras — revelou Vivienne, pousando a caixa de caveiras. Ao fazê-lo, várias abriram os maxilares, soltando uma espécie de gemido rangente que fez com que as raparigas junto aos grimórios dessem um saltinho e depois comesçassem a rir.

— A sério? — interrogou Gwyn, inclinando-se sobre o balcão. — Temos um espelho de adivinhação e eu nem sabia?

— Encontrei-o numa loja de antiguidades em Atlanta — respondeu Vivienne, antes de olhar para os outros clientes e depois para Rhys.

Aproximando-se um pouco, baixou a voz e disse:

— Não o podes usar aqui.

Imitando o sussurro dela, Rhys respondeu:

— Não tencionava fazê-lo.

Ela franziu a testa, formando uma pequena ruga entre as sobrancelhas, e Rhys sentiu vontade de lhe tocar, de a alisar com os dedos.

Como era uma péssima ideia, manteve as mãos firmemente nos bolsos.

— Tudo bem por aí? — perguntou Vivienne a Gwyn, que virou o polegar para cima.

— Agora que tenho mais caveiras barulhentas para vender a miúdos barulhentos, estou pronta.

Cruzando os braços sobre o peito, Vivienne olhou para ele e, um momento depois, inclinou a cabeça na direção da cortina no canto.

— Anda lá.

Rhys seguiu-a. Quando Vivienne puxou a cortina, ele estava à espera de entrar numa espécie de arrecadação, com umas prateleiras empoeiradas, um monte de caixas de cartão, tal como a sala dos fundos do bar de Llewellyn.

Em vez disso, encontrou-se imediatamente num quarto circular, com as paredes revestidas com uma aconchegante madeira cor de mel. Castiçais de ferro pesados seguravam velas grossas que lançavam a sala numa espécie de luminosidade acolhedora, assim como vários globos de vitral nas paredes, a espalhar luz colorida pelos tapetes confortáveis e puídos no chão.

Por toda a divisão havia diversos roupeiros esculpidos à mão, e Vivienne aproximou-se do que estava mais próximo, abriu-o e murmurou algo para si própria.

— Bem... isto é incrível — observou Rhys, olhando em redor. Vivienne olhou para ele sobre o ombro com uma expressão um pouco mais doce, um pouco mais familiar.

— A tia Elaine gosta que as coisas sejam acolhedoras — disse ela. — Porque haveríamos de ter uma arrecadação enfadonha e deprimente quando podemos ter isto?

Depois, também olhou em redor.

— Quero dizer, às vezes parece-me que estou num videojogo do *Hobbit*, mas ainda assim.

Rhys abafou uma gargalhada e ela sorriu-lhe.

Só por um segundo.

Um dos dentes da frente dela tinha uma falha mínima. Rhys tinha-se esquecido. *Adorava* aquilo. Aquela pequena imperfeição naquele sorriso radiante.

Vivienne virou-se para o roupeiro e Rhys aclarou a voz, afastando-se um pouco.

— E se algum cliente entrar aqui?

Vivienne esticou-se mais para o fundo do roupeiro, vasculhando o seu interior.

— Não entram — respondeu. — Há um ligeiro feitiço repelente nesta parte da loja. Elaine ajustou-o para que não se sintam desconfortáveis ou com medo, eles apenas... não querem entrar aqui.

— Isso é bastante inteligente, na verdade — elogiou Rhys, impressionado. Uma coisa era lançar um feitiço, mas adaptá-lo às nossas necessidades específicas exigia muita perícia.

Voltando-se para ele, de espelho na mão, Vivienne ergueu as sobrancelhas.

— Bem, não temos todos de ser bruxos galeses sofisticados para sabermos fazer um pouco de magia de arromba.

— Pois, como este sofisticado bruxo galês em particular tem sido brutalmente arrasado pela magia, não posso discordar de ti nisso.

Estendeu a mão para agarrar no espelho, mas Vivienne não lho entregou, olhando para ele novamente, com a testa franzida.

— O que queres dizer com isso?

Suspirando, Rhys baixou a mão e balançou sobre os calcanhares.

— Apenas que quando um homem se depara com a sua própria morte duas vezes em menos de dois dias, começa a pensar que *alguma* coisa se passa.

Ela continuava com a testa franzida, quase imóvel. Rhys observou-a cuidadosamente, à procura de algum sinal... De

quê? Culpa? Acreditaria ele realmente que Vivienne estava a vingar-se depois de tanto tempo? Por causa de um relacionamento que nem sequer sobrevivera um verão inteiro?

Não acreditava. Não acreditava mesmo.

Ou, se calhar, só não queria acreditar.

— De qualquer modo, assim que o tenha — continuou ele, inclinando a cabeça para o espelho —, posso falar com o meu pai e ter a certeza de que é boa ideia ser eu a recarregar as Linhas de Ley, uma vez que Gryffud Penhallow tentou matar-me.

Enquanto Vivienne continuava parada e de olhos postos nele, Rhys contou-lhe em breves linhas o incidente com a estátua, terminando:

— Estás a ver? Se tivesses ficado para ver o meu discurso tinhas visto o espetáculo todo.

— E está tudo bem contigo? — quis ela saber, observando-o de cima a baixo, com o lábio inferior preso entre os dentes. O candeeiro a gás mais próximo dela lançava-lhe padrões vermelhos e azuis no cabelo, apanhando as pequenas centelhas na camisola púrpura, e Rhys deu um passo em frente, estendendo a mão.

— Estou bem. Ou ficarei, quando usar isso.

Acenou com a cabeça para o espelho e Vivienne entregou-lho.

O metal ainda quente da mão dela.

— Mas, afinal, porque é que estás a usar isto para falar com o teu pai? — questionou ela, agora com os ombros já mais descontraídos, atenuando-se alguma da tensão que tinha no rosto. — É para ver o futuro, não para comunicar.

Rhys não sabia bem como explicar o pai dele ou esta excentricidade em particular, por isso apenas encolheu os ombros e disse:

— Mais tretas sofisticadas dos galeses, acho eu.

— Certo. Bem, então eu... se calhar queres alguma privacidade — disse ela, enquanto tentava pôr uma madeixa solta atrás da orelha.

— Quer dizer, se *quiseres* ficar para conhecer o meu pai...

Vivienne torceu o nariz.

— Pelo que me contaste sobre ele, acho que passo. Estou lá à frente.

Com um silvo da cortina com estrelas, ela desapareceu, deixando Rhys em pé no meio da sala, a agarrar no espelho e apavorado com o que se seguiria.

Com um suspiro, Rhys levantou o espelho de adivinhação e olhou para ele. Estava carrancudo, com uma expressão que desconhecia na sua própria cara e que, apercebeu-se, ligeiramente chocado, o fazia parecer-se imenso tanto com Wells como com o próprio pai.

Se era assim que aquele lugar estava a pô-lo, tinha definitivamente de se ir embora o mais depressa possível.

Mas primeiro, aquilo.

Murmurando as palavras, Rhys pressionou a mão livre sobre o espelho frio e sentiu-o ondular sob os dedos.

Foram precisos apenas uns momentos para que a cara do pai aparecesse na névoa cinzenta ondulante do espelho, com a biblioteca claramente visível atrás dele.

— Rhys? — perguntou, com as assustadoras sobrancelhas juntas a formar um V. — O que se passa?

— Também estou muito contente por te ver, *Da* — murmurou Rhys, e então a tensão no rosto do pai aprofundou-se ainda mais.

— Onde raios é que tu estás? Isso é... uma espécie de teatro? A carruagem de uma vidente? — A cara do pai

aproximou-se do espelho. — Rhys Maredudd Penhallow, se andas a conviver com videntes...

— *Da*, tenho pouco tempo, posso explicar porque estou a contactar-te?

A expressão de Simon atenuou-se um pouco e ele inclinou-se para trás, à espera.

Tão depressa quanto conseguiu, Rhys contou ao pai tudo o que lhe acontecera desde que chegara a Graves Glen, desde os problemas com o carro até ao quase acidente com a estátua. Não referiu o facto de não ter tido água quente para tomar banho nessa manhã, uma vez que achou que isso não o ajudaria em nada, mas quando terminou, o pai estava quase... divertido.

Que perspetiva horrível.

— Não estás nada amaldiçoado, rapaz — assegurou Simon.

— Os homens Penhallow não podem ser amaldiçoados. Em mil anos, nenhum de nós foi vítima de qualquer tipo de feitiço.

— A diversão deu lugar à soberba quando acrescentou: — Tudo isto é, sem dúvida, resultado direto da tua decisão de viajares como um humano, em vez de usares a Pedra das Viagens, como eu tinha sugerido.

— Caiu a cabeça de uma estátua porque eu decidi apanhar um voo comercial e alugar um carro? É isso que o pai quer dizer? Porque eu não sei se estou a ver a ligação.

Estava agora novamente carrancudo. O que, na verdade, era um pouco reconfortante.

— Já recarregaste as Linhas de Ley?

— Não, ainda não. Mas esse é o problema, não é? E se eu estiver amaldiçoado e... não sei, lixar as Linhas todas ou sei lá.

— Apesar de eu não pôr em causa a tua capacidade de, como tu dizes, «lixares» praticamente qualquer coisa, Rhys, estou a dizer-te que não há a menor hipótese de estares amaldiçoado, e mesmo que *houvesse*, uma rapariga que mal pode ser considerada uma bruxa inferior não conseguiria fazer tal coisa. Não a ti. Não a nenhum de nós.

— Ela é mais do que uma bruxa inferior — contrapôs Rhys, apertando os dedos à volta do cabo do espelho, mas o pai acenou com a mão.

— Seja lá o que for. Estou a dizer-te que é impossível ela ter-te amaldiçoado. É... ridículo. Absurdo.

— Na verdade, um pouco como falar com pessoas através de espelhos — respondeu Rhys, e o olhar do pai endureceu.

— Faz o trabalho que te mandei fazer, rapaz, volta para casa e que nunca mais te ouça dizer a palavra «amaldiçoado».



Capítulo 8

— Bem, eu acho que amaldiçoámos o Rhys.

Vivi falava muito baixinho ao dizer isto, olhando para trás, por cima do ombro, na direção da cortina no canto da loja. Ele estava lá dentro há já algum tempo e ela interrogava-se sobre o que estaria a falar com o pai. Será que o pai conseguiria fazer algum tipo de feitiçaria de longa distância e descobrir que sim, que Vivi e Gwyn *tinham* amaldiçoado Rhys todos aqueles anos antes? Iria ele declarar-lhes guerra? Tirar a magia de Graves Glen? Iria ele...

— Vivi, se conseguíssemos mesmo amaldiçoar pessoas, aquela cabra que está sempre a pôr-me leite gordo em vez de bebida de soja no *Coffee Cauldron* já estaria morta — disse Gwyn, colocando outra caveira tiritante de plástico no expositor de mesa no centro da loja. Este ano tinham centenas daquelas coisas, os pais estavam felizes por terem algo barato e assustador para comprar para os filhos e os filhos estavam encantados por poderem ir cidade fora atrás dos irmãos mais novos com uma cabeça a bater os dentes.

Inquieta, Vivi agarrou numa das que estava perdida no balcão, batendo com as unhas nos dentes da caveira:

— Certo, mas não achas que é de mais? A coisa com o carro pode não ser nada, mas e a estátua?

— Aquela coisa está ali desde sempre — replicou Gwyn, virando-se para Vivi, com o chapéu de bruxa ligeiramente inclinado. — E talvez, quando estavam a montar o palco, tivessem batido nela ou uma coisa assim. Olha, se há alguém que se está a passar com a cena da estátua é a Jane. E, acredita em mim, está completamente passada. Vão ser precisas, *pelo menos*, duas garrafas de vinho para ver se ela se acalma esta noite.

— Não sabia que vocês ainda estavam juntas — disse Vivi, enquanto a boca da caveira se abria com os olhos a piscar. Gwyn encolheu os ombros.

— É uma relação intermitente. Por falar nisso — acrescentou, olhando para Vivi pelo canto do olho —, tu e o imbecil pareciam fazer faísca.

Vivi voltou a pôr a caveira no balcão com uma pancada e endireitou-se.

— Desculpa?

Gwyn encolheu novamente os ombros enquanto se dirigia para o outro lado da mesa.

— Estou só a dizer. Parecia que ainda havia química entre vocês, e tu estás *tão* preocupada com ele.

— Preocupa-me a possibilidade de termos acidentalmente lançado um feitiço ao filho de um bruxo muito poderoso — respondeu Vivi. Gwyn agitou a mão.

— Uma história plausível. *Eu* acho que ainda gostas do imbecil. Ou que, pelo menos, queres ter sexo com ele, o que é compreensível. Por acaso já me tinha esquecido de como ele é giro. Ou ele ficou mais giro passados estes nove anos?

Avançando para o balcão, Gwyn pôs-se de frente para Vivi e segurou no queixo dela com as duas mãos.

— O que é que tu achas?

— Eu acho que, se continuares a chamar-lhe «imbecil», *também* não podes agir como se fosses uma pré-adolescente casamenteira de um filme da Disney.

— Eu contenho multitudes.

— Gwyn, eu juro... — começou Vivi. Mas antes que conseguisse terminar a ameaça, a cortina abriu-se e Rhys apareceu.

Parecia irritado, uma emoção que Vivi nunca associaria a Rhys e que lhe ficava perturbadoramente... bem. Qualquer coisa na forma como o franzido da testa lhe tornava as linhas do rosto ainda mais acentuadas, o azul dos olhos ainda mais intenso.

Apercebeu-se de que estava a olhar fixamente para ele e, sentindo, de alguma forma, que Gwyn a observava com mais presunção do que a aconselhável a qualquer mulher, saiu de trás do balcão e aproximou-se de Rhys, estendendo a mão para o espelho que ele ainda tinha na mão.

— Funcionou? — perguntou ela, e Rhys pestanejou, como se estivesse surpreendido por a ver ali.

— Hummmm? Oh, sim. Sim, consegui falar com ele sem problemas, obrigado — retorquiu ele, entregando-lhe o espelho. — Disseste que o encontraste numa loja de antiguidades?

Assentindo, Vivi olhou para o seu próprio reflexo no espelho, lutando contra o impulso de deitar a língua de fora para as suas faces demasiado coradas e olhos demasiado brilhantes. «Controla-te, rapariga.»

— Sim, estava para lá numas traseiras. Os proprietários nem faziam ideia de que o tinham e eu decidi guardá-lo aqui, em vez de em minha casa.

— Porquê?

Rhys olhava para ela, olhava mesmo para ela, e, oh, merda, eis outra coisa de que ela se esquecera acerca dele.

Era um ouvinte *espetacular*. E não para se exhibir. Interessava-se verdadeiramente pelo que alguém tinha para dizer, e queria sempre saber mais. Era como ter sempre um holofote virado para nós, mas não de uma forma que nos fizesse sentir expostos ou em exibição. Apenas nos fazia sentir... aconchegados. Apreciados.

Até que isso acabava.

Vivi afastou o olhar do dele e pô-lo novamente no espelho.

— Não sei — respondeu ela. — Demasiado tentador, talvez. Ninguém devia olhar muito para o seu futuro, não é? Como é óbvio — acrescentou, abanando ligeiramente o espelho —, eu não sabia que também dava para fazer chamadas de longa distância.

— Só se estiveres a tentar contactar um cretino particularmente pretensioso — replicou Rhys. Vivi levantou as sobrancelhas.

— Então, serve para te contactar, certo?

Rhys fez um sorriso largo, descontraído e doce como o mel, e sobre o ombro Vivi viu Gwyn sorrir e juntar os dedos para produzir uma chuvinha de luz púrpura enquanto articulava com os lábios: *Faísca*.

Se Rhys não estivesse a olhar, Vivi também tinha umas boas palavras para articular com os lábios à prima.

Em vez disso, levantou a mão, encostando o espelho ao peito.

— Enfim. Está tudo bem, certo? Com o teu pai?

Eu não te amaldiçoei? Isto é só má sorte e não tem nada que ver com uma feiticeira adolescente bêbeda e de coração destruído há quase uma década?

O sorriso no rosto de Rhys desvaneceu-se, o momento perdeu-se e Vivi disse para consigo que isso era uma coisa boa.

E então, deixando-a aliviada, ele assentiu com a cabeça.

— Parece que sim. Agora só tenho de recarregar as Linhas de Ley e voltar para Gales.

— Pois, as Linhas. Quando?

Ele tirou um delicado relógio do bolso do colete e consultou-o.

— A lua nasce por volta das sete da noite, por isso, mais ou menos por essa altura?

Gwyn ainda estava a observá-los, embora, graças à deusa, naquele momento a campainha sobre a porta tivesse soado novamente, a anunciar a entrada de clientes. Quando Gwyn soubesse que Vivi ia com Rhys recarregar as Linhas nunca mais se calaria sobre o assunto.

Contudo, ela ainda queria ir.

À medida que Gwyn se aproximava da porta, Vivi acenou para Rhys com a cabeça.

— Vem ter comigo aqui às seis e meia.

Apenas mais umas horas. Depois, ela podia ver as Linhas de Ley, Rhys podia fazer o que tinha de fazer e tudo terminaria.

Que era o que ela queria.

Obviamente.

De todas as vezes que Vivi pensou em Rhys ao longo dos anos — e foram mais vezes do que as que ela gostaria de admitir — nunca pensou em algo tão básico e aborrecido como tê-lo no carro dela.

Mas lá estava ele, encostado no lugar do passageiro do seu *Kia*, o banco empurrado para trás, as longas pernas esticadas, na mão o copo de viagem, aquele com as faíscas verdes e sapos, à medida que subiam as montanhas e Graves Glen desaparecia atrás deles.

O crepúsculo estava a começar a intensificar-se, transformando o céu num violeta suave, o restante cenário a esbater-se num azul. Os dedos de Vivi seguravam o volante enquanto tentava, com todas as suas forças, não pensar na noite em que conheceu Rhys.

Não tinha sido exatamente assim, claro. Era junho, não meados de outubro, o ar mais suave e ameno, as cores diferentes, mas fora outra noite mágica, uma noite especial, e ela questionava-se se ele também estaria a pensar o mesmo.

Estava ali no lugar do passageiro, invulgarmente sossegado, de olhos na janela, bebendo de vez em quando um gole de café. Aquilo faria parte? Teria ele de se concentrar ou algo do género antes de fazer uma magia tão grande?

Pela primeira vez, Vivi apercebeu-se de que talvez tudo aquilo fosse um bocadinho de mais para ela. Não em relação a Rhys, claro, mas à magia que ia testemunhar. Ela apenas fazia pequenos feitiços, podiam passar-se semanas sem que usasse os seus poderes.

Estaria ela preparada para o que ia ver?

— É verdadeiramente extraordinário como consigo *ouvir* os teus pensamentos.

Vivi olhou de relance para ele antes de voltar a olhar para a estrada.

— O quê? Literalmente? Tipo, ler a mente?

Rhys riu e bebeu outro gole de café antes de abanar a cabeça.

— Não, não tenho esse poder, e mesmo que tivesse, não iria usá-lo contigo, garantidamente. Um homem não aguenta ser chamado tantas vezes de cretino, a sério. Refiro-me ao ar que fazes quando estás concentrada. É...

— Se disseres «fofo», atiro-te para fora do carro.

— Nem me atreveria. Eu estava mais a pensar em «encantador».

Vivi não conseguiu evitar olhar novamente para ele. Ele sorria-lhe, aquele sorriso suave e afetuoso de que ela se esquecera por completo até àquele momento. E desta vez custou-lhe um bocadinho mais voltar a olhar para a estrada.

— Isso permito — reagiu ela, finalmente. — E para que saibas, eu não estava realmente a pensar em quão cretino és. Quero dizer, é um pensamento que tenho constantemente no meu cérebro, mas não estava ativamente a pensar isso.

— É bom saber.

— Estava a pensar nas Linhas de Ley. O que realmente implica recarregá-las.

Rhys remexeu-se no seu lugar, colocando o copo no suporte.

— Menos do que tu pensas, na verdade. Algumas palavras mágicas, um pouco de abracadabra — estendeu as mãos, agitando os dedos — e já está.

— Oh — soltou Vivi, afundando-se um pouco no assento, e ele sorriu, recostando-se.

— Estavas à espera de uma coisa mais impressionante?

— Não sei do que estava à espera — admitiu, e Rhys olhou para ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Tu és uma Potter Total, não és?

Vivi fez uma careta ao virar o carro para o caminho estreito que saía da estrada, um que a maior parte das pessoas não veria.

— Uma quê?

— Uma Potter Total — repetiu. — Só soubeste que eras bruxa quando já eras crescida e não crescestes com a magia. «És uma bruxa, Vivi», e esse tipo de coisas.

Agora que não tinha de estar atenta ao trânsito da faixa contrária, Vivi lançou a Rhys um olhar furioso, ciente de que esse olhar era prejudicado pelo sorriso que conseguia sentir a levantar-lhe os cantos da boca.

— Isso não é uma coisa que as pessoas digam, uma «Potter Total».

— É, sim. Só não o sabias porque, como já disse, és uma Potter Total.

— Está bem, então, se consegues ouvir de novo os meus pensamentos, já deves ter percebido que voltei aos pensamentos do «cretino».

Ainda com um sorriso, Rhys virou-se para olhar pela janela à medida que o carro descia em direção ao vale. A noite tinha ficado mais escura, o céu mais índigo do que alfazema e a lua erguia-se sobre as montanhas, brilhante e fria e branca.

Uma noite perfeita para feitiços.

— A tua mãe era bruxa, certo? — perguntou Rhys, virando-se para ela. Os dedos de Vivi apertaram um pouco mais o volante.

— Era, sim. Aparentemente, muito boa, mas... não sei. Acho que era a sua forma de se rebelar, rejeitar todas as coisas mágicas.

Já não lhe custava falar dos pais. Tê-los perdido ainda doía, mas mais do que uma aresta afiada a dor era um peso. Contudo, há séculos que não falava deles com ninguém.

— Adoro uma mulher rebelde — refletiu Rhys, inclinando-se para trás. Ainda estava a olhar para ela. E Vivienne, apesar de atenta à estrada, conseguiu senti-lo.

— Então, nunca fizeste magia quando eras nova? — perguntou ele. — Nem sem querer?

— Oh, isso completamente — respondeu Vivi, sorrindo ao recordar-se. — Fiz o meu primeiro feitiço quando tinha cinco anos. Estava numa casa da árvore que o meu pai me tinha construído e estava a fazer chá. Com isto quero dizer que estava a misturar terra e água num bule antigo que tinha encontrado na garagem.

— O chá que o meu pai faz usa de certeza essa receita — gracejou Rhys, e Vivi riu-se.

— Bem, havia uns arbustos de azália enormes debaixo da árvore e eu achei que seria interessante acrescentar ao chá algumas das pétalas, mas não queria ter de descer a escada toda, por isso pensei com muita força em como queria que elas flutuassem até mim através da janela. E então, elas... — Levantou as mãos do volante apenas por um momento, agitando os dedos. — Vieram.

Olhou para Rhys, que continuava a observá-la com aquele sorriso afetuoso. Algo se apertou com tanta força no seu coração que teve de desviar o olhar e voltar a concentrar-se na estrada que tinha à frente.

— De qualquer maneira, a minha mãe passou-se e teve uma grande conversa comigo sobre o perigo daquelas coisas. E tinha razão, na verdade. Tenho a certeza de que, se os vizinhos tivessem visto, eu teria acabado em algum tipo de *talk show* sórdido ou algo do género.

Vivi não pensava naquele momento há anos, mas agora conseguia vê-lo novamente, a mãe sentada na borda da cama, o cabelo da mesma cor que o de Vivi, mas mais curto, a tocar-lhe nos ombros quando se inclinou para a frente com um cheiro a lenha e especiarias.

Só quero que estejas em segurança, minha querida.

Fazer aquelas pétalas flutuarem não tinha *parecido* perigoso. Parecera divertido e... leve. Fácil.

Mas a expressão da mãe era tão séria que Vivi nunca mais a esqueceu, nunca mais conseguiu separar a ideia de *magia* e *perigo*. Estremeceu naquele momento à medida que iam descendo, não de frio, mas da antecipação do que iam fazer a seguir.

Ou talvez já conseguisse sentir a magia no ar.

— Já percebo porque é que o velho Gryffud escolheu este local — murmurou Rhys para si próprio, endireitando-se para ver melhor pelo para-brisas.

— Consegues sentir, certo? — perguntou ela. E ele assentiu.

— Estamos perto?

— É já depois da curva.

Pararam o carro ao lado de um riacho. Ouvia-se o burburinho e os suspiros da água sobre as pedras ao fluir do início de uma gruta mesmo à frente deles. A entrada abria-se num bocejo escuro sob a luz dos faróis do carro de Vivi.

Ela desligou o carro, mergulhando-os ainda mais na escuridão e na penumbra. Rhys virou-se para ela, estendendo uma mão para fora.

— Bem, Vivienne — disse ele —, vamos?

Capítulo 9



Era mesmo lamentável que tanta magia tivesse de ocorrer em lugares escuros e húmidos.

Enquanto ajudava Vivienne a passar sobre uma rocha particularmente grande mesmo à entrada da gruta, Rhys interrogava-se sobre porque é que o seu antepassado não poderia ter instalado as Linhas de Ley num local mais quente, um pouco menos húmido. De certeza que as praias precisavam de magia.

Mas, não, aparentemente o seu antepassado fora o tipo de parvalhão sinistro que preferia grutas, por isso Rhys estava agora a tentar evitar poças de água escuras e rochas cobertas de lodo.

Embora, admitiu ele quando Vivi lhe voltou a dar a mão e pairava sobre eles a pequena esfera de luz que ela invocara, a companhia não fosse nada má.

— As Linhas estão muito fundo na gruta? — quis ela saber, soltando a mão para tirar uma madeixa de cabelo da cara.

— Não muito — replicou Rhys, perscrutando a escuridão à frente deles. O pai desenhara-lhe um mapa, provavelmente usando tinta feita com sangue de corvo e

um pergaminho com quinhentos anos, mas Rhys deixara intencionalmente o mapa para trás, completamente seguro de que conseguiria encontrar as Linhas sozinho.

No entanto, ao avançar cada vez mais pela gruta, as paredes a estreitar à sua volta, já não tinha a certeza de que essa tivesse sido a melhor ideia. Claro que ele conseguia sentir a magia a pulsar como um segundo coração sob os pés, fazendo com que os pelos do pescoço se eriçassem, mas de onde é que vinha precisamente?

Isso não era tão óbvio.

Rhys parou e olhou em redor. A câmara principal da gruta desembocava num beco sem saída uns metros mais à frente e apenas conseguia ver pedra sólida dos dois lados. O mapa do pai mencionava uma entrada secreta? Ou seria mais uma vez a sua má sorte a atrapalhar as coisas? O pai podia ter jurado que ele não estava amaldiçoado, mas Rhys não conseguia afastar a sensação desagradável de que alguma coisa não estava bem. Talvez aquilo tivesse que ver com essa sensação.

— Bolas para isto — murmurou, e Vivienne parou e olhou para ele.

— Estás perdido? — interrogou ela.

— Não — respondeu ele, demasiado depressa. Ela semicerrou ligeiramente os olhos.

— Rhys.

— Não estou — insistiu ele. Andou à volta, com a luz a segui-lo de forma trôpega. — Eu só... preciso de me orientar um pouco.

— Mmmmm — soltou Vivienne, cruzando os braços. — E essa orientação diz-te que há uma abertura oculta mesmo atrás do teu ombro esquerdo?

Rhys virou-se, semicerrando os olhos na escuridão, e no início viu apenas mais rocha musgosa e molhada.

E então... lá estava. Uma sombra minúscula no meio de toda aquela escuridão, inteligentemente escondida na rocha.

Voltando-se para Vivienne, Rhys levantou as sobrancelhas.

— Já tinhas estado aqui?

Ela abanou a cabeça.

— Nunca. Quero dizer, eu sabia que esta gruta existia, mas a tia Elaine foi sempre muito rígida em relação a isto ser um local sagrado com o qual não devíamos brincar. — Franziu o sobrolho e abanou a cabeça. — Mas é estranho. É como se eu soubesse onde estava a abertura antes de a ver. Tipo, eu sabia que ia vê-la se olhasse para lá.

Rhys não sabia bem o que pensar daquilo. Seria possível que ela fosse melhor do que ele a apanhar a magia que havia ali, raios partam a linhagem familiar, ou talvez ela a tivesse vislumbrado antes e não se tivesse realmente apercebido. De qualquer forma, já não tinha de ficar ali especado como um completo idiota, por isso acenou com a cabeça em direção à ranhura.

— Vamos lá, então.

Assim que passaram a entrada oculta, o ar à volta pareceu mudar. Ficou imediatamente mais frio, tanto que Rhys tremeu, desejando ter levado um casaco.

Ali, a passagem era tão estreita que tinham de ir um atrás do outro, as rochas com musgo roçando-lhes os ombros. E quanto mais avançavam, mais insistente se tornava o zumbido mágico. Os ouvidos de Rhys pareciam cheios de algodão, tinha o corpo todo arrepiado.

Atrás dele, conseguia ouvir a respiração de Vivienne a ficar mais acelerada e percebeu que ela devia estar a sentir o mesmo.

Mas isso não era nada comparado com o que sentiu quando a estreita passagem deu para outra câmara e as Linhas de Ley reluziram à sua frente.

Toda a gruta estava iluminada com um tom púrpura suave, rios de pura magia pulsante fluíam pelo chão. A boca de Rhys ficou seca, os joelhos começaram a tremer-lhe.

Isso não era, infelizmente, a única coisa que ele estava a sentir.

Ao virar-se para trás, viu Vivienne mesmo à entrada, os olhos muito abertos, o peito a subir e a descer. Quando ela levantou o olhar para Rhys, ele viu a mesma mistura de surpresa — e ardor — na cara dela.

Graças aos deuses, ou isto teria sido muito confrangedor.

— Bem — começou ele, aclarando a voz —, isto é esquisito e é provavelmente por isso que é habitual fazer-se este tipo de coisas sozinho.

Ele deveria ter esperado aquilo, na verdade, ou talvez o pai devesse tê-lo avisado. Mas, não, essa conversa teria sido suficientemente dolorosa para causar a morte, por isso talvez tivesse sido melhor assim.

A magia tinha sempre um efeito físico. Alguns feitiços provocavam cansaço, outros faziam com que a cabeça ficasse zozna. Outros ainda levavam ao choro por razões que não se podiam compreender.

E alguma magia, por alguma razão, excitava.

Aparentemente, as Linhas de Ley eram desse tipo, e dada a intensidade da magia naquela gruta, o efeito era... similarmente intenso.

Provavelmente intensificado pelo facto de estar naquele momento a partilhar a gruta com uma mulher com quem antes tivera sexo verdadeiramente espetacular, e ele não devia estar a pensar nisso naquele momento, nem um pouquinho, nem o mais *ínfimo bocadinho*.

Mas assim que fechou os olhos, estava lá tudo, desenrolava-se no seu cérebro um filme para adultos: as pernas de Vivienne a rodearem-lhe a cintura, o cabelo de Vivienne a bater-lhe no peito, a sensação do mamilo dela sob o seu polegar vagaroso, o arquejo dela quando lhe deslizava a mão entre as pernas, a maneira como se ria quando se vinha, o que sempre lhe parecera *extraordinário*, aquele riso perfeito e ofegante ao seu ouvido...

— Rhys.

Ele não chegou propriamente a *gritar* quando abriu os olhos e estava muito, mas muito perto dele, mas o som não era distante, e então, para se acalmar, cometeu o erro de segurar os braços dela com as mãos.

Mesmo através da camisola que ela usava sentiu-lhe a pele quente. E ao olhar para os olhos dela viu que as pupilas estavam enormes, o preto quase a engolir o anel cor de avelã à volta.

— Isto é algum tipo de magia, não é? — quase ofegava ela, e ele assentiu, as mãos agora a subirem e a descerem pelos seus braços quando o que ele *precisava* de fazer era afastar-se o mais possível dela e correr para a gruta principal para enfiar a cabeça na água fria.

Vivienne enrolou os dedos na camisa dele.

— Rhys — repetiu. A voz calma e serena mesmo quando o olhar se desviou para a boca dele, passando a língua levemente pelos lábios.

Rhys mal conseguiu evitar um gemido, descendo as mãos dos braços para a cintura. Se ele a beijasse naquele momento, seria assim tão mau? Não poderiam considerar aquilo como uma mera formalidade, um último beijo antes de se separarem para sempre?

Era romântico. Épico, mesmo.

Um homem não pode ser romanticamente épico numa gruta mágica?

Inclinou a cabeça e aproximou-se. Credo, como ela cheirava bem. Como algo doce. Talvez baunilha. Ia saborear cada bocadinho até encontrar a origem daquele aroma.

Os olhos de Vivi pestanejaram, a respiração transformou-se num trémulo suspiro.

E então ela pareceu endurecer, os braços ficaram subitamente rígidos entre os dele, empurrando-o com tanta força que ele cambaleou um pouco.

— A sério que me trouxeste para uma gruta mágica de sexo? — perguntou ela, rangendo os dentes.

Rhys pestanejou enquanto Vivi se afastava ainda mais, pois naquele momento precisava de todas as suas forças para não se atirar à cara dele. Aquela cara estúpida e linda, cuja expressão era agora um misto de confusão e indignação.

— Desculpa? — conseguiu ele dizer, e Vivi afastou-se ainda mais, com os braços firmemente cruzados sobre o peito. Tremia de desejo, a cabeça zonzinha, o coração a bater-lhe intensamente no peito, nos ouvidos, entre as pernas.

Deu mais um passo para se afastar dele e Rhys abriu mais os olhos, endurecendo a postura.

— Não estás a pensar que eu sabia que isto ia acontecer, pois não? Ou que te trouxe aqui de propósito? Quero dizer... eu *trouxe-te* aqui de propósito, mas não fazia ideia...

Vivi abanou a cabeça, o que também parecia ajudá-la a aclarar um pouco a mente.

— Não, claro que não, não sejas nojento. Só estou a dizer que talvez devesse, não sei, ter perguntado ao teu pai, aos teus irmãos ou a alguém o que aconteceria exatamente ao entrares aqui.

— Ah, sim, a velha conversa do «paizinho, esta coisa para onde me estás a mandar ir envolve uma gruta mágica de sexo?» Tens razão, que descuido o meu.

— Não sejas estúpido.

— Então, não sejas ridícula. Não, não pedi as especificações exatas desta missão em particular. E tanto quanto sei, nunca esteve aqui ninguém com a ex-namorada, portanto, isto pode ser uma situação exclusivamente nossa, Vivienne.

Alguma da névoa do desejo dissipava-se agora e Vivi sentiu a respiração abrandar, a pulsação já não tão forte. Teria ela conseguido suplantar a magia apenas com a sua irritação ou estaria a magia a perder realmente o efeito?

Devia ser, porque Rhys deixou de olhar para ela como se a quisesse comer viva. Parecia apenas irritado e bastante ofendido, e Vivi disse para consigo que aquela era definitivamente uma opção mais segura naquele momento.

— O que quero dizer — continuou Vivi, agora mais calma — é que, aparentemente, não fazias a menor ideia do que ias encontrar aqui, caso contrário saberias disto. Nem sequer perguntaste, pois não?

Rhys não respondeu, as mãos enfiadas nos bolsos, um músculo a pulsar no maxilar.

— E se houvesse magia negra aqui? Algo que nos fizesse querer matar-nos um ao outro em vez de...

Deixou, sensatamente, aquele pensamento desvanecer-se, o rosto ainda quente, a pele ainda arrepiada.

— Mas não havia — reagiu Rhys, e pela primeira vez, Vivi reparou que o pendente que ele tinha ao pescoço brilhava ligeiramente, a mesma cor púrpura que as linhas no chão.

— Mas podia haver — contestou ela. Ele suspirou, inclinando a cabeça para trás de modo a inspecionar o teto.
— Convidaste-me para vir aqui contigo sem fazeres a menor

ideia do que iríamos enfrentar — prosseguiu Vivi, o que o fez soltar um gemido e levantar a mão.

— E tu concordaste em vir comigo!

— Exato, porque, aparentemente, há nove anos não aprendi a lição sobre não confiar em ti.

Ficaram ali parados, a olhar um para o outro, e, de repente, a coisa que Vivi mais queria era estar outra vez de pijama na cama, a pôr em dia as avaliações, e que Rhys Penhallow não fosse mais do que a memória de um verão desperdiçado.

Então, Rhys fungou e encolheu os ombros.

— Muito bem — disse ele. — Eu continuo, como sempre, um irresponsável imbecil que se atira para as coisas, portanto, deixa-me terminar o serviço e atirar-me a isto, pode ser?

— Rhys — começou, mas ele já se tinha virado, agachando-se junto às linhas, de braços estendidos, fazendo-a engolir em seco.

Tanto melhor. Ele podia não ser exatamente um «irresponsável imbecil», mas sempre fora descuidado, constantemente a avançar sem olhar.

Vivi pensou novamente na carta que Gwyn tirou acerca dele. O Louco. A carta dos riscos e das oportunidades.

E Gwyn representara Vivi como A Estrela — paz, serenidade. Estabilidade.

Ela e Rhys estavam condenados desde o início.

Pelo menos desta vez não haveria gritos e choros. Podiam seguir caminhos separados, talvez não como amigos, mas no mínimo como adultos, pessoas que sabem quem são e o que querem e o lugar a que pertencem.

E que, definitivamente, não era juntos.

À sua frente, Rhys fletiu os dedos e Vivi conseguiu sentir uma ligeira alteração no ar. Onde antes estava frio passou a estar quente, como se ali perto alguém tivesse aberto a porta de um forno.

O cabelo de Vivi esvoaçou um pouco para trás e Rhys baixou a cabeça, as mãos ainda estendidas sobre as linhas púrpura pulsantes, os lábios a moverem-se, mas o zumbido da magia era demasiado agudo para que Vivi conseguisse perceber as palavras.

O chão tremeu ligeiramente sob os pés dela e um clarão de luz disparou dos dedos de Rhys.

Vivi estremeceu e abraçou-se. A sua própria magia pulsava-lhe nas veias ao ver a luz percorrer os rios púrpura.

Por um momento, as luzes no chão brilharam mais intensamente, tão intensamente que quase doía olhar para elas. Vivi levantou a mão para proteger os olhos.

E então ouviu-se um súbito *craque!* E uma chuva de pedras caiu enquanto Rhys apontava para os pés.

Vivi olhou para baixo.

As linhas no chão ainda eram púrpura, mas agora estavam a ficar mais escuras, uma crosta escura escorria lentamente pelas bordas, esborratando a cor.

O chão tremia.

Olhou para Rhys, confusa, à medida que a temperatura da gruta descia novamente, mais fria agora, tão fria que quase magoava. À medida que as linhas começavam a contorcer-se no chão como cobras, Rhys agarrou na mão dela.

— *Corre!*

Não foi preciso dizer duas vezes.

Atravessaram a estreita passagem de volta para a gruta principal, o chão ainda a tremer-lhes sob os pés. Vivi viu

linhas púrpura e pretas de vapor atingirem as poças de água.

Depois de saírem da gruta para a noite no exterior, ficaram os dois a ver a magia passar por eles.

Em direção a Graves Glen.

O tremor da terra já se fora e a noite ficara subitamente muito calma após todo aquele caos. Os únicos sons eram o ocasional piar de uma coruja e a respiração áspera de Rhys e Vivi.

Pondo-se à frente dela, Rhys olhou para o fundo da montanha e passou a mão pelo cabelo.

— Mas que merda *foi esta?* — ofegou. Depois, virou-se e fitou-a. — Talvez tivesses alguma razão quanto ao facto de eu não saber muito bem o que era para fazer ali, mas tenho quase a certeza — apontou o dedo na direção do fluxo — de que isto foi uma bela trapalhada.

Vivi olhou para o fluxo, depois para o céu, onde a lua parecia agora ainda maior e mais brilhante, fazendo lembrar aquela noite com Gwyn, a mesma lua, a chama da vela muito alta e uma espécie de peso frio no peito.

Pelas mamas de Rhiannon.

— Pois, hummm... Rhys.

Ele virou-se para ela, os olhos ainda muito abertos, o peito ainda pesado, e Vivi retribuiu com um sorriso trémulo.

— Tenho uma história engraçada para te contar.

Capítulo 10



Ela tinha-o mesmo amaldiçoado, porra.

Enquanto Vivi acelerava para Graves Glen, Rhys, sentado no lugar do passageiro, observava a escuridão através da janela, ainda a tentar entender o que ela lhe contara.

— Então, tomaste um banho — disse ele lentamente. Ao seu lado, Vivi fez um som de frustração.

— Já te expliquei — reagiu ela. — Tomei um banho, acendi umas velas e depois a Gwyn disse uma data de patetices sobre o teu cabelo e os clítoris, que não eram obviamente uma maldição... O teu cabelo está ótimo, já agora, e não quero realmente saber mais nada sobre o resto... Mas a certa altura, houve, tipo, um silvo da chama e eu posso ter dito «amaldiçoo-te, Rhys Penhallow», mas não foi com intenção.

Vivi agarrava o volante com força, os olhos muito abertos, e Rhys olhou para ela.

— Disseste... literalmente «amaldiçoo-te, Rhys Penhallow», e agora estás surpreendida por eu, Rhys Penhallow, estar amaldiçoado? E, já agora, desculpa, o que era aquela coisa sobre os clítoris?

Vivi revirou os olhos ao entrar novamente na autoestrada.

— A questão é que estávamos só a ser bêbedas e estúpidas. Não era uma tentativa verdadeira de magia.

— E, contudo, fizeram magia verdadeira — murmurou Rhys, recostando-se no assento.

Ainda tinha comichões na pele, efeito secundário de recarregar as Linhas, bem como formigueiro nos dedos e uma estranha sensação de frio na parte de trás do pescoço. Seria aquilo normal ou faria parte do que quer que tivesse corrido tão espetacularmente mal lá atrás?

Semicerrando os olhos, perscrutou a escuridão como se fosse capaz de ver aquela corrente de magia cintilante a descer a montanha. No entanto, tudo o que conseguia ver era a faixa de estrada a desenrolar-se à frente deles. E por um segundo, por um ínfimo momento, Rhys deixou-se acreditar que nada de mau realmente acontecera. Afinal, o pai parecera tão confiante em como ele não tinha sido amaldiçoado, e quando é que Simon Penhallow alguma vez esteve errado? Talvez fosse sempre assim quando se recarregavam as Linhas.

O telemóvel de Vivi tocou.

Cantou, na verdade. *Witchy Woman*, dos The Eagles, soou da carteira de Vivi, enfiada entre os dois bancos da frente, e ela lançou-lhe um olhar muito breve, mantendo os dedos firmemente agarrados ao volante.

— Gwyn — disse ela, mas não tentou ir buscar o telemóvel. — Não deve ser nada.

— Sem dúvida — concordou Rhys, desejando, mais do que alguma vez desejara alguma coisa, que ela estivesse certa. — Deve querer que vás buscar piza e *cheeseburguers* para o jantar — acrescentou ele.

Vivi olhou-o de cima a baixo.

— O que foi? — reagiu Rhys, encolhendo os ombros. — América.

O telemóvel ficou silencioso e ele sentiu que Vivi sustinha a respiração.

Porra, ele estava a sustar a *dele*.

Remexendo na carteira, Vivi tirou o telemóvel e passou o polegar pelo ecrã. Ainda antes de levar o telemóvel ao ouvido, Rhys conseguiu ouvir o caos. Pessoas a gritar, alguém a berrar e Gwyn a gritar o nome de Vivi. Rhys enterrou-se no banco, tapando os olhos com uma mão.

— Gwyn, acalma-te! — pedia Vivi. — Não consigo perceber nada do que...

O telemóvel estava firmemente encostado à orelha enquanto Rhys olhava para ela e via o sangue a desaparecer-lhe por completo do rosto ao mesmo tempo que dizia:

— Estamos aí em dois minutos.

Deixou o telemóvel deslizar entre a face e o ombro, e agarrou o volante ainda com mais força.

— O que foi? — perguntou Rhys. Vivi abanou a cabeça e disse apenas:

— Tens o cinto de segurança posto, não tens?

— Claro que tenho, Vivienne, não sou um idiota — replicou ele, sentando-se um pouco mais direito apenas para ser empurrado para trás no banco quando Vivi carregou no pedal do acelerador com toda a força.

— É assim tão mau? — interrogou, num tom sombrio.

Também num tom muito sombrio, Vivi respondeu:

— Pior.

Vivienne não exagerara na velocidade com que regressaram a Graves Glen. Pelas contas de Rhys, tinham

passado apenas uns noventa e poucos segundos entre o telefonema de Gwyn e a paragem à frente da *Something Wicked*.

Assim que estacionou, Vivienne saiu para o passeio.

Rhys foi um bocadinho mais lento, deixando a mão sobre a porta aberta do carro enquanto tentava perceber o que se passava à frente da montra da loja.

Viu rapidamente Gwyn, em cima do balcão, com uma vassoura nas mãos, e no canto de trás, três raparigas encolhidas contra a parede, completamente pálidas, os olhos muito abertos.

E ao longo de todo o chão entre elas e Gwyn viam-se... caveiras.

Pequenas, mais ou menos do tamanho de uma bola de ténis. Vivienne já estava no interior da loja e ele viu-a parar bruscamente e soltar um grito quando todas as caveiras se viraram para ela ao mesmo tempo, abrindo e fechando os maxilares.

Havia magia da pesada ali na loja, tão densa que os dentes de Rhys doíam, a pele zumbia com o seu poder, mas havia qualquer coisa subjacente a todo aquele poder. Algo sombrio e desagradável, toda uma intensa sensação de *errado* a pairar sobre a loja.

Rhys nunca sentira nada assim.

As caveiras deslizavam pelo chão, os maxilares a abrir e a fechar para as impulsionar, a uma velocidade surpreendente, de um lado para o outro sobre a madeira. Também tinham os olhos acesos, mas em vez do púrpura de que Rhys se lembrava, estavam agora vermelhos, um vermelho intenso, e eram tantas...

Alguma coisa chocou com o seu tornozelo. Rhys olhou para baixo e viu uma das caveiras a sorrir para ele.

— Calma aí, companheiro — murmurou ele, sem saber bem se estava a falar com a caveira ou com ele próprio.

E então a caveira mordeu-lhe a perna das calças.

Rhys não ficou orgulhoso do som que lhe saiu pela boca enquanto abanava a perna, dando um pontapé no ar numa tentativa de se livrar da coisa.

Quando isso não resultou, nem pensou duas vezes. Puxou um fio de magia da sola do sapato até à ponta dos dedos e desfez a coisa em pedacinhos.

— Rhys!

Olhou para cima e viu Vivienne ainda ao lado da prima, agora armada com uma das pesadas bolas de cristal que ele vira antes.

Ela olhava-o furiosa, antes de pôr um olhar sugestivo no grupo de turistas encolhidas no canto, que agora o observavam de olhos arregalados. Mal contendo o riso, Rhys respondeu:

— E o que querias que fizesse, Vivienne?

Havia um cheiro a chamuscado, um ténue vestígio de cabelo queimado, e Rhys reparou que tinha feito um buraco nas calças — e quase na perna — com aquele pequeno feitiço. A praguejar, deu umas pancadinhas no buraco chamuscado ao mesmo tempo que pontapeava outra caveira de plástico que se aproximava dele.

— Porra, que ridículo — murmurou, esmagando com o pé uma das caveiras, antes de estender a mão para Gwyn.

— A vassoura — disse ele, e ela atirou-lha.

Rhys apanhou-a facilmente e brandiu-a na direção do chão. Naquele que talvez tenha sido um dos momentos mais satisfatórios da sua vida, varreu as caveiras à sua frente num amplo arco em direção à parede.

Nenhuma delas partiu, mas deslizaram como se estivessem bêbedas, a bater umas nas outras e a girar, e Rhys continuou a avançar, varrendo com a vassoura para a frente e para trás, abrindo caminho para as três raparigas ao canto.

— Minhas senhoras — disse ele com um sorriso, enquanto estendia a mão às turistas, oxalá tenhamos todos aprendido uma valiosa lição sobre encomendar coisas de *websites* duvidosos!

Continuava a sorrir-lhes, mesmo estando elas muito sérias. Viu uma delas olhar para o buraco nas suas calças e, encaminhando-as para o seguirem, disse-lhes:

— Ainda bem que eu tinha um isqueiro.

Uma vez que estava amaldiçoado, sabia que usar magia nelas era perigoso, mas o charme, já o sabia, era uma espécie de feitiço por si só. Enquanto encaminhava as turistas para a porta, sempre a varrer caveiras pelo caminho, mantinha uma espécie de tagarelice disparatada sobre confirmar as pilhas nas coisas antes de as colocar no chão das lojas, sobre o *e-mail* duro que ia enviar ao fabricante e sobre o grande desconto que a *Something Wicked* garantidamente lhes faria da próxima vez que visitassem a loja.

Quando as tirou da loja, já estava enervado com a sua própria voz, mas elas pareciam menos assustadas e uma até se virou para dizer:

— Uma vez encomendei um *iPod* pela Internet, mas, tipo, mesmo da *Apple*, não de um *website* qualquer. E, tipo, começou a, tipo, arder no meu bolso.

— Ainda assim — disse Rhys, apressando-as para o passeio —, muito obrigado por fazerem compras na *Something Wicked*. Por favor, voltem sempre!

O corvo sobre a porta guinchou quando Rhys fechou a porta com estrondo e se aproximou da janela para fechar a persiana.

Assim que a porta ficou firmemente fechada, olhou para Gwyn e Vivienne.

Gwyn continuava em cima do balcão, com as mãos juntas, enquanto um luz esverdeada cintilava para a frente e para trás entre os seus dedos.

— Muito bem, seu idiota — disse ela, e antes que Rhys conseguisse responder, coisa que queria muito veementemente fazer, ela acenou com a cabeça para a prima.

Vivienne acenou em resposta e colocou-se à frente da janela, esquivando-se às caveiras com uma elegância surpreendente.

Não fiques a olhar para aquelas pernas lindas enquanto ela saltita sobre pedaços possuídos de plástico, seu pervertido, pensou Rhys para consigo, mas sem sucesso. Vivienne podia tê-lo amaldiçoado, podia ter sido a causa de todas as coisas más que lhe tinham acontecido desde que pusera os pés naquela vila, mas a sua pila claramente não tinha recebido a mensagem.

Aproximando-se da janela, Vivi levantou uma mão com uma luz branca a brilhar. Rhys apercebeu-se de que ela estava a usar magia para fechar as pesadas cortinas de veludo que envolviam a montra principal da loja e, antes de a conseguir avisar, a luz saltou-lhe da mão para as cortinas.

Que pegaram fogo imediatamente.

Vivienne guinchou quando uma das caveiras lhe mordeu o sapato, e Rhys atravessou a loja para dar um pontapé à caveira ao mesmo tempo que batia com a vassoura nas cortinas numa tentativa de apagar as chamas.

O cheiro a plástico queimado encheu a loja à medida que as cerdas se ateavam. Pelo canto do olho, Rhys conseguiu ver Gwyn dirigir a sua magia na direção da montra.

— Não! — gritou ele, e viu-a baixar as mãos, deixando-o aliviado.

Ficou ligeiramente menos aliviado quando se apercebeu de que havia uma pequena multidão agrupada no lado de fora da loja, cuja montra estava completamente exposta, revelando o caos que se passava no interior e toda a magia que eles estavam a fazer para tentar acabar com ele.

Perfeito.

À volta deles, as caveiras continuavam a mexer-se, a abrir e a fechar os maxilares, e Rhys estendeu a mão para Vivienne.

— A sala dos fundos! — gritou sobre toda aquela chiadeira, e Vivienne acenou com a cabeça e agarrou-lhe a mão.

Em cima do balcão, Gwyn olhou da janela para os dois, e depois novamente para a janela da montra.

— E então? — perguntou. — Limitamo-nos a esconder da Noite das Bugigangas Amaldiçoadas e esperamos que tudo acabe bem?

— Tens uma ideia melhor? — perguntou Vivienne, mas antes que Gwyn conseguisse responder, a porta da loja abriu-se, batendo com toda a força contra a parede.

Rhys virou-se ligeiramente para ver quem conseguira entrar — tinha a certeza de que trancara a porcaria da porta —, mas antes que conseguisse perceber, ouviu-se um estrondo quase ensurdecador e um *flash* de luz azul que fez com que levantasse a mão livre para não ficar ofuscado.

Quando baixou a mão, viu que já não havia qualquer caveira, a não ser alguns montinhos aleatórios de plástico

fumegante e um olho vermelho a piscar várias vezes antes de lentamente se apagar.

No silêncio que se seguiu, Rhys estava bem ciente da névoa de fumo que ainda pairava na loja, das marcas de queimado no chão à sua frente e do facto de Vivienne estar a segurar-lhe a mão.

Olhou para os dedos entrelaçados, aquela palma quente encostada à dele, e depois para a cara de Vivienne. Tinha as faces rosadas, os olhos muito abertos. Quando se apercebeu de que ele olhava para ela, baixou o olhar para as mãos de ambos.

Agitada, tirou a sua, afastando-se dele enquanto a tia entrava dentro da loja.

— O que é que... — disse a tia de Vivienne, o peito a subir e a descer com a força da respiração — vocês os dois fizeram agora?

Capítulo 11



Talvez aquelas caveiras de plástico nos tenham mesmo matado e estejamos no inferno, pensou Vivi, quando se sentou na sua poltrona preferida da sala dos fundos, de veludo dourado e costas altas, na qual passava tanto tempo que devia ter a forma do rabo dela gravado nas almofadas.

Parecia uma boa explicação para estar presa naquela noite interminável. Primeiro na gruta com Rhys, depois o pesadelo na loja e agora, apesar de ter quase trinta anos, ter de explicar à tia Elaine que quebrara uma das regras mais sagradas da feitiçaria porque um tipo lhe ferira os sentimentos.

E naquele momento, esse tipo estava *ali*.

— Foi um acidente — replicou ela novamente, na que parecia ser a vigésima vez naquela noite. — Estávamos só... a ser tontas.

— Não existe ser-se tonta no que se refere à magia — respondeu a tia Elaine, mais séria do que Vivi alguma vez a tinha visto. Estava de pé em frente a um dos roupeiros, braços cruzados sobre o peito, cabelo puxado para trás, afastado da cara. Viam-se vários brincos a brilhar na orelha esquerda, um longo fio prateado a pender da orelha direita e parecia tão poderosa como realmente era.

— Como já antes tinha dito às duas, inúmeras vezes — continuou Elaine, antes de se aproximar do roupeiro e tirar uma *T-shirt*.

— O que está aqui escrito? — perguntou ela, abanando a *T-shirt*, e Vivi viu Gwyn revirar os olhos, sentada de pernas cruzadas num dos baús.

— Mãe — começou Gwyn, e Elaine levantou uma mão.

— Não me venhas com a «mãe», minha menina.

Rhys, que estava invulgarmente calado desde que todos tinham ido para ali, aproximou-se de Elaine e tirou-lhe a *T-shirt* da mão.

— *Nunca mistures vodca com feitiçaria* — leu ele, e acenou com a cabeça. — Bom conselho.

— Ah, não — reagiu Gwyn, pondo-se de pé em frente ao baú. Tinha o rímel esborratado e uma malha nas meias, mas tirando isso não estava nada mal, tendo em conta o que tinham passado naquela noite. — Tu não tens voto na matéria, já que tudo isto é culpa tua.

— Porque fui eu que lancei a maldição? — perguntou Rhys, levantando uma sobrancelha enquanto atirava a *T-shirt* de volta para Elaine. — E é culpa minha porquê?

Com as mãos nas ancas, Gwyn encarou Rhys de frente.

— Porque tu és culpado de te termos amaldiçoado. Se não tivesses estilhaçado o coração da Vivi...

— Eu não *estilhacei* nada — escarneceu Rhys, e o coração de Vivi acelerou quando o viu fazer uma pausa de reflexão.

A seguir, ele encarou-a com os olhos azuis e perguntou:

— Vivienne... eu *estilhacei* o teu coração?

Agora não era só uma noite que nunca mais acabava, era provavelmente uma das *piores* da vida dela.

— Não — retorquiu Vivi, desesperada por manter alguma dignidade.

E talvez o tivesse conseguido, se Gwyn não existisse.

Pasmada e sem tirar os olhos de Vivi, Gwyn disse:

— Hummm... Ele estilhaçou e bem. Lembras-te do que choraste? O banho? Estavas sempre a conjurar o cheiro do perfume dele, caramba.

O rosto de Vivi ficou completamente vermelho e ela afundou-se na poltrona.

— Não fiz nada disso — murmurou, enquanto Rhys olhava para ela completamente chocado.

— Chamaste-me «filho da putoide», que nem sequer existe — lembrou-lhe ele. — Atiraste-me as calças para cima. Não estavas de coração partido, estavas zangada.

— Certo, porque nunca uma mulher esteve as duas coisas ao mesmo tempo — interveio Gwyn, e Vivi finalmente levantou-se e esfregou a cara com as mãos.

— Podem todos parar de agir como se eu fosse uma vítima abandonada numa tragédia? Era uma adolescente bêbeda a disparatar com a minha prima igualmente bêbeda. Não é nada assim tão importante. — Calou-se por um instante e revirou os olhos. — Certo, *esta* parte acabou por se tornar uma coisa importante, mas estou a falar da parte da maldição. *Isso* não era para ser uma coisa importante. E estão todos a ser ridículos. — Apontou para Rhys. — Não me digas que nunca fizeste uma coisa exageradamente dramática e estúpida quando eras adolescente?

— «Exageradamente dramática e estúpida» descreve toda a minha vida de adolescente, por isso, sim.

— Gwyn? — perguntou ela, virando-se para a prima.

Fazendo uma careta, Gwyn respondeu:

— Miúda, tu viveste comigo toda a minha adolescência... Tu sabes.

Assentindo, Vivi olhou para a tia Elaine, que continuou com a testa franzida por um momento até levantar os braços no ar e dizer:

— Eu sei que ias referir toda aquela coisa com os Led Zeppelin, por isso vamos saltar essa parte e admitir que todos fizemos coisas estúpidas no passado e deixamos a Vivi em paz relativamente às suas motivações.

— Obrigada — agradeceu Vivi. — Agora que estamos todos de acordo em que o *porquê* não interessa, a questão é *o quê*. Especificamente, o que esta maldição pode significar para Graves Glen.

Elaine suspirou e levantou a mão para puxar o brinco.

— Deduzo que a maldição se tenha espalhado às Linhas de Ley — disse ela —, e dado que as Linhas de Ley alimentam toda a magia da vila, a magia agora está... corrompida.

Daí as caveiras de plástico maléficas. E apesar de Vivi se orgulhar de ser otimista, não era tão ingénua a ponto de que pensar que tudo se limitaria àquele incidente. Quem poderia saber que tipo de coisas as Linhas de Ley amaldiçoadas poderiam desencadear?

— Preciso de falar com o meu pai — disse Rhys, aproximando-se do roupeiro enquanto agitava para cima e para baixo uma das caveiras que escapara ao feitiço de Elaine. Sempre que os dentes batiam, Vivi sentia um arrepio. Uma pena já não conseguirem vender aquelas coisas, teriam sido um sucesso. Mas, revivendo o pesadelo, não justificavam os cinco dólares extra, na sua opinião.

— Queres que vá buscar o espelho? — perguntou a Rhys. Ele levantou a cabeça, sobressaltado.

— Eu disse que *preciso* de falar com ele, não que vou realmente fazê-lo. — Rhys estremeceu. — Este pesadelo já está a ser suficientemente horrível.

— O Simon precisa de saber — disse a tia Elaine, suspirando e afundando-se na poltrona que Vivi deixara desocupada. — E não estou muito ansiosa por ver a reação dele.

— O que pode ele fazer? — perguntou Gwyn. — Quero dizer, além de ser um parvalhão?

Afastando-se do roupeiro, Rhys deu uma gargalhada seca.

— Ah, as vezes que me questioneei «o que pode o meu pai fazer além de ser um parvalhão?», só para descobrir que pode fazer e muito.

Vivi já estava preocupada — lutar contra uma data de brinquedos possuídos tem esse efeito numa mulher —, mas sentia agora o coração cair para um ponto algures abaixo dos joelhos.

O pai de Rhys.

— O teu pai virá até cá — perguntou a Rhys — para, tipo, punir-nos?

Os cantos da boca de Rhys subiram muito ligeiramente.

— Para ser franco, em relação à maior parte das pessoas, eu gozaria com a palavra «punir», mas no caso do meu pai...

O sorriso desvaneceu-se, e com ele as esperanças de Vivi. Pensou na carta de tarô que Gwyn tirara. O chalé da tia Elaine a representar A Torre, rachada ao meio e a cair pela montanha.

E se tivesse sido algum tipo de profecia?

— Estás a ficar verde — observou Gwyn, atravessando a sala para se colocar à frente de Vivi. — Vamos resolver isto

— disse-lhe, colocando-lhe as mãos nos ombros e dando-lhe um pequeno abanão. — Somos umas bruxas do caraças, lembra-te?

— Tu és uma bruxa do caraças — lembrou-lhe Vivi. — A tia Elaine é uma bruxa do caraças. Eu sou uma professora de História.

— Podes ser as duas coisas — garantiu Gwyn, apertando um pouco as mãos. — E isto não foi culpa tua. A ideia de o amaldiçoar foi minha, lembra-te?

— Mas foi a minha magia que o fez — respondeu Vivi, lembrando-se da chama da vela, de como as palavras lhe saíram da boca e se sentiu diferente. Pesada. Carregada, de alguma forma.

O único feitiço verdadeiramente poderoso que conseguira fazer ia destruir-lhe a vida toda.

Típico.

— Se eu, na qualidade de amaldiçoado, puder fazer uma breve interrupção — interveio Rhys, enfiando as mãos nos bolsos — Será possível estarmos todos a exagerar um bocadinho?

Sim, esta noite foi uma merda, não vale a pena dourar a pílula.

Sim, estamos todos um pouco apavorados e é perfeitamente compreensível, mas, até agora, estas safadinhas — e apontou com a cabeça para a caveira que atirara para a cadeira — são a única coisa com que tivemos de lidar.

— Isso e o meu simples feitiço de «ei, fecha o cortinado» acabar com tudo a arder — lembrou-lhe Vivi, e ele encolheu os ombros.

— Tu bem disseste que a tua feitiçaria sempre foi um pouco... qual era a palavra... instável?

— Bem, a minha é muito pouco instável — disse a tia Elaine, com as mãos nas ancas. — E aquele feitiço que lancei para limpar a loja saiu muito mais poderoso do que eu pretendia.

Rhys concordou com a cabeça.

— Tudo pontos válidos. Mas talvez não haja evidência suficiente para podermos dizer que está tudo feito em merda, peço desculpa pela expressão, senhora Jones.

— Não é nada que não tenha ouvido, ou dito antes, senhor Penhallow — reagiu a tia Elaine, com um aceno desdenhoso, antes de suspirar e colocar as mãos em campanário à frente da boca.

Nunca um bom sinal. A última vez que Vivi vira a tia Elaine fazer aquele gesto foi quando Gwyn tinha estado brevemente envolvida com o rapaz que lia a sina na Feira de Ren e se autodenominava «Lord Falcon», apesar de a carta de condução dizer «Tom Davis».

Mas, naquele momento, a tia Elaine apenas inspirou profundamente de novo antes de dizer:

— Acho que tens razão. Talvez isto não seja tão mau como parece.

— Parece bastante mau, mãe — observou Gwyn, franzindo a testa. — Estou a falar como uma das pessoas que quase foi devorada por plástico.

— Não, o Rhys tem razão — concordou Vivi, surpreendendo-se. E também surpreendendo Rhys, tendo em conta a forma como ele levantou as sobrancelhas. — Não sabemos quão mau isto é, ou se foi apenas um pequeno pico aleatório. E seja o que for, também não vamos resolver nada esta noite.

Quanto mais falava, melhor se sentia. Claro, o que eles precisavam era de um *plano*.

Vivi era mesmo muito boa com planos.

— Ouçam, vamos todos para casa, dormimos e amanhã de manhã vemos as coisas com outros olhos. Rhys, tu falas com o teu pai.

Rhys fez uma careta, mas não discordou, por isso Vivi continuou, apontando para Elaine.

— A tia vai procurar tudo o que puder sobre remover maldições. E tu — virou-se para Gwyn — vais... continuar a tomar conta da loja e garantir que as pessoas pensam que o nosso espetáculo desta noite fazia parte das atividades do Dia do Fundador.

— Gosto de como a minha função é a única com algum tipo de perigo envolvido — disse Gwyn, mas ao ver o olhar de Vivi, baixou os braços em sinal de desistência. — Está bem, está bem, Operação Acalmar os Trouxas, já estou a tratar disso.

— Muito bem — continuou Vivi. — Então, já está. Temos um plano. Uma espécie de... meio plano, mas, ainda assim, um plano.

— É mais um quarto de plano, se queres que te diga — murmurou Rhys, mas depois acenou com a cabeça para Vivi. — Mas melhor do que nada, isso de certeza. — Olhou em redor e suspirou. — E pelo menos tenho a oportunidade de voltar a pôr-me ao corrente de Graves Glen, depois de todo este tempo. — Como Vivi se limitou a ficar a olhar para ele, acrescentou: — Quero dizer... não posso ir-me embora antes de tudo isto estar resolvido.

Ele tinha razão. Ela sabia disso. Claro que para resolver aquilo tudo Rhys tinha de lá ficar.

Na terra dela.

A trabalhar com ela.

Ele sorriu-lhe e depois piscou o olho. E apesar de tudo aquilo, da maldição, da atrapalhação, das assustadoras

minicaveiras da morte, o coração de Vivi bateu-lhe de alegria no peito.

Sim, estava definitivamente no inferno.

Capítulo 12



Vivi acordou com Sir Purrcival a olhar fixamente para ela. Não era assim tão invulgar — ele gostava de procurar a última pessoa que ainda se encontrasse deitada para se enroscar a ela, e como Gwyn e a tia Elaine costumavam acordar cedo, era quase sempre Vivi a última a levantar-se desde que tinha ido viver com elas.

O mais estranho foi ele ter piscado os olhos amarelo-esverdeados, miado e dito depois: «Guloseimas».

Era agora a vez de Vivi piscar os olhos.

— Estou a sonhar — murmurou para consigo. Afinal, a noite anterior fora terrivelmente traumática. Fazia sentido que ela tivesse um sonho bem vívido, bem bizarro, que parecesse real, mas não fosse.

— Guloseimas — disse novamente Sir Purrcival, roçando a cabeça no braço de Vivi... e... pronto, aquilo era real.

Tinham um gato que falava.

— Gwyn! — gritou Vivi, encolhendo-se um pouco mais na cama enquanto Sir Purrcival continuava a andar em círculos com o refrão «guloseimas, guloseimas, guloseimas!» a sair-lhe dos lábios por entre os bigodes.

Vivi ouviu passos nas escadas e então Gwyn apareceu, ainda de pijama, o cabelo afastado da cara com uma fita colorida na cabeça.

— O que se passa? — perguntou Gwyn. Vivi inclinou a cabeça para Sir Purrcival.

— Ele agora fala.

Gwyn pestanejou e depois olhou para Sir Purrcival, antes de dar um gritinho de felicidade e bater as palmas.

— A sério?

Correu pelo quarto dentro e agarrou no gato, segurando-o à frente da cara.

— O que é que ele disse? — perguntou. — Porque eu sempre quis ter um gato que falasse, e se há algum gato que irá ter conversas estimulantes é...

— *Guloseiiiiiiiiimas* — repetiu Sir Purrcival, e depois começou a remexer-se nas mãos de Gwyn. — *Guloseimasguloseimasguloseimascomidaguloseimas*.

— Basicamente, só diz isso — revelou Vivi, afastando os cobertores, e Gwyn fez uma careta para o gato.

— Certo, mas se calhar, depois de comer alguma guloseima, ele vai dizer mais qualquer coisa.

Colocou-o na cama e saiu a correr do quarto, regressando uns segundos depois com um saco de guloseimas para gato. Agitou algumas na mão e depois ofereceu-as a Sir Purrcival, que as comeu rapidamente.

— Agora diz «obrigado», rapaz — disse Gwyn.

Purrcival lambeu os lábios e deu-lhe uma cabeçada na mão.

— *Guloseimasguloseimasguloseimas* — repetiu.

— Se calhar é só o que ele consegue dizer? — alvitrou Vivi.

—
GuloseimasguloseimasGULOSEIMASGULOSEIMASGULOSEIMA
S!

— Mudei de ideias — resolveu Gwyn, atrapalhada a dar mais guloseimas a Purrcival. — Não gosto de gatos que falam. Apercebi-me disso agora.

Olhou para Vivi, que estava a levantar-se da cama.

— Isto tem que ver com o que Rhys fez nas Linhas de Ley, não tem? Como as caveiras ontem à noite.

— É por causa do que *eu* fiz ao Rhys — corrigiu-a Vivi, com um suspiro, baixando o olhar sobre a mochila que preparara apressadamente na noite anterior. Não sabia bem porque tinha decidido passar a noite em casa de Elaine, apenas que a ideia de ir dormir no apartamento dela sobre a loja não era, de maneira nenhuma, agradável. Enquanto Gwyn murmurava para Purrcival, Vivi tirou da mochila a saia e a blusa que tinha delicadamente dobrado e lá colocado na noite anterior. — O que quer dizer que tínhamos razão... ainda há muita merda má que vai acontecer.

Gwyn lançou-lhe um olhar enquanto fazia festinhas a Purrcival debaixo do queixo.

— Isto não é uma merda má — argumentou, enquanto Purrcival continuava a pedir guloseimas. Encolheu os ombros. — Certo, não é a *melhor* das merdas, mas continuo a não encontrar provas de uma maldição horrível. — Lançou outro sorriso a Vivi, antes de levar Purrcival até à porta.

— Já te disse, Vivi. Nós vamos resolver isto.

Vivi gostaria de se sentir tão confiante.

Também gostaria de não se sentir tão... envergonhada com tudo aquilo. Porque era isso que não a tinha deixado dormir na noite anterior, de olhos postos no teto até bem depois das duas da manhã. Sentia culpa, medo e

preocupação, claro, tudo misturado. Mas a tudo se sobrepunha... *Rhys sabe que me partiu o coração.*

Não só isso, Rhys sabia que o partira a ponto de a levar a usar *magia* por causa disso.

E, claramente, ele não tinha sentido o mesmo na altura, uma vez que nem lhe passara pela cabeça que ela estivesse realmente tão triste por causa dele.

O que provava, como ela sempre suspeitou, que o namoro deles significara muito mais para ela do que para ele. Provavelmente, ele mal pensara nela ao longo dos últimos nove anos, de certeza que não a pesquisara no Google quando estava meio bêbedo, e embora não houvesse dúvidas de que ainda se sentiam atraídos, Vivi era agora mais velha.

Mais sensata.

E a última coisa que faria era voltar a apaixonar-se por Rhys Penhallow.

Quinze minutos depois, estava a descer as escadas, o cabelo ainda molhado enrolado no topo da cabeça, o casaco pendurado ao ombro e tão concentrada em sair porta fora que demorou uns segundos a aperceber-se de que havia vozes na cozinha.

E não eram umas vozes quaisquer.

Dobrou a esquina e olhou para a mesa da aconchegante cozinha da tia, a mesma à volta da qual ela tinha feito velas e arranjado pétalas de flores para banhos de sal, e onde *nunca* tinham tomado o pequeno-almoço, e lá estava Rhys, chávena de café junto ao cotovelo, bolinho de canela na mão, a sorrir para a tia.

Que lhe devolia o sorriso de uma forma quase... afetuosa. Indulgente.

Vivi apercebeu-se de que a cozinha não tinha exatamente o mesmo cheiro que costumava ter, de mistura de ervas e lenha. Cheirava a açúcar e canela.

— Tia Elaine — perguntou ela, ignorando categoricamente Rhys —, a tia... *cozinhou?*

Elaine até corou um bocadinho.

— Não tens de parecer tão escandalizada, Vivi — respondeu ela, abanando uma das mãos enquanto se levantava e atravessava a cozinha até à cafeteira. — Eu *sei* cozinhar, sabias? Apenas opto por não o fazer de um modo geral.

— O que é um crime e um pecado — juntou Rhys, lambendo um bocadinho de açúcar do polegar, um gesto que fez com que Vivi subitamente se sentisse um pouco corada. Como é que ele tinha tão bom aspeto depois da noite anterior? Vivi achava que as olheiras dela tinham direito a um código postal próprio de tão grandes que estavam, e ao descer o olhar apercebeu-se de que tinha a blusa mal abotoada. E ele ali sentado, com calças de ganga pretas e uma camisola antracite, o cabelo a fazer Aquela Coisa, apesar da maldição que era claramente real, e por um mero segundo, Vivi considerou seriamente voltar a amaldiçoá-lo.

Em vez disso, resolveu também dirigir-se para a cafeteira e pegou numa chávena da prateleira de cima. Era uma das que vendiam na loja, branca com a silhueta púrpura de uma bruxa a voar numa vassoura, com as palavras *Life's a Witch, Then You Fly!*² em letras onduladas por baixo da borda.

— O que estás aqui a fazer, Rhys? — perguntou ela, depois de já estar um pouco mais cafeinada. Queria evitar os bolinhos de canela por princípio, mas cheiravam tão bem que era impossível, por isso tirou um ainda quente do tabuleiro, com cuidado para não deixar cair açúcar na saia, enquanto se sentava à mesa.

Reclinando-se para trás, Rhys entrelaçou as mãos sobre a barriga e ficou a olhar para ela.

— Bem, Vivienne, não sei se te lembras, mas acontece que fui horivelmente amaldiçoado, por isso...

Revirando os olhos, Vivi levantou a mão que ainda segurava o bolinho de canela.

— Sim, eu sei, podemos omitir o sarcasmo. Quero dizer... o que é que estás a fazer na cozinha da minha tia?

— Estamos a analisar maldições — retorquiu a tia Elaine, juntando-se a eles à mesa. Acenou com a cabeça para um bloco amarelo e um grande livro aberto, que, por alguma razão, Vivi não tinha reparado. Ela lambeu os dedos antes de estender a mão para o livro.

Era pesado, a encadernação antiga e estalada. Vivi teve dificuldade em perceber as letras gravadas a folha de ouro na lombada. Mesmo quando conseguiu, não era uma palavra que ela reconhecesse.

— Acho que seria de mais pedir que houvesse aqui um ritual antimaldição fácil para principiantes, certo? — perguntou Vivi, virando delicadamente as páginas. O papel era tão espesso que estalava ligeiramente, as ilustrações pintadas eram lúgubres.

Vivi deteve-se numa delas, que mostrava um homem pendurado pelos tornozelos no ramo de uma árvore, com as entranhas todas expostas.

— Que nojo — murmurou, e de repente Rhys estava ali, inclinado sobre o ombro dela para ver a imagem.

— Ah, sim, o Julgamento de Gante — revelou. — Um antepassado meu assistiu. Não acabou bem. Basicamente, tiram-se as próprias entranhas e depois...

— Não quero saber — interrompeu Vivi, virando rapidamente a página ao mesmo tempo que tentava ignorar como Rhys cheirava tão bem.

Não podes ficar excitada quando a palavra «entranhas» acabou de ser pronunciada, disse para consigo.

— Até agora, não tivemos muita sorte — disse Elaine —, mas há um ponto positivo. Como foi o Rhys a usar a sua magia para recarregar as Linhas de Ley, provavelmente a maior parte da maldição desapareceu dele. — Deu uma pancadinha na capa de outro livro. — A lei da transmutação. Rhys foi amaldiçoado, mas ao canalizar a sua magia para outra fonte de poder...

— Passei alguma da maldição para as Linhas de Ley — terminou Rhys. — Ou seja, ainda estou amaldiçoado, mas diluído. Talvez. Parte dessa página em particular foi arrancada, por isso estamos mais ou menos a atirar ideias ao ar.

— Ótimo — reagiu Vivi, sem grande convicção. E era ótimo que Rhys pudesse andar pela vila sem ser um monumental íman de desastres, mas ela sentia a culpa como uma pedra no estômago.

— Uma pergunta — disse Gwyn, ao entrar na cozinha. Ainda estava de pijama, o longo cabelo vermelho numa trança sobre um dos ombros.

— Só uma? — perguntou Vivi, com as sobrancelhas levantadas.

— Está bem, imensas, mas uma para já.

Apontou para Rhys.

— O cabelo dele ainda está a fazer Aquela Coisa. E está a fazer Aquela Coisa desde que cá chegou.

Rhys franziu a testa, levantando a mão para endireitar o cabelo.

— Que coisa?

— Oh, como se não soubesses — replicou Gwyn, e Rhys franziu ainda mais a testa.

— A sério, o quê...

A tia Elaine levantou a mão para os interromper.

— Deduzo que vocês as duas tenham feito alguma coisa específica ao cabelo do Rhys durante a maldição, certo?

Rhys baixou rapidamente a mão e ficou a olhar para Gwyn e Vivi.

— Vocês tentaram atacar o meu *cabelo*?

— A magia das maldições não funciona assim — continuou a tia Elaine, ignorando-o. — Tem-se azar em geral ou, se forem mesmo sombrias, morre-se. Mas nada tão pequeno ou específico.

— Ótimo — disse Gwyn —, assim já não temos de nos sentir culpadas por causa daquela coisa do clítoris.

«*Guloseiiiiiiiiiiiiimas.*»

Oh, graças à deusa.

Vivi olhou para Sir Purrcival, que acabava de entrar lentamente na cozinha, enroscando-se à volta dos tornozelos de Elaine, enquanto ela arregalava os olhos para ele.

— Ah, é verdade — soltou Vivi, fechando o livro. — Hummm, agora ele fala. Mas basicamente só diz isso.

Elaine e Rhys demoraram um pouco a perceber, até Rhys acenar com a cabeça e dizer:

— Certo. Faz todo o sentido.

Estendendo a mão para fazer uma festinha ao gato, Elaine olhou para Vivi.

— Porque é que estás toda arranjada? — quis saber, e Vivi desceu o olhar sobre o corpo, enrugando também a testa.

— Não estou — replicou ela. — Só vou trabalhar.

— Na faculdade? — As sobrancelhas da tia Elaine desapareceram sob a franja desgrenhada. — Hoje?

— Sim, hoje — retorquiu Vivi, levantando-se e endireitando o casaco. — Porque não iria?

— Temos coisas importantes para fazer hoje — lembrou a tia Elaine, colocando uma mão na anca e segurando uma colher de pau na outra. — Coisas de bruxas.

— E eu tenho de dar aulas às 9h00 — respondeu Vivi. — Que não posso simplesmente cancelar. Falámos sobre isso ontem à noite.

— Falámos sobre a Gwyn abrir a loja como se estivesse tudo normal — recordou Elaine —, não sobre tu ires dar aulas. Isto — bateu no livro que tinha à frente — é agora mais importante.

— Posso fazer as duas coisas — garantiu Vivi. — Penhaven é uma faculdade de feitiçaria, lembra-se? Eu posso dar aulas e depois ir à biblioteca, ver se encontro lá mais alguns livros úteis.

Quase não conseguiu evitar franzir a testa ao dizer isto. Vivi esforçara-se muito por manter a vida profissional e a vida de bruxa separadas, o que significava que só muito raramente lidava com alguma coisa que estivesse relacionada com as aulas mais secretas de Penhaven. Mas quando se tinha um problema de feitiçaria, parecia estúpido não usar esse recurso.

Mesmo que esse recurso tendesse a cheirar a patchuli.

Rhys já estava a tirar o casaco das costas da cadeira.

— Vou contigo.

Vivi olhou fixamente para ele.

— Para a faculdade?

Ele encolheu os ombros.

— Porque não? Sou um ex-aluno.

— Fizeste um curso de verão, no qual deves ter assistido a quê? Umas cinco aulas ao todo?

Rhys piscou-lhe o olho.

— E isso foi culpa de quem?

Certo, agora estavam a entrar em territórios perigosos. Vivi virou-se para ir buscar as chaves à carteira, acabando com aquele contacto direto de olhares antes que fizesse alguma coisa embaraçosa como corar.

Outra vez.

— Além disso — prosseguiu Rhys —, é evidente que agora não é seguro eu andar sozinho, todo amaldiçoado e essas coisas, por isso o melhor é ficar perto de quem me amaldiçoou.

— Nunca mais me livro disso, pois não?

— Vai certamente ser motivo de conversa por uns tempos, sim.

Vivi levantou o olhar para ele e fez uma careta. Ia lembrar-lhe que não teria *havido* uma maldição se ele não tivesse sido um parvalhão nove anos antes, mas antes que o conseguisse fazer reparou nas olheiras sob os olhos dele, a tensão no sorriso, apesar de tentar mantê-lo jovial como sempre. Por mais horrível que soasse, era até reconfortante saber que Rhys estava assustado com tudo aquilo.

Todas aquelas piadinhas e bolinhos com elas eram só fachada.

Teria ele sempre feito aquilo?

Ela não conseguia lembrar-se.

Claro, só o conheceu durante alguns meses há quase uma década. Era esquisito pensar que alguém com um peso tão importante na sua vida romântica fosse praticamente um estranho.

Sacudindo o pensamento, Vivi afastou-se dele.

— Está bem. Vens comigo. Eu vou dar aulas e tu podes ir ver as Coleções Especiais à biblioteca.

— Isso é um eufemismo? — interrogou Rhys. — Espero mesmo que seja um eufemismo.

— *Ná* — respondeu Vivi, enquanto ia buscar o telemóvel para enviar um *e-mail* à diretora da biblioteca de Penhaven.
— É exatamente o que parece.

² Trocadilho com a frase *Life's a bitch and then you die!*

Capítulo 13



A Faculdade de Penhaven era mais pequena do que Rhys se lembrava.

E à medida que ele e Vivi atravessavam o *campus*, estranhou como um lugar que devia o nome à sua sombria e deprimente casa pudesse ser tão luminoso, alegre, todo de edifícios de tijolo vermelho com rebordo branco, relvados perfeitos e folhas outonais de cores vivas para onde quer que se olhasse.

— É um belo sítio para se trabalhar — comentou ele para Vivienne, que ia dois passos à sua frente, os saltos baixos a baterem no caminho de tijolos.

— É, sim — respondeu ela, mas estava obviamente distraída, olhando à volta com relances rápidos. Rhys apressou um bocadinho o passo para a conseguir acompanhar.

— O que se passa? — perguntou ele num sussurro. — Está alguma coisa mal?

Ela abanou a cabeça.

— Não, nada que eu consiga ver agora, mas...

— Mas estás atenta.

— Exato.

Rhys olhou também em redor, embora não soubesse bem o que procurar. Não havia estátuas para lhe caírem em cima nem carros para o atropelarem subitamente. Mas quem poderia garantir que não se abriria um buraco de repente no chão ou que não cairia dos céus o galho perdido de uma árvore?

Quanto mais depressa resolvessem as coisas, melhor.

Além disso, assim que deixasse de se sentir amaldiçoado, talvez deixasse de se sentir um completo idiota.

Sabia que Vivienne tinha estado zangada com ele, até furiosa, e com toda a razão. Mas tê-la magoado ao ponto de a levar a fazer aquilo...

Porra, isso incomodava-o.

Havia à frente deles uns degraus de betão que levavam a um edifício branco na base do pequeno monte. Vivienne estacou no primeiro degrau, voltando-se para ele.

— Tem cuidado.

— Com... cinco degraus?

Ela franziu a testa, uma mão na anca.

— Preciso de te lembrar do que se está a passar?

— Não precisas — respondeu ele —, mas não te esqueças do que a Elaine disse. A maldição está agora a fazer das suas na cidade, não a mim. Além disso, achas mesmo que estes degraus vão dar cabo de mim? Queres segurar-me pela mão enquanto os desço?

Vivienne murmurou qualquer coisa impercetível, depois virou-se e desceu os degraus. Rhys seguiu-a.

Cuidadosamente.

Não sabia o que esperar do gabinete de Vivienne, mas à medida que a acompanhava pelo átrio do edifício luminoso

e arejado onde se encontrava o departamento de História, ocorreu-lhe que nunca dedicara muitos pensamentos a qualquer coisa relacionada com a Vivienne adulta.

Era quase como se ela lhe tivesse ficado congelada na memória com dezanove anos. Mas naquele momento lá estava ela, uma mulher adulta com um gabinete e uma carreira, e súbita e desesperadamente queria saber tudo sobre ela.

— Porquê História? — perguntou ele, assim que pararam à frente de uma porta branca com um vidro fosco. *V. Jones* estampado em belas letras pretas no vidro. — E porquê História normal, ainda por cima?

Ela fitou-o enquanto destrancava a porta do gabinete.

— Porque não História da Feitiçaria, queres tu dizer? Encolhendo os ombros, Rhys encostou-se à parede.

— Parece-me uma pergunta lógica.

Vivienne fez uma pausa, a chave ainda na fechadura, e por um momento, Rhys pensou que não lhe ia responder de todo.

Então, por fim, ela suspirou e disse:

— Acredites ou não, eu, na verdade, gosto muito de História «normal» e também... não sei. Acho que, como passei a maior parte da vida a ser uma pessoa normal, é onde me sinto mais confortável.

Com isto, empurrou a porta e, passado um momento, Rhys entrou atrás dela.

O gabinete era pequeno, quase não tinha espaço para uma secretária, duas cadeiras e uma estante de livros ligeiramente torta, mas era agradável e acolhedor, fazendo lembrar um pouco a sala dos fundos da *Something Wicked*. Havia plantas e cartazes coloridos de tapeçarias medievais, uma chaleira com flores pintadas e, na secretária,

fotografias de Gwyn e Elaine, e mais uma ou outra de pessoas que ele não reconhecia.

Gostaria de poder dizer que não procurou por rapazes entre as fotografias, mas isso teria sido uma mentira completa. Estava, sem qualquer dúvida, a confirmar se em alguma delas Vivi usava os vestidos às bolinhas com algum sacana com a mão na sua cintura.

Mas não, nada disso.

— Então, que tipo de História ensinas? — perguntou ele, voltando a atenção para a estante. Credo, até ali cheirava a ela, aquele aroma quente, suave, de que ele não se lembrava ou que era novo. Outra parte de Vivienne que ele queria conhecer.

— O básico — respondeu ela, distraída enquanto procurava alguma coisa na secretária. — Introdução à Civilização Ocidental.

— Ah, então estás presa aos primeiros anos.

— Nós chamamos-lhes «caloiros», mas, sim, embora eu goste mesmo de os ensinar.

Ela olhou para cima e esboçou um leve sorriso.

— É giro ensinar aos miúdos uma coisa de que gostamos a sério.

Ele percebeu, então, como ela devia ser a dar aulas. A forma como as suas faces coravam quando falava sobre um tópico que a apaixonava, a brilho nos olhos. Os alunos deviam adorá-la.

— Compreendo — disse, assentindo com a cabeça. — É como quando eu organizo uma viagem para um sítio onde as pessoas nunca foram. Adoro ver a cara delas quando voltam, adoro ver os milhares de fotografias que tiraram com os telemóveis. Bem, para dizer a verdade, não *adoro* isso, mas até tem piada.

O sorriso dela tornou-se um pouco mais largo.

— Acredito.

Por um breve momento, pareciam dois estranhos, pensou Rhys. Apenas duas pessoas a falar dos respetivos empregos, a descobrir-se mutuamente.

E então, uma vez mais, aquela sensação desconfortável de que, na realidade e de certo modo, não eram mais do que isso.

Só que ela nunca poderia ser uma estranha, nunca apenas uma rapariga de quem gostou, e ele tinha de deixar de se distrair com aqueles olhos lindos e aquele cabelo encantador, tinha de se lembrar de que naquele momento estava amaldiçoado.

Aclarou a voz e virou-se para a estante. *Certo. Maldição. Problema a resolver. Concentra-te nisso.*

— Tens aqui imensos livros sobre Gales.

Raios te partam, pá.

Quando se voltou de novo para ela, reparou que Vivienne não estava a olhar para ele, tinha ficado muito interessada em alguma coisa que se encontrava na secretária.

— Sim. Bem... Pois... hummm. Era o que eu estudava. Na faculdade. Llewellyn, *o Grande*, Eduardo I, tudo isso. — Os olhos deles encontraram-se. — Por causa da história da cidade.

— Claro.

— Não tem nada que ver contigo.

— Nem me atreveria a pensar tal coisa.

Ele voltou-se para a estante e tirou um livro sobre as Marcas Galesas quando Vivienne de repente lhe perguntou:

— Não gostas daquilo?

Rhys voltou a pôr o livro no sítio e voltou-se.

— De quê? De Gales?

Ela assentiu e ele suspirou, cruzando os braços sobre o peito e encostando-se à estante. Cruzes... como explicar a Vivienne o que sentia pela sua terra natal.

— Adoro — acabou por dizer. — O lugar mais belo do mundo, a sério. Montanhas, o mar, poesia, rãguebi. O animal nacional é um dragão, caramba. O que há para não gostar?

— Mas arranjaste um emprego em que estás sempre a viajar — lembrou ela, endireitando-se. — E quando... quando nós... — Pôs o cabelo atrás da orelha e corou bastante. — Quando andámos juntos, dizias que nunca gostavas de ir à tua terra natal.

— Sim, mas isso é por causa do meu pai, não por causa da terra em si — respondeu ele com o que esperava ser um sorriso jovial. Aquela conversa estava a começar a aproximar-se demasiado de coisas em que Rhys se esforçara muito por não pensar, por isso era necessário um pequeno sorriso jovial.

Obviamente, resultou. Vivienne semicerrou os olhos, mas não insistiu mais, e um momento depois, tirou algo de debaixo de um monte de papéis.

— Bem, encontrei o meu cartão da biblioteca, por isso vou levar-te até lá. Fica a caminho da minha primeira aula.

Outra caminhada através do *campus*, desta vez mais curta, uma vez que a biblioteca se encontrava mesmo no cimo do monte em frente ao edifício de História. Mas, desta vez, Rhys sentiu algo... diferente.

Aquela parte do *campus* parecia igual a tudo o resto — os tijolos, a hera, tudo isso —, mas ele conseguia senti-la no ar.

Magia.

Antes mesmo de fazer a pergunta, Vivienne anuiu com a cabeça.

— Esta é a outra parte da faculdade. Aqueles edifícios.

Apontou com a cabeça para um grupo de quatro edifícios mais pequenos, todos juntos sob um pequeno bosque de enormes carvalhos que lançavam a sua sombra mesmo nos dias com mais sol.

— Quando eu cá andei, andavam juntos com os das aulas normais — recordou Rhys. Vivienne revirou os olhos.

— Certo. Bem, isso só funcionou até à primeira vez em que um aluno normal passou distraidamente pelas guardas mágicas, entrou numa aula sobre augúrio e tentou filmar um vídeo com o telemóvel. Há cerca de dois anos, todas as aulas de magia foram transferidas para aqueles edifícios.

— Faz sentido. E os alunos distraídos? — perguntou Rhys, enquanto observava duas raparigas de calças de ganga e *sweatshirts* a subirem os degraus de um dos edifícios de magia.

— São mantidos longe com o mesmo feitiço de repulsão que protege a sala das traseiras da loja — respondeu Vivienne. — Mais fácil de manter e mais forte quando se encontra num local central e não numa data de salas espalhadas. Além disso, com esta disposição ficam afastados de todos.

Estavam agora na biblioteca, um edifício que Rhys, definitivamente, nunca visitara na altura em que frequentou Penhaven. Era, como convinha, em estilo gótico, com colunas enormes e janelas pontiagudas.

Ainda assim, Rhys deteve-se no exterior, abanando a cabeça na direção da parte mágica da faculdade.

— Nunca te dás com eles? Apesar de também serem bruxos? Vivienne seguiu o olhar dele e abanou a cabeça.

— Não, eles são... Olha, podes conhecê-los, se quiseres. Verás por ti.

— Vivienne Jones, sua *snob*.

Ela bufou e depois fez um gesto para que ele a seguisse.

— Anda lá. Podemos não falar com eles, mas vamos garantidamente usar alguns dos seus recursos.



Capítulo 14

Vivi nunca tinha gostado da biblioteca de Penhaven. Talvez estivesse demasiado perto das coisas de feitiçaria ou talvez se devesse ao facto de, ao contrário do resto do *campus*, ser escura e ligeiramente agoirenta, quase medieval, com as janelas estreitas e a pedra escura, as monumentais estantes a bloquearem a pouca luz que conseguia entrar. Mesmo com as mesas cheias de computadores no centro do primeiro andar, Vivi continuava a sentir que estava no século XII ou qualquer coisa do género sempre que ali entrava, e à medida que conduzia Rhys em direção às traseiras, chegou mesmo a tremer um pouco, apertando mais o casaco.

— Raios partam — murmurou Rhys, ao lado dela. — Eles guardam carne crua aqui?

— Não costuma estar tanto frio — respondeu ela, franzindo a testa.

A sério, a biblioteca nunca fora o seu lugar preferido, mas geralmente não estava *tão* fria e opressiva. Ao olhar em redor, pareceu-lhe evidente que os poucos alunos que ali se encontravam àquela altura da manhã sentiam o mesmo, encolhidos nos bancos, os ombros levantados até às orelhas.

— O aquecimento deve estar avariado — alvitrou ela antes de olhar para Rhys. — Ainda bem que trouxeste um casaco.

— E ainda bem que venho de um país em que «gélido» e «húmido» deveria estar escrito na bandeira ou ser uma espécie de lema — disse Rhys.

Vivi abriu a boca para lhe perguntar sobre Gales. Mas fechou-a rapidamente, abanando a cabeça à medida que se dirigiam para as Coleções Especiais. Já era suficientemente mau que Rhys tivesse descoberto que ela estudara história de Gales na faculdade e no mestrado. Não precisava de fazer mais conversa de circunstância com ele e, inadvertidamente, revelar demasiado.

Não que ela tivesse estudado Gales por causa de Rhys — definitivamente, não era o caso. De maneira nenhuma. Sim, ele ter falado disso naquele verão despertara-lhe o interesse, mas não se dedicam anos da nossa vida a estudar um tipo com quem se saiu uns três meses e que falou do assunto uma vez.

Tal como ela nunca ter ido a Gales não tinha absolutamente nada que ver com ele. Era um país pequeno, mas ela conseguiria evitá-lo, porque quais seriam as hipóteses...

— Vivienne — sussurrou Rhys, encostando-se tanto a ela que conseguia sentir-lhe o bafo quente na orelha. E agora estava com pele de galinha, e não era do frio. — Estamos numa biblioteca.

Ela deteve-se, confusa, e depois Rhys pôs um dedo à frente da boca.

— Estás a pensar muito alto.

Vivi não sabia se havia de rir ou de lhe bater, por isso decidiu ignorá-lo.

E se sorriu um pouco ao virar-lhe as costas, isso era com ela.

Havia alguma coisa de errado com aquela biblioteca.

Rhys não tinha estado assim em tantas bibliotecas ao longo da vida, mas estivera nas suficientes para saber que não transmitiam aquela sensação. Raios, nem a casa de família dele, o lugar mais assustador na porra deste mundo, pelo menos para Rhys, o fazia sentir-se assim.

Não era apenas o frio no ar, apesar de ter ficado bem satisfeito com o casaco de cabedal que tinha vestido de manhã quando ele e Vivienne passaram por algumas portas pesadas de madeira para acederem à biblioteca.

Era alguma coisa... sobrenatural. Algo de errado.

E essa sensação percorria-lhe a pele de uma maneira que ele não gostava.

Vivienne também a sentia. Percebeu isso pelo modo como ela não parava de olhar à volta. Mas como ela não dizia nada, também não seria ele a tocar no assunto, apesar de saber que os dois estavam a pensar a mesma coisa: Teria aquilo alguma coisa que ver com a maldição e as Linhas de Ley?

Passaram por longas filas de estantes, com o espaço entre elas a tornar-se cada vez mais apertado até terem de andar um atrás do outro, com Vivienne à frente. Naquele dia, ela levava o cabelo preso em cima num carrapito emaranhado, e apesar de tudo, Rhys tinha uma enorme vontade de lho soltar.

O que faria Vivienne se ele o fizesse?

«Dava-te um pontapé nos tomates, era o que merecias», lembrou a si próprio, e, afastando esses pensamentos, continuou a seguir Vivi pelo labirinto de estantes.

Por fim, surgiu uma abertura entre as estantes e viram-se numa sala circular sombria, com uma monumental secretária de carvalho no centro, tão alta que o queixo de Rhys mal tocava na borda. Vivienne, mesmo alta como era, tinha de se pôr em bicos dos pés para ver o tampo.

— Doutora Fulke? — chamou ela suavemente, e surgiu de repente o rosto enrugado de uma idosa.

— Menina Jones?

Sorrindo de alívio, Vivienne balançou-se nos calcanhares e ajeitou a carteira no ombro.

— Sim. Este é o meu... assistente de investigação — apresentou, apontando o polegar em direção a Rhys, que levantou o olhar para a idosa atrás da secretária, interrogando-se se tudo aquilo iria realmente funcionar. Se ela era uma bruxa e trabalhava em Penhaven, havia grandes hipóteses de saber quem ele era.

Mas a mulher à secretária não pareceu dar muita importância. Mal olhou para Rhys antes de acenar com a cabeça e escrever qualquer coisa no computador à sua frente.

— Duas horas — disse ela, e ouviu-se um ligeiro zumbido quando a máquina imprimiu uma etiqueta que a idosa entregou a Vivienne, que se virou para a entregar a Rhys.

Lia-se: CONVIDADO DE V. JONES. Em baixo tinha um pequeno carimbo com o tempo. Rhys franziu as sobrelanceiras.

— Isto é... muito mais prosaico do que eu estava à espera.

— Vivemos no século XXI — recordou a doutora Fulke, do seu pedestal, cruzando os braços sobre o peito delgado. — Perdoe-nos por não escrevermos o seu nome em velino com uma pena.

— Bem, o *velino* não seria necessário, mas uma pena teria sido...

— Obrigada, doutora Fulke — interrompeu rapidamente Vivienne, puxando Rhys para que se afastassem.

— Teu assistente de investigação? — perguntou ele enquanto se embrenhavam nas pilhas de livros.

— Foi a primeira coisa de que me lembrei — sussurrou ela. — E, para dizer a verdade, não é *completamente* falso.

Ela deteve-se quando chegaram às traseiras da sala, apontando para uma fila de portas.

— Tira o que conseguires encontrar numa daquelas salas e encontramo-nos aqui dentro de mais ou menos uma hora, assim que eu acabar a aula. Se precisares, podes pedir ajuda à doutora Fulke ou a outro dos bibliotecários, mas não...

— Vivienne. — Fez com que ela parasse ao aproximar-se mais dela, estendendo as mãos para lhas pôr nos ombros, antes de pensar melhor e dar um passo atrás novamente. — Sou um homem adulto. Acho que consigo pedir ajuda sem revelar todo o plano — disse, em vez do que realmente ia dizer.

A forma como ela comprimiu os lábios mostrou-lhe que talvez não acreditasse nisso, embora assentisse na mesma.

— Ótimo. Eu ajudo quando voltar.

Dito isto, virou-se para se ir embora num remoinho de cabelo dourado e saia preta, deixando Rhys sozinho na imensidão sombria da biblioteca.

Não apenas sombria, mas *densa*. Magia antiga, verdadeiramente antiga, coisas profundas, ressoavam na sala como uma corrente elétrica, o tipo de magia que nos faz sentir um pouco desconfortáveis, com a pele subitamente demasiado sensível, uma ligeira dor de dentes.

Com um esgar, Rhys encolheu os ombros e avançou mais na divisão.

Quinze minutos depois — e sem assistência alguma, obrigadinho, Vivienne Jones —, Rhys transportava uma pilha de livros em direção a uma das portas na parte de trás.

A sala de leitura era minúscula, sem janelas e quase claustrofóbica. A única luz provinha de um candeeiro de vidro de teto e apenas tinha uma enorme mesa de madeira, uma tábua antiga de carvalho que também parecia conter algumas propriedades mágicas. Ao pôr a mão no tampo, Rhys conseguiu sentir uma leve vibração.

Suspirando, abriu o primeiro livro da pilha.

Era quase todo em latim, e Rhys sentiu essa parte do seu cérebro renascer lentamente enquanto lia. Desde a escola que não usava muito o latim e tinha uma espécie de prazer perverso por não ser tão fluente como o pai e os irmãos, insistindo em que se uma magia requeria aquele tipo de esforço, não valia a pena.

Talvez agora se arrependesse.

Só um pouquinho.

Enquanto lia, não conseguia deixar de pensar no pai, a quem deveria estar a ligar naquele preciso momento, agora, neste minuto, aliás, há várias horas.

Simon haveria de saber o que fazer. Sabia sempre. Mas isso não significava que Rhys já estivesse pronto para falar com o pai.

Seria por ter receio da reação do pai ao perceber que se enganara relativamente a uma coisa?

Ou seria por causa de Vivienne?

Rhys soltou um resmungo e fechou o livro que tinha à frente, levando a mão aos olhos para os esfregar.

Que raio de trapalhada, tudo aquilo.

Como podia explicar a Simon que aquilo não era um tipo de ato de guerra por parte de Vivienne, que se tratava apenas de uma adolescente magoada... magoada por *e/le* ter sido um completo idiota... e de um feitiço que tinha saído fora do controlo? Simon não compreenderia. Provavelmente, Simon nunca fora, tanto quanto Rhys sabia, um verdadeiro adolescente. Parecia ter surgido de uma nuvem, ou coisa do género, já completamente adulto e assustador.

E depois Rhys lembrou-se de alguém a quem podia ligar.

Simon estava excluído, mas *havia* a versão mais nova e ligeiramente menos assustadora de Simon.

Rhys pegou no telemóvel e rapidamente fez as contas para saber que horas seriam em casa. Ligou.

Cinco minutos depois, estaria profundamente arrependido daquela decisão.

— Tens de vir para casa.

— Ir para casa? Todo amaldiçoado e isso? Wells, sei que não sou a tua pessoa preferida no mundo, mas desejares a minha morte é um pouco excessivo.

— Não desejo a tua morte, seu imbecil, mas é óbvio que não podes ficar aí com uma congregação de bruxas que te amaldiçoaram.

Suspirando, Rhys fechou os olhos e apertou a cana do nariz com o polegar e o indicador. Era precisamente aquilo que o tinha preocupado.

— Estás a fazer com que as coisas pareçam piores do que realmente são. Não foi bem isso que aconteceu, foi...

— Não me interessa o que aconteceu — disse Wells, e Rhys quase conseguia vê-lo atrás do balcão do bar, carrancudo, ao telemóvel. — Tens de voltar para casa e tens de falar com o pai acerca disto.

— Ou — sugeriu Rhys — um segundo plano também bastante sólido. Não faço nenhum dessas coisas e tu ajudas-me a encontrar uma maneira de me livrar desta maldição sem envolvermos o pai.

No outro lado da linha, Llewellyn bufou de tal maneira que Rhys praticamente sentiu.

— Posso tentar saber.

— Discretamente.

Wells soltou um som áspero.

— O dia em que precisar das tuas indicações sobre como ser discreto será o dia em que me atiro da Montanha Snowdon.

— Algo por que ansiar, então — respondeu Rhys, num tom jovial, e houve uma pausa do outro lado da linha antes de Wells responder.

— A sério, companheiro. Tem cuidado. Seria... Se alguma coisa te acontecesse... Eu sei que nós...

Endireitando-se, Rhys olhou horrorizado para o telemóvel.

— Oh, meu Deus, Wells, por favor, para com isso.

— Tens toda a razão — concordou Wells, aclarando a garganta. — De qualquer forma, tenta não morrer. Como teu irmão mais velho, tenho direito ao primeiro tiro para te matar, e Bowen ao segundo, por isso seria muito desleal da tua parte sucumbires nos confins da América sem nos dares essa oportunidade.

Aliviado por voltarem às piadinhas e não à partilha de verdadeiros sentimentos, Rhys assentiu e bateu com a caneta na mesa.

— É justo, meu caro.

Terminou a chamada e voltou a colocar o telemóvel no bolso, desejando sentir-se melhor com aquilo tudo. Ter Wells

do seu lado era definitivamente uma vantagem, mas não o suficiente.

Rhys precisava de descobrir como quebrar aquele feitiço o mais depressa possível. E até agora os livros não tinham propriamente ajudado.

Oh, havia informações sobre maldições, mas principalmente sobre como lançar uma. Aparentemente, nunca uma bruxa quisera *quebrar* uma.

Típico.

Na altura em que Vivienne entrou na sala de leitura, uma hora e tal depois, os olhos de Rhys ardiam do esforço de tentar interpretar textos minúsculos, o cérebro doía-lhe de toda a tradução e a mão estava contraída de ter escrito todos os pedacinhos de informação que pudessem ser úteis.

Ainda assim, sentia que não tinha aprendido mais do que já sabia quando ali entrou.

— Suponho que não tenhas trazido café — perguntou a Vivienne, sem levantar o olhar. Tinha acabado de se deparar com uma história sobre um agricultor escocês que suspeitava que as suas colheitas tinham sido amaldiçoadas e tentara reverter o feitiço.

Pela ilustração, a coisa parecia ter acabado com ele a transformar-se num enorme gato. O que já era melhor do que nada.

— Se eu tentasse trazer café para esta parte da biblioteca, a doutora Fulke pendurava-me pelas unhas dos pés, por isso, não — respondeu Vivienne, empoleirando-se na ponta da mesa.

Ao fazê-lo, Rhys sentiu novamente aquele cheiro doce, quase açucarado, que se agarrava à pele dela, o que o fez apertar a caneta com os dedos.

— Como está a correr? — perguntou ela, inclinando-se para ver o que Rhys estava a escrever. Ele recostou-se na

cadeira, abanando um pouco os ombros para aliviar alguma da tensão que aí se acumulara.

— Não muito bem — admitiu. — Mas, para ser franco, estou a ler há pouco tempo. E, claro, como não posso alertar os outros bruxos sobre o que estou aqui a fazer, tenho andado um pouco às escuras.

Vivienne franziu a testa, aparecendo-lhe uma pequena ruga sobre o nariz, o que fez Rhys querer tocar-lhe para a alisar com o dedo.

Então, ela levantou-se.

— Bem, agora estou aqui e posso ajudar. Que livros ainda não viste?

Trinta minutos depois, ela suspirou e fechou o último livro. A lombada estalou de forma sinistra.

— Bem, este é inútil.

Inclinando-se sobre a mesa, agarrou noutro dos livros da pilha, mas Rhys abanou a cabeça assim que os seus dedos tocaram na capa.

— Já tentei esse.

— E este? — interrogou ela, batendo com os dedos noutro livro. Rhys mal olhou antes de abanar com a cabeça.

— Também inútil.

Vivienne sentou-se direita na cadeira.

— Muito bem, então, todo este esforço foi em vão.

Rhys olhou para ela.

— Achavas que isto ia ser fácil?

Levantando-se da cadeira, Vivienne esfregou a parte de trás do pescoço.

— Não, mas... não devia ser tão difícil reverter uma maldição. Especialmente uma maldição tão estúpida. — Levantou as mãos e acrescentou: — Quero dizer, nós os dois nem éramos nada de especial.

Rhys estava cansado. Estava irritado. E estava literalmente amaldiçoado. Talvez por isso aquelas palavras... o tivessem irritado.

Mais do que irritado, na verdade.

Enfureceram-no.

— Éramos o suficiente para me amaldiçoares quando me fui embora.

Vivienne franziu o sobrolho, a mão novamente na parte de trás do pescoço.

— Tu não te foste embora — lembrou-lhe ela. — Eu *fui-me embora* depois de te lembrares subitamente de que estavas *noivo*.

Inclinando a cabeça para trás, de forma a olhar o teto, Rhys suspirou.

— Eu não estava *noivo*, estava *comprometido*, o que não é...

— Eu sei — disse ela, levantando-se. — Não é a mesma coisa.

Como tentaste informar-me na altura, mas tenho de te dizer, Rhys, na altura eu não estava com pachorra para semânticas, e agora ainda menos.

Tinha ele esquecido de como ela conseguia ser frustrante ou aquela era uma nova característica, outra faceta da Vivienne Adulta que ele desconhecia?

Rhys levantou-se e aproximou-se dela, apercebendo-se subitamente de quão pequena era a sala de leitura, quão perto estavam um do outro.

Que diabo, ele devia ir para casa. Para Gales. Ele devia dizer «merda para tudo isto» e ir-se embora.

Em vez disso, disse:

— Esse verão foi importante, Vivienne. Significou alguma coisa.

Os lábios dela estavam semiabertos, a respiração rápida, e cada célula do corpo de Rhys queria tocar-lhe, apesar de mentalmente ouvir gritos para se afastar.

Vivienne semicerrou os olhos e aproximou-se dele.

— Foi um namorico de três meses do qual mal me lembro.

— Tretas — refutou ele.

— Exatamente o contrário de tretas.

Ela fitava-o ostensivamente, os punhos fechados ao lado do corpo enquanto ele se aproximava.

— Então, não te lembras da primeira vez em que nos beijámos? Rhys lembrava-se. Lembrar-se-ia até ao dia em que morresse.

Estavam sentados no cimo de um monte, a noite era de um violeta suave à volta deles, no ar o cheiro a fogueiras e verão, quando ele perguntou se a podia beijar, quase sustendo a respiração, querendo que ela dissesse que sim mais do que qualquer outra coisa que alguma vez desejara na vida.

— Beijeí muitos rapazes — disse Vivienne, encolhendo os ombros. — Passado uns tempos, ficam todos misturados.

— Ai ficam? — soltou Rhys. De repente, ele e Vivienne estavam muito, muito próximos, tão próximos que era possível ver-lhe as pupilas dilatadas, o sangue a subir-lhe pelo pescoço.

— Ficam — respondeu ela, descendo o olhar sobre a sua boca. — Talvez não fosses assim tão memorável.

— E se eu te beijasse agora — disse Rhys, com a voz a tornar-se mais grave ao baixar o olhar sobre ela —, isso iria refrescar-te a memória?

Ela ia mandá-lo à merda. Ou dar-lhe um estalo. Talvez uma joelhada entre as pernas. Eram tudo coisas para as

quais ele estava preparado.

Do que Rhys não estava à espera era que ela se aproximasse ainda mais dele, encostando peito com peito, anca com anca.

— Força.



Capítulo 15

No momento em que os lábios dele tocaram os dela, Vivi percebeu que tinha cometido um erro terrível.

Seria de mais pensar que os anos de separação tivessem tornado Rhys pior a beijar. Mesmo com a maldição.

E claro que ela lhe mentira ao dizer-lhe que não se lembrava do beijo dele. Ela lembrava-se de tudo o que lhe dizia respeito. Cada beijo. Cada toque.

Aqueles meses com Rhys Penhallow tinham sido material de fantasia ao longo dos anos, um livro de memórias interdito a menores.

Mas, afinal, talvez não tivesse andado a mentir, porque ao beijá-lo, apercebeu-se de que não se lembrava exatamente de como era bom. Como *e/le* era bom naquilo.

Ele beijou-a como se estivesse desejoso de a beijar cada dia dos últimos nove anos, um suave rugido a emergir-lhe do peito quando as línguas se tocaram. E Vivi sentiu aquele som até aos dedos dos pés.

Com as mãos a envolver o rosto dela, Rhys inclinou a cabeça e aprofundou o beijo. Os dedos de Vivi apertaram-lhe os ombros, desejando, precisando de estar tão perto dele quanto pudesse.

Ao inclinar-se para trás, puxando-a com ele, tocou com a perna na mesa. Vivi ouviu quase à distância o instável monte de livros cair ao chão, enquanto se virava e se encostava à borda da mesa, sem nunca tirar as mãos dele, os olhos fechados, o sangue tão quente nas veias que estava surpreendida por não ter a pele a fumegar.

— Diabos, tinha-me esquecido — murmurou ele, encostado ao pescoço dela, a boca a arder. — Como é que me tinha esquecido?

Vivi apenas conseguia abanar a cabeça, porque ela também se tinha esquecido. Ou talvez «esquecido» não fosse a palavra certa. Ela desviara a memória daquela ligação, daquele calor, da sua mente juntamente com tudo o resto que dizia respeito a Rhys. Não se permitira lembrar quão bom era entre os dois, porque isso significava que aquele namoro de verão que tivera aos dezanove anos tinha, de alguma forma, superado todos os relacionamentos da sua vida adulta, e isso era demasiado deprimente.

Ou se calhar tiveste medo, lembrava-lhe uma vozinha no fundo da mente. Porque se ele era o melhor, perdeste-o cedo de mais.

As mãos dele deslizavam-lhe agora nas ancas, recolhendo o tecido da saia, e apesar de Vivi dizer a si própria que estaria completamente louca se fosse ter sexo com um ex na *porra de uma biblioteca*, não estava a impedi-lo. Na verdade, estava a ajudá-lo, afastando com as mãos o casaco sobre os seus ombros largos enquanto se instalava melhor na borda da mesa.

Rhys estava em pé entre as suas pernas e ela conseguia senti-lo, duro e quente através da ganga das calças, empurrando contra as suas coxas enquanto a continuava a beijar. Vivi pôs uma mão atrás de si na mesa para que ele a conseguisse apertar ainda mais.

O som que ele soltou quando ela o envolveu com as pernas provocou-lhe um choque elétrico pela coluna. Vivi

inclinou a cabeça para lhe dar melhor acesso ao pescoço, os olhos a vaguar fechados enquanto apertava com os dedos a borda do casaco dele.

Rhys beijou-lhe de novo a boca, acariciando com a língua a língua dela, movendo as ancas na direção dela de um modo que a fazia sentir-se algo mais do que enlouquecida.

— Vivienne — sussurrou contra o pescoço dela, a mão na coxa. Ela assentiu com a cabeça, carente e desejosa.

— Toca-me — sentiu-se dizer. — Rhys, por favor...

Ela estava de *collants*, mas conseguia sentir a pressão dos dedos dele ao longo da costura entre as pernas. Contorceu-se para cima ao toque dele, ofegante.

— Certo, então essa parte da maldição definitivamente não funcionou — murmurou ela. Rhys levantou a cabeça, o olhar enevoado de desejo.

— O quê?

— Nada — disse ela, abanando a cabeça. — Faz isso outra vez.

E ele fez. Vivi encostou a cabeça no ombro dele, apertando-lhe a camisola com tanta força que ficou surpreendida por não a ter rasgado.

Aquilo era de doidos. Irresponsável. Estúpido.

£ mesmo assim ela ia fazê-lo.

Quando Vivi ouviu o primeiro grito, o primeiro pensamento da sua mente atordoada pelo prazer foi o de que alguém entrara e os tinha apanhado.

Mas, não, ouviu-se o grito de novo e era evidente que não estava tão próximo.

Rhys também paralisara, com a cabeça ligeiramente inclinada na direção da porta.

— Deduzo que não seja um som normal numa biblioteca.

Ainda meio aturdida com o que estava a acontecer, Vivi abanou a cabeça e piscou os olhos.

— Não, isto é...

O terceiro grito foi seguido de um estrondo grave, e Vivi pôs-se em pé num salto, endireitando a saia com uma das mãos enquanto Rhys lhe agarrava a outra mão, puxando-a na direção da porta.

— Vamos.

Ao saírem da sala de leitura, a doutora Fulke já não estava na sua monumental secretária e olhava para as estantes na zona normal da biblioteca. Tinha o rosto ainda mais enrugado pela preocupação.

— Alguma coisa está errada — disse ela, abanando a cabeça. Vivi teve a sensação de que a doutora Fulke não falava com eles.

Rhys puxou-a através das estantes na direção por onde tinham ido nessa manhã, cada vez mais perto daquele grito horrível.

O mais estranho era que, quanto mais se aproximavam da origem do som, mais o coração de Vivi batia, não apenas de medo, mas com a mesma avassaladora sensação de magia que sentira antes, aquela sensação fria de qualquer coisa errada que surgira desde que tinham entrado na biblioteca.

Ela e Rhys saíram de entre as estantes e o frio quase tirou todo o ar dos pulmões de Vivi. Antes, estava frio. Agora estava gelado, tão gelado que quase doía. Olhou em redor com os olhos muito abertos.

Os alunos estavam encolhidos debaixo das secretárias, amontoados nos cantos. E no centro da sala...

— Aquilo é...? — perguntou Rhys. E Vivi apenas conseguiu dizer que sim com a cabeça, estupefacta.

— É um fantasma.

Rhys olhou para a aparição à sua frente, pensando em como era possível alguém como ele, que crescera onde crescera, nunca ter visto um fantasma antes.

Para dizer a verdade, não acreditava que aquelas coisas fossem verdadeiras, porque, se fossem, não havia melhor lugar para elas do que a Mansão Penhaven.

Esta parecia bastante real.

A mulher tinha um brilho azul-esverdeado, os olhos muito abertos no rosto pálido, os pés a pairar ligeiramente acima do chão. Mas o mais estranho era como estava vestida. Usava calças de ganga, uma camisa de flanela sobre uma *T-shirt* e uns ténis *Converse* com desenhos a caneta nas pontas. Tinha o cabelo preto puxado para trás num rabo de cavalo desgrenhado e olhava fixamente para eles.

Fosse o que fosse de que tivesse morrido, não acontecera há muito tempo. E Rhys achou isso mais perturbador do que conseguia explicar.

O rapaz perto dele, um miúdo magro e alto com uma camisola com capuz da Faculdade de Penhaven e calças de ganga, estava sentado no chão, com as mãos levantadas sobre a cabeça, como se estivesse a proteger-se de um golpe.

— O que raio é aquilo? — perguntou ele a Rhys, e Rhys teve de lutar contra o impulso de lhe responder: *Como é que hei de saber, caraças?*

Vivi aproximou-se um pouco mais da aparição.

— De que é que ela está à procura? — perguntou.

O fantasma continuava a andar para a frente e para trás, a cabeça a balançar de um lado para o outro e, sim, parecia definitivamente estar à procura de alguma coisa nas estantes, o rosto pálido contorcido numa careta.

A seguir, pareceu ter reparado nele.

— Filha da mãe — murmurou Rhys, em voz baixa.

— Eu acho que ela está a olhar para... — começou a dizer Vivienne, mas antes que conseguisse acabar a frase, ouviu-se um grito de *banshee* e o fantasma voou na direção de Rhys.

Por um momento, o frio que Rhys sentia antes pareceu cobri-lo da cabeça aos pés, envolvendo-o como se tivesse caído ao mar.

E a seguir estava a voar.

Bem, não a voar, mais aos trambolhões pelo chão, batendo com as costas numa prateleira. Vagamente, ouviu-a partir-se e oscilar, ouviu os gritos dos alunos na biblioteca, o bater de pés a correr e Vivienne a chamar pelo seu nome. Mas, acima disso tudo, ainda conseguiu ouvir o grito horrível do fantasma, como o guincho da chaleira de satanás, e, ao tentar sentar-se, encolheu-se, agarrado às costelas. Não pareciam partidas, mas estavam definitivamente magoadas, e se aquela coisa decidisse atacá-lo outra vez...

O fantasma estava agora de costas para ele, a atenção centrada nas prateleiras em frente. Rhys observou os dedos espectrais a estenderem-se para tirar um livro e a seguir o fantasma a gritar de frustração quando a sua mão passou através do que quer que estivesse a tentar agarrar. Mesmo assim, tentou uma e outra vez, os movimentos cada vez mais agitados e frenéticos. Rhys engoliu em seco enquanto se esforçava por se levantar.

Vivienne ainda estava ali, em pé, franzindo a testa para a coisa. E quando deu um passo hesitante para se aproximar, Rhys levantou a mão.

— Vivienne! — gritou, e a cabeça do fantasma voltou-se de repente, semicerrando os olhos.

Conseguiu senti-lo a juntar energia, a temperatura na sala baixou ainda mais, estava tanto frio que ele conseguia

ver a sua respiração e cada pelo do seu corpo parecia estar em pé.

Preparando-se para outro ataque, Rhys cerrou os dentes.

Mas então o fantasma deteve-se, flutuando um pouco para a direita, de modo a fixar Vivienne, que ainda ali estava em pé, observando-o como se fosse a peça de um enigma que ainda não conseguira bem decifrar.

Com um som entre o suspiro e o gemido, o fantasma baixou a cabeça e, tão subitamente como uma bolha de sabão a rebentar, desapareceu.

Quase instantaneamente, a sala ficou mais quente. Rhys olhou em redor.

Os poucos alunos na sala tinham fugido, deixando-o e a Vivienne sozinhos entre as secretárias viradas, os livros de estudo abandonados e folhas de papel espalhadas pelo chão. A biblioteca tornou-se subitamente muito calma depois do caos.

Rhys aproximou-se de Vivienne e pegou-lhe nas duas mãos. Estavam geladas e ele esfregou-lhe os dedos com as mãos.

— Estás bem? — perguntou num sussurro.

Momentos antes estavam a beijar-se. Mais do que a beijar-se, na verdade. Rhys sabia quando um beijo era só um beijo e quando era o prelúdio de algo mais. E o que eles tinham estado a fazer naquela sala de leitura definitivamente levaria a algo mais. Ainda conseguia sentir o sabor dela na língua, ainda sentia o calor húmido de quando lhe tocou entre as pernas.

Mas agora ela estava a afastar as mãos das dele e a recuar, o olhar um pouco distante.

— Estou — respondeu ela. — E tu?

Rhys, tocou nas costelas com cautela.

— Nada que um banho quente e um bom *whisky* não resolvam.

Ela assentiu e depois olhou para trás, para as estantes onde o fantasma tinha estado a vasculhar.

— De que é que ela estaria à procura?

— É isso que te preocupa? — perguntou Rhys, levantando as sobrancelhas. — Não o facto de os fantasmas serem reais?

— Sim, isso também — admitiu Vivi, aproximando-se da estante, semicerrando os olhos enquanto lia os títulos. — Já tinhas visto algum antes?

— Definitivamente, não — replicou Rhys, enfiando as mãos nos bolsos com um arrepio. Ainda conseguia sentir o frio sobrenatural do espírito a deslizar e a cair sobre ele, ainda se lembrava de como se sentira subitamente sem controlo sobre o próprio corpo.

Horrível como a porra.

E não tinha apenas sentido o frio... aquela coisa estava *zangada* com ele. Mas porquê?

— Menina Jones.

Na entrada entre a biblioteca normal e as Coleções Especiais estava uma mulher, com a doutora Fulke a pairar nervosamente atrás dela. Podia ter entre os cinquenta e os oitenta anos, de alguma forma simultaneamente sem idade e velha, o cabelo de um branco que contrastava fortemente com a pele escura, e usava, pelo que Rhys conseguia ver, cerca de sessenta e oito cachecóis.

Ao lado dele, Vivi soltou um suspiro profundo.

— Doutora Arbuthnot — disse ela, e depois olhou para Rhys. — Diretora da Feitiçaria.



Capítulo 16

Vivi nunca tinha estado no departamento de Feitiçaria antes e ficou surpreendida ao ver que era muito parecido com os edifícios normais do *campus*, só que mais agradável. Os pavimentos eram de mármore, em vez de linóleo, as paredes forradas a papel de parede verde-escuro com um padrão adamascado e as cadeiras do gabinete da doutora Arbuthnot eram de veludo, em vez de plástico duro e poliéster, como as do gabinete de Vivi.

Mas o gabinete era igualmente pequeno, com apenas uma janela, e quando a doutora Arbuthnot lhe passou uma chávena de chá, Vivi reparou na pilha de trabalhos sobre a secretária à espera de serem avaliados.

— Poderia explicar-me o que é que procura nas Coleções Especiais? — perguntou a doutora Arbuthnot, enquanto se sentava no lado oposto da secretária onde se encontravam Vivi e Rhys.

Vivi não sabia quanto a Rhys, mas ela sentia como se tivesse sido chamada ao gabinete do reitor. Sorveu um pouco de chá, tentando recuperar alguma compostura. Entre o beijo e o fantasma, sentia que lhe tinham estilhaçado o cérebro em milhões de pedaços e sabia que precisava de cada pedacinho desse mesmo cérebro para um frente a frente com a diretora da Feitiçaria.

— Tivemos uma espécie de percalço mágico — replicou Rhys, com um sorriso, enquanto levava a chávena aos lábios. — Qualquer coisa correu mal quando eu estava a recarregar as Linhas de Ley, como é minha responsabilidade enquanto membro da família fundadora desta vila.

Charme e autoridade, geralmente uma combinação vencedora, mas Vivi viu a expressão da doutora Arbuthnot endurecer.

— Um percalço — repetiu ela sem entoação na voz, e depois começou a mexer em alguns papéis que tinha na secretária. — Bem, esse percalço, aparentemente, libertou um fantasma de um feitiço vinculativo muito poderoso, por isso sugiro que o resolvam o mais depressa possível.

— Um feitiço vinculativo? — Vivi inclinou-se para a frente. Já tinha ouvido falar daqueles feitiços, mas eram magia intensa, muito mais sérios do que qualquer coisa que ela tivesse alguma vez tentado. — O fantasma que vimos hoje estava vinculado?

Os cantos da boca da doutora Arbuthnot viraram-se para baixo, mas assentiu com a cabeça.

— Piper McBride, 1994. Uma das nossas melhores alunas. Infelizmente, ficou demasiado interessada nas artes obscuras e ao tentar contactar para lá do véu, acabou por se sacrificar acidentalmente. É por isso que somos tão rigorosos em relação a determinados tipos de magias proibidas. Quando se brinca com as coisas erradas, elas matam, como a Piper aprendeu da pior maneira. — A doutora Arbuthnot colocou novamente os papéis na secretária, com uma expressão distante. — E quando um bruxo morre em resultado de magia negra, não temos outra hipótese que não seja vincular-lhe o espírito.

Vivi nunca ouvira falar em tal coisa, mas fazia sentido. A magia era energia, mais ou menos. Usada em excesso, podia sugar-nos a força vital. E caso se morresse a fazer

algo particularmente poderoso, essa energia tinha de ir para algum lado.

Como para a criação de um fantasma.

— Mas agora — disse a doutora Arbuthnot, novamente num tom ríspido — o feitiço que vinculava o espírito da Piper quebrou-se, por isso ela está livre para provocar o caos. O que, obviamente, nos preocupa.

Entrelaçando os dedos, a doutora Arbuthnot colocou as mãos sobre a secretária, observando Rhys e Vivi.

— As zonas normais da faculdade e as mais... especializadas vivem em harmonia. Algo que, julgo, sabe muito bem, menina Jones. Mas fantasmas na biblioteca vão obviamente perturbar imenso a administração.

Vivi sentiu uma pequena parte da sua alma verdadeiramente a definhar sob o olhar da doutora Arbuthnot.

— Completamente — concordou. — E é por isso...

— E é por isso que vão resolver este assunto — respondeu a doutora Arbuthnot, destacando bem cada palavra. Vivi concordou com a cabeça de um modo tão entusiástico que ia entornando o chá.

— Sim, sim, claro que vamos.

— Ótimo. — Olhou para eles por um momento e depois agitou uma das mãos na direção da porta. — Agora, podem sair os dois.

Rhys e Vivi colocaram as chávenas de chá na secretária tão rapidamente que elas tilintaram, apressando-se para a porta.

Uma vez do outro no lado do *campus* e em segurança, abrigados no gabinete de Vivi, Rhys inspirou profundamente, refastelando-se na cadeira oposta à secretária dela.

— Bem, agora entendo o teu ponto de vista.

— Obrigada — disse ela, pressionando uma mão sobre o peito como se isso fosse impedir o coração de saltar peito fora. — São intensos, não são?

— Extremamente. E de que forma podemos revincular um fantasma?

Abanando a cabeça, Vivi deu a volta à secretária e sentou-se na sua cadeira.

— Não faço ideia. Mas temos de o fazer.

Então, nesse momento, ocorreu-lhe uma ideia, que tomou forma tão rapidamente que ela quase conseguia vê-la.

— Rhys — disse, colocando as palmas das mãos sobre a secretária.

Ele olhou-a, desconfiado.

— Sim?

— Isto é o que temos de fazer. Vai demorar um pouco até descobirmos como acabar com a maldição, mas enquanto isso podemos pelo menos ir resolvendo todos os problemas que a maldição causou. Do mesmo modo que resolvemos as coisas na loja, ontem à noite.

Rhys olhava para ela como se lhe tivesse crescido outra cabeça.

— Nós não resolvemos nada, a tua tia é que resolveu.

Vivi limitou-se a abanar a cabeça, sentindo que alguma daquela culpa horrível diminuía. Eles podiam fazer aquilo. Entre os dois. Emendar os erros que inadvertidamente tinham causado.

— Mas tu conseguiste convencer aquelas raparigas de que nada de estranho tinha acontecido. O que podia ter sido uma chatice das grandes acabou por não o ser.

— Em primeiro lugar, foi definitivamente muito próximo de uma chatice das grandes — disse Rhys, tirando o casaco

e colocando-o nas costas da cadeira. — E em segundo lugar, Vivienne, não podemos andar a apagar fogos à esquerda e à direita, principalmente quando não sabemos qual é o aspeto desses fogos.

— Talvez não — reagiu Vivi, recostando-se. — Mas podemos tentar.

— Aprecio o teu otimismo, Vivienne, aprecio mesmo.

Ela fez-lhe uma careta.

— Não sejas cínico, Rhys. Não em relação a isto.

— Geralmente, não sou — disse ele. Expirou profundamente, passando a mão pelo cabelo, que voltou ao lugar na perfeição, fazendo completamente Aquela Coisa, e Vivi gemeu interiormente. De facto, não era justo. Todas as partes *más* da maldição e nenhuma das partes tontas? Que tipo de acordo era aquele?

Uma completa treta, no que a Vivienne dizia respeito.

Subitamente, o telemóvel de Rhys zumbiu no bolso e ele tirou-o com uma careta, murmurando:

— Oh, que chatice.

— O que foi?

— Algo correu mal no trabalho — disse Rhys, sem tirar os olhos do telemóvel enquanto o polegar se movia freneticamente no ecrã.

De repente, Vivi sentiu uma pontada de frio no estômago.

— É por causa disto tudo? *É por minha causa?*

— Claro que não — respondeu imediatamente Rhys, levantando o olhar por um instante para lhe sorrir. — Acontecem merdas nos negócios das viagens.

Estava a mentir. Vivi sabia disso. Em primeiro lugar, ele não era muito bom a mentir, os olhos, de alguma forma, denunciavam-no. E em segundo lugar, ela sabia que parte da magia de Rhys implicava sorte. Que melhor

característica quando se planeiam viagens para pessoas? Se algo estava a correr mal, era por causa da maldição, o que significava que era, de facto, por causa dela.

Rhys seria completamente justo se a culpasse, mas, em vez disso, estava a tentar fazer com que ela se sentisse melhor.

Isso também era profundamente injusto.

— Companheiro! — disse ele animadamente ao telefone, a postura tensa, apesar de a voz revelar charme e à vontade. — Ouvi dizer que te meteste numa bela enrascada.

— *Bela enrascada?* — murmurou-lhe Vivienne, e ele revirou os olhos, encolhendo os ombros enquanto se ajeitava na cadeira.

— Não, não, não há problema nenhum — dizia Rhys, ao mesmo tempo que procurava freneticamente alguma coisa na secretária. Vivi passou-lhe um bloco e uma caneta, e ele agradeceu-lhe, levantando o polegar enquanto se inclinava para escrever qualquer coisa no bloco.

— Eu resolvo-te tudo isso, não há problema.

Nos dez minutos seguintes, Vivi ficou sentada à secretária e viu Rhys transformar-se, de alguma forma, do jovial e despreocupado charmoso que ela conhecia no homem mais competente do planeta.

Foram feitos telefonemas. Foram tiradas notas. Mais telefonemas e depois vários *e-mails*. A determinada altura, arregaçou as mangas e sentou-se à frente dela, com o telemóvel encostado à orelha e os cotovelos apoiados nas pernas amplamente abertas. Vivi quase se derreteu.

Finalmente, quando terminou todos os telefonemas e *e-mails* e textos e sabe-se lá que mais, Rhys recostou-se na cadeira, relaxando tanto que ficou com a cabeça encostada ao espaldar. Vivi *não* deu um salto da sua cadeira para o

colo dele, o que era uma demonstração de grande contenção, pensou.

Ainda assim, algo transpareceu na sua cara porque ele olhou para ela intrigado.

— O que foi?

Abanando a cabeça, Vivi aclarou a voz e agarrou na coisa menos *sexy* de que se lembrou, uma cópia do seu plano de estudos.

— Nada.



Capítulo 17

— Um fantasma — disse Gwyn, olhando por cima do ombro para trás, na direção de Vivi. Estavam na *Something Wicked*, mas Gwyn pusera a placa de FECHADO assim que Vivi entrara, e naquele momento colocava nas prateleiras os diários de capas de cabedal e os grimórios.

Vivi assentiu e apoiou os cotovelos no balcão.

— Um fantasma.

— Tipo o Gasparzinho.

Vivi abanou a cabeça.

— Muito mais assustador, acredita.

O mais resumidamente que pôde, contou a Gwyn o que acontecera na biblioteca, acrescentando:

— Mas o grande problema...

— Há um problema maior do que um maldito fantasma?

— Hum-hum. Agora os bruxos da faculdade também estão envolvidos.

Foi a vez de Gwyn revirar os olhos.

— Esses esquisitoides.

Os bruxos que trabalhavam em Penhaven sempre se tinham mantido afastados de Vivi e da sua família, provavelmente porque a maior parte deles era de fora e,

suspeitava Vivi, por não gostarem da loja. Era bem sabido que eles nunca lá punham os pés. Eram demasiado sérios, demasiado académicos em relação à magia para aquele tipo de coisas.

Eles é que ficam a perder, pensava Vivi, enquanto analisava o monte de cristais amontoados sobre veludo púrpura no balcão.

— De qualquer forma, eles querem que «resolvamos isto», pelo que, acho eu, também pertencemos ao grupo dos esquisitoides.

Gwyn bufou.

— Fala-lhes da maldição. Na próxima semana, terás um trabalho de cinquenta páginas sobre maldições, mas provavelmente nenhuma solução real.

— O Rhys diz que estávamos a ser *snobs*.

Gwyn assobiou.

— Oh, meu Deus, um Rapaz Bruxo Penhallow a chamar *snob* a *alguém* é do caraças. E diz-lhe que eles foram mal-educados com a minha mãe primeiro.

— Eu tentei — revelou Vivi —, mas não queria realmente entrar por aí, percebes? Quanto menos falarmos, eu e o Rhys, melhor.

Não acrescentou que enquanto falavam também se beijavam, o que era todo um outro problema.

Na verdade, Vivi não conseguia acreditar que aquilo realmente acontecera. Mesmo agora, parecia um sonho, ou uma coisa que tivesse acontecido a outra pessoa. Certamente não teria sido tão *completamente estúpida* ao ponto de andar aos beijos com Rhys como se fosse... o quê? Um desafio? Uma aposta?

Antes de mais nada, era por isso que ela tinha acabado naquela situação. Costumava ser uma pessoa muito racional e calma, e Rhys Penhallow fazia-a perder

completamente a cabeça. E era por isso que tinham de quebrar a maldição e mandá-lo embora o mais depressa possível, antes que fizesse alguma coisa realmente parva como ir para a cama com ele.

Outra vez.

Gwyn terminou os seus arranjos e virou-se, limpando as mãos às ancas.

— Bem — começou ela —, a minha mãe vai ficar encantada...

Deteve-se de repente, de olhos fixos em Vivi.

— O que foi?

Semicerrando os olhos, Gwyn inclinou-se sobre o balcão e aproximou-se.

— Vivienne Jones. O que aconteceu hoje entre ti e o Rhys?

— Nada — respondeu muito rapidamente Vivi, mas o facto de ela se sentir a corar não ajudava muito.

E Gwyn sabia-o. Com um guinchinho, bateu palmas.

— Ele deu-te uma queca no teu gabinete?

— O quê? Não!

— Na biblioteca?

— Não — repetiu Vivi, afastando-se do balcão e ficando subitamente muito interessada no expositor com as cartas de tarô. — Nada de quecas.

O que era verdade. Ela e Rhys não tinham feito mais do que se beijarem. Tecnicamente.

Mas, e se não tivessem sido interrompidos?

Vivi nunca fora adepta de sexo em sítios públicos, mas esquecera-se de que Rhys a fazia sentir-se assim, como se morresse se não pudesse estar com ele naquele segundo. Como se a pele dela estivesse muito apertada e a dele

estivesse muito longe, como se ela quisesse entrar dentro dele.

E era por isso que ele era perigoso. Perdera a cabeça com ele uma vez e veja-se o que aconteceu.

— Miúda, se beijá-lo te faz ficar com essa cara, digo-te, estou menos surpreendida por teres ficado tão devastada quando vocês acabaram. A coisa toda da maldição faz agora muito mais sentido.

— Ha-ha — respondeu Vivi, antes de tapar a cara com as mãos e suspirar. — Foi só... uma coisa tão estúpida.

— Querida, uma vez mais, tinhas dezanove anos e estavas mesmo chateada, e...

— Não é isso. Quero dizer, sim, isso está bem lá em cima no estupidómetro, mas estava a referir-me a tê-lo beijado hoje. Só complica as coisas.

— Como?

Vivi limitou-se a olhar para ela e Gwyn levantou ambas as mãos.

— Não, a sério. Como? Já não tens dezanove anos. Não vais achar que ele é o tal e começar a fazer planos para casar com ele numa colina com coelhinhos a saltitarem à volta.

— Coelhinhos?

— Não te desconcentres. És uma mulher adulta a passar por um momento stressante na tua vida, e agora o teu ex todo bom voltou e quer beijar-te de cima a baixo. Aproveita enquanto podes.

Vivi não conseguiu evitar sorrir, passando com os dedos num dos cristais que estava no balcão.

— Essa foi sempre a tua filosofia, Gwyn, mas não a minha.

— Mas também podia ser a tua — insistiu Gwyn. —
Porque não?

Vivi percebeu que, de facto, não tinha uma resposta para aquilo.

O beijo tinha sido bom. Muito bom.

Porque é que não o poderia repetir, se quisesse?

O corvo sobre a porta chiou e Vivi e Gwyn viraram-se. Era Rhys. Estava diferente desde aquela manhã, apesar de continuar com as habituais calças de ganga e camisola, esta verde, e Vivi teve de suster um suspiro quando o viu.

Mas Gwyn apercebeu-se disso, lançando-lhe um olhar quando ela se virou para acabar de arranjar as prateleiras.

— Olá, imbecil — saudou Gwyn. Rhys levantou uma das mãos.

— Também fico feliz por te ver, Gwyn. Deduzo que a Vivi te tenha contado sobre o nosso encontro, esta manhã?

Vivi deixou cair o cristal ao chão, provocando um som surpreendentemente alto na loja silenciosa. E o sorriso de Gwyn ao olhar sobre o ombro era, sem dúvida, de satisfação.

— Oh, ela contou-me.

— *Gwyn* — sibilou Vivi, mas Rhys não pareceu incomodado ao aproximar-se do balcão.

— Confesso que nunca pensei que iria ver um fantasma — continuou ele, enquanto Vivi revirava os olhos para si própria.

Claro. Ele estava a falar do fantasma, não do que se passara entre os dois.

Mas então, quando se pôs perto dela, apoiando os cotovelos no balcão, pareceu-lhe ver os cantos da boca dele levantarem-se ligeiramente.

— Há poucas coisas em que consiga pensar que sejam mais deprimentes do que assombrar uma biblioteca — disse Gwyn. — Pelo menos num cemitério ou algo do género há coisas para fazer, percebem? Uma estética a manter. Mas ficar preso numa biblioteca porque nos esquecemos de pagar uma multa em 1994 ou uma coisa assim? É uma treta.

— Eu acho que ela estava à procura de alguma coisa — sugeriu Vivi, tentando ignorar quão perto Rhys estava dela, como cheirava tão bem. Teria ele tomado banho depois de terem estado na biblioteca? Devia ter tomado. Ou talvez cheirasse sempre bem... Certo, tinha de se controlar.

Aclarando a garganta, afastou-se do balcão.

— O que também é estranho é ela só ter aparecido agora.

— É por causa da maldição, certo? — perguntou Gwyn, descendo do escadote.

Rhys assentiu, virando ligeiramente o corpo para Vivi.

— Ou das Linhas de Ley, para sermos específicos.

— O que mais podem as Linhas de Ley amaldiçoadas fazer? — interrogou Gwyn, franzindo a testa enquanto observava os dois. — Brinquedos demoníacos, fantasmas...

— Não sabemos — admitiu Vivi, com um suspiro. — E é essa a questão. Toda a magia da cidade está descontrolada e... aleatória. Por isso, qualquer coisa pode acontecer.

Pensou novamente no rosto desvairado do fantasma na biblioteca, na maneira como os olhos se moviam impacientemente pelas prateleiras. Parecia confuso e assustado, e isso era culpa... dela.

A sua maldição tinha causado aquilo.

Uma maldição que ela não estava mais perto de conseguir quebrar.



Capítulo 18

Depois do dia que teve, Rhys precisava de cafeína, e como o café ficava mesmo perto da *Something Wicked*, sugeriu a Vivienne que fossem os dois.

Ao caminharem para lá, teve de admitir que Graves Glen era um local bonito. O sol estava a pôr-se atrás das montanhas baixas que rodeavam a vila, com o céu a ficar de um tom escuro de púrpura. As luzes penduradas entre os candeeiros de rua tremeluziam e em cada montra de loja havia alguma decoração fascinante — um monte de abóboras, bruxas de cartão em vassouras, mais luzes decorativas.

— É como estar num postal — observou Rhys. — «Saudações da Vila do *Halloween*».

Vivienne riu-se e cruzou os braços.

— Concordo.

— Vejo que gostas de viver aqui.

— É definitivamente um bom sítio para se ser bruxa. Mesmo que secreta.

— Tecnicamente, os bruxos são todos secretos — lembrou Rhys —, mas entendo o que estás a dizer.

A noite arrefecera, mas era o tipo de frio doce e suave que surgia nas noites perfeitas de outono, não o frio

sobrenatural da biblioteca. Gales tinha noites daquelas, mas mais cedo na estação e geralmente não tão brandas.

Mesmo assim, ao caminhar pelas ruas empedradas com Vivienne, Rhys sentiu a instalar-se nos ossos umas estranhas saudades de casa. Vivienne pertencia àquele lugar, perfeitamente encaixada como uma joia.

E ele, pertencia aonde?

Não querendo seguir aquela linha de pensamentos piegas, Rhys cutucou Vivienne com o cotovelo e disse:

— Então, como é que isto funciona aqui? A coisa da feitiçaria secreta. Em particular na faculdade. Consegues identificar os outros bruxos, certo?

Encolhendo os ombros, Vivienne pôs uma madeixa de cabelo solto atrás da orelha.

— Geralmente. E, para dizer a verdade, não é assim tão difícil manter um segredo escondido das pessoas. Hoje em dia, muitas pessoas interessam-se por feitiçaria, pelo que não é assim tão estranho ter curiosidade por esse tipo de coisas.

— Ou ter uma loja — completou Rhys, e ela assentiu.

— Ou isso.

— Mas os outros alunos não sabem que andam na faculdade com bruxos, certo?

— Certo — confirmou Vivienne, enquanto entravam no café. Como qualquer loja ou restaurante ao longo da rua principal, estava decorado para o *Halloween*, com pequenas abóboras empilhadas à frente da janela e sobre a porta uma grinalda de luzes que pareciam pequenos caldeirões.

Ao entrarem, Rhys manteve a porta aberta para uma família com um bebé embrulhado numa manta no carrinho, sorrindo para o bebé ao passarem. Quando subiu de novo o olhar, Vivienne observava-o com um ar estranho.

— O que foi? — perguntou ele, mas ela limitou-se a abanar a cabeça e fez um gesto para o balcão.

— Chá?

— Chá — confirmou ele.

Depois de fazerem o pedido — pequeno-almoço inglês básico para Rhys, algo com mel e alfazema para Vivienne —, dirigiram-se para uma mesa perto das traseiras e subitamente Rhys ficou muito consciente de como aquele ambiente era acolhedor... íntimo.

— Então.

— Então.

Ficaram ali sentados com as chávenas de chá fumegante sobre a mesa, mas nenhum se mexeu para beber. Em vez disso, Rhys olhou para Vivienne e ela olhou para todo o lado *menos* para ele, os dedos a mexerem-se nervosamente nas luvas sem dedos que estava a usar, puxando as pontas de tal forma que Rhys receou que estas se desfizessem.

Rhys estendeu o braço e cobriu uma das mãos dela com a dele, e com os diabos, mesmo através da lã das luvas, mesmo com a palma da mão quase a não tocar na pele dos *nós dos dedos* dela, sentiu o toque até à planta dos pés, era como se a sua pele tivesse consciência da presença dela.

— Acho que temos de falar sobre a biblioteca.

Ela já estava a abanar a cabeça, o cabelo dourado a ondular sobre os ombros.

— Não. Não, não, não, não. Não temos de falar. Isso é uma coisa de que não temos mesmo de falar.

— Vivienne.

— Foi uma estupidez. E foi só um beijo — continuou ela. Ele levantou as sobrancelhas.

— Só um beijo? A sério?

Vivienne começou a corar, mas tirou a mão de debaixo da dele e repetiu:

— Só um beijo.

Rhys não conhecia Vivienne assim tão bem no grande esquema das coisas, mas naquele momento reconheceu o olhar dela. Era um assunto fechado e forçá-la a falar disso não o ia levar a lado algum.

Por isso, retirou as mãos para mais próximo de si, apoiando-as na extremidade da mesa e batendo nela com os dedos enquanto olhava em redor.

— Café movimentado.

Claramente aliviada pela mudança de tema, Vivienne assentiu e pegou na chávena de chá.

— Está sempre cheio. Tivemos sorte em encontrar uma mesa.

Inclinando-se para a frente, Rhys fez um gesto rápido com a cabeça em direção à empregada de balcão, uma rapariga baixinha com o cabelo turquesa claro e uns óculos de massa espessos.

— Bruxa? — perguntou rapidamente, e Vivienne nem olhou para ver de quem ele estava a falar.

— Sim. Aqui só contratam bruxos. Geralmente, estudantes da faculdade. É uma das razões por que as coisas correm tão tranquilamente por aqui. Há uma espécie de feitiço leve, o que significa que nunca há erros com os pedidos, ninguém entorna copos, esse tipo de coisas.

As palavras dela pareceram fazer sentido em simultâneo para os dois, e lentamente ambos baixaram o olhar sobre as chávenas.

— Então. Este lugar tem ajuda da magia.

— Hum-hum.

— E a magia agora... é má.

— Talvez não tenha afetado este lugar?

Viu Vivienne endurecer enquanto pegava na chávena. Já tinha uma mão pronta, o nome dela nos lábios, quando ela fechou os olhos e levou bruscamente a chávena aos lábios, bebendo um gole enorme.

Ficaram os dois paralisados enquanto ela engolia, e a seguir, deixando-o aliviado, sorriu-lhe com os olhos brilhantes cor de avelã.

— Tudo bem — disse ela, colocando novamente a chávena na mesa. — Um chá completamente normal. Nenhum desastre de magia à vista.

Rhys bebeu um gole do seu chá e ela tinha razão; sabia bem, e não havia o mínimo indício de magia.

— Muito bem — disse ele, e deu um toquezinho com a sua chávena na dela —, então talvez este lugar tenha escapado à maldi...

Um estilhaçar de vidro interrompeu-o, e Rhys teve uma horrível sensação de formigueiro na base da nuca enquanto se virava lentamente para a origem do som.

Ali, perto da porta, uma mesa inteira tinha-se virado, copos e chávenas partidos espalhados pelo chão, e no meio de todo aquele vidro encontrava-se um corpo.

Quase sem pensar, Rhys levantou-se de imediato e aproximou-se do sítio onde um homem, um tipo mais velho que usava calças caqui e mocassins, se encontrava deitado no chão, com os dedos de uma das mãos ainda curvados como se estivesse a segurar uma chávena, o rosto bloqueado numa expressão de surpresa.

— Está a respirar — observou Vivienne, surgindo ao lado de Rhys, os dedos a pressionar o pulso do homem. — A pulsação está boa. Ele só está...

— Paralisado — completou Rhys, num tom sinistro, ao ver o olhar petrificado, a boca meio aberta.

E então reparou na chávena que o homem segurava, caída no chão ao lado dele, o seu conteúdo a espalhar-se lentamente pelo chão de madeira.

Poderia não haver magia envolvida antes no chá de Rhys ou no de Vivienne, mas claramente havia no que quer que aquele homem tivesse estado a beber. Rhys praticamente conseguia ver o feitiço, a pairar como um miasma sobre o líquido derramado, e então olhou novamente para o balcão.

A mulher que Vivienne tinha dito ser a dona estava ao telemóvel, de olhos postos entre o homem e a multidão de curiosos, mas na sua cara apenas havia consternação. Não havia culpa nem medo.

A seguir, os olhos desviaram-se para a direita, onde se encontrava a rapariga de cabelo turquesa, os braços apertados contra o corpo, o lábio de baixo preso entre os dentes.

E quando viu Rhys a olhar para ela, deu um pequeno salto antes de abrir a porta atrás do balcão e desaparecer na arrecadação.

— Vivienne — chamou Rhys, num sussurro, dando-lhe uma cotovelada, mas ela já estava em pé, a olhar para o sítio por onde a rapariga desaparecera.

— Eu vi.

No exterior, ouvia-se o som distante das sirenes, mas o homem já começava a mexer-se um pouco, as pálpebras trémulas. Rhys deduziu que qualquer que fosse o feitiço, não era suficientemente forte para durar muito.

Podia ser pior.

Quando se levantou, Vivienne aproximou-se e os dois conseguiram escapar por entre a multidão que se juntara à volta do homem. Assim que a ambulância parou à porta, a dona do café colocou novamente o telemóvel no bolso e

saiu, deixando o balcão vazio e ninguém a prestar atenção a nada a não ser aos paramédicos que entravam.

O que facilitou a entrada de Rhys e Vivienne na arrecadação.

Ao contrário da sala dos fundos da *Something Wicked*, não havia nada de mágico naquele lugar. Era como a sala dos fundos de qualquer café em qualquer cidade. Estantes altas de metal com pilhas de copos de papel, grandes sacos com grãos de café no chão e várias caixas com chávenas.

Na verdade, Rhys ficou um pouco desapontado.

A rapariga de cabelo turquesa estava sentada numa das caixas, vazia e virada ao contrário, os joelhos para cima, encostados ao peito, os pés metidos para dentro a tocarem um no outro.

Assim que ouviu a porta a abrir, levantou bruscamente a cabeça. Os olhos escuros pareciam enormes no rosto pálido. Na camisola, na placa com o nome lia-se SAM.

— Ele está bem? — perguntou ela. Vivienne fez que sim com a cabeça.

— Já está a passar — disse Sam, e expirou profundamente, abanando os ombros. — Certo, ainda bem.

— Talvez nos queiras contar o que lhe fizeste à bebida para ele ficar assim? — questionou Rhys. Ao levantar o olhar para ele, Sam voltou a fazê-lo com alguma da sua calma sarcástica.

— É um feitiço personalizado — revelou Sam, endireitando-se. — Não saberias o que é.

— Magia *hipster*, perfeito — murmurou Rhys, esfregando a mão na nuca. Seria ele assim quando era um jovem bruxo? Arrogante e tão convencido das suas capacidades?

Que parvoíce estar a pensar naquilo. Claro que tinha sido assim.

Ao seu lado, Vivienne endireitou-se um pouco mais.

— O que era suposto fazer?

— Vocês são da Polícia da Magia ou assim? — perguntou Sam, fazendo uma careta, e Rhys enfiou as mãos nos bolsos, abanando-se sobre os calcanhares.

— Não. Tenho quase a certeza de que isso não existe. Se existisse, eu já teria sido preso em algum momento. Apenas um colega bruxo a tentar perceber o que aconteceu aqui.

Apontou com o polegar na direção do café e alguma da confiança da rapariga esmoreceu, de olhos postos na porta.

— É estúpido — murmurou ela, e Rhys encolheu os ombros.

— Muitas coisas na vida são. Então, qual foi o feitiço?

Sam puxava a ponta da camisola, sem olhar para Rhys.

— Ele queria uma poção que o fizesse, hum, tu sabes. — Fez um gesto estranho com as mãos, levantando as palmas e depois abrindo-as na direção do colo de Rhys. — Tipo Viagra — disse finalmente. — Mas mágico.

Rhys ficou muito orgulhoso de si próprio por não ter demonstrado nem um pouco de surpresa ou divertimento. Na verdade, ele merecia uma medalha. Talvez um cortejo.

Acabou por se limitar a aclarar a voz e dizer:

— Muito bem.

— Descobri como fazer esse tipo de feitiços como uma brincadeira — continuou ela —, mas depois dei-o a alguém que me pediu. E ele disse a um amigo, acho eu, e este contou a outra pessoa e agora tenho estes tipos a virem umas vezes por semana aqui para o pedirem. Mas nunca aconteceu *aquilo*.

— Então, espera — pediu Vivienne, colocando-se à frente de Rhys e cruzando os braços sobre o peito. — Tens feito o quê? Tens andado a traficar poções?

Sam revirou os olhos.

— Pois, dito assim parece supersuspeito. Não é *traficar*, é *oferecer*.

Vivienne ergueu as sobrancelhas.

— Tu dás as poções?

Fazendo um som de frustração, Sam abanou uma mão.

— Dah. Não. Eu cobro por elas. Cem dólares por bebida, mais se a poção for complicada ou os ingredientes forem caros. — A sua expressão presunçosa vacilou. — Oh, espera, acho que isso é *traficar*, hum. — Encolheu os ombros. — Portanto, sim, tenho aqui um negócio paralelo de venda de poções. — Depois olhou para Vivienne: — As propinas não são baratas, senhora.

— Registado — respondeu Rhys, aproximando-se um pouco mais de Vivienne. — Mas tens noção de que o que andas a fazer é perigoso, não tens? As poções não são coisas para se andar a brincar.

— Pois, bem, geralmente não há problemas, e eu nunca fiz nada que pudesse fazer mal a alguém. Neste caso, estamos a falar de magia ínfima. Uma poção para que o *eyeliner* dure o dia todo. Uma que garanta que se chega a horas durante vinte e quatro horas. — Levantou o olhar para Rhys, empurrando os óculos para cima na cana do nariz. — Essa é boa para a semana dos exames. Garante que a pessoa não fica a dormir, mas não lhe faz nada assustador, como ficar acordada imensos dias ou algo do género. Foram precisas umas afinações, mas...

— Sam, estamos definitivamente impressionados com as tuas capacidades, mas não podes fazer poções e vendê-las às pessoas. É perigoso, e se a faculdade descobrisse, terias problemas sérios.

Toda a fanfarronice de Sam desapareceu como uma bolha de sabão, e Rhys apercebeu-se de quão nova ela era.

Dezanove, talvez vinte. A mesma idade que ele e Vivienne tinham no verão em que se conheceram.

Credo, não se apercebera de quão novos eram até terem aquela rapariga tão jovem sentada à frente deles, com ar de quem fora chamada ao raio do gabinete do diretor.

— Não lhes vão dizer, pois não? — interrogou ela, voltando para Vivienne um olhar suplicante. — Eu sei que trabalham lá. Com os *normies*, não connosco, mas...

— Não conto — garantiu Vivienne. — Desde que prometas que não voltas a fazer uma coisa destas.

— Prometo — concordou rapidamente Sam, levantando uma mão, com os anéis dos dedos a brilhar sob as luzes fluorescentes. — Confiem em mim, não quero que uma coisa destas volte a acontecer.

Depois levantou-se, limpando as mãos ao avental antes de endireitar o gorro. Fez uma pausa e mordiscou de novo o lábio de baixo...

— É só que... acho que não foi a minha poção. Não fiz nada de diferente. Até a fase da lua foi a mesma quando a preparei. — Lançou-lhes um grande sorriso. — Faço sempre este feitiço na lua crescente, por causa de toda a cena do «crescer»...

— Certo — interrompeu Rhys. — Já percebemos, obrigado.

— A questão é — continuou Sam —, alguma coisa correu mal, mas não foi a *minha* magia. — Abanou a cabeça. — É como se a magia estivesse toda descontrolada em todo o lado. Hoje, alguns dos *normies* entraram numa das minhas aulas de magia com ervas e isso, garantidamente, não é suposto acontecer.

Rhys começou a sentir uma dor de cabeça na nuca. Maldições, fantasmas e agora poções estragadas. Lembrou-se novamente daquelas linhas de magia a serpentear para o

exterior da gruta, avançando em direção à vila, e pensou que gostaria de voltar atrás no tempo e bater a si próprio repetidamente na cabeça.

Sabia que alguma coisa não estava bem. Sentia-o.

E, como sempre, ignorara coisas como «autopreservação» e «bom senso», e decidira fazê-lo na mesma.

E agora veja-se no que tinha dado.

— Talvez se não usarmos magia por um tempo — sugeriu Vivienne, avançando para tocar no braço de Sam. Parecia tão cansada quanto Rhys, e ele teve de lutar contra o impulso de lhe colocar a mão na cintura, puxá-la para junto de si e deixá-la encostar a cabeça no seu ombro.

Sam troçou de Vivienne.

— Não usarmos magia? — repetiu ela. — Isso é como se me pedissem que deixasse de respirar. Eu sei que não percebe isso, porque não é uma bruxa...

— Eu sou uma bruxa — esclareceu Vivienne, dando um passo para trás. Sam franziu a testa, confusa.

— O quê, a sério? Mas dá as aulas normais.

— Certo, porque...

— E, tipo, claro que este tipo é bruxo — continuou Sam, apontando para Rhys. — Parece mesmo, mas é? A sério?

Rhys viu Vivienne engolir em seco, pelo menos pela milésima vez, e desejou que ler mentes fosse uma das suas habilidades. Claro, da forma como as coisas corriam naquele momento, era provável que ele conseguisse ouvir cada pensamento aleatório de pessoas a cem quilómetros e enlouquecer, mas talvez valesse a pena o risco só para saber o que se passava por trás dos olhos cor de avelã de Vivienne.

Ela endireitou um pouco os ombros, levantou o queixo e disse: — De qualquer forma, continuo a ser uma bruxa e

continuo a achar que devias ter cuidado com a tua magia enquanto as coisas estiverem fora de controlo.

Sam ainda olhava para Vivienne como se não conseguisse acreditar no que estava a ouvir, os olhos arregalados, a boca parcialmente aberta.

— Quer dizer, eu sabia que era da família das pessoas da *Something Wicked*, mas, a sério, pensei que era apenas...

— Pois, já o disseste — interrompeu-a Rhys, quando viu Vivienne semicerrar os olhos. Já passara por aquele olhar e quis salvar Sam de passar pelo mesmo.

— A menina Jones tem razão — continuou Rhys. — Tens de parar com a magia por uns tempos, até as coisas acalmarem um pouco.

— Antes de mais nada, porque é que estão todas lixadas? — perguntou a rapariga. No rosto de Vivienne voltou a surgir aquela ligeira expressão assassina que levara Rhys a colocar-se à sua frente.

— Apenas estão — replicou ele. — Mas nós vamos resolver isso.

Rhys desejava que isso fosse mesmo verdade. Até agora, andavam naquilo há quase vinte e quatro horas e a única coisa que tinham conseguido era fadiga ocular e possivelmente pedaços perdidos de ectoplasma no cabelo dele.

Sam fez uma careta, ainda assim murmurou «está bem», antes de passar por eles e voltar ao café.

Suspirando, Rhys ia embatendo contra uma prateleira alta de metal, quase atirando ao chão um monte de copos de papel. Vivienne aproximou-se para se inclinar sobre ele. Por um momento, ficaram em silêncio, os dois com a mente num turbilhão.

— Duro — murmurou Vivienne para consigo, e Rhys pestanejou na direção dela.

— Desculpa?

Sobressaltada, Vivienne olhou para ele.

— Oh, hum. Estava só a pensar que... que foi onde a poção correu mal. Era suposto a poção fazê-lo... tu sabes... e *fez*, mas teve efeito em todo o corpo e não apenas... na zona específica.

— Vivienne Jones, estás a corar?

Ela afastou-se da estante, revirando os olhos, mas ele viu-a remexer de novo nas pontas dos dedos das luvas.

— Definitivamente, podia ter sido pior — disse ela.

— Percebes agora do que estou a falar? — questionou Rhys, aproximando-se tanto dela que conseguia ver a pequena constelação de sardas na face direita, tanto que lhe poderia tocar, se quisesse.

E queria.

Mas não o fez.

— Não podemos passar a vida a apagar estes fogos, Vivienne. Temos de resolver isto.

— Eu sei — disse ela, endireitando a cabeça. A seguir, baixou a voz e a cabeça. — O *Halloween* é mesmo importante para a vila. É quando se faz mais dinheiro. Alguns dos negócios de Graves Glen sobrevivem o ano inteiro com o que ganham no *Halloween*. E se não conseguirmos resolver isto até lá, pode não ser seguro. Não podemos correr esse risco.

— Também estou um pouco preocupado com a *minha* segurança — disse Rhys —, mas percebo o que queres dizer. Felizmente, a magia costuma estar no máximo na altura do Samhain. E isso significa que, se trabalharmos depressa, qualquer tipo de reversão da maldição poderá funcionar melhor.

— Gosto do modo como estás a pensar, Penhallow — respondeu Vivienne, apontando para ele. O rosto de Rhys iluminou-se, sorrindo para ela.

— Acabaste de te referir a mim pelo meu último nome? Como se estivéssemos juntos numa espécie de equipa desportiva?

Surpreendendo-o, ela riu-se.

— De certa forma estamos, não é? Quebrar uma maldição acabou por se tornar muito mais... atlético do que eu esperava.

— Caminhadas pelo *campus* — lembrou Rhys.

— Lutas com fantasmas — acrescentou Vivienne.

— Enrolanços na biblioteca...

Com isto, o sorriso dela diminuiu e Vivienne endireitou-se um pouco, afastando-se dele.

— Isso foi um erro — disse ela. Rhys meteu as mãos nos bolsos.

— Foi?

Ela virou-se para ele, fitando-o nos olhos. Sem corar, sem hesitar.

— Tu sabes que foi.

O que Rhys sabia era que beijá-la fora como um despertar. Como se tivesse estado a vaguear meio adormecido durante os últimos nove anos até saborear de novo a boca dela e lembrar-se de como era estar vivo. O beijo de Vivienne era melhor do que qualquer magia.

E não queria passar mais nove anos sem esse beijo.

— Somos adultos — lembrou-lhe Rhys. — E não miúdos a esconderem-se furtivamente em quartos de dormitório.

— E é por isso que sabemos que agora não devemos complicar as coisas — disse Vivienne, notavelmente

sensata. Por mais que Rhys detestasse ter de admitir, ela tinha toda a razão.

Ele partiria quando tudo acabasse.

Ela ficaria.

O que eles tinham não era uma coisa que funcionasse a longa distância e, com os diabos, tanto quanto ele sabia, podiam ter apenas uma intensa química física que se extinguiria com o tempo.

Não se extinguiu nos últimos nove anos, lembrava-lhe a parte sacana do seu subconsciente. Achas mesmo que vai extinguir-se agora?

Capítulo 19



Na tarde seguinte, Vivi estava sentada no seu gabinete a fingir que tomava notas para as aulas.

Na verdade, olhava para o cursor pulsante no monitor do computador e pensava em beijar Rhys, ao mesmo tempo que desejava nunca o ter levado àquele gabinete. Esse era o espaço *dela*, um espaço muito decididamente livre de Rhys Penhallow. E agora, sempre que olhava para a estante, via-o ali em pé, a observar os livros dela, a fazer perguntas, a parecer verdadeiramente interessado nas respostas.

Que sacana.

Mas depois, sempre que pensava em beijá-lo, lembrava-se do que interrompera esse beijo, o fantasma na biblioteca, e de como tinha a certeza de que já tinha visto aquela cara antes. De como o fantasma procurava tão obviamente algo, de como tudo estava ligado à maldição, mas *como*?

Por isso, era natural que a sua leitura sobre a função do sistema feudal consistisse exatamente em dois tópicos, um dos quais apenas dizia «CAMPONESES??».

Abanando a cabeça, inclinou-se sobre a secretária para ligar o interruptor da chaleira elétrica, com a esperança de que uma chávena de chá forte a ajudasse a pôr as ideias em ordem. Gwyn e a tia Elaine tinham-lhe oferecido a chaleira rosa-vivo no Natal anterior. E ela adorava-a, mas

adorava ainda mais o chá que também lhe haviam oferecido. Era uma das misturas da tia Elaine e sabia a hortelã e alcaçuz e a algo um pouco fumado, tendo também cafeína suficiente para a espezitar para as sessões de avaliações mais hediondas.

Acabara de preparar uma chávena quando lhe bateram à porta do gabinete.

Com a cabeça ainda confusa com pensamentos sobre Rhys, quase esperava que fosse ele que ali estivesse em pé... ou encostado, na verdade. Rhys nunca estava direito quando se podia encostar.

Mas a mulher à entrada não era, definitivamente, Rhys, e estava em pé, mais direita do que alguma vez Vivi vira alguém.

Era jovem, talvez da mesma idade de Vivi, e tinha cabelo preto preso, afastado do rosto com duas travessas.

— Vivienne Jones? — perguntou a mulher com expressão amistosa, pequenas covinhas nas faces ao sorrir. — Sou a Amanda Carter. — Entrou no gabinete de Vivi e fechou a porta atrás de si. — Do departamento de Feitiçaria.

A colher de Vivi bateu na borda da chávena.

— A sério? — perguntou.

Amanda não tinha nem trinta anos, o que, sem dúvida, fazia dela, pelo conhecimento que Vivi tinha, a bruxa mais nova a trabalhar no departamento de Feitiçaria.

E usava calças de ganga.

Deixavam usar calças de ganga no lado feiticeiro das coisas? Porque se fosse esse o caso, Vivi ponderava a possibilidade de, afinal, pedir transferência.

— Foi a doutora Arbuthnot que a enviou? — perguntou, e Amanda assentiu. — Enviou, sim. Por causa da questão toda do fantasma?

«Perfeito.»

Fazendo um gesto para a cadeira que tinha à frente da secretária, Vivi disse:

— Por favor, sente-se. Chá?

Levantando muito ligeiramente o queixo, Amanda cheirou o ar.

— É uma das misturas da sua tia?

Surpreendida, Vivi sorriu um pouco, pegando na caixa de folhas de chá no canto da secretária.

— É. Ela vende na loja, mas acho este particularmente bom.

— Fantástico — aceitou Amanda, entusiasmada, e Vivi sentiu-se animar.

Alguém da Faculdade de Feitiçaria que dizia «fantástico» e usava calças de ganga. Quem diria?

Preparou uma chávena de chá para Amanda e entregou-lha enquanto esta lhe perguntava:

— Há quanto tempo trabalha aqui?

Vivi soprou o seu chá antes de responder.

— Três anos. E a Amanda?

— Alguns meses. — Sorriu para ela. — Ainda estou a tentar orientar-me.

— Acredito — disse Vivi. Amanda inclinou-se para o saco que tinha aos pés.

— Bem, como sabe, o fantasma da Piper McBride anda à solta.

— Certo — concordou Vivi, recordando o fantasma com a camisa de flanela e os ténis *Converse* a deambular perto das estantes. — Peço desculpa por isso.

Amanda fez outro grande sorriso, agitando a mão.

— Estas coisas acontecem e, pelo que me contaram, a Piper era uma pessoa complicada na altura. Obcecada com

qualquer coisa sobre a história da cidade, a tentar convocar espíritos...

Vivi franziu a testa. A doutora Arbuthnot dissera-lhe que Piper estava envolvida com magia negra, mas não referira nada sobre convocações. Isso era muito diferente. Não era de admirar que tenha acabado morta.

— De qualquer forma, nós vinculámo-la. Claro que agora está desvinculada, de modo que precisamos de a capturar de novo — continuou Amanda.

— E como fazemos isso?

Reclinando-se na cadeira, Amanda tirou uma vela do saco.

— O que pensa de casas assombradas?

Capítulo 20



Rhys não tinha grandes planos para aquela noite. Basicamente, a sua ideia era ficar na poltrona horrivelmente desconfortável que o pai comprara para aquela casa e beber uma garrafa de vinho tinto. Entretanto, planeava arranjar tempo para pesquisar no Google «remoção de maldições» e para ter pena de si próprio, mas o telemóvel zumbiu pouco depois de abrir a garrafa de Syrah, que desejava que Simon tivesse guardado para uma ocasião especial.

Vivienne.

Muitas coisas, oitenta por cento delas obscenas, passaram-lhe pela cabeça quando viu que ela lhe pedia que se encontrassem perto da meia-noite, dando-lhe apenas uma morada.

Claramente, estava a crescer como ser humano.

Por isso, agarrou no casaco, marcou no telemóvel a morada que Vivienne lhe tinha dado e desejou que dessa vez o carro alugado se aguentasse.

Aguentou, mas ao parar numa estrada de terra barrada por um portão de metal, quase desejou que um pneu

tivesse rebentado perto de casa e ele tivesse desistido e voltado ao plano original.

Vivienne estava junto ao portão, toda vestida de preto, o cabelo preso numa trança estilo francês. E ao sair do carro, Rhys conseguiu ver o conjunto completo, com luvas pretas e tudo.

— Trouxeste-me aqui para me matares? — perguntou ele.
— Porque isso provavelmente *resolveria* os nossos problemas.

Mas tenho de dizer que me oponho, tanto em termos morais como pessoais.

Abanando a cabeça, ela aproximou-se. E Rhys sentiu novamente o maldito cheiro doce e inebriante sobre o aroma a lenha daquela noite fria de outono.

— Vamos numa espécie de missão.

Rhys reparou, então, no saco que ela levava pendurado ao ombro, na tocha — lanterna, lembrou-se — que tinha na mão.

— Uma missão para quebrar uma maldição? — interrogou ele. E Vivi franziu a testa.

— Está relacionada com a maldição.

Bem, aquilo prometia.

Quando ela deu umas pancadinhas na lanterna, Rhys perguntou:

— Não confias no teu feitiçozinho de luz?

A lanterna acendeu e finalmente ele conseguiu ver bem a cara dela. As pupilas enormes naqueles olhos cor de avelã. Parecia um pouco pálida. Também nervosa.

— Achei que não valia a pena correr o risco.

Procurando no saco, tirou outra lanterna e passou-lha.

— Vamos.

Com isto, ela virou-se e dirigiu-se para o portão, saltando por cima dele com uma facilidade que não deveria tê-lo excitado tanto, mas estava a começar a perceber que quase tudo o que Vivienne fazia era erótico. Caminhar, saltar cercas, gostar de bolinhas... tudo isso era absolutamente tentador, e se Rhys tirou alguma satisfação ao ver também os olhos dela brilharem ligeiramente quando pôs a mão no portão e o saltou com facilidade, bem... ele era apenas humano.

O que fez com que, ao pisar as folhas secas que envolviam a estrada, um arrepio de apreensão lhe tivesse percorrido a espinha.

Estavam no meio de nenhures, numa floresta, às — verificou as horas — onze e quarenta e sete da noite. A noite estava tão escura que o oprimia. Deteve-se, agarrando no cotovelo dela com uma mão.

— Está certo, tenho orgulho em ser um tipo que não receia enfrentar as adversidades, mas a sério. O que estamos a fazer?

Vivienne acenou com a cabeça para o fundo da rua.

— Há ali uma casa. Bem, uma cabana, na verdade. No passado, alguns estudantes de feitiçaria arrendavam-na.

Fazendo uma pausa, Vivienne pôs-se a mexer na lanterna. Rhys deu-lhe um toquezinho com o pé.

— Continua.

Ela aclarou a voz.

— Incluindo a Piper McBride. O fantasma que vimos na biblioteca e que agora temos de apanhar.

Vivienne ia continuar a subir a rua quando Rhys voltou a agarrar-lhe o cotovelo.

— Desculpa, disseste que vamos apanhar um fantasma? Vivienne bufou e ergueu os braços.

— Não é bem apanhar... só temos de o segurar.

Voltou a remexer no saco e Rhys pensou se seria um saco tipo o da Mary Poppins. O que ia ela tirar de lá a seguir. Uma espada? Um vaso com uma planta?

— Só temos de acender isto — disse ela, e Rhys semicerrou os olhos ao ver a vela prateada que ela segurava.

— Uma Vela Eurídice? Onde arranjaste isso?

Rhys só por uma vez tinha visto algo semelhante, num armário fechado na biblioteca do pai, e tinha a certeza absoluta de que Simon o ameaçara com qualquer castigo físico se tocasse naquela coisa. Era raro encontrar uma e a sua magia era poderosa.

— Amanda — revelou Vivienne, e como Rhys se limitou a olhar para ela, enfiou a vela no saco. — É uma das bruxas da faculdade. A doutora Arbuthnot enviou-a ao meu gabinete com a vela. Aparentemente, só temos de ir a casa da Piper, encontrar o lugar onde ela tinha na altura o altar e acender a vela. Depois, a vela...

— Suga o espírito, prendendo-o no seu interior. Então, a vela pode ser acesa noutro sítio e ela será libertada com mais segurança.

— Certo — anuiu Vivienne, assentindo com a cabeça. — E depois os bruxos da faculdade podem vinculá-la outra vez.

Sobre eles ouviu-se um mocho, e Rhys levantou o olhar para observar o céu noturno. A lua estava quase cheia, os ramos despidos das árvores estendiam-se para as estrelas, a noite perfeita para convocar fantasmas maléficos. Rhys sabia, no fundo das suas entranhas, que aquilo era uma péssima ideia.

— Porque é que não podem vir eles fazer isto? — perguntou. Vivienne suspirou, tirando uma madeixa solta da testa.

— Temos de ser nós, fomos nós que a libertámos, por isso temos de a capturar. Mas a vela faz o trabalho todo. Só temos de a acender, esperar que o espírito dela, tu sabes — levantou a mão e fez uma espécie de movimento de mergulho —, entre, sugado pela vela, e pronto, já está!

Sorriu para ele, provavelmente o sorriso mais falso que ele alguma vez vira na vida.

— Canja!

— Referes-te a uma canja com a galinha viva, deduzo. Porque nada disto me parece particularmente simples, Vivienne.

— A Amanda disse que seria.

— Ah, bem, se a Amanda disse, então não há qualquer problema! A nossa grande amiga Amanda.

Revirando os olhos, Vivienne virou-se.

— Se calhar, devia ter vindo sozinha.

— Se calhar, não devia ter vindo nenhum de nós e devias ter dito a essa senhora que fosse passear. Eu achava que não gostavas dos bruxos da faculdade.

— E não gosto — concordou ela, as botas a esmagarem as folhas secas à medida que se embrenhavam cada vez mais na floresta. Rhys levantou os ombros e puxou a gola do casaco. Aquilo não era o sul? Não era suposto o sul ser quente?

— Mas a Amanda é simpática. E quer ajudar, e já que é por minha causa que o fantasma está solto...

— É por nossa causa — corrigiu ele. — Tudo isto é muito um desastre causado por duas pessoas, Vivienne.

Ela parou e virou-se para ele.

— Bem, se também é culpa tua, então talvez devesses parar de choramingar por estares a ajudar.

— Não estou a *choramingar* — insistiu ele, mas apercebeu-se de que era praticamente impossível dizer a frase *sem* parecer que estava a choramingar, por isso aclarou a voz e disse: — Só acho que, numa altura em que a magia, como já concluímos, está avariada, acender uma Vela Eurídice talvez não seja uma boa ideia.

— Ah! — Vivienne apontou para ele, mas como o fez com a mão que agarrava a lanterna, Rhys ficou momentaneamente sem conseguir ver.

Levantou a mão para se proteger da luz e Vivienne baixou de imediato a lanterna.

— Desculpa. Mas estava eu a dizer, ah! Também pensei nisso. Mas há brechas. Em primeiro lugar, não somos nós que estamos a fazer a magia. Nada de feitiços ou rituais. A vela é que fez todo o trabalho. Em segundo lugar...

Encurvou um dedo na direção dele e Rhys desanimou com a rapidez com que sentiu esse gesto como um puxão no peito.

Também o sentiu mais em baixo, o pénis desejoso de a seguir para onde quer que ela quisesse. E pensou novamente naquele beijo na biblioteca, na sensação dela sob as suas mãos, quão depressa ela se incendiou para ele.

— Rhys — chamou Vivienne, antes de, raios, curvar de novo o dedo na direção dele. — Anda cá.

Ele era mesmo um idiota, o maior imbecil que havia à face da Terra, porque lá estava aquele puxão outra vez.

Manteve as mãos nos bolsos enquanto se aproximava dela, levantando as sobancelhas.

— O que é?

Pondo-lhe a mão no ombro, ela puxou-o um pouco para a sua direita e depois levantou o olhar para ele, com aquele seu sorriso luminoso.

— Esqueci-me de te dizer. A tia Elaine descobriu uma coisa. A maldição? Só existe dentro dos limites da vila. Provavelmente, porque a magia apenas alimenta Graves Glen.

— Gryffud era um filho da mãe bastante específico em todos os aspetos, por isso até faz sentido — reconheceu ele.

— Exato — concordou Vivienne. — E neste momento estamos oficialmente dois... não, *três* passos fora da vila de Graves Glen.

Dizendo isto, Vivienne tirou-lhe a mão do ombro e agitou os dedos.

Apareceu aquela bolinha de luz que invocara na noite em que ele apareceu na vila e ficou ali a pairar. Não explodiu de imediato numa bola de fogo que lhe arrancasse as sobancelhas, por isso Rhys assumiu que estava tudo bem. A maldição não chegava ali.

Pelo menos, isso era um alívio.

— Vá, agora temos um fantasma para apanhar.

Eeeeeeeeeee acabava-se o alívio.

Continuaram a subir a rua durante alguns minutos, as árvores a tornarem-se mais grossas, o caminho mais estreito, e apesar de Rhys não ter a mesma sensação de mau pressentimento que tivera na biblioteca, ainda assim desejava estar em qualquer sítio menos ali.

Quando o caminho se estreitou ainda mais, o ombro de Vivienne tocou no dele. De repente, estarem numa estrada através da floresta, em direção a uma casa assombrada, não era assim tão mau. Talvez ele não quisesse estar sozinho no seu sofá... Talvez ele...

— Oh, que grande porra.

Rhys parou subitamente, olhando para a casa que de repente surgiu à frente deles.

Se alguém pesquisasse na Internet «casa assombrada», pensou ele, apareceria aquela imagem. Parecia saída de todos os maus filmes de terror que já vira, e ele tinha menos medo de fantasmas do que de apanhar tétano ao subir os degraus tortos, as portadas a cair de uma das janelas, a porta da entrada a balançar tropegamente nas dobradiças.

— Talvez a biblioteca precise de um fantasma — disse Rhys, observando a casa. — Talvez devêssemos deixá-lo lá. É uma personagem e tanto, não achas?

Perto dele, Vivienne inspirou profundamente.

— Nós só temos de entrar e acender uma vela. Aposto que entramos e saímos, tipo, em três minutos.

— Isso é mais quatro minutos do que aquilo que eu quero estar naquela casa — respondeu Rhys, mas depois viu-a a morder o lábio inferior e percebeu que só iam embora dali quando terminassem o que tinham ido lá fazer.

Por isso, inspirando profundamente, Rhys agarrou a mão dela.

— Vamos lá apanhar um fantasma.

Capítulo 21



Vivi dissera para consigo que o interior da cabana não podia ser tão sinistro como o exterior. Provavelmente, era uma daquelas coisas em que tudo o que era sinistro estava do lado de fora e por dentro era apenas uma casa velha e vazia. Mesmo nada sinistra.

Por um breve momento antes de Rhys empurrar a porta de entrada, Vivi acreditou mesmo nisso.

E depois entraram na sala e...

— Eu cresci numa verdadeira casa assombrada, e esta é pior — observou Rhys.

— Muito pior. Quero dizer, não vi a tua casa, mas acredito.

O interior da cabana tivera, em algum momento, papel de parede naquilo que seria um belo e elegante damasco. Mas agora caía das paredes em tiras, revelando extremidades retorcidas e o manchado por baixo. Bolor e mofo avançavam pelo teto e, num canto, havia um sofá de veludo que parecia putrefacto, sem uma perna e com um buraco na almofada do meio.

O restante mobiliário tinha o mesmo mau aspeto, a maior parte coberto com uma espessa camada de pó, mas o chão estava surpreendentemente limpo e Vivi olhou em redor, interrogando-se se alguém teria ali estado antes.

Parecia que Rhys também reparara nisso, franzindo a testa ao olhar à volta, apontando a lanterna para uma fotografia emoldurada que se encontrava na parede. Era Piper com mais dois adolescentes, todos com um ar muito meados dos anos 90, à frente de um dos edifícios da Faculdade de Penhaven.

— Bem, pelo menos sabemos que estamos no sítio certo — disse ele, e percorreu a divisão com a lanterna. — Mas porque é que o chão está tão limpo?

— Talvez ela tivesse um feitiço — sugeriu Vivi. — Uma espécie de feitiço de limpeza que se manteve depois de morrer?

Rhys encolheu os ombros.

— É possível. Já se viram coisas mais estranhas.

Evitando o vidro de uma janela partida, Vivi avançou mais para o interior da sala. Uma tábua do chão parecia amolecida quando ela a pisou, rangendo de forma ameaçadora.

— Bem — disse ela, engolindo em seco —, só temos de encontrar o altar, acender a vela...

— E sair daqui. Rapidamente — completou Rhys. E Vivi assentiu.

— Muito rapidamente, sim.

Felizmente, a cabana era pequena. Havia apenas o quarto da frente com o armário minúsculo, um quarto pequeno que era provavelmente o de Piper e uma cozinha, com os utensílios velhos e enferrujados ainda no sítio.

Vivi achava que o quarto seria o mais provável, mas este estava completamente vazio e, ao contrário da sala da frente, coberto de pó. Além disso, não havia ali o menor indício de magia, nada de manchas de cera antigas ou marcas de cinza nas paredes, tudo coisas que Vivi esperava encontrar.

Depois foi verificar a cozinha, mas tal como o quarto, estava vazia, com exceção da mesa e de cadeiras antigas meio podres, praticamente apenas montes de madeira.

Rhys ainda observava a sala, agachado a espreitar a lareira e apontando a lanterna para os tijolos partidos.

— Não estou a sentir nada — disse ele, e Vivi olhou para ele, as calças bem justas nas coxas, os ombros largos enquanto espreitava para a chaminé, evidenciando, com a luz da sua lanterna, aquelas maçãs de rosto definidas, a linha do maxilar.

— Hum. Pois. Eu também não — concordou ela, virando-se rapidamente ao ser apanhada literalmente embasbacada a olhar para ele.

Estava ali para apanhar um fantasma, provavelmente a coisa menos sexy do planeta.

Claro que também era suposto as salas de leitura das bibliotecas não serem sexy, e eles garantidamente provaram o contrário.

Ela e Rhys mais espaços pequenos mal iluminados era igual a Más Escolhas, por isso quanto mais depressa acabassem aquilo, melhor.

— Tem de haver alguma coisa que nos está a escapar — disse ela. — Se calhar...

Ouviram os dois ao mesmo tempo.

Passos.

A boca de Vivi ficou seca, sentiu subitamente os joelhos um pouco bambos e o coração a cair-lhe aos pés. Ver um fantasma em plena luz do dia num edifício cheio de gente já tinha sido suficientemente horrível. Mas ver um ali, naquele cenário que parecia um daqueles programas foleiros de caçadores de fantasmas de que Gwyn tanto gostava.

Vivi estremeceu. Não, obrigada.

Rhys levantou-se, desligando a lanterna. Vivi fez o mesmo e também apagou o feitiço de iluminação. Ali ficaram na escuridão, apenas iluminados pelo luar, atentos.

Os passos estavam mais próximos, mas, entretanto, Vivi percebeu que vinham do exterior. Conseguia ouvir as folhas e as pedras serem pisadas lá fora, e à medida que quem quer fosse se aproximava, ouviu sussurros do que parecia ser mais do que uma pessoa.

Suspirando de alívio, olhou para Rhys. Moveu os lábios dizendo: «*Não é um fantasma.*» E ele assentiu, mas depois apontou para a porta.

«*Mas quem será?*», perguntou ele, apenas movendo os lábios, e Vivi dirigiu-se silenciosamente para a janela partida, mantendo-se na sombra ao espreitar para a escuridão.

Havia apenas uma luz de lanterna, mas eram claramente duas pessoas a aproximar-se da casa, apoiando-se uma na outra, as cabeças juntas. Então, quando uma nuvem descobriu a lua, Vivi conseguiu ver bem as caras.

Só podem estar a brincar comigo.

Virou-se, afastando-se da janela o mais depressa e silenciosamente que conseguiu.

— É um dos meus alunos — sibilou para Rhys. — Hainsley, que, a propósito, vai chumbar porque *copia* e...

— Talvez possas explicar-me esses pormenores depois? — murmurou Rhys. Apontou com a cabeça para a porta. — Aquela é a única saída. Como é que queres jogar este jogo?

— Jogar este jogo? — repetiu Vivi. Conseguia ouvir Hainsley e a rapariga que estava com ele, agora muito próximos. A rapariga ria-se, Hainsley respondia com um murmúrio.

— Estás a ver, o chão limpo agora faz sentido — disse Rhys, a voz mal se ouvindo. — Isto é garantidamente um

sítio de engate. Queres fingir que é por isso que aqui estamos, assumirmos à descarada?

Vivi pestanejou enquanto ouvia o portão da frente a abrir.

— A ideia de os meus alunos me verem como um ser sexual é ainda pior do que descobrirem que sou uma bruxa.

Rhys concordou de imediato com a cabeça.

— Muito bem, então, temos de nos esconder.

Dito isto, agarrou na mão dela e enfiou-a no minúsculo armário do quarto da frente, fechando a porta atrás deles no preciso momento em que ouviram os passos na entrada da casa.

O coração de Vivi batia com força, as mãos tremiam, e por um segundo, nem se apercebeu de como o armário era pequeno, de tão concentrada que estava no facto de quase ter sido apanhada por *Hainsley Barnes*, logo ele entre tanta gente, a esconder-se numa cabana assombrada.

E nem se apercebeu de como Rhys estava perto dela.

Mal havia espaço para os dois, com Vivi encostada à parede, Rhys tão perto que não tinha outra hipótese senão apoiar-se com as mãos na parede atrás dela. Era isso ou pô-las em cima dela. E as mãos dela estavam pressionadas contra os flancos de Rhys, porque mal conseguiu agarrar-lhe a cintura quando a porta se fechou atrás dele.

Rhys pareceu ter-se apercebido disso no mesmo instante. Ela conseguia senti-lo a sustentar a respiração, aquele corpo a pressionar por completo o dela, o peito dela encostado ao dele, as ancas alinhadas, até os joelhos se tocavam.

E a boca dele...

Rhys virou a cabeça, tão perto que os lábios de Vivi quase lhe tocaram na face. E ela sentiu aqueles lábios ali, ao lado da sua têmpora.

— Desculpa. — Ele mal respirava. Ela abanou a cabeça.

— Tudo bem.

As palavras eram pouco mais do que um mexer de boca, mas, aparentemente, ele percebera a mensagem e descontraíu um pouco, o que de, alguma forma, fez com que se aproximasse ainda mais dela.

Apesar de Vivi não conseguir ver nada dentro do armário, fechou os olhos.

Certo. Certo, ia conseguir fazer aquilo. Talvez eles não demorassem. Talvez ela fosse poupada ao verdadeiro inferno que seria ouvir Hainsley Barnes ter sexo com alguém.

A porta da frente abriu-se com um gemido e Vivi ouviu tanto Hainsley como a rapariga a rirem-se, depois a mandarem-se calar um ao outro, os pés a baterem ruidosamente no chão.

— Este sítio é completamente nojento — disse a rapariga. Os sons no exterior do armário ouviam-se perfeitamente. Talvez a maldição *funcionasse* ali.

— Se achas que me vou despir aqui, estás doido — continuou a rapariga, e Vivi sentiu os lábios de Rhys a contorcerem-se contra a sua têmpora.

«Sim», pensou Vivi. «É tão nojento. Não te dispas aqui, por favor, por favor, por favor.»

Mas então Hainsley disse:

— Não achas que é um bocadinho excitante? Fazê-lo numa casa assombrada?

Rhys deixou cair a cabeça na parede do armário atrás de Vivi, com o que ela tinha quase a certeza ser um gemido silencioso.

— Não — disse a rapariga, mas estava outra vez a rir, e seguiu-se um denso silêncio.

Quando Hainsley falou novamente, tinha a voz mais grave.

— Anda lá, Sara. Vai ser bom, prometo.

Vivi quase não conseguiu evitar um suspiro e percebeu que Rhys o sentiu, porque ele sorriu ainda mais com a boca encostada à sua têmpora.

— Tu prometeste da última vez, e durou, tipo, uns dois minutos — respondeu Sara. Rhys tirou a mão de trás de Vivi para a pressionar brevemente no peito, simulando um tiro fatal.

Vivi mordeu o lábio para não desatar a rir, apesar de ter a repentina percepção da mão de Rhys entre os dois, os nós dos dedos a tocarem-lhe na clavícula. Mesmo que não conseguisse ver a mão, os dedos dele, conseguia imaginá-los perfeitamente, aqueles ossos elegantes.

Tens mãos de músico, dissera-lhe ela certa vez. Estavam deitados na pequena cama do dormitório de Rhys, os pés dele a sair ao fundo da cama, o lençol colado aos corpos suados. Vivi devaneava no atordoamento pós-sexo, brincando com os dedos do companheiro, entrelaçando e desentrelaçando os dedos de ambos, passando com as unhas nas costas na mão dele enquanto as observava à luz da vela.

Peço perdão, madame, mas isto são mãos de mago, respondeu ele. *Não conseguem tocar uma única nota.*

E então ela agarrara nessa mão com que tinha estado a brincar para a pôr debaixo dos lençóis, entre as suas pernas, exatamente onde a desejava, uma ação tão ousada que a levava a corar, mas ainda assim fê-la.

Nesse caso, disse ela, *sei de um feitiço que podes lançar.*

E ele lançou. Uma e outra vez.

Durante muito mais do que dois minutos.

Hainsley e Sara ainda estavam a falar, mas Vivi já não os ouvia. E apesar de Rhys já lhe ter explicado muito bem que não lhe conseguia ler a mente, sentiu que ele tinha de saber o que ela pensava naquele momento, o que ela estava a

recordar. Depois de ter estado tão quieto encostado a ela, a respiração lenta e uniforme, quando se baixou ligeiramente, a cabeça tocou com o nariz no maxilar dela, fazendo-a estremecer.

Só isso. O mais pequeno toque e os seus mamilos endureceram contra o peito dele, a respiração tornou-se um pouco mais rápida e cada nervo do corpo ganhou vida.

Lentamente, ela soltou as mãos do flanco dele e apoiou-as tentadoramente nas suas coxas.

Rhys entendeu-o como o convite que verdadeiramente era, e pressionou ainda mais. Desta vez, não foi sem querer, não foi estranho. Foi deliberado. Estava duro encostado a Vivi, e ela levantou um pé do chão, envolvendo a perna dela na dele, afastando as ancas da parede à medida que Rhys baixava a cabeça, os lábios a moverem-se para onde o pescoço se junta ao ombro, fazendo-a fechar os olhos ainda com mais força.

Uma das mãos na parte de baixo das costas, a outra ainda apoiada na parede ao lado da cabeça dela, assim ficaram durante algum tempo, a pressão dos lábios dele não suficientemente firmes para ser um beijo, e Vivi teve de lutar para não gemer à medida que a boca dele lhe subia pelo pescoço com a respiração húmida e quente.

Subiu as mãos dos quadris dele para lhe pressionar as costas, sentindo nas palmas o frio do casaco de cabedal. Rhys enroscou a mão à parte de trás do pescoço de Vivienne, mas ainda não a beijara. Ela perguntava-se se ele também estaria a dizer a si próprio que desde que fosse só aquilo, aqueles toques, aquele quase tocar de lábios na pele, não havia mal.

Era fácil pensar assim naquela escuridão, sem conseguir vê-lo, sem conseguir falar. Era fácil só tocar e sentir.

Só desejar.

Então, no lado de fora do armário, Vivi ouviu uma pancada. Ficou quieta, sentiu Rhys levantar a cabeça do pescoço dela enquanto Hainsley dizia:

— Tens razão. Este sítio é demasiado extravagante para nos pormos com extravagâncias. Não queres pelo menos explorá-lo comigo ou assim? Ver que mais coisas sinistras há aqui?

Vivi imaginou de repente a cara de Hainsley ao abrir a porta do armário e deparar-se com a professora de História — a professora de História que o ia chumbar — enrolada com um tipo qualquer, a cara corada e o cabelo desgrenhado.

Não, isso não ia acontecer.

Já era altura de Hainsley e a Sara saírem dali e ela acabar com a história do fantasma.

Empurrando ligeiramente o peito de Rhys, Vivi deu-lhe indicação para que se encostasse o mais possível e ficou feliz por ele ter de alguma forma compreendido sem a ver.

Levantando a mão, Vivi pressionou os dedos contra os lados do armário e moveu os lábios num feitiço muito simples.

Esperava mesmo que Amanda tivesse razão sobre estarem suficientemente afastados da cidade para que a magia amaldiçoada não lixasse tudo.

Ouviu-se outra pancada lá fora. Mas foi mais forte e Vivi ouviu a voz aguda de Sara.

— O que foi isto?

Ainda concentrada no feitiço, Vivi lembrou-se da fotografia na parede e fixou aí a sua energia. Ouviu então o estalido da moldura a bater no chão e Sara a gritar.

— Quero ir-me embora! — gritou ela, e Vivi desejou que Hainsley não fosse o tipo de parvalhão que lhe dissesse que

não era nada de mal. Ou, pior, que quisesse provar a sua masculinidade com um fantasma.

Só para se certificar, enviou outra onda mágica para a porta da frente e ouviu-a ranger sobre as dobradiças, batendo contra a parede de fora.

Desta vez, Sara não foi a única a gritar, e Vivi virou os pulsos para dentro ao ouvir dois pares de passos a correr para fora de casa e a descer o caminho em direção à floresta.

— Muito bem — elogiou Rhys, ainda em voz baixa, e Vivi sorriu na escuridão.

— Tenho os meus momentos.

— Isso é verdade.

Estavam agora sozinhos na casa. Não havia razão para continuarem no armário, ali juntos na escuridão, mas nenhum deles se mexeu.

— Vivienne — disse Rhys, e Vivi conseguia senti-lo dizer o seu nome, a respiração dele mover-se sobre os seus lábios. Ainda estava muito perto. Ainda *estavam* os dois muito perto.

Quando ele baixou a cabeça, ela estendeu a mão para se apoiar melhor na parede oposta.

Então, ela gritou e os dedos estremeceram-lhe, quase como se tivesse tocado numa tomada.

— O que se passa? — perguntou Rhys, afastando-se de imediato e acendendo a lanterna, apontando-a para a parede à sua direita.

— Acho — disse Vivi, ao olhar para as marcas ali pintadas — que encontrámos o altar da Piper.



Capítulo 22

Rhys sabia que devia ficar muito contente por terem encontrado o que procuravam. Também sabia que era provavelmente uma estupidez sentir-se ligeiramente ressentido por, anos antes, uma bruxa ter feito um altar naquele armário minúsculo onde, décadas depois, Rhys estava muito perto de beijar uma mulher deslumbrante antes de ser completamente frustrado pela palavra altar. Mas era muito tarde e não estava a beijar Vivienne. Por isso, e não por o ter atirado para o outro lado da biblioteca, Piper McBride encontrava-se agora no topo da sua lista das pessoas mais merdosas.

— Porque terá ela posto o altar aqui? — interrogou Rhys, movendo o raio de luz da sua lanterna em direção às runas que Piper pintara todos aqueles anos antes. Algumas delas familiares, outras completamente desconhecidas.

— Deduzo que tivesse pessoas na sua vida que não soubessem que ela era uma bruxa — respondeu Vivienne, ajoelhando-se no chão e pressionando os dedos na tábuas. — Ou talvez porque estava a fazer magia negra?

Acocorou-se e franziu a testa.

— De qualquer modo, não interessa. O mais importante é acendermos a vela, aprisioná-la e sairmos daqui.

— Concordo plenamente — murmurou Rhys, ainda de olhos postos nas runas. Havia qualquer coisa de sinistro nelas, especialmente nas que estavam na parte inferior da parede, todas pretas, marcas vincadas que não se tinham desvanecido depois de tanto tempo.

Vivienne tirara a vela do saco e Rhys observou enquanto ela a colocava num pequeno suporte de prata antes de ir novamente ao saco buscar uma caixa de fósforos.

Rhys não tinha a certeza se ela estava a sustentar a respiração quando acendeu a vela, mas ele garantidamente estava. Porque é que não a tentou demover daquilo? Sabia que, acima de tudo, ela se sentia culpada por causa do fantasma, mas não era ela que tinha de fazer aquilo. Se os bruxos queriam aquele fantasma preso, bem podiam ser eles a fazê-lo.

Inclinou-se para a frente para lhe dizer isso — e possivelmente apagar o raio da vela — quando a temperatura do armário pareceu descer dez graus.

Demasiado tarde.

— Ela está aqui — murmurou Vivienne, levantando os olhos para ele. — Sou mesmo sinistro, desculpa.

— Sim, foi mesmo dizeres três palavras que tornou toda esta situação perturbadora. Antes disso? Tão agradável como um passeio no parque.

Vivienne voltou a olhar para a vela, mas Rhys viu o canto da boca dela contorcer-se num gesto próximo de um sorriso.

Então, enquanto esperavam e o ar ficava cada vez mais frio, Rhys apercebeu-se de uma espécie de som sibilante, como se alguém tivesse deixado o gás ligado. Quando se voltou para a porta da frente, viu algo que lhe pareceu névoa a fluir por baixo dela.

Brilhava, lançando o quarto numa luz azul misteriosa à medida que alastrava pelo chão, ondulando na direção deles.

O frio era agora quase insuportável e Rhys agarrou no cotovelo de Vivi, ajudando-a a levantar-se para saírem do armário. A névoa juntava-se e aglutinava-se, alastrando para cima até a forma bruxuleante de Piper McBride flutuar à frente deles.

Parecia menos substancial do que na biblioteca e, louvada seja a deusa, também muito menos irritada.

Em vez disso, parecia apenas um pouco confusa, o olhar a mover-se impaciente para o que tinha sido a sua casa.

Enquanto Rhys e Vivienne observavam, pequenos fiapos na névoa que formava o fantasma de Piper McBride começaram a soltar-se, ondulando como fumo na direção da vela. A forma dela tornava-se cada vez mais transparente.

— Acho que está a resultar — murmurou Vivienne, quase de um modo inaudível. Rhys assentiu.

— Se queres que te diga, podia ser um bocadinho mais rápido.

— Desculpa se a velha magia da vela para convocar fantasmas não é suficientemente impressionante para ti, Rhys.

— Não quis dizer isso, eu só...

— *Penhaaaaaallllow.*

O apelido dele não foi mais do que uma espécie de suspiro distorcido, e um medo real, gelado e simultaneamente ardente, percorreu a coluna de Rhys.

O fantasma continuava a oscilar no mesmo lugar, apesar de cada vez mais dele se dirigir para a vela. Os olhos tinham o mesmo azul-pálido que o resto, as pupilas tão dilatadas que quase absorviam a íris, e Rhys sentiu que olhava através dele, não para ele.

— *Amaldiçoado Penhallow* — acrescentou Piper, a sua forma a tornar-se cada vez mais ténue. — *Amaldiçoado pelo que foi tirado.*

— Pensei que rinha sido amaldiçoado por ser um parvalhão — murmurou Rhys para Vivi. Mas ela olhava de sobrolho franzido para o fantasma.

— O que quer isso dizer? — perguntou Vivi. — O que é que ele tirou?

— *Nunca foi teu, idiota* — sibilou o fantasma. — *Tu tiraste-o.*

Naquele momento já se estava a desfazer, a cabeça a flutuar separada do pescoço, as mãos a vaguear em espirais de fumo que desapareciam na chama da vela.

Foi uma das coisas mais assustadoras que Rhys alguma vez vira, e Vivienne estava a *aproximar-se daquilo*.

— Mas ele não tirou nada — contrapôs ela, o queixo levantado à medida que a cabeça do fantasma flutuava cada vez mais alto. — Tipo, nem mesmo a minha virgindade.

— É verdade! — disse Rhys a Piper. — Não sou muito de tirar, na verdade, sou mais de dar.

— Ela não está interessada nos teus desempenhos sexuais, Rhys — disse Vivienne, sem tirar os olhos do fantasma. — E não tenho a certeza de que ela esteja a falar de ti.

Era difícil ver para onde é que Piper estava agora a olhar, com a cabeça quase a tocar no teto, mas o fantasma abriu o maxilar com um daqueles gemidos de *banshee* a sair em espirais à medida que era cada vez mais sugado pela vela. Rhys deu por si a aproximar-se de Vivienne.

— *O que estava errado tem de ser concertado, ao que foi tirado tem de se renunciar* — uivou Piper, e o ar tornou-se subitamente carregado, como se um relâmpago estivesse prestes a cair.

E então, com mais um guincho e um som perturbador como algo a ser levado por um ralo, o que restava de Piper

foi sugado pela Vela Eurídice.

A chama oscilou uma vez, duas vezes, e ficou brevemente azul.

E depois apagou-se, deixando Rhys e Vivienne na escuridão.

Sozinhos.

Capítulo 23



Eram quase duas da manhã quando Vivi usou a chave extra para entrar na *Something Wicked*. Levava a Vela Eurídice no saco e, apesar de parecer — e dar a impressão de ser — uma vela normal, não queria ficar com ela mais do que o necessário. Garantidamente, não a queria no seu apartamento durante a noite.

A sala dos fundos da loja pareceu-lhe o melhor lugar para a guardar e dirigia-se agora para lá, com Rhys atrás dela.

Não falaram muito no caminho de volta e, definitivamente, não falaram sobre o momento no armário, tal como não falaram sobre o beijo na biblioteca.

Vivi e Rhys estavam a ficar mesmo bons em Não Falar Sobre as Coisas, e era desse modo, pensava ela, que as coisas deveriam continuar.

Pensou, ao empurrar as cortinas que davam para a sala dos fundos, que precisava de se lembrar de toda aquela coisa de não estar novamente sozinha com ele em espaços pouco iluminados.

— Oh, porra — murmurou para consigo ao entrar na sala. Tinha-se esquecido de que o feitiço da tia Elaine fazia com que a sala mudasse de aspeto conforme a hora do dia, até

conforme o tempo. Se estivesse a chover na rua, haveria uma lareira, velas acesas acolhedoras nas paredes. Se estivesse sol, haveria janelas que deixavam entrar suaves lençóis de luz solar.

E a meio da noite teriam a lareira acesa, as velas e por cima das cabeças um céu estrelado.

— A tua tia vai encontrar-se aqui com alguém mais tarde? — perguntou Rhys, olhando em redor. Vivi manteve o olhar no roupeiro que tinha à frente e disse:

— Não, isto é só... o clima.

— O clima — repetiu Rhys, visivelmente encantado. — Gosto disto.

Vivi manteve-se em silêncio, apenas abriu o roupeiro e tirou cuidadosamente a vela do saco. Ainda estava um pouco fria ao toque, mais fria do que seria normal numa vela, e Vivi foi cautelosa ao colocá-la entre as velas normais, brancas, e vários frascos com ervas secas.

De manhã, enviaria uma mensagem de texto a Gwyn e à tia Elaine a explicar o que se passara. Mas por agora só queria ir para o seu apartamento, tomar um banho quente e dormir muitas horas.

— Meu Deus, é tão tarde — disse Rhys, suspirando. Vivi assentiu enquanto acabava de colocar a vela no sítio.

— Eu sei. Estou feliz por não ter aulas amanhã de manhã. Atrás dela, ouviu Rhys rir-se.

— Equilibrar o ensino com a feitiçaria. Ou a feitiçaria com o ensino, imagino.

— É a minha vida.

Só que, nos últimos anos, Vivi não fazia muitas dessas coisas das feitiçarias. E apesar de aquela noite não ter sido propriamente divertida, tinha havido qualquer coisa de excitante em tudo aquilo. Esgueirarem-se através da floresta para uma casa assombrada, convocarem o espírito

de uma bruxa morta há anos... era o tipo de coisa em que Vivi pensara ao ouvir falar pela primeira vez *sobre* o que ela... era.

Talvez por isso não se sentisse tão cansada e exausta ou stressada por dar aulas no dia seguinte.

Fora a uma casa assombrada, acendera uma vela mágica e capturara o raio de uma *bruxa fantasma*.

E sentia-se incrível.

— Obrigada pela tua ajuda — disse a Rhys, fechando o roupeiro e rodando a chave na fechadura. — Tenho a certeza de que ser aterrorizado por um fantasma não era a primeira coisa que pensavas fazer esta noite.

Virando-se, encostou-se contra o roupeiro e cruzou os braços sobre o peito. Rhys ainda ali estava em pé, do outro lado da sala, as luzes da lareira a tremeluzirem no seu belo rosto, o cabelo definitivamente a fazer Aquela Coisa e a barba por fazer completavam o seu ar jovial.

Talvez por isso, Vivi disse:

— E deixa-me dar um agradecimento retroativo por não teres tentado ter sexo comigo numa casa assombrada quando andámos na faculdade.

— O jovem Hainsley tem de repensar as suas jogadas — reconheceu Rhys, imitando a posição de Vivi contra o armário logo à frente dela. — Mas, para dizer a verdade, se tivesse tido oportunidade naquela altura, provavelmente teria tentado. Eu teria tentado dar-te uma queca praticamente em qualquer lugar. Casa assombrada, hospício abandonado, Direção-Geral de Viação...

— Se tivesses feito essa última, talvez também pudéssemos ter tentado sexo na cadeia — respondeu Vivi, ignorando a maneira como o coração palpitava no peito, tanto com as palavras dele como com aquele meio-sorriso, desejando que a tia Elaine não fosse tão empenhada na

estética, porque aquela sala com madeiras acolhedoras e luz ténue e muitas superfícies suaves não ajudava nada.

— Teria valido a pena — reconheceu Rhys, e então o sorriso desapareceu-lhe do rosto à medida que o olhar se tornava mais caloroso. — Eu era doido por ti, Vivienne — disse suavemente.

Com sinceridade.

— Completamente doido.

Vivi engoliu em seco, apertando os braços à volta de si própria. Queria lembrar-se de uma piada para lhe dizer, algo que estourasse aquele momento como um balão.

Em vez disso, disse a verdade.

— O sentimento era mútuo.

— Era?

Rhys desencostou-se do armário, aproximando-se dela. Era tarde, tão tarde, e Vivi estava acordada há quase vinte horas, mas sentiu-se como quando tocou nas runas na casa de Piper.

Eletrificada. Viva.

— Porque quanto mais penso nisso — continuou ele, ainda avançando para ela, lentamente, com as mãos nos bolsos —, mais acho que não devia usar o pretérito. Será que devo fazer o teste?

Parou para a observar e Vivi soube que se lhe dissesse que não, se lhe dissesse que tinha de se ir embora, ele iria sem questionar. Era uma das coisas de que ela gostara nele há todos aqueles anos, quão facilmente ele punha o poder nas mãos dela. Vivienne podia detê-lo naquele preciso momento.

Ou podia deixá-lo aproximar-se e ouvir o que tinha para dizer.

Sem ter a certeza de que podia confiar em si própria para falar, Vivi apenas acenou com a cabeça e o canto da

boca de Rhys levantou-se.

— *Sou* doido por ti, Vivienne Jones. Outra vez. Talvez seja melhor dizer *ainda*, porque tenho de ser honesto comigo mesmo, *cariad*^B. Acho que nunca me fui embora.

Cariad. Ele chamara-lhe isso, naquele verão. Ainda o conseguia sentir a gemer ao ouvido dela, sussurrando na pele dela, murmurando entre as suas pernas.

Continuava ligeiramente afastado de Vivienne, dando-lhe ainda a oportunidade e o espaço para terminar aquilo, se quisesse.

Ela não quis.

Diminuindo o espaço entre eles, Vivi colocou as mãos no peito de Rhys. Através do tecido da camisola sentiu-lhe a pele quente, o coração batia firmemente contra as suas mãos, e à medida que se inclinou para a frente, sentiu-lhe o cheiro da pele, o cheiro a lareira que vinha da floresta, o cheiro do ar noturno agarrado a ele, e de repente pareceu-lhe tão estúpido ter achado que não queria aquilo.

Levantou o rosto e encostou os lábios aos dele.

O beijo na biblioteca fora frenético, um fósforo em contacto com gasolina, raiva e frustração a consumi-lo tanto como o desejo.

Este foi diferente. Mais lento.

Rhys envolveu-lhe a cara com as mãos, os polegares a fazer pequenos círculos no seu maxilar, e Vivi viu-se com as mãos encostadas à parte de baixo da cintura dele, abrindo a boca sob a dele, suspirando quando as suas línguas se tocaram.

— O teu sabor — murmurou ele, abrindo os lábios, descendo a boca para o pescoço enquanto Vivi fechava os olhos e inclinava a cabeça para trás. — Não me canso dele. Nunca me cansei dele.

Outra memória. Aquela primeira noite no Festival do Solstício, enroscados na tenda dele. Vivi nunca tinha ido para a cama com alguém tão depressa, percorria sempre o que ela considerava ser o número de encontros apropriados para cada etapa. Beijo no segundo, um pouco mais no terceiro e por aí fora. Só tivera sexo com um outro rapaz antes de Rhys, e só depois de um ano de namoro.

Mas duas horas depois de conhecer Rhys já tinha a boca dele na dela, a perna levantada sobre um dos ombros enquanto ele a beijava e lambia e sugava e a deixava completamente fora de si, dizendo-lhe uma e outra vez como sabia bem, como era maravilhosa, e ela *sentia-se* maravilhosa. Poderosa, descarada, desinibida.

Às vezes, ela pensava que naquele verão se tinha realmente apaixonado pela versão dela quando estava com ele.

Mas por mais encantadora que essa memória fosse, não queria pensar no passado quando o presente estava ali mesmo à sua frente, as mãos dele a tocarem nela, os dedos a acariciarem-lhe a cintura mesmo acima das calças.

— Vivienne, se me deixares fazer-te vir esta noite, vou considerar-me o homem mais feliz do mundo.

Murmurava as palavras naquele sítio onde o pescoço se une ao ombro, e Vivi sentiu o corpo todo endurecer em resposta.

De repente, não havia nada que mais quisesse no mundo do que deixar Rhys Penhallow fazê-la vir-se na arrecadação da loja. E não queria pensar muito nisso, não queria pensar em todas as razões por que não o devia fazer.

Tinha sido uma noite longa e sentia-se poderosa e *bem...* e um homem atraente queria dar-lhe um orgasmo.

Porque é que não haveria de ter isso?

Agarrou com as mãos a parte de trás do pescoço dele e inclinou-se para o beijar novamente, passando a língua na

dele, adorando o som lento que, ao fazê-lo, ele soltou pela garganta.

— Por favor — sussurrou ela contra a boca dele, e depois cambalearam até ao antigo sofá de veludo perto da lareira. Uma parte distante do cérebro de Vivienne lembrava-a de que o sofá pertencera a uma bruxa famosa, que era por isso mesmo que a tia Elaine gostava dele, mas naquele momento não conseguia pensar nisso, não queria pensar em mais nada exceto em Rhys e nas mãos dele a percorrê-la.

Deitaram-se no sofá, Rhys esticando os braços para garantir que todo o seu peso não caía sobre ela, Vivi colocando uma mão na nuca dele, enquanto Rhys lhe encostava o nariz ao pescoço, ao queixo.

Rhys desentalava a camisola dela das calças, puxava-a para cima do peito e, quando lhe mordiscou com a boca o mamilo através da renda do sutiã, Vivi gemeu, cerrando os dedos no cabelo dele.

Com a língua, Rhys desenhava círculos demorados, o arrastar do tecido e o calor húmido da sua boca faziam-na contorcer-se debaixo dele, desejando, suplicando.

O arranhar do fecho das calças soou demasiado alto naquela sala silenciosa e Rhys olhou para ela outra vez, olhos nos olhos, as pupilas enormes de desejo:

— Está tudo bem? — perguntou ele, e Vivienne assentiu, quase desesperada, enquanto lhe agarrava na nuca e aproximava a boca dele da sua.

— Mais do que tudo bem — arquejou ela, e as mãos dele desceram, passaram pelo tecido das cuecas, e Vivi levantou as ancas do sofá numa súplica silenciosa.

Ele fez uma pausa, empinado sobre ela, o cabelo sobre a sobancelha, os lábios entreabertos pela força da respiração, e parecia de novo aquela primeira noite.

Naquela tenda no Festival do Solstício, descendo o olhar sobre ela, o mesmo pendente a baloiçar no peito.

— Meu Deus, és linda — disse ele, a voz ansiosa, a pronúncia mais acentuada, e Vivi podia ter-se vindo só com aquilo. No olhar dele, tão doce quanto caloroso, e não pela primeira vez, ela pensou em como tudo teria sido mais fácil se não tivessem gostado tanto um do outro. Se tivesse só sido sexo e calor e desejo, e também sem aquela intensidade.

— Faz-me vir, Rhys — ouviu-se a dizer, a voz fraca contra o crepitar do lume e o bramido do próprio sangue nos ouvidos. — Agora.

Precisava que o calor lhe reduzisse aquela intensidade.

Se conseguisse dizer a si própria que era apenas sexo, só uma questão de se vir, seria mais fácil vê-lo partir desta vez.

Ou pelo menos esperava que assim fosse.

Durante mais um momento, Rhys ficou apenas a observá-la, os olhos quase pretos, o peito a subir e a descer, e Vivi, tensa, questionou-se sobre se ele iria acabar com aquilo ou tentar que fosse mais do que era.

E então os dedos dele encontraram-na outra vez, pressionando e movendo-se em círculos, mergulhando na sua humidade e usando-a para suavizar o toque, avançando e recuando, e Vivi fechou os olhos, soltando gemidos incoerentes enquanto ele lhe tocava e tocava e *tocava*.

O orgasmo pareceu começar algures muito dentro dela, irradiando para os dedos dos pés, as pontas das mãos, os mamilos, e ela agarrou-se a ele ainda com mais força enquanto se soltavam faíscas por trás dos seus olhos, enquanto se perdia para tudo, menos para ele, da mesma forma que tinha acontecido na primeira noite.

«Mas desta vez é diferente», disse ela a si própria, enquanto lhe beijava o pescoço, a boca, tudo a que conseguisse chegar.

«Tem de ser.»

³ Significa amor na língua galesa. (N. T)

Capítulo 24



— Então, isto é que é uma Vela Eurídice.

Vivi escondeu um bocejo atrás da chávena do café enquanto assentia.

— Hum-hum.

Estavam sentadas à grande mesa no fundo da arrecadação da *Something Wicked*, as três a observar a vela prateada entre os montes de ervas de Elaine e pavios das suas próprias velas. À luz do dia, naquela sala aconchegante e acolhedora, não parecia algo que tivesse um fantasma preso no interior.

Mas Vivi ainda se lembrava de ver o fantasma de Piper McBride a desaparecer dentro dela e teve um leve arrepio. Quanto mais depressa Amanda tirasse aquela coisa das suas mãos, melhor. Era suposto ela passar pelo gabinete de Vivi ao fim da tarde, mas Vivi quis mostrar a vela à tia e à prima primeiro, daí aquele encontro improvisado na arrecadação.

Enquanto observavam a vela, Vivi concentrou-se muito para que o seu olhar não se desviasse para o sofá encostado à parede oposta. Apesar de apenas terem passado umas horas, a noite anterior... bem, hoje de manhãzinha... parecia algo saído de um sonho.

Um sonho mesmo fantástico e mesmo obsceno.

Mas tinha sido tudo muito real e em algum momento do dia ela teria de lidar com o que acontecera.

Com aquilo que significou.

«Significou que tiveste uma noite complicada e merecias aquele orgasmo», disse uma parte do seu cérebro que soava suspeitosamente ao que Gwyn havia dito, e Vivi estava inclinada a concordar. Por tudo isso estava exausta. E para quem dormiu cerca de três horas, sentia-se... bem, naquela manhã. Melhor do que bem. Melhor do que se sentia há muito tempo, e mesmo procurando no fundo de si a sensação de naufrágio por ter cometido um enorme erro, sabia que não a encontraria.

Porque não fora um erro. Tinha sido *divertido*. E isso não era suficiente?

Franzindo a testa, a tia Elaine aproximou-se mais, empurrando os óculos para cima no nariz.

— Não é comum os bruxos da faculdade usarem uma coisa destas — murmurou ela. Uma mão pairava sobre a vela como se a fosse agarrar.

— A bruxa que veio falar comigo era diferente — disse Vivi, encolhendo os ombros. — Acho que provavelmente estão a modernizar aquilo um bocadinho.

Gwyn soltou um som grosseiro perante esta afirmação, enquanto levantava um joelho e o rodeava com os braços.

— Isso é que era bom. Eu acho que eles só queriam que fizesses o trabalho sujo por eles.

— Talvez — reconheceu Vivi. — Mas, sinceramente, não foi assim tão mau.

Perante o olhar da tia Elaine e de Gwyn, ela corrigiu:

— Está bem, foi muito assustador, nunca mais quero voltar àquela cabana, mas podia ter sido bem pior.

— Os fantasmas podem ser perigosos — disse Elaine, ainda de testa franzida. — Devias ter vindo falar comigo primeiro.

— Eu e o Rhys tratámos de tudo.

Os olhos de Gwyn brilharam e ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas antes que o pudesse fazer, Vivi levantou um dedo.

— Não. Não é «*aposto* que o Rhys tratou de tudo» ou qualquer outra ordinarice que fosses dizer.

— Não tens graça nenhuma — respondeu Gwyn. — E a minha piada ia ser um pouquinho mais sofisticada do que isso, juro.

— Claro que sim...

Vivi foi até ao outro lado da mesa para pegar na vela, mas antes de o conseguir, a tia Elaine pegou-lhe na mão.

— Era só isto que nos querias contar? Que apanhaste um fantasma com uma Vela Eurídice?

Por um momento, Vivi teve o horrível pensamento de que a tia sabia o que ali acontecera na noite anterior, que havia, tipo, o equivalente a câmaras de vigilância, e que Elaine assistira a um belo espetáculo. Se assim fosse, Vivi gostaria que houvesse um feitiço de «desaparecer no chão».

Mas a tia Elaine não estava a fazer o olhar de quem sabia de alguma coisa. Era uma pergunta genuína, e Vivi percebeu que havia algo mais que tinha de lhes dizer.

— O fantasma disse algumas coisas antes de ser apanhado pela vela — revelou Vivi, ajustando o saco no ombro. — Sobre o «Penhallow amaldiçoado» e ele ter tirado uma coisa que não lhe pertencia. Mas eu não acho que fosse especificamente para o Rhys. Acho que podia estar a referir-se ao Gryffud ou qualquer outro antepassado.

— Talvez valha a pena investigar — ponderou Gwyn, pousando o queixo no joelho.

— Vou fazer alguma investigação — prometeu a tia Elaine, e depois apontou com a cabeça para o saco de Vivi.
— E tu vai entregar essa coisa ao seu dono legítimo.

— Assim farei — garantiu Vivi, fazendo uma continência.

A tia Elaine sorriu para ela, os olhos brilhantes por trás dos óculos.

— Orgulho-me de ti, Vivi. A Vela Eurídice é magia séria. Vivi agitou a mão.

— Na verdade, não fiz grande coisa. Só a acendi. Não é bem feitiçaria de nível superior.

— Mesmo assim — insistiu a tia Elaine, pegando-lhe na mão. — És uma bruxa que nem usa a magia para limpar a casa, e olha só para ti agora!

— Sim, mas isso é porque aproveito esse tempo para pôr em dia os *podcasts*. Além disso, quando era pequena, vi aqueles desenhos do Rato Mickey com vassouras diabólicas e aquilo deixou-me apavorada.

— Adorava esses desenhos — disse Gwyn, de queixo na mão, os brincos de prata a abanarem.

— Claro que adoravas.

— Mas a minha mãe tem razão — continuou Gwyn, dando um empurrãozinho a Vivi. — Magia de craque.

— Não sei o que isso quer dizer — respondeu a tia Elaine —, mas deduzo que queira dizer «impressionante», e foi. A tua mãe também ficaria orgulhosa de ti.

Surpreendida, Vivi olhou para a tia Elaine.

— Só que a minha mãe detestava magia.

A tia Elaine abanou a cabeça, recostando-se na cadeira.

— Assustava-a. Ela achava que ser bruxa era... não sei, algo que lhe tinha *acontecido*, não algo que tivesse escolhido. Mas era boa. Mesmo boa quando queria. Apenas escolheu outro caminho.

Vivi passara tanto tempo com esta ideia da mãe completamente contra a magia que ficou sem saber o que dizer.

Levantando-se, Vivi afastou a cortina que separava a zona de armazenamento do resto da loja e parou de repente a olhar para uma rapariga que ali se encontrava com os olhos muito abertos.

— Oh, uau — soprou —, nunca tinha visto esta parte da loja. Gwyn saltou da mesa quando Elaine se voltou.

— Ei, Ashley — disse Gwyn, aproximando-se e colocando um braço sobre os ombros da rapariga. Começou a encaminhá-la para a loja, lançando um olhar a Vivi e a Elaine.

— É só o armazém, nada de interessante, mas *temos* umas varinhas mesmo interessantes, se quiseres ver...

A voz de Gwyn foi diminuindo à medida que se ia afastando na loja, e a tia Elaine levantou-se, suspirando, as mãos nas ancas.

— Bem, parece que ficámos a saber que este feitiço também não está a funcionar muito bem.

Não era bem uma surpresa, antes uma lembrança de que tinham de resolver as coisas, e depressa. E era aí que a atenção de Vivi deveria estar.

Por essa razão, Vivi lançou um único olhar ao sofá antes de sair rapidamente da sala.

A viagem para o *campus* foi tranquila e Vivi estava a acabar de trancar o carro quando ouviu alguém chamar o seu nome.

Era Amanda, a correr para ela com um enorme sorriso no rosto.

— Como é que foi?

Aliviada, Vivi tirou a vela do saco.

— Foi ótimo! Mas agora, por favor, fique com isto, que ter um fantasma na carteira é assustador.

O sorriso de Amanda aumentou quando pôs os dedos à volta da Vela Eurídice.

— Sem problema. Vou levar isto para o nosso lado do *campus* e a Vivi pode continuar com o seu dia.

Como tinha uma aula para dar daí a cinco minutos, Vivi ficou agradecida por fazer isso mesmo e, com um aceno, voltou-se para o Chalmers Hall, o edifício onde ia dar as aulas.

Naquele dia, as nuvens estavam densas, as folhas deslizavam pelas calçadas de tijolo. Vivi sentiu um breve estremecimento e aconchegou melhor o lenço ao pescoço. Ao fazê-lo, olhou para trás por cima do ombro e viu Amanda atravessar o parque de estacionamento. Virou à esquerda para desaparecer atrás de uma fila de árvores, e Vivi semicerrou os olhos ao voltar-se.

«Aquele não é o caminho para o *campus* dos bruxos.»

Mas talvez Amanda conhecesse um atalho ou fosse buscar alguma coisa ao carro dela.

Tinha de ser isso.

Vivi deu a primeira aula, depois a segunda, esquecendo-se de Amanda e da Vela Eurídice enquanto ensinava a Magna Carta a uma centena de caloiros, esquecendo até Rhys por um momento. Quando regressou ao gabinete, no final do dia, estava a começar a sentir-se um pouquinho... Certo, «normal» talvez fosse uma palavra demasiado forte, mas pelo menos mais enraizada, mais segura de si própria.

Claro que ainda tinham de lidar com a maldição, mas tinham resolvido a questão da poção no *Coffee Cauldron* e já não havia um fantasma zangado a vaguear pelo *campus*.

Estava tudo controlado.

Sorrindo, satisfeita consigo própria, Vivi sentou-se à secretária e puxou um monte de trabalhos para avaliar, ligando a chaleira.

Tinha acabado de avaliar os primeiros três trabalhos quando bateram à porta.

— Entre — respondeu sem levantar o olhar.

Assim que a porta se abriu, sentiu magia ondular na pele, tão densa e pesada que teve de parar um segundo para recuperar a respiração. Levantou o olhar e a doutora Arbuthnot encontrava-se à entrada.

— Menina Jones? — disse, num tom de trovão. — Creio que temos de conversar.

Rhys tinha passado o dia a pensar em Vivienne, por isso, de certo modo, não ficou surpreso quando ela apareceu à sua porta naquela noite. Na verdade, ao abrir a porta, pensou se estaria a ter uma alucinação particularmente vívida.

Mas, não, se ele estivesse a conjurar Vivienne, definitivamente não a teria feito parecer tão triste.

Não apenas triste. Derrotada. Tinha os ombros encolhidos, o cabelo todo despenteado. Até as pequenas cerejas na bainha da saia pareciam murchas.

— Tinhas razão — disse ela assim que ele lhe disse para entrar. Rhys fechou a porta e levantou as sobrancelhas.

— Em primeiro lugar, posso gravar-te a dizer isso? Em segundo lugar, razão em relação a quê?

Com um suspiro, Vivienne baixou os braços ao lado do corpo.

— Não podemos só andar a apagar os fogos que esta maldição provoca. Especialmente porque, ao tentarmos apagá-los, podemos estar a iniciar outros e... a tua casa é estranha.

Ela passara para a sala de estar e olhava à volta com uma expressão confusa, sem dúvida a assimilar o candelabro de ferro, a mobília de cabedal vermelho-escuro, o verdadeiro pesadelo gótico que era tudo aquilo.

— Como é que consegues dormir aqui? — perguntou, apontando para um quadro da parede. — Quero dizer, *eu* posso não voltar a dormir depois de ver aquilo.

— *Aquilo* é a minha tia-bisavó Agatha, mas bem visto.

Dirigindo-se para a cozinha, Rhys disse, olhando para trás, por cima do ombro:

— É uma conversa que exija vinho?

Ouviu Vivienne suspirar outra vez, depois o ranger do couro quando ela se deixou cair no sofá.

— Sim.

No momento em que ele voltou com uma garrafa e dois copos, ela estava encostada para trás a observar o teto. Não havia nada tão estranho como vê-la naquele sítio, ela e o seu vestido de bolinhas no covil do pai. E não gostou da forma como isso o fez sentir-se... melhor.

Mais feliz.

«Isso são as hormonas do sexo que ainda perduram de ontem à noite, companheiro», disse para consigo, mas sabia que era mais do que isso.

O problema é que ele não sabia que merda *fazer* com tudo aquilo. O que acontecera na loja tinha sido uma exceção, *precisava* de ser uma exceção, porque tudo aquilo era demasiado louco para que as quecas fizessem parte da equação.

Por mais que ele quisesse que assim fosse.

Rhys atravessou a sala e passou-lhe um copo de vinho, que ela recebeu graciosamente, bebendo um longo gole antes de se sentar mais direita e dizer:

— Estamos fodidos.

Rhys encostou-se ao braço da poltrona de espaldar alto ao lado do sofá, cruzando um tornozelo sobre o outro.

— Isto é por causa de ontem à noite?

— Claro — replicou ela com uma careta, e depois a expressão desvaneceu-se. — Oh, estás a dizer isso por causa de...

Corou e bebeu outro gole de vinho.

— Não. Não estou a falar disso. Estamos fodidos por algo completamente diferente.

As palavras não deviam magoar. Sabia Deus que ele estava a pensar a mesma coisa, por isso era ridículo sentir-se magoado.

Mas adquirira o hábito de ser ridículo no que dizia respeito a Vivienne.

— Lembras-te de como uma das bruxas da faculdade nos deu a Vela Eurídice para capturarmos o espírito da Piper McBride?

— Dado que isso se passou literalmente ontem, sim, *lembro-me*. Uma lembrança muito vívida, por acaso.

Vivienne revirou os olhos e bebeu mais um gole de vinho.

— Bem, acontece que a «Amanda Carter» não trabalha na faculdade. Na verdade, ela nem é bruxa, coisa que eu deveria ter percebido, mas estava tão aliviada por ter ajuda com esta questão que ignorei isso. — Abanando a cabeça, olhou misteriosamente para o copo. — Devia ter percebido pelas calças de ganga.

Apoiando-se com uma das mãos no braço da poltrona, Rhys olhou para ela, ali sentada, quase engolida pelo absurdo sofá do pai.

— O que queres dizer com ela não é uma bruxa? Então, como raios tinha uma Vela Eurídice?

Vivienne levantou a cabeça, tinha pequenas sombras azuis sob os belos olhos cor de avelã.

— É uma vigarista. Famosa, aparentemente. O verdadeiro nome é Tamsyn Bligh. Negoceia com artefactos mágicos e andava a sondar Graves Glen há algum tempo. Os bruxos da faculdade estavam de olho nela, mas ela conseguiu fugir à vigilância e veio em linha reta ter comigo.

Abrindo a mão com a palma para cima, Vivienne estendeu-a e abanou a cabeça.

— Seja como for, capturámos o fantasma de uma bruxa muito poderosa e muito assustadora, e depois demo-lo a uma pessoa que irá vendê-lo pela proposta mais alta porque eu sou uma burra crédula.

— Não és — contestou automaticamente Rhys, e como ela se limitou a olhar para ele, encolheu os ombros. — Bem, crédula és, mas não és burra. Nem de perto.

Com um resmungo, Vivienne colocou o copo na mesa de apoio e enfiou a cabeça nas mãos.

— É como se estivesse sempre tudo a ficar pior. Quando penso que já estou a conseguir resolver alguma coisa ou que estou a fazer alguma coisa bem, faço uma coisa destas.

Levantou novamente a cabeça, pôs as mãos na nuca e inspirou profundamente.

— Agora, os bruxos estão chateados, além disso, sabem da maldição e *também* estão chateados com isso, e eu só... — Parou de falar e lançou-lhe um olhar de súplica. — Porque é que sou este maldito desastre, Rhys? Nunca fiz magia a sério na vida, mas na única vez em que a fiz, consegui amaldiçoar uma cidade inteira.

— Eu é que fiz isso, Vivienne — reagiu Rhys, pondo-se de pé e colocando o copo na mesa ao lado do dela, antes de se sentar para se reclinar no outro braço do sofá, estendendo as pernas.

— Pois, é essa a questão — respondeu ela, voltando-se para ele. Tinha mais cabelo solto a emoldurar-lhe o rosto, e Rhys sentiu um formigueiro nas mãos com vontade de pôr aquelas madeixas atrás das orelhas, envolver a cara dela com as mãos, passar o polegar naqueles suaves lábios rosa. — *Nós* somos um desastre. Tirando isso, as nossas vidas correm lindamente, perfeitamente até, diria eu.

— Isso talvez seja um bocadinho exagerado — discordou Rhys, mas Vivienne estava claramente lançada.

— E então, assim que nos juntamos, dá sempre merda. Mesmo naquele verão. Naquele belo e perfeito verão. Como é que isto acabou? Caveiras de plástico demoníacas. — Espetou um dedo e começou a enumerar. — Poções envenenadas. — Outro dedo. — Fantasma na biblioteca. — Mais um dedo. — E agora isto, que... — Vivienne ficou a olhar para o último dedo e fez uma careta.

— Nem sei como definir isto. A não ser como *desastre*.

— Já o disseste. Repetidamente.

Agarrando no copo de vinho, Vivi bebeu até ao fim antes de o voltar a colocar na mesa para se recostar novamente no soá.

Como Rhys se manteve em silêncio, ela levantou ligeiramente o queixo:

— Então? Não vais argumentar comigo?

Rhys encolheu os ombros.

— Porquê? Tens razão.

— Tenho? — Aclarou a voz e endireitou-se. — Pois, quero dizer, sim, tenho razão, somos um desastre.

— Completo — concordou Rhys, levantando uma das mãos das costas do sofá. — A prova está na vela possuída, como se costuma dizer.

Vivienne sorriu levemente.

— As pessoas não dizem isso.

— Talvez devessem.

Ficaram momentaneamente calados, de olhos um no outro, e Rhys esperou para perceber se ela se iria embora naquele momento. Provavelmente devia, mas ao vê-la ali, descontraída e desgrenhada, queria muito que ela ficasse.

Percorrendo de novo a sala com o olhar, Vivienne levantou os braços para pôr o cabelo atrás das orelhas.

— Não consigo acreditar que vives aqui.

— Eu não *vivo* aqui — lembrou ele, inclinando a cabeça para trás, de modo a olhar para o candelabro. — Eu... estou a residir aqui temporariamente, mais ou menos contra a minha vontade. Grande diferença.

— Hum — fungou ela, agarrando numa das almofadas que estavam no sofá. Era preta, com o brasão da família bordado, e Rhys não tinha a certeza de alguma vez ter visto alguma almofada menos acolhedora do que aquela coisa.

Vivienne virou a almofada ao contrário, depois fitou-o com os olhos semicerrados.

— Muito bem, se isto me rebentar na cara, fica a saber que as minhas intenções eram boas.

Com as mãos sobre a almofada, Vivienne fechou os olhos e inspirou profundamente.

Foi-se acumulando uma luz dourada na ponta dos seus dedos e Rhys abriu muito os olhos.

— Certo, Vivienne, se calhar não...

Mas então a almofada cintilou e o brasão da família foi substituído por um dragão vermelho.

Especificamente, o dragão vermelho de Gales, mas um que sorria, as garras estendidas ao ar e pintadas com o mesmo verniz púrpura das unhas de Vivienne.

Levantando triunfalmente a almofada, sorriu.

— Muito melhor.

E porra.

Porra.

Já agora, ela podia ter-lhe dado uma martelada. Foi outra vez como aquela noite de verão, e Rhys pousou o copo na mesa num gesto decidido antes de se aproximar dela no sofá.

A almofada caiu ao chão e ela estendeu os braços para ele assim que os dedos de Rhys lhe tocaram no queixo, inclinando o rosto para que ele pudesse olhar para ela.

— Mas que miúda maravilhosa. — Suspirou e ela pôs-lhe as mãos na cintura, não para o afastar, como provavelmente deveria ter feito, mas para o puxar para si.

— Já não tenho mais maneiras de dizer que isto é má ideia — murmurou Vivienne, com os lábios encostados aos dele, e Rhys sorriu, esfregando o nariz no dela.

— Já cometemos muitos erros — disse ele. — Mas não acho que este seja um deles.

E não achava. Porque independentemente de todas as coisas que tivessem corrido mal com eles — e, credo, até agora ele conseguia preencher um livro de contabilidade —, isto, ela, ali nos braços dele, não fazia parte. Sabia disso melhor do que de qualquer outra coisa.

Vivienne inclinou-se mais para junto dele, acariciando-lhe suavemente com as unhas as costas das mãos, e se Rhys não estivesse tão excitado que até doía aquilo teria bastado para o efeito. Assim como o modo de ela roçar os lábios nele e murmurar:

— Vais pedir para me beijares?

Rhys sorriu.

— Vou pedir para te fazer uma data de coisas mais se tu me deixares.



Capítulo 25

«Minha», o sangue de Rhys zumbia ao beijar Vivi, puxando-a escadas acima, aquela boca quente e suave e molhada, aquele corpo dócil sob as suas mãos. «Finalmente, porra, finalmente minha.»

Tropeçavam e cambaleavam, rindo-se enquanto juntavam os lábios, até chegarem ao segundo andar.

Rhys deteve-se em frente à porta do quarto e Vivi, ainda enrolada à volta dele como uma videira, puxou-o ainda mais para si, os lábios no pescoço dele.

— O que se passa?

— Ah, pois...

Delicadamente, Rhys tirou-lhe a mão do cabelo, olhou para ela, para aqueles lábios carnudos e húmidos, para aquele olhar de entrega.

— Antes de entrarmos ali, há algo que precisas de saber.

Alguma da entrega desapareceu.

— Uma coisa um bocadinho assustadora de se ouvir antes mesmo antes de ficarmos nus com alguém. Não é nada sério, juro — disse-lhe, inclinando-se para lhe roçar a testa com os lábios, mas distraíndo-se de imediato com a sua boca tão próxima. E então já estava a beijar de novo Vivienne, voltando-se para que ela ficasse encostada à

porta, as coxas abertas para as ancas dele, um suave som de desejo a escapar dos lábios dela enquanto Rhys se balançava na sua direção.

— É o quarto — murmurou ele entre beijos.

— O que se passa?

— Bem, tu sabes como é o resto da casa...

— Um pesadelo gótico, sim.

Rhys reprimiu uma gargalhada que rapidamente se tornou um gemido quando ela enrolou a perna à sua volta, puxando-o mais para si.

— Pois, bem... o quarto é provavelmente o pináculo dessa estética, por assim dizer. E por mais impressionantes que as tuas capacidades tenham sido lá em baixo, não faço tensões de esperar que tu magicamente redecores o quarto todo antes de te saltar para cima...

Vivienne afastou-se ligeiramente, levantando o olhar para ele com uma espécie de brilho pecaminoso que o deveria ter deixado cheio, cheiinho de medo.

— Rhys — disse ela enquanto um amplo sorriso lhe aparecia na cara —, estás a dizer-me que vamos fazer sexo no quarto do Drácula?

— É... um bocadinho *à Drácula*, sim — admitiu ele, e ela riu-se, encostando a cabeça à porta.

— Tem uma cama com dossel? Por favor, diz-me que tem uma cama com dossel.

Não só tinha uma cama com dossel, como a cama estava em cima de uma plataforma.

Não era preciso que Rhys lho dissesse. Ela estava a momentos de o descobrir sozinha.

Por isso, estendendo o braço atrás dela, agarrando-a ao mesmo tempo pela cintura para que ela não caísse para trás, rodou a maçaneta.

Os beijos de Rhys eram tão inebriantes, tão absorventes, que por um minuto Vivi não se apercebera do quarto onde estavam. Podiam estar em qualquer lugar, num espaço vazio onde apenas eles existissem. Era assim que ele a fazia sentir. Como ele sempre a fizera sentir.

E foi então que viu o cetim vermelho.

— Ohhhhhh, meu Deus — pronunciou suavemente, e Rhys gemeu, dobrando tanto os joelhos que ficou com a testa encostada à clavícula dela.

— Era suposto dizeres isso por minha causa.

Vivi abafou um sorriso e afastou-se dele para explorar convenientemente o aposento onde se encontrava.

E «aposento» era a palavra certa, porque o quarto era *de loucos*.

Havia um candelabro no teto que parecia feito de uma espécie de cristal preto e que brilhava sombriamente na luz ténue, e a cama...

— *Rhys* — disse Vivi, encostando uma mão à boca. — É aqui que tens dormido todas as noites?

Suspirando, Rhys deu um passo atrás e encostou-se à parede.

— Dormi algumas noites no sofá porque não consigo lidar com este quarto — admitiu, e Vivi não o podia censurar.

A carpete era espessa e pesada, na parede mais ao fundo havia uma lareira, um tapete de pelo no chão, mais castiçais do que qualquer divisão conseguiria suportar e sobre a cama um quadro particularmente gráfico de Circe a seduzir Ulisses.

A cama propriamente dita estava colocada sobre uma plataforma tão alta que lhe chegava à cintura. E uns cortinados espessos, pretos e vermelhos, envolviam a cama, que estava coberta com...

Vivi espreitou por baixo da colcha de damasco.

— Cetim preto? — perguntou ela, subindo a voz na última sílaba, e Rhys inclinou a cabeça para trás, a maçã de adão protuberante.

— Eu avisei-te.

Ainda a rir, Vivi virou-se para ele e começou a desabotoar a blusa.

— Porque é que não me trouxeste aqui antes?

— Porque é que não te trouxe para a assustadoramente sinistra masmorra sexual onde durmo? — perguntou ele, mantendo as mãos atrás das costas, apesar de olhar para ela de uma forma que lhe fazia o sangue ficar ainda mais quente. — Nem consigo imaginar.

— Talvez eu tivesse gostado — disse Vivi, desentalando a blusa e adorando a forma como o olhar dele escureceu ao ver o sutiã menos sexy possível, o cor-de-rosa esbatido, com o laço descaído no meio, aquele que ela nunca usaria se achasse que acabaria ali, a despir-se à frente dele.

De algum modo, o olhar de Rhys derreteu-se mais.

— Como é que eu alguma vez desisti de ti — murmurou.

Vivi inspirou profundamente enquanto abria o fecho da saia, deixando-a cair ao chão, não ligando absolutamente nada ao facto de as suas cuecas serem velhas, umas com limões e laranjas espalhados pelo tecido, sem combinar minimamente com o sutiã.

Rhys atingiu, em poucos passos, o outro lado do quarto, puxando-a para si com força, beijando-a, ofegante.

— Diz-me o que queres — sussurrou contra os lábios dela, uma das ofertas mais atrativas que Vivi alguma vez ouvira.

— Tu sabes do que eu gosto — respondeu ela, o desejo a concentrar-se entre as pernas, e ele sorriu, abanando a cabeça.

— Eu sei do que *gostavas* — disse ele. — Mas quero que me digas o que queres agora.

Ela quase se sentiu atordoada pelo desejo, esmagada, e isso deu-lhe coragem. Tornou-a ousada.

— Prova-me — sussurrou, e as pupilas dele tornaram-se de alguma forma ainda mais escuras.

— Ah, *cariad*, não há nada que eu queira mais.

Deixou-o deitá-la sobre o colchão, saltando um pouco porque era muito alto, e quando levantou as ancas, ele deslizou-lhe as cuecas pelas pernas, beijando-lhe as coxas, o joelho, o tornozelo.

Vivi deitou-se para trás na cama, os olhos fixos no dossel sobre a cabeça, e subitamente aquele não lhe pareceu tão tonto, tão exagerado. Pareceu-lhe... romântico.

Mas talvez assim fosse porque os lábios de Rhys estavam ali, exatamente onde ela os queria, e o corpo dela arqueava debaixo dele, os dedos a apertarem-lhe o cabelo enquanto ele a descobria completamente com a boca.

O orgasmo apanhou-a de surpresa e fê-la agarrar-lhe ainda mais o cabelo, o corpo a contorcer-se sobre si próprio enquanto ofegava o nome dele, tremendo, transpirando.

Ele afastou-se, a boca molhada, e remexeu na mesa de cabeceira.

— Mais?

Ela sabia o que ele estava a perguntar e assentiu quando o ouviu suspirar de alívio antes de retirar um preservativo da gaveta.

Havia feitiços, Vivi sabia, que era suposto agirem como proteção, mas Elaine insistira com Vivi e Gwyn em que, relativamente ao corpo delas, deviam sempre confiar mais na ciência do que na magia, e ela estava agradecida por Rhys estar preparado.

Sentando-se um pouco, Vivi pôs a mão atrás das costas e desapertou o sutiã. E Rhys gemeu, avançando sobre o corpo dela para agarrar numa mama com a mão, a boca nos mamilos à medida que Vivi gemia, apoiando-se nas mãos.

— Sonhei com isto — murmurou ele contra a pele dela. — Como és macia. Como és bonita.

Murmurou mais qualquer coisa, qualquer coisa em galês, e embora Vivi não compreendesse o que era, o corpo compreendeu. O que quer que tenha dito foi ordinário e, apesar de ter acabado de se vir, deu por si a tentar agarrá-lo, com as mãos ávidas.

Havia algo de decadente por estar nua, aberta à frente dele, enquanto ele estava completamente vestido, mas agora ela queria mais. Queria vê-lo, senti-lo.

Rhys compreendeu claramente, porque se levantou, puxou a camisola sobre a cabeça e desapertou os botões das calças.

Vivi apoiou-se nos cotovelos, observando-o com o olhar ávido. Os pelos no peito dele não eram espessos, encaracolavam à volta dos mamilos e estreitavam à medida que se aproximavam da cintura.

Ela sentou-se de forma a conseguir tocar naquela linha de pelos com a unha, adorando o modo como os olhos de Rhys se fecharam brevemente, a respiração ofegante enquanto ela lhe puxava o fecho das calças para baixo, deslizando a mão para lhe tocar no pénis.

Estava duro, grosso na mão dela, e Vivi achou que poderia morrer se não o sentisse dentro de si.

— Agora, Rhys, *agora*, por favor.

Ele não precisou que lho dissesse duas vezes. Vivi ouviu o barulho do invólucro rasgar-se e sentiu a mão dele entre eles, e então lá estava ele a avançar dentro dela.

Já tinha passado muito tempo e ela ficou ligeiramente tensa, mas ele não se apressou com ataques superficiais, fazendo-a sentir junto à orelha a sua respiração quente.

— Faz com que seja bom para ti, Vivienne.

Rhys apenas precisou de um pequeno toque no ombro para rodar, colocando-se de costas. E Vivi seguiu-o com suavidade, abraçando-o pelo peito à medida que se erguia sobre ele, acertando o ângulo para o sentir profundamente dentro de si, a cabeça inclinada para trás, o cabelo a roçar-lhe as costas.

E então lá estava a mão dele, no ponto onde os seus corpos se encontravam, os dedos a mexer com perícia, e Vivi percebeu que estava prestes a vir-se de novo, apertando-o com as suas paredes interiores enquanto ele gemia e empurrava para cima, coordenando-se com cada movimento das suas ancas.

Vivi chegou ao limiar num instante, abrindo a boca num grito silencioso, e Rhys sentou-se debaixo dela, inclinando-lhe as costas, dobrando os dedos na sua pele, sussurrando o seu nome ao vir-se.

Ela caiu sobre Rhys quando ele se deitou no colchão, mantendo-a presa, ainda dentro dela. E enquanto tentava recuperar o fôlego, Vivi apercebeu-se de que nem por um único momento comparara aquela vez com as outras em que tinham tido sexo.

Não tinha havido memórias, não tinha havido passado. Apenas aquilo. Apenas o presente.

Apenas ele.

Gemendo, Rhys deitou-a para o lado e saiu de dentro dela enquanto lhe deslizava a mão pela coxa, como se não conseguisse parar de lhe tocar. E Vivi sentiu que era provavelmente uma estupidez sentir-se tão feliz quando as

coisas corriam tão mal, mas esse era o perigo de ter múltiplos orgasmos.

Riu-se um pouco, baixinho, ao observar o dossel da cama verdadeiramente ridícula de Rhys. Junto dela, ele tombou de costas e virou a cabeça para Vivienne.

— Espero que esse risinho não tenha que ver com o meu desempenho — disse ele, ainda ofegante.

— Nunca — assegurou-lhe com um decidido abanão de cabeça. — Tem tudo que ver com a tua mobília.

— Ah — respondeu ele, voltando o olhar novamente para o dossel. — Nesse caso, estás à vontade. Este é um quarto completamente absurdo para um homem adulto.

— Todos os quartos das casas do teu pai são assim? — perguntou Vivi, pondo-se de lado, e Rhys semicerrou um pouco os olhos na direção dela.

— Isto é a tua tentativa de saberes se cresci num quarto com cama de dossel?

Vivi levantou o polegar e o indicador a uma pequena distância um do outro.

— Um pouquinho.

Ele sorriu, a expressão, como sempre, a fazê-lo parecer mais novo e mais delicado, e Vivi desejou não gostar tanto dele, desejou que a Vivi de dezanove anos não o tivesse visto naquele campo para lhe entregar o coração com ambas as mãos.

Mas isso não era verdade.

E ela sabia.



Capítulo 26

— Demasiado óbvio?

Rhys virou-se no seu lugar no sofá de Vivienne para a ver na entrada do quarto, com uma mão na anca. Nessa noite, não estava a usar nem bolinhas nem cerejas; estava com um vestido preto que enfatizava cada uma das suas curvas, os *collants* às riscas pretas e púrpura visíveis entre a saia e as botas pretas altas, um chapéu de bruxa na cabeça e o cabelo solto pelos ombros.

Na semana anterior, Rhys tinha-a visto nua várias vezes, tinha-a tido em cima e em baixo dele, na cama dele, na cama dela, num encontro bastante memorável nas escadas da casa dela, mas ainda engoliu em seco quando a viu ali, tão espetacularmente bonita e, pior ainda, tão adorável que esteve muito tentado a sugerir que ficassem em casa naquela noite e não fossem à Feira de Outono, o que quer fosse essa treta.

— Acho que devias usar isso todos os dias — acabou por dizer, levantando-se do sofá para se pôr à frente de Vivi, colocando as mãos na ombreira da porta sobre a cabeça dela. — Ou pelo menos todas as noites.

— Talvez consigas convencer-me a fazer isso — respondeu Vivienne, levantando a cara para lhe dar um beijo. — O que ganho eu em troca?

— Posso dar-te uma previsão — sugeriu Rhys, largando a porta e colocando as mãos no vestido dela, puxando-o ligeiramente para cima enquanto Vivienne ria.

— Se nos atrasarmos para a feira, a Gwyn mata-nos — disse ela, mas já estava a desabotoar os poucos botões da camisa de Rhys, deslizando as unhas à volta do fio que ele tinha ao pescoço.

— Podes explicar-me novamente, por favor, o que é que isto implica na verdade? Vou ter de abocanhar maçãs ou coisa do género?

— Isso é uma certeza — replicou Vivienne —, juntamente com beber cidra e ajudar-me e à Gwyn a vendermos coisas de bruxas na barraquinha. Todos os anos, ela e a tia Elaine fazem uma fortuna nessas coisas. *E* podemos comer as tartes caseiras de maçã caramelizada da senhora Michaelson, que são tão boas que eu acho que ela é uma bruxa, apesar de a tia Elaine jurar que não, que tem apenas que ver com a manteiga que usa e... oh!

Rhys subira suficientemente o vestido de Vivi para conseguir colocar o polegar entre as suas pernas, tocando levemente na seda húmida da roupa interior, e ao mover a mão tocou-lhe na pele nua e quente.

Rhys suspirou e encostou a cabeça ao ombro dela.

— Eu ia estar para ali a abocanhar maçãs sem saber que, afinal, estás a usar meias e não *collants*? És verdadeiramente uma mulher cruel, Vivienne.

— Não, eu ia deixar que me tocases no passeio de carroça.

— Nem sei bem o que é um passeio de carroça, mas acho que já é a minha parte preferida da Feira de Outono.

Rhys inclinou-se e beijou-a outra vez, prendendo-lhe o lábio inferior entre os lábios e chupando um pouco, fazendo-a suspirar contra a sua boca e aproximar-se ainda mais.

A gola subida do vestido impedia-o de lhe tocar tanto quanto desejaria, mas contentou-se em roçar-lhe as costas

dos dedos na curva do peito e pensou vagamente em quanto tempo é que tinha de lhe tocar até ficar satisfeito. Estivera com ela três meses naquele verão e nem sequer começara a ficar saciado. A sensação naquele último dia era igual à do primeiro.

E sabia que, desta vez, quando se fosse embora, aconteceria o mesmo. Eles podiam falar sobre «tirar dos seus sistemas» o que quisessem... mas aquilo não era o tipo de coisa de que se recuperasse.

«Conseguiste antes, vais conseguir novamente.»

Porque tinha de o conseguir. Tinham concordado no facto de não terem futuro juntos e por agora estavam a apreciar a companhia um do outro, mas sempre que tocava nela, sempre que a beijava, isso era difícil de lembrar.

Vivienne interrompeu o beijo e, com os olhos brilhantes, forçou-o a ajoelhar-se.

Rhys fê-lo de boa vontade, puxando o vestido mais para cima, tirando os laços das meias na parte mais comestível das coxas. E mordiscou-a suavemente, adorando o som irregular da sua respiração enquanto Vivienne estendia a mão para se apoiar na porta, puxando-lhe os cabelos quase dolorosamente.

Levantou o olhar para ela, sorriu e deu um beijo na zona que acabara de morder.

— Ainda preocupada com a possibilidade de chegarmos atrasados?

— Nem um bocadinho.

Vivienne podia não se preocupar — e Rhys estava-se completamente nas tintas —, mas ela tinha razão em relação a Gwyn. Quando finalmente chegaram à Feira de Outono, quase uma hora depois do que tinham combinado, a prima de Vivienne esperava-os no parque de estacionamento, de braços cruzados sobre o peito. Tal como

Vivienne, estava toda vestida de bruxa, apesar de usar botas altas cor de laranja e meias verdes.

— Estamos lixados — disse Vivienne, e Rhys encolheu os ombros enquanto soltava o cinto de segurança.

— Vou dizer que a culpa é tua. Vou dizer à Gwyn que exigiste que eu te desse atenção antes de virmos.

— Estão atrasadoooooooooos! — cantarolou Gwyn, quando Vivienne saiu do carro. Vivienne acenou com a mão.

— Sim, eu sei. Nós...

— Vivi, estás a brilhar mais que uma abóbora de *Halloween*, por isso acho que sei o que estavam a fazer.

Rhys teve de se esforçar bastante para não parecer cheio de si quando Vivienne lhe atirou um sorriso quase envergonhado, mas claramente fracassou, porque Gwyn revirou os olhos para eles e voltou-lhe as costas.

— Vocês são nojentos — resmungou, mas Rhys viu a forma como ela sorriu para Vivienne quando deu o braço à prima, puxando por ela enquanto avançavam pelo campo onde a feira tinha lugar, as ancas a baterem uma na outra.

Rhys observou-as, as cabeças juntas, e lá estava novamente, aquela espécie de aperto no peito, lembrando-lhe de que aquele era o sítio de Vivienne. Ela tinha feito o seu lar na pequena vila onde a sua família vivera durante anos, construíra aí uma vida. Quanto a ele, a sua terra natal quase o sufocara.

Outra lembrança de como eram diferentes.

Mas quando ela olhou para trás por cima do ombro e sorriu, aquele sorriso caloroso e alegre que fazia o coração de Rhys saltar no peito, pareceu-lhe que isso podia não ser assim tão importante.

A feira de Outono fora sempre uma das coisas preferidas de Vivi nos dias que precediam o *Halloween* em Graves

Glen. Era sempre realizada no mesmo campo, aninhado num vale entre as colinas, tudo em redor com luzes e lanternas de papel, no ar o cheiro a comida frita, pipocas e canela. E apesar de as pessoas levarem os filhos, não tinha exatamente a mesma atmosfera familiar do Dia do Fundador. Havia algo selvagem, algo mais pagão.

Nessa noite, o céu estava quase limpo, com apenas algumas nuvens a passar à frente da lua, e Vivi cantarolava feliz para consigo enquanto, na barraquinha de Gwyn, embrulhava em seda um baralho de cartas de tarô para uma mulher.

— Tens o estilo irritantemente alegre de uma mulher que tem uma quantidade absurda de sexo espetacular — observou Gwyn, quando a mulher se afastou. Não estava mais ninguém à espera, por isso ela sentou-se no balcão da barraquinha e pôs-se a baloiçar as longas pernas.

— Eu sei — disse Vivi, com um ar animado. — Tanto irri-tantemente alegre *como* com uma quantidade absurda de sexo espetacular.

— Sim, já tinha percebido — respondeu Gwyn, mas estava a sorrir e esticou-se para dar um pontapé suave a Vivi com a bota cor de laranja. — Tu mereces.

— Também acho, na verdade — concordou Vivi, os olhos já à procura de Rhys no meio da multidão. E assim que os olhos de ambos se encontraram, quando ele avançava na sua direção com vários sacos de papel, viu-o sorrir...

Oh, Deus, sentiu aquele sorriso em todo o corpo. Ela e Rhys tinham passado os últimos dias a satisfazerem-se em tudo o que pudessem pensar, em tudo o que desejassem, os corpos exatamente no sítio onde tinham ficado nove anos antes.

Mas em momentos como aquele, com o estômago cheio de borboletas, o sorriso a magoar-lhe as faces enquanto o via a avançar para ela, preocupava-a que talvez o coração também tivesse ficado no *mesmo* sítio.

— Espero que isto seja o que querias, *cariad* — disse ele, passando-lhe um dos sacos. — Poderíamos pensar que são feitos de ouro, pelo tamanho da fila.

— Obrigada — agradeceu Vivi, olhando para o saco com o tipo de olhar que reservava para Rhys. — Sonho com eles todo o ano.

— E para ti — disse Rhys, entregando um saco a Gwyn, que agarrou nele com os olhos ligeiramente semicerrados.

— Estás a deixar a minha prima muito feliz e ainda me trazes tarte de maçã caramelizada? Claramente a trabalhar para teres outra alcunha que não seja «imbecil», imbecil.

— Vivo nessa esperança — reagiu Rhys, encostando-se ao balcão enquanto dobrava um dos cantos do seu saco de papel e dava uma dentada à tarte.

Vivi ficou a observá-lo e sorriu presunçosamente quando ele pôs um olhar um pouco sonhador.

— Certo, já percebo o porquê da fila tão comprida — admitiu, dando outra dentada. — Vivienne, desculpa, mas vou deixar-te pela mulher que faz estas tartes.

— Ela tem noventa anos.

— Mesmo assim.

Com uma risadinha, foi a vez de Vivi dar uma dentada na sua tarte, piscando os olhos ao sentir a mistura de caramelo salgado, massa folhada e maçã com canela.

— Está bem, casa com a senhora Michaelson. Mas não te esqueças de me convidar para o casamento e de fazer com que sirvam estas tartes, pode ser?

— Combinado — disse ele, estendendo o braço para lhe dar um aperto de mão. Quando Vivi lhe pegou na mão, ele puxou-a até ao balcão para a poder beijar, e Vivi riu-se encostada à sua boca com sabor a açúcar e sal.

Ao afastar-se dele, Gwyn tinha uma expressão estranha na cara, subitamente com um ar algo constrangido. Vivi limpou uma migalha do canto da boca.

— O que foi?

— Nada — disse Gwyn, erguendo as duas mãos, mas estava a sorrir de uma forma que, sabia Vivi, por experiência própria, significava que mais tarde fariam.

Terminada a tarte, Rhys limpou as mãos e tocou num dos baralhos de tarô que estavam no balcão na barraquinha.

— Foram feitos por ti?

Gwyn saltou do balcão e assentiu, pondo-se à frente de Rhys.

— Vendemos imensos baralhos na loja, mas os que eu faço à mão são os que melhor se vendem.

— Diz ela com modéstia — brincou Vivi, dando uma cotovelada a Gwyn, que lhe retribuiu a cotovelada.

— Sabes ler as cartas? — perguntou a Rhys.

Ele abanou a cabeça, com os dois cotovelos apoiados no balcão.

— Tenho uma espécie de conhecimento rudimentar de algumas, mas não, não é um dos meus pontos fortes na magia.

Aquela zona da feira ainda estava meio mortíça, por isso Gwyn olhou para Vivi e disse:

— Importas-te que lhe leia as cartas? Pode ser que ajude com a coisa — e baixou a voz — da maldição.

— Força — disse Vivi, levantando o olhar para Rhys. — Se tu quiseres.

— Pode ser — replicou ele, algo animado. — Eu e a Vivienne ainda não fizemos progressos nessa área.

Não que não tivessem tentado. Não andavam apenas a ter sexo.

Certo, tinham tido *muito* sexo, mas pelo meio tinham investigado profundamente, essencialmente no portátil de Vivi, uma vez que ela deixara de confiar nas pessoas da biblioteca. E dada a forma como a doutora Arbuthnot ficara

zangada por causa da questão da Vela Eurídice, provavelmente nem lhes teriam dado permissão.

Vivi já sabia mais sobre maldições do que alguma vez imaginara. Sabia as melhores fases da lua para as lançar, sabia que a artemísia as tornava mais poderosas, sabia que em 1509 uma bruxa conseguira amaldiçoar não apenas uma cidade, mas seis principados alemães de uma só vez.

O que ainda não sabia era como acabar com uma maldição.

Como seria de esperar, *essa* era a parte em que as bruxas se tornavam vagas.

Distraída, foi para a outra ponta da barraquinha, reorganizando a disposição das velas, assegurando-se de que a placa na qual se lia SOMETHING WICKED — VISITE-NOS NA VILA! estava direita, e só quando Rhys chamou o nome dela é que olhou para eles.

Ele estava a segurar a carta A Estrela e a sorrir.

— Isto parece-me um bom sinal.

Vivi aproximou-se, encostando-se ao balcão enquanto tirava a carta da mão de Rhys.

— Depende do sítio onde se encontra na distribuição — disse ela, e Gwyn apontou para o lugar onde a carta estava antes.

— Estamos a fazer o passado, presente e futuro simples. Tu és o presente, claro.

— Claro — repetiu Vivi, olhando novamente para Rhys. Ele sorriu-lhe daquela forma que era doce e carinhosa em igual medida, mas que também lhe dava a entender todos os pensamentos obscenos em que ela entrava.

Era, de facto, um dos sorrisos preferidos de Vivi em todo o planeta.

Gwyn virou a terceira carta, a do futuro, enquanto Vivi olhava para a do passado. Rhys tirara a carta Os Amantes,

também não era surpreendente, mas quando Gwyn virou a terceira carta, fez uma careta.

— Ugh, O Imperador.

— Não é uma carta má — objetou Vivi, mas quando olhou para a versão que Gwyn virara, teve de admitir que parecia um mau presságio. Mostrava um homem num fato escuro, sentado num trono de madeira que parecia ter sido talhado de uma árvore antiga. Tinha a barba prateada e a testa franzida, uma pesada bengala de ébano numa das mãos.

— Não é *má* — concordou Gwyn, dando pancadinhas na carta. — É só, tu sabes... Autoridade. Regras, estrutura...

— O meu pai — disse Rhys, e Gwyn concordou com a cabeça, levantando a carta.

— Exato, ele representa completamente...

— Não — contrapôs Rhys, e alguma coisa no tom da sua voz fez com que Vivi olhasse para ele.

Ele tinha-se voltado e fitava a multidão, com uma expressão sombria, à medida que um homem vestido de preto se aproximava deles através do campo, com a tia Elaine alguns passos atrás.

Rhys voltou-se para Vivi, o olhar muito sério.

— É o meu pai. Está aqui.



Capítulo 27

Rhys achara estranho ter recebido Vivi na casa do pai, mas isso não era nada em comparação com receber o pai na casa de Vivi. Bem, tecnicamente, era na casa da tia Elaine, mas bem podia ser a de Vivi pelo tempo que ela aí passava, quão natural ela ficava sentada à mesa da cozinha da tia, com uma chávena de chá quente à frente.

Simon parecia um pouco menos natural, mas, na verdade, estava a olhar para um gato que falava.

— Guloseimas? — perguntou Sir Purrcival, enquanto tentava dar cabeçadas no braço de Simon. — *Guloseiiiiimas?*

— Mas que raios é esta aberração? — quis saber Simon, afastando o braço enquanto Gwyn se levantava e tirava o gato de cima da mesa.

— Ele não é uma aberração, é um bebé lindo. Embora tenhamos mesmo de melhorar as suas maneiras à mesa.

— Mamã — ronronou Sir Purrcival, lançando um olhar de adoração para Gwyn, enquanto ela o levava para fora da cozinha, e Rhys viu o pai estremecer antes de pegar na chávena de chá que Elaine lhe levava. A meio caminho da boca, parecia ter pensado melhor e voltou a pousá-la com tanta força que entornou um pouco do chá.

— Não está envenenada — disse Elaine, aproximando-se de Vivi, dando uma breve pancadinha nas costas da sobrinha enquanto se sentava.

Fungando, Simon tirou um lenço do bolso e limpou o chá que entornara.

— Dada a predileção desta família em fazer mal aos membros da *minha* família, pode compreender a minha preocupação.

— *Da* — disse Rhys, em voz baixa, e Simon lançou-lhe um olhar que Rhys já vira milhares de vezes: aquela mistura de irritação e aviso, a par da mínima sugestão de perplexidade, como se Simon não conseguisse acreditar que ele era seu filho.

— Estou errado? — perguntou ele a Rhys. — Estás ou não estás sob uma maldição lançada por esta congregação de bruxas?

— Oh, por amor de Deus — soltou Elaine, colocando uma colher de mel no chá. — Isto não é uma congregação de bruxas, somos uma família. E essa maldição não foi intencional, como a Vivi e o e Rhys já explicaram.

Simon fungou, endireitando-se na cadeira.

— Não existem maldições não intencionais. E agora, graças a essa insensatez, toda a povoação, o legado da minha família, também parece estar amaldiçoada. Pelo que consegui perceber, isto ocasionou vários incidentes, além da libertação de um fantasma e esse pesadelo vivo a que chamam gato.

Gwyn acabara de voltar para a cozinha e estava encostada à ombreira da porta que a separava da entrada, com os braços cruzados à frente do peito.

— A sério, meu, não quero saber de quem és pai, ou que sejas um bruxo de luxo, continua a dizer merdas acerca do meu gato e eu própria te expulso a pontapé desta montanha.

Simon começou a ficar vermelho ao ouvir aquilo, por isso Rhys saiu do seu lugar perto do fogão, de mãos levantadas.

— Muito bem, vamos todos acalmar e concentrar-nos no assunto que temos em mãos.

Oh, Deus, parecia o *Wells*. Que pesadelo.

Aclarando a garganta, Vivienne sentou-se sobre unia perna e olhou para o outro lado da mesa, para Simon.

— Temos feito tudo o que podemos para reverter a maldição, senhor Penhallow. Todos nós, até mesmo a Gwyn. Estamos a tentar resolver as coisas.

— E o que têm feito, precisamente? — perguntou Simon. O tom ainda era gélido, mas pelo menos não estava a disparar facas com os olhos para Vivienne. Pequenas bênçãos.

Vivienne pressionou os lábios e pôs uma madeixa de cabelo solto atrás da orelha antes de dizer:

— Bem, temos andado a fazer pesquisas.

— Livros? — perguntou Simon, juntando as sobrancelhas, e Rhys fez uma careta.

— Porque é que está a dizer «livros» dessa maneira? O pai adora livros. Se pudesse legalmente fazer dos livros seus filhos em vez de mim e do Bowen, acho que o faria. Manteria o Wells, claro...

— Porque a resposta para este tipo de magia não se encontra em *livros* — respondeu Simon, lançando um olhar ríspido a Rhys. — As maldições são complicadas, magia complexa. Não há uma solução universal. A solução está ligada intimamente à própria maldição. A motivação por detrás dela, o poder usado. E tudo isso, devo acrescentar, poderia ter-to dito se me tivesses informado do que aqui se passava.

— Eu tentei, lembra-se? — disse Rhys, enfiando as mãos nos bolsos. — E o pai disse-me que era ridículo eu sequer

ponderar a hipótese de ter sido amaldiçoado.

— Pois, bem...

Simon baixou o olhar e tirou um fio imaginário do casaco. Rhys questionou-se se iria sempre acabar a gritar naqueles pequenos *tête-à-tête* com o pai.

— A questão mantém-se, assim que soubeste do que se passava, eu devia ter sido informado.

— Como é que soube? — perguntou Vivienne, inclinando-se um pouco para a frente. — Se não leva a mal a minha pergunta.

— O meu irmão — respondeu Rhys, e depois olhou para Simon com as sobrancelhas levantadas. — Deduzo que tenha sido isso, certo? Eu contei ao Wells e ele contou ao pai?

— Lewellyn estava preocupado contigo — respondeu Simon, e Rhys resmungou, levantando os braços e prometendo a si mesmo que da próxima vez que visse o irmão mais velho o fratricídio faria parte da ementa.

— Devia ter ligado ao Bowen, eu sabia.

— Não estavas a gozar quanto à família disfuncional — ouviu Gwyn sussurrar a Vivienne, que a mandou calar-se.

Elaine levantou-se e estendeu as mãos, os anéis a brilhar na luz *ténue*.

— Quem devia ter dito o quê a quem não é o que está aqui em questão. É realmente bom saber sobre a magia da maldição. Dá-nos alguma coisa com que trabalhar.

— Algo mais do que livros, sim — disse Simon, e depois olhou para Rhys com uma expressão severa. — Estás aqui há quase duas semanas, rapaz, o que mais é que andaste a fazer além de andares debruçado sobre livros inúteis?

Rhys manteve o olhar afastado de Vivienne, porque sabia que ao mais pequeno relance o pai iria entender de imediato o que Rhys andara a fazer ao certo.

— Também estivemos a trabalhar na reversão de alguns dos efeitos da maldição — disse ele num tom monocórdico, e até Gwyn conseguiu não desatar a rir com aquilo. E era verdade, ele e Vivienne tinham passado algum tempo a apagar vários fogos causados pela maldição.

Mas ele sabia que isso não era suficiente. Sabia que deviam estar a levar aquilo mais a sério. Só que era tão fácil distrair-se com Vivienne, tão fácil embrenhar-se no modo como estavam juntos, e Rhys tinha demasiadas saudades disso para desistir agora.

Mesmo que devesse.

Simon voltou-se para Elaine e inclinou-se para a frente, apoiando as mãos na mesa.

— Existe alguma fonte de poder extra que um membro da sua família pudesse ir buscar? Um antepassado enterrado aqui ou uma coisa desse género?

Elaine assentiu, empurrando os óculos para cima.

— Uma, sim. Uma tal de Aelwyd Jones. Veio para cá na mesma altura que o seu tão gabado Gryffud Penhallow. Mas tanto quanto sabemos, ela não tinha nada de especial. Era apenas mais uma bruxa que emigrou para aqui e que morreu de uma doença qualquer, como tantos outros.

Houve um tremor qualquer no rosto de Simon, mas demasiado rápido para Rhys perceber o que significava.

— Muito bem — disse o pai de Rhys. Levantou-se, endireitando as costas. — Tenho de regressar e consultar as minhas fontes sobre esta questão. Rhys, acho que deves voltar comigo.

Surpreendido, Rhys apoiou-se nos calcanhares.

— O quê?

— Se estiveres em casa, vou conseguir tomar atenção ao que a maldição te pode fazer. Irá ajudar a minha investigação.

As palavras eram frias, sem emoção, e nem olhou para Rhys enquanto tirava do bolso a Pedra das Viagens. Mesmo sabendo — ele *sabia* — como o pai era um raio de um insensível, ainda agora isso o magoava. Mesmo passado tanto tempo. Ele queria que o filho voltasse para casa porque Rhys seria uma experiência intrigante no trabalho da maldição, não porque era seu filho; o que lhe interessava era o facto de ele alimentar o seu interesse na verdadeira coisa que amava — a magia.

— Eu quero ver isto a partir daqui, *Da* — respondeu ele, com uma voz surpreendentemente estável. Quando o pai apenas lhe respondeu «que assim seja», Rhys achou que fora fácil de mais. Afinal de contas, Simon tinha vindo de Gales mais ou menos para o repreender, e agora que o fizera ia-se embora. Tinha sido bem pior no passado, sem dúvidas.

Mas então Simon fez uma pausa, as pontas dos dedos levemente apoiadas na mesa.

— Esperemos que a presença do meu filho não as distraia do importante negócio da venda de cristais e *T-shirts*.

— *Da* — começou Rhys, mas Vivienne já se levantara.

— Sim, vendemos imensos cristais e *T-shirts* — reagiu ela, agora com as mãos apoiadas na mesa. — Também vendemos grimórios falsos e abóboras de plástico e chapéus pontiagudos. A tralha toda, na verdade. — As rugas à volta da boca de Simon aprofundaram-se, mas não disse nada, nem mesmo quando Vivienne sorriu e prosseguiu: — E, contudo, somos as bruxas que conseguiram lançar uma maldição ao seu filho sem que conseguisse perceber que isso tinha acontecido. Por isso, um pouco mais de respeito.

Continuou a sorrir, o olhar duro, as faces ligeiramente coradas. A sério, como é que algum homem não ficaria loucamente apaixonado por ela?

Vivienne olhou de relance para Rhys e ele teve a certeza de que lhe saíam corações dos olhos, como nos desenhos animados. Levantou-se, acenando com a cabeça para o pai.

— Eu acompanho-o à porta, está bem?

Simon ainda olhava para Vivienne, mas um momento depois assentiu e dirigiu-se para a porta. Acompanhando o pai até à rua, Rhys parou no cimo das escadas do alpendre.

— Lamento a viagem em vão.

Simon voltou-se e Rhys viu as rugas à volta da sua boca aprofundarem-se ainda mais, as cavidades sob as faces.

— Rhys — disse Simon, e abanou a cabeça já com a Pedra das Viagens na mão. — Tem cuidado contigo.

— Tenho sempre — respondeu ele, mas mal as palavras lhe tinham saído da boca já o pai partira, apagando-se como uma luz, deixando Rhys sozinho no alpendre.

— Queres que vá contigo até casa?

Ah. Não estava sozinho.

Vivienne estava na entrada, ainda com o vestido de bruxa, o chapéu já há muito posto de lado, e Rhys assentiu.

— Gostava muito, sim.

Demoraram apenas três minutos para fazerem o caminho de carro da casa da tia até à casa dele, e Rhys disse a si próprio que devia estar aliviado por o pai ter aparecido e ido embora tão depressa. Por não ficar lá em casa naquela noite.

Pôs as chaves em cima da mesa ao lado da porta, Vivienne ia mesmo atrás dele.

— Obrigado — disse ele, virando-se para ela. — Por me trazeres a casa como uma senhora, e também por aturares o meu pai.

— Não foi assim tão mau — garantiu ela, encolhendo os ombros. — Muito menos assustador do que pensei que seria.

— Vivienne, miúda linda, és uma mulher de muitos talentos, mas mentir não é um deles.

Ela fez um leve sorriso e avançou, colocando-se à frente dele.

— Queres que me vá embora? — perguntou ela, estendendo o braço para lhe afastar uma madeixa de cabelo da cara. — Para teres algum tempo para ti?

— Fica — pediu ele, pegando-lhe na mão e beijando-lhe a palma, depois o pulso. E a seguir a boca, subitamente, desesperadamente precisando dela, desejando-a, e as mãos dela já estavam no botão das suas calças.

— Fica — sussurrou novamente Rhys, e sabia que não se referia apenas àquela noite, mas em vez de lho dizer, levou-a até ao sofá.

— Sabes, o único sítio onde esta decoração realmente funciona é aqui — disse Vivi, encostando-se ao peito de Rhys na gigantesca banheira que dominava a casa de banho principal. Tal como o resto da casa, era em vários tons de preto e *bordeaux*, mas Rhys tinha de concordar com ela: ali, o ambiente era definitivamente mais romântico do que assustador. Claro, podia ter que ver com todas as velas que tinham acendido e com o facto de, naquele momento, ele ter Vivi despida e molhada encostada a ele, mas, de qualquer forma, Rhys ficou subitamente a gostar muito daquele sítio da casa.

— Obrigado — murmurou ele, encostado à têmpora de Vivienne, beijando-lhe o cabelo molhado. Ela voltou a cabeça para Rhys.

— Por elogiar a tua casa de banho?

— Por tudo. Por teres enfrentado o meu pai.

— Ele adora-te — disse ela docemente, esticando as pernas para as enroscar nas dele debaixo de água. — Sim, ele é arrogante e tem a mania, mas está com medo. Preocupado. E não o podes censurar por isso.

Rhys não queria pensar no pai naquele momento e não queria explicar a Vivienne que nem sempre família significava pessoas que se preocupam connosco. Ela tinha Elaine e Gwyn, tinha carinho e amor e um lar e todas as coisas que Rhys desejou que Simon fosse, mas que ele nunca foi.

Ela tinha sorte.

E ele tinha muita sorte por tê-la, mesmo que não fosse por muito mais tempo.



Capítulo 28

Vivi acordou na manhã seguinte com a breve sensação de desorientação de quem não sabe bem onde está.

Voltou-se na cama, tirou o cabelo da cara e observou os pesados cortinados de veludo e o papel de parede texturado.

A casa de Rhys.

A casa do pai de Rhys.

O pai de Rhys.

Com um suspiro, deitou-se de costas com as súbitas lembranças da noite anterior. Simon não estava errado com o facto de eles terem ignorado a maldição, ou pelo menos de não lhe darem a atenção merecida. Tinham amaldiçoado uma povoação inteira e haviam passado toda a semana anterior a fazer o quê?

Olhou para o lado de Rhys na cama, já vazio, e o corpo dela aqueceu com as recordações da semana anterior. Era tontice chamar-lhe magia, mas era exatamente isso que tinha sido. Passar tempo com Rhys, mostrar-lhe Graves Glen, jantar com ele no apartamento dela ou ali, naquele mausoléu bizarro a que chamavam casa, que, de algum modo, se tornava um pouco mais acolhedor.

E, na verdade, até gostava do dossel.

Mas Simon tinha razão — faltava apenas um dia para o *Halloween* e eles tinham de levar o assunto a sério.

«Mais fácil dizer do que fazer no que respeita a Rhys», pensou ela, afastando os lençóis.

E por isso foi tão estranho descer as escadas e ver Rhys completamente vestido na cozinha, de óculos presos no decote em V, nas mãos dois copos de viagem com café.

— Bom dia, querida — saudou ele, excessivamente animado. Vivi confirmou as horas no enorme relógio na entrada, que indicava pouco mais do que sete da manhã.

— Quem és tu e o que fizeste com o Rhys Penhallow? — perguntou ela, semicerrando os olhos na direção dele enquanto pegava num dos copos.

— Eu tenho um negócio, sabias? De vez em quando acordo cedo e até sou conhecido por ter feito uma ou duas folhas de cálculo.

— Demasiado cedo para conversas obscenas.

Rhys sorriu, inclinando-se para lhe dar um beijo na ponta do nariz.

— Veste-te e vai ter ao carro. Já te conto tudo sobre as folhas de cálculo e os arquivos organizados por cores que tenho no meu escritório.

— Carro? — perguntou Vivi, desejando que o café lhe chegasse rapidamente ao cérebro.

— Temos uma tarefa para fazer — respondeu Rhys, e algo na súbita linha firme da sua boca, na posição dos ombros, lhe disse que estava relacionada com a maldição.

Vinte minutos e um telefonema para Gwyn mais tarde, Vivi tomara banho, vestira umas calças de ganga deixadas em casa da Elaine e uma camisola às riscas que, na verdade, pertencia a Gwyn, calçara as botas pretas da noite anterior e estava com Rhys no carro que ele alugara, em direção a Graves Glen.

— Acho que esta é a altura perfeita para me dizeres que tarefa é essa — disse Vivi, levantando os braços para apanhar o cabelo num carrapito desgrenhado.

Rhys olhou para ela. Tinha os óculos escuros postos, as mangas da camisa cinzento-escuro dobradas para cima, e Vivi interrogou-se como é que conseguia ter tanto sexo com aquele homem e continuar a sentir-se tão excitada com uma coisa tão básica como os antebraços dele a conduzir. Seria uma espécie de fetiche que até àquele momento desconhecia ter ou seria porque tudo em relação a Rhys a excitava?

Então, ele disse:

— Vamos tirar aquele fantasma da vela. — E a libido dela levou com um balde de água fria em cima.

— Desculpa? O quê? — interrogou ela, detendo as mãos no cimo da cabeça, com o elástico preso entre dois dedos enquanto olhava fixamente para ele.

— A Piper McBride — respondeu ele, mais calmo e sereno do que nunca, e Vivi fez uma careta, baixando os braços e deixando o cabelo solto cair sobre os ombros.

— Isso seria o *quem*, Rhys. O que eu quis perguntar foi: «O que raios queres dizer com a deixarmos sair da vela?» Nem sabemos onde é que a vela está agora.

— Na verdade, sabemos — replicou Rhys, estendendo o braço para agarrar o copo de viagem.

Bebeu descontraidamente um gole de café e Vivi resmungou qualquer coisa enquanto voltava a arranjar o cabelo.

— Isto é para me castigares por não te ter falado do fantasma no início, não é?

— Um bocadinho, sim — disse ele, e fez-lhe um meio-sorriso que lhe acertou em cheio no coração. — Muito bem, vou pôr as cartas na mesa. Não conseguia adormecer ontem à noite. E apesar de ficar a observar-te enquanto *tu*

dormes ser uma maneira de passar o tempo que muito aprecio...

— Sinistro.

Aquele sorriso outra vez, e um pequeno apertão na coxa dela.

— Decidi aproveitar a insónia. O meu pai tinha razão, apesar de isso me fazer querer morrer. Estamos quase no Samhain e temos de nos concentrar na maldição. Por isso, pensei para comigo: Rhys, seu safado incrivelmente atraente, qual foi a última pista verdadeiramente sólida que arranjaste sobre a maldição? E então lembrei-me da Piper com aquela coisa do «Penhallow amaldiçoado», e pensei que ela poderia saber mais do que revelou antes de a vela a sugar.

Vivi assentiu lentamente, apesar de ter sentido o estômago a gelar só de pensar em ter de lidar novamente com Piper.

— Certo, percebo o que estás a dizer — concordou. — Mas quem tem a vela é a Tamsyn Bligh, se não a tiver já vendido. E sabe-se lá onde ela anda.

— Está a duas povoações de distância — revelou Rhys, virando à esquerda na autoestrada —, num local chamado Cades Hollow.

Vivi pestanejou para ele.

— E como sabes isso?

Rhys tocou na ponta do nariz com o seu dedo esguio.

— Não posso confiar em fazer magia em Graves Glen, mas isso não significa que não possa pedir a outras pessoas que a façam por mim. Neste caso específico, o meu irmão Llewellyn. O cretino deve-me um favor. Por isso telefonei-lhe e pedi-lhe que me fizesse um pequeno feitiço de localização. Bem, se a senhorita Bligh já estivesse do outro lado do país, poderíamos ter tido de usar o plano B, mas ela não foi para tão longe.

— Só que ela pode já não ter a vela — disse Vivi, não querendo ter demasiadas expectativas, e Rhys assentiu.

— Pode já não a ter — concordou. — Mas queimamos essa ponte quando lá chegarmos.

— Atravessamos. O ditado é «atravessamos essa ponte quando lá chegarmos».

— Uh — foi a única resposta de Rhys, e Vivi recostou-se no banco, observando o nascer do sol sobre as montanhas violeta-azuladas, observando aos poucos os campos a tornarem-se casas e as casas a começarem a dar lugar a uma povoação ainda mais pequena do que Graves Glen.

Assim que passaram o centro da povoação, Rhys fez mais uma série de desvios, parando finalmente o carro à frente de uma mansão vitoriana que parecia um bolo de aniversário, com rebordo de bolo de gengibre e telhados em bico. Uma coroa de folhas de outono adornava a porta da frente.

Desligando o carro, Rhys espreitou para observar o edifício através do para-brisas.

— Ela está numa pousada? — perguntou Vivi.

— Esta é, de certeza, a morada que o Wells me deu — disse Rhys, e depois de uma pausa acrescentou: — Sabes, quando despacharmos isto, *podíamos* arranjar um quarto e...

— Rhys — disse Vivi, olhando séria para ele. — Concentra-te, por favor.

— Desculpa, tens razão. Trabalhar na maldição agora, sexo depois.

Saíram do carro. A manhã estava fria e ainda um pouco húmida, o orvalho brilhava nos arbustos espessos no exterior da pousada enquanto caminhavam para as escadas. Vivi sorriu ao ver a pequena abóbora iluminada colocada numa mesa de vime mesmo ao lado da porta de entrada.

Os sinos por cima da porta tocaram quando a abriram e uma mulher loura atrás de um amplo balcão de carvalho sorriu para os dois.

— Bom dia! Em que posso ajudar?

Vivi apercebeu-se de que se esquecera de perguntar a Rhys se ele tinha um plano para abordar Tamsyn. Qualquer hotel que se preze não daria o número de quarto de um hóspede e Vivi não sabia quanto tempo aguentariam ali a pairar no *lobby* à espera que Tamsyn descesse.

Rhys sorriu para a mulher que estava atrás do balcão.

— Nós gostávamos de dizer olá a uma amiga — disse ele com o sotaque ainda mais acentuado do que o habitual, e Vivi teve dificuldade em controlar a vontade de lhe dar uma cotovelada nas costelas.

Charme. Era esse o seu plano. Sorrir, dizer umas palavras em galês, fazer Aquela Coisa de se Debruçar e esperar pelo melhor, também conhecido como o Extraordinário Rhys Penhallow.

Mas antes que Rhys conseguisse fazer Aquela Coisa de se Debruçar, ouviram-se passos vindos das enormes escadas à direita e Amanda — não, Tamsyn Bligh — apareceu de súbito, praticamente debruçada no corrimão.

— Olá aos dois! — saudou ela, a voz tão animada e bem-disposta que Vivi ficou surpreendida por não terem aparecido pássaros de desenho animado a rodearem-lhe a cabeça.

Nesse momento, Vivi reparou como ela estava pálida, de olheiras fundas e com uma espécie de contração no sorriso. Acenou para Rhys e Vivi.

— Subam! Estou tão contente por estarem aqui!

Rhys lançou a Vivi o mais eloquente olhar *mas que merda é esta?* que ela alguma vez vira e voltou a sorrir, o charme natural, abraçando-a pela cintura, encaminhando-a para as

escadas enquanto a mulher loura atrás do balcão voltava para o seu computador.

— Que bom ver-te também — disse Rhys, enquanto subiam as escadas atrás de Tamsyn, que praticamente corria em direção ao seu quarto.

A pousada usava grandes chaves de ferro e Vivi percebeu que as mãos de Tamsyn tremiam ligeiramente ao destrancar a porta.

Rhys e Vivi seguiram-na para dentro do quarto e Vivi perdeu o fôlego de imediato com o frio que ali fazia, apesar de o fogo crepitar na lareira. Puxou as mangas da camisola até às mãos, olhando em redor. O quarto estava escuro, as cortinas fechadas, e ali, no meio do chão, estava a Vela Eurídice.

Tamsyn fechou a porta e virou-se para eles.

— Vocês têm de me ajudar.

Capítulo 29



— E porque é que haveríamos de o fazer? — perguntou Vivi, cruzando os braços sobre o peito. — Tu mentiste-me.

— Menti — respondeu Tamsyn, não parecendo muito arrependida por isso. Mas a seguir adotou uma expressão algo mais contrita. — E isso foi muito mau da minha parte, mas eu tinha uma boa razão para o fazer.

— Que era? — perguntou Rhys, aproximando-se da lareira para apoiar a mão.

Tamsyn olhou para ele e para Vivi, e depois suspirou.

— Certo, eu ia dizer algo como precisar de prender um fantasma para salvar a minha avó ou uma coisa do género, mas na verdade só queria fazer muito dinheiro. As pessoas pagam milhares por uma Vela Eurídice que tenha um fantasma. E uma com um *fantasma de bruxa*? Por favor. Ia passar o verão a Portugal só com o dinheiro disso. Mas, afinal — olhou para a vela ali no chão —, não consigo livrar-me daquela coisa. Há algo de errado com ela.

Fez um gesto à volta da sala.

— Veem como o quarto está frio? Como está escuro? Está a fazer isto desde que aqui cheguei, e está cada vez pior.

Vivi aproximou-se lentamente da vela e percebeu de imediato o que Tamsyn queria dizer. Aquilo irradiava uma espécie de energia negra que a fez perceber que o fantasma de Piper ainda estava preso, mas que isso não lhe agradava.

— Não é suposto as Velas Eurídice fazerem isto — disse Rhys, num sussurro, pondo-se ao lado de Vivi.

— A sério? Não me digas... — respondeu Tamsyn, com uma mão na anca. — Comprei e vendi centenas de coisas semelhantes, mas esta? Está completamente avariada. Não posso simplesmente deitá-la fora num sítio qualquer, e é claro que não a quis levar aos bruxos da tua faculdade, por isso estou aqui presa a tentar perceber o que hei de fazer. Até que vocês apareceram como uma espécie de anjos bruxos.

— Então, não és bruxa? — perguntou Vivi, olhando por cima do ombro para Tamsyn.

— É claro que não — respondeu ela com um ligeiro tremor. — Apenas ganho dinheiro com as coisas deles.

— E mentes às pessoas para conseguires essas coisas — disse Rhys, e Tamsyn respondeu com um encolher de ombros.

— Ninguém se magoou.

— Ainda — disse Vivi, baixando-se para apanhar a vela. Estava tão fria ao toque que quase queimava. Estremeceu ao puxar a camisola para cobrir a mão de modo a poder pegar nela.

— Porque é que ainda estás tão perto de Graves Glen? — perguntou Vivi, ao voltar-se, com a vela ainda a gelar-lhe na mão.

— Eu achava que já estarias o mais longe possível.

— Era esse o plano — replicou ela com um suspiro, apontando depois para a vela com a cabeça. — Mas como

levar essa coisa num avião?

— Bem visto — murmurou Rhys, olhando à volta daquele quarto obviamente assombrado.

— Acho que podemos fazer-te o favor de a tirar das tuas mãos — disse Vivi, fazendo por soar irritada e não aliviada.

— Com grandes custos pessoais para nós — acrescentou Rhys, com um tom solene e uma expressão tão séria que Vivi teve de se esforçar para não rir.

— Oh, muito obrigada — agradeceu Tamsyn, descontraindo os ombros. — A sério, peço desculpa por te ter enganado para apanhares este fantasma para mim. A sério. Pareces simpática. E gostei do teu gabinete.

— Obrigada? — respondeu Vivi, e então Rhys colocou a mão na parte inferior das costas dela, encaminhando-a para a porta.

— Credo, isto foi fácil — sussurrou, quando já estavam no átrio, a olhar à volta para as pesadas portas de madeira. — Sabes que ainda temos algum tempo de sobra. Pensei que isto ia ocupar grande parte do dia. Por isso, se *quiseres*...

— Não — respondeu Vivi, cutucando-o com o dedo no peito. — Não vamos arranjar um quarto. Vamos levar esta coisa diretamente à tia Elaine.

Rhys soltou um grande suspiro e levou a mão ao rosto dela, inclinando-se para lhe dar um beijo na boca.

— Adoro-te e odeio-te ao mesmo tempo, Vivienne, quando és sensata.

«Certo, se calhar devíamos ter arranjado um quarto», pensou Vivi, algumas horas depois, sentada e a tremer de frio na floresta atrás do chalé da tia Elaine. Tinham regressado a Graves Glen antes de anoitecer, mas Elaine insistira em que aquele tipo de magia tinha de ser feito à noite, ao luar. Naquele momento, Vivi encolhia-se um pouco

mais para perto de Rhys e questionava-se sobre se não se trataria apenas de mais uma questão estética da tia Elaine.

À sua frente, Gwyn estava sentada com os joelhos encostados ao peito e observava a tia Elaine a fazer um círculo de sal no chão da floresta, com a Vela Eurídice no centro ainda a irradiar frio.

— Isto é tão *heavy metal* — observou Gwyn, baixando o olhar sobre si própria. — Talvez fosse um pouco mais *heavy metal* se eu não estivesse a usar um pijama com abóboras, mas o que se pode fazer?

Rhys bufou e colocou o braço sobre os ombros de Vivi, aproximando-a dele.

— Seja como for, acredita que ter sentido este fantasma... bem, na carne, não é uma coisa apropriada, mas tê-lo visto... em pessoa também não é bom, pois não? — disse ele por fim, encolhendo os ombros. — O fantasma é suficientemente *heavy metal* para todos nós.

— E este fantasma odeia-te, não é? — perguntou a tia Elaine, os sininhos na saia a tilintar suavemente enquanto terminava o círculo.

— Parece que sim.

— Hummmm. — Empurrou os óculos para cima. — Então, talvez seja melhor afastares-te um pouco mais.

Rhys olhou para Vivi e ela assentiu ao lembrar-se dele a voar pelos ares na biblioteca, a fúria nos olhos do fantasma ao vê-lo. A teoria de Elaine era de que, por Piper McBride ter sido uma bruxa, poderia estar um pouco mais recetiva a falar com outros bruxos, em especial uns que estivessem a libertá-la. Vivi lembrou a Elaine que *também* fora ela a capturar Piper, mas Elaine tinha a esperança de que Piper não se lembrasse dessa parte.

— Os fantasmas nem sempre têm a noção completa do que está a acontecer — revelou ela. — O tempo não tem

qualquer significado para eles.

Vivi esperava que ela estivesse certa.

Rhys levantara-se e afastara-se na escuridão, encostando-se a uma árvore, enquanto Vivi e Gwyn também se levantavam, em lados opostos do círculo de sal.

— Vivi? — chamou a tia Elaine, passando-lhe um tubo de cartão que continha fósforos compridos. — Podes fazer as honras?

E foi assim que, pela segunda vez na vida, Vivi acendeu uma Vela Eurídice.

Desta vez foi diferente. Não houve a sensação sinistra de quando o espírito foi convocado. Em vez disso, a vela cintilou, flamejou e subitamente Piper McBride estava ali, em toda a sua flutuante, enorme e irritada glória.

A luz que emitia era suficiente para os lançar num brilho azul-esverdeado, e no outro lado do círculo, Gwyn tinha os olhos todos arregalados.

— Oh, merda, um fantasma — disse ela, agitando as mãos. — Quero dizer, eu sabia que íamos ver um, mas saber é uma coisa e ver é outra.

Piper flutuou até perto da cara dela e mesmo sob a luz ténue, Vivi conseguiu ver Gwyn engolir em seco.

— Hum. *T-shirt* gira, a propósito. Também gosto dos Nirvana.

O fantasma voltou-se lentamente para Vivi e Elaine. E apesar de a sua expressão não se alterar assim tanto, Vivi não sentia que desta vez ela estivesse tão zangada.

Talvez a tia Elaine tivesse razão.

— *Isto é uma congregação de bruxas?* — perguntou Piper. A voz soava como se viesse de muito longe, um efeito assustador, uma vez que estava ali tão perto deles.

— Sim — respondeu Vivi, apesar de tecnicamente não ser verdade. E o fantasma virou-se para ela.

— *Tu* — disse ela, curvando ligeiramente o lábio superior.
— *Eu já te vi.*

Vivi sentiu de súbito a boca seca e passou a língua pelos lábios.

— Sim, na biblioteca.

Piper estava agora completamente furiosa.

— *Com um Penhallow.*

— Certo. E é sobre isso que queremos falar contigo, na verdade. Tu sabias que Rhys, o Penhallow, estava amaldiçoado. E tinhas razão. Fui eu que o amaldiçoei, por isso...

— *Não foste tu.*

As palavras eram inexpressivas, quase aborrecidas, e Vivi questionou-se se teria ouvido bem.

— *O quê?*

— *Eu sei da magia que envolve esse Penhallow* — continuou Piper, ainda a pairar acima do chão, mas começando a parecer-se cada vez mais com uma adolescente e menos com um ser sobrenatural aterrador. — *E não foste tu. Ou, pelo menos, não foste só tu.*

— Quem foi então? — quis saber Elaine. Piper voltou-se para ela.

— *Há outra magia que flui no sangue desta povoação* — replicou Piper. — *Magia que foi roubada pelos Penhallow. Escondida. Aelwyd Jones merece a sua vingança.*

Aelwyd Jones.

A antepassada de Vivi, a que estava sepultada no cemitério da vila.

Olhou para Elaine, que tinha na cara a marca da confusão.

— A nossa antepassada não tinha uma magia poderosa — disse Elaine a Piper. — Era uma bruxa normal, como todas as mulheres da família.

— *Ela era mais poderosa do que se pensava* —
respondeu Piper —, *mas Gryffud Penhallow roubou-a, usou-a
e apagou o nome dela.*

— Como?

Vivi voltou-se e viu Rhys avançar no momento em que Piper fixou o olhar nele. Qualquer traço da rapariga normal desapareceu. Os olhos ficaram pretos, o cabelo esvoaçou para trás, e soltando o mesmo uivo sobrenatural que Vivi ouvira na biblioteca, lançou-se a Rhys.

Sem pensar, Vivi avançou, colocando-se entre Piper e Rhys, o pé a tocar no círculo de sal, quebrando-o. Sentiu algo gelado passar por si e a penetrá-la. A vista turvou-se enquanto os pensamentos de Piper, as suas memórias, rodopiavam-lhe na mente.

Piper na biblioteca a pesquisar a história de Graves Glen, o cabelo preto caído sobre um bloco de notas, Aelwyd Jones escrito em tinta púrpura, Piper no armário com o altar, a vela acesa, as runas a brilhar e um feitiço, um feitiço para convocar o espírito de Aelwyd, mas é demasiada, demasiada magia, e Piper sente-se a ser puxada, sugada e depois fica escuro, tão escuro, e está frio...

Vivi perdeu o fôlego, as folhas estalaram-lhe entre os dedos enquanto o frio saía dela, o coração acelerado, a visão ainda desfocada ao tentar perceber o que acabara de ver.

— Vivienne.

Rhys estava pálido, ajoelhado ao seu lado — como e que ela acabara caída no chão? —, as mãos nos ombros dela. Vivi olhou através dele para ver Piper a pairar ainda sobre a vela. O círculo de sal restaurado, Elaine com um ar exausto.

— Estou bem — conseguiu dizer, apesar de não saber se estava bem. — A sério.

Deixou Rhys ajudá-la a levantar-se e apoiou-se com força nele enquanto levantava o olhar para Piper.

— A tua tentativa de contactares Aelwyd matou-te — disse, a voz ainda rouca, e Piper assentiu, mantendo o olhar fixo em Rhys.

— *Não foi culpa dela. Foi minha. A minha magia não era suficientemente forte para quebrar os vínculos que a prendiam.*

Olhou de novo para Vivi.

— *Mas a tua foi. Chamaste-a com a tua maldição e ela deu-te poder, porque és do sangue dela.*

— Uma maldição de sangue — disse Elaine, franzindo a testa. — Nem sequer tinha pensado nisso.

— Isso é mau? — interrogou Gwyn, abanando a cabeça. — Claro, pergunta estúpida, uma coisa que se chama «maldição de sangue» só pode ser má.

— Então, e como é quebramos essa maldição? — perguntou Vivi a Piper. O fantasma sorriu.

— *Não conseguem. Só Aelwyd poderá fazer isso.*

— Mas ela está morta — lembrou Gwyn, com as mãos nas ancas. — Porque teve uma infeção nos ouvidos ou outra treta qualquer que matava as pessoas naquela altura.

— *Gryffud matou-a* — respondeu Piper. — *Quando tirou a magia dela para carregar esta povoação. Ele encobriu tudo e disse que ela tinha morrido de gripe.*

Ao ouvir isto, Gwyn pestanejou e Vivi pensou novamente naquela gruta, na magia a pulsar através das Linhas de Ley. Não apenas magia, mas a força vital de Aelwyd a ser retirada dela.

— Mesmo assim — continuou Gwyn —, morreste a tentar contactá-la, por isso parece que pedir-lhe que acabe com esta maldição está fora de questão.

— *Ela não acabaria com ela mesmo que pudesse* — respondeu Piper. — *Eu vi o que a maldição fez a esta vila. Esta vila, o legado de Gryffud Penhallow, sofre. Assim como o herdeiro de Gryffud Penhallow.*

Aqueles olhos malévolos fixos novamente em Rhys, que também olhava para ela, perplexo.

— Eu? — disse ele, levando uma mão ao peito. — Eu não sou o verdadeiro «herdeiro» dele. Há montes de nós.

— *Mas és tu que estás aqui* — recordou Piper, sorrindo de um modo afetado. — *E amanhã é Samhain, quando o véu está mais fino e a magia de Aelwyd estará no seu máximo poder.*

Halloween. *Amanhã.*

Vivi olhou para o fantasma, o sangue a gelar, o estômago tenso.

— Então, estás a dizer...

— *Amanhã, à meia-noite, a maldição atingirá o seu pico* — revelou Piper, e o seu sorriso tornou-se malévolo. — *Amanhã à noite, tanto esta povoação como o Penhallow morrerão.*

Capítulo 30



Todo o corpo de Vivi doía enquanto eles faziam o caminho de regresso a casa de Rhys. Estava mais cansada do que alguma vez estivera na vida. Uma espécie de cansaço até aos ossos que fazia com que coisas como tirar o cinto de segurança e abrir a porta do carro parecessem impossíveis.

Rhys deve ter-se apercebido, porque se apressou a estender a mão para carregar no botão por ela, deu a volta ao carro e abriu-lhe a porta, ajudando-a a sair.

— Queres que te leve ao colo? — perguntou, e Vivi olhou para cima, para a casa dele.

— Não leves a mal, mas ser levada ao colo tipo noiva para esta casa poderá fazer-me sentir uma heroína desmaiada num filme de terror.

— Compreendo — reagiu Rhys, com um leve sorriso, mas mesmo assim pôs-lhe o braço à volta, ajudando-a a subir os degraus do alpendre.

— Quem diria que ser-se momentaneamente possuída era tão esgotante? — disse ela. Quando Rhys abriu a porta, olhou-a de novo, em busca da sua expressão.

— Tens a certeza de que estás bem?

Tecnicamente, estava. Pelo menos bem de corpo, apenas cansada.

O que lhe doía era o coração.

Amanhã à noite, tanto esta povoação como o Penhallow morrerão.

A voz de Piper mantinha-se tão nítida na mente, a forma como os seus olhos queimavam ao pô-los em Rhys.

Rhys, que estava... a assobiar enquanto entravam em casa.

Vivi seguiu-o, vendo-o atirar as chaves para a mesa, depois dirigir-se para a cozinha, reaparecendo com duas garraras de água.

— Pelo menos agora que a Piper disse o que queria, já pode deixar de assombrar a biblioteca — disse Rhys, e isso era uma coisa boa que tinha acontecido naquela noite. Assim que acabou de fazer a sua declaração, desaparecera e a Vela Eurídice transformara-se em pó. Vivi ficara com a sensação de que ela tinha desaparecido de vez e que não era preciso qualquer feitiço de vínculo. Mas entristecia-se ao pensar naquela bruxa brilhante e talentosa enquanto sentia o seu poder esvair-se à medida que tentava usar magia que era de mais para ela. Parecia um desperdício tão grande.

Rhys deu a Vivi uma das garrafas de água, lançando a sua três ou quatro vezes entre as mãos antes de a abrir.

— Mesmo assim, missão cumprida, e tudo isso.

Aproximou-se de Vivi, mas ela afastou-se, subitamente já não tão exausta.

— Rhys, escapou-te a parte de que, se não resolvermos isto amanhã à noite, tu *morres*?

Ele ficou ali em pé, na sala de estar, despreocupado, a beber a sua água.

— Isso diz ela.

Vivi ficou boquiaberta.

— Não, não é *isso diz ela*. K sério. Vais morrer, a menos que consigamos convocar o espírito de Aelwyd e, de alguma forma, convencê-la a perdoar-te pelos pecados da tua família. O que, deixa-me que te recorde, não é uma tarefa fácil.

— Nunca saberemos até tentarmos, por isso não vejo razão para estarmos preocupados com isso — reagiu ele. Pousou a garrafa na mesa e avançou para lhe pegar nas mãos. — Agora, se eu morrer, estava a pensar num funeral tipo os dos *vikings*. Lançam-me num barco em chamas, estás a ver? Há lagos por aqui?

Afastando abruptamente as mãos das dele, Vivi ficou a olhar para aqueles olhos muito azuis, aquela cara linda, e uma vez mais viu, clara como o dia, a carta de tarô que Gwyn tirara para ele. O Louco a caminhar alegremente sem tomar atenção ao caminho.

— Podes não fazer piadas com isto? — pediu ela, e Rhys balançou nos calcanhares, surgindo-lhe um trio de rugas na testa.

— Desculpa — disse. — Esqueci-me da noite que tiveste. Não é uma boa altura para graçolas, tens razão.

— Não faças isso.

— Não faço o quê?

Cruzando os braços, Vivi fitou-o, ali à entrada, a cabeça a latejar, a boca seca.

— Agires como se eu não achasse graça porque estou cansada. Não estou a achar graça porque não há nada de divertido na possibilidade de tu morreres, especialmente se a culpa for minha.

A voz fraquejou-lhe na última palavra e sentiu lágrimas picarem-lhe os olhos.

Por favor, não chores à frente dele, por favor, não chores à frente dele...

Mas era tarde de mais e ele soltou um som de aflição ao aproximar-se novamente dela.

Afastando-se, Vivi levantou as mãos.

— Não. Eu... estou bem. Não estou ótima, mas só...

Olhou para ele e disse o que lhe ia no coração, as palavras que a assustavam tanto.

— E se não conseguirmos resolver isto, Rhys?

— Mas, e se *conseguirmos*?

Aproximou-se novamente dela, e desta vez, Vivi deixou-o puxá-la para si e envolvê-la com os braços enquanto lhe encostava a cara ao ombro, fechando os olhos e sentindo o coração afundar-se algures a sul do umbigo.

Rhys era assim. Era isto que ele era. E era isso que ela adorava nele, o tipo de otimismo alegre que fazia com que achasse que as coisas correriam sempre bem porque, na verdade, sempre tinham corrido bem.

Rhys seria sempre assim.

E partiria sempre o coração dela. Não de propósito, decididamente não o queria fazer, mas fá-lo-ia.

E sabe-se lá o que aconteceria então. Vivi não queria que nada daquilo tivesse acontecido, mas acontecera, e tudo porque gostava demasiado dele, tinha demasiados sentimentos por ele. Talvez uma mulher que não tivesse magia a correr-lhe nas veias pudesse arriscar esse tipo de coisa, mas Vivi, não.

Não outra vez.

Engoliu em seco e afastou-se.

— Hoje vou voltar para casa da tia Elaine — disse-lhe, franzindo a testa.

— Vivienne...

— Vemo-nos amanhã — continuou ela, tentando sorrir ao mesmo tempo que limpava as lágrimas com a palma da

mão. — Tens razão, vamos resolver isto, vai ficar tudo bem e vais poder voltar para Gales sem eu voltar a chamar-te imbecil.

Ele continuava sem rir, mas assentiu e soltou-a.

— Eu levo-te — disse, de mãos nos bolsos e o olhar sério.

— Vou a pé — contrapôs ela. — Não é longe.

E não era, o ar fresco da noite fê-la sentir-se um pouco melhor enquanto caminhava para casa de Elaine. Já nem chorava quando entrou em casa.

— Vivi — disse Sir Purrcival, do seu cesto, e ela sorriu quando se baixou para lhe fazer festinhas.

— Olhem só, a aprender palavras novas todos os dias!

— Guloseimas? — pediu ele, piscando aqueles grandes olhos verdes. Da cozinha, Gwyn disse:

— Não lhe dê nada! Já comeu o peso dele em guloseimas.

Vivi seguiu o som da voz da prima e encostou a anca à mesa da cozinha enquanto Gwyn mexia qualquer coisa no fogão.

— Não ficas com o Rhys esta noite?

— Não. Precisava de uma pausa.

Gwyn manteve-se durante bastante tempo em silêncio e depois afastou-se do que quer que estava a cozinhar e disse:

— Podes dizer que estás apaixonada por ele, sabes?

— Não estou — respondeu Vivi, mas virou-se de costas para não mentir na cara de Gwyn. — É como... como antes. Uma paixoneta. Sexo mesmo muito bom. Uma distração.

— Vivi.

Gwyn tinha atravessado a cozinha e colocado as mãos nos ombros de Vivi, voltando-a lentamente.

— Eu gosto de bom sexo e distrações mais do que qualquer outra coisa. Mas também sei reconhecer quando a coisa é a sério. E esta é, não é?

Vivi poderia ter suportado muitas coisas. Sarcasmo, bisbilhotices, talvez até tortura. Se Gwyn tivesse tentado alguma dessas coisas, teria insistido alegremente em que não estava apaixonada por Rhys Penhallow, que era apenas uma mulher do século XXI a passar um bom bocado no meio de toda aquela confusão.

Mas Gwyn estava a olhar para ela com tanta sinceridade, com aqueles grandes olhos azuis que sempre conseguiram perscrutar-lhe a alma, e, oh, raios partam, agora estava a *chorar*. Outra vez.

Só um pouco, mas o suficiente para Gwyn.

Com uma expressão de exagerada compaixão, Gwyn puxou Vivi para si, sufocando-a em lã cor de laranja e cheiro a alfazema.

— O meu bebé — suspirou Gwyn, e Vivi abraçou-a e deixou o choro irromper.

— Sou tão estúpida!

— Como o amor, para ser franca.

— Estamos completamente errados um para o outro!

— E é por isso que é tão excitante.

— Eu *amaldiçoei-o*, Gwynnevere.

— Quem de entre nós não fez o mesmo?

Afastando-se, Vivi olhou para Gwyn antes de limpar as faces molhadas.

— Até tu tens de admitir que é muito má altura.

Mas Gwyn limitou-se a encolher os ombros.

— Não há realmente uma altura boa para este tipo de coisas, pois não? Encontrares a pessoa que procuras.

Acontece quando tem de acontecer. Pelo menos, é o que dizem.

Com isto, regressou ao fogão e, pela primeira vez, Vivi reparou no que ela estava a fazer — o particularmente doce, e, na opinião de Vivi, nojento, chá quente que Gwyn sempre adorara, uma mistura de quantidades verdadeiramente obscenas de açúcar, chá preto, umas pitadas de especiarias e sumo em pó com sabor a laranja.

Era a bebida reconfortante de Gwyn, mesmo mais do que vodka, e representava sempre alguma coisa má.

— A Jane? — tentou Vivi. Gwyn não se voltou.

— Por falar em pessoas completamente erradas uma para a outra.

Sem dizer mais nada, Vivi aproximou-se e pôs os braços à volta da cintura de Gwyn, encostando o queixo às costas dela. Depois, passado um momento, perguntou:

— Queres amaldiçoá-la?

Gwyn desatou a rir, baixando as mãos para pegar nas de Vivi e apertando-as.

— Sabes, vamos ver como é que corre a tua antes de tentarmos amaldiçoar outra vez, boa?

— É justo — respondeu Vivi, dando mais um abraço a Gwyn, antes de ir ao armário buscar duas chávenas.

Nessa noite, sentar-se-ia à mesa da cozinha e beberia o Chá da Separação de Gwyn.

E amanhã faria um pacto com o diabo.

Talvez de forma literal.

Capítulo 31



Rhys acordou naquele que poderia ser o seu último dia de vida com um mau humor previsível.

Para começar, estava sozinho.

Nessa noite, dormira num dos lados da enorme cama, como uma espécie de idiota deprimido, e agora, ao virar-se e estender o braço para o lugar onde Vivienne deveria estar, *sentiu-se* verdadeiramente como um idiota deprimido.

Tinha feito asneira na noite anterior. Das grandes.

E não sabia bem em que momento. Sabia que ela estava transtornada com a maldição e o seu significado, mas confiava nela. Confiava *neles*, em que conseguiriam resolver aquilo, e doía perceber que ela claramente não tinha a mesma fé.

Por outro lado, ela nunca confiara nele. Rhys podia ter estragado tudo naquele verão, mas ela nem lhe tinha dado a oportunidade de se explicar, assumira imediatamente a pior interpretação possível do que ele dissera e, até agora, ele não se apercebera de que isso também lhe doía.

Vivienne amara-o, mas não confiara nele.

Não confiava nele agora.

Estava ali deitado, taciturno, naqueles lençóis de cetim, o que era francamente humilhante.

Suspirou e sentou-se na cama no preciso momento em que tocou o telemóvel na mesa de cabeceira, e pensando que podia ser Vivienne, o seu estúpido e traiçoeiro coração deu imediatamente um salto.

Mas, não, era Bowen numa videochamada. E quando Rhys atendeu, ficaram os dois a olhar um para o outro, horrorizados.

— O que aconteceu à tua cara? — perguntou Rhys, enquanto Bowen fazia uma careta e dizia:

— Estás nu.

Endireitando-se mais na cama, Rhys esfregou um olho com a mão livre.

— Não, não estou. Acabei de acordar e...

— Porque é que atendeste uma videochamada nu?

— Porque é que tens um texugo agarrado à cara?

Por um momento, os dois irmãos ficaram a olhar um para o outro pelos respetivos telemóveis, e depois soltou-se uma gargalhada por baixo de toda aquela barba.

— Está um bocado descontrolada não está? — perguntou, esfregando o queixo.

— Precisa de um código postal, companheiro — respondeu Rhys, mas também estava a rir. Bowen era como Wells, um chato a maior parte do tempo, mas era bom vê-lo, apesar de ter deixado crescer a barba mais pavorosa do mundo.

— O Wells disse-me que fizeste merda — disse Bowen, indo direto ao assunto, como de costume. — Conseguiste ser amaldiçoado.

— É uma longa história — avisou Rhys, mas Bowen limitou-se a grunhir, afastando o telemóvel para mostrar a Rhys a encosta da montanha desolada onde estava sentado.

— Dava-me jeito algum entretenimento.

Então, Rhys contou-lhe tudo, desde o verão de nove anos antes até Vivienne a sair da casa dele em lágrimas na noite anterior.

Quando terminou, Bowen estava de sobrolho franzido, mas como essa era uma das expressões padrão de Bowen, Rhys não ficou muito preocupado.

— Ela tem razão — disse Bowen, por fim. — Sobre nunca levares as merdas a sério.

— Não é verdade — respondeu Rhys. — Levo muitas merdas a sério. O meu negócio. Ela. Levar-te-ia a sério, mas não posso por causa dessa barba.

— Estás a ver, era disso que estava a falar — salientou Bowen, apontando para o telemóvel com um dedo. — Sempre a gozar, a fazer piadinhas. Dizes que ela não confia em ti, mas como é que ela poderia confiar quando ages como se nada tivesse importância? Como se fosse tudo a porra de uma brincadeira.

Rhys pestanejou.

— Começaste a dar consultas de terapia grátis às ovelhas aí em cima, Bowen?

A expressão de Bowen tornou-se mais carregada e Rhys levantou uma mão em sinal de rendição.

— Certo, certo, já percebi. Estou a fazer o mesmo outra vez.

Não sabia como explicar a Bowen, um homem que dizia sempre exatamente o que estava a pensar na forma mais direta possível, que era mais fácil para ele esquivar-se e esgueirar-se, nunca deixando que as pessoas percebessem como é que as coisas o afetavam. Viver a vida mais superficialmente sem se preocupar em aprofundar muito as coisas.

Mas a questão era que ele já estava mergulhado nas coisas até ao pescoço. Estava apaixonado por Vivienne.

Sempre o estivera, como começava a perceber. Aquele verão não tinha sido apenas um caso, mas antes uma manifestação real do que sentia.

E ele lixara tudo. Como estava a lixar tudo agora.

— Diz-lhe como te sentes — aconselhou Bowen. — Sê honesto.

Ah, e já agora, não morras esta noite.

— Obrigado — disse Rhys, com um sorriso triste. — Tem cuidado aí por cima. E vê se fazes a barba.

Bowen fez-lhe um pirete, mas estava a sorrir quando desligaram, e Rhys saiu da cama a sentir-se um pouco melhor.

Só precisava de ver Vivienne e dizer-lhe a verdade. Dizer-lhe que estava completamente apaixonado e que, sim, estava cheio de medo daquela noite, mas que confiava nela.

A questão era como dizer. Não era exatamente o tipo de coisa que se enviasse por mensagem. Iria a casa da ria e falaria com ela.

Mas depois de descer a montanha e bater à porta de Elaine, viu que ela era a única pessoa em casa.

Bem, ela e o gato.

Assim que Elaine abriu a porta, o safadinho peludo levantou o olhar para Rhys e muito sucintamente disse «*imbecil*».

— Na outra noite defendi-te, companheiro — lembrou Rhys, abanando o dedo a Sir Purrcival. — Não me faças arrepender.

Elaine riu-se, baixando-se para agarrar o gato, mas não convidou Rhys a entrar. Quando olhou bem para ele, sentiu que conseguia ver-lhe a alma.

— Vieste dizer à Vivi que estás apaixonado por ela — disse finalmente. Ele assentiu.

— E mais algumas coisas, sim, mas essa é a principal. Mas como ela parece não estar aqui, vou passar ao...

— Rhys.

Elaine pôs a mão no braço dele e, pela primeira vez, Rhys reparou que ela tinha os mesmos olhos cor de avelã de Vivienne. Tinham agora uma expressão amável, mas ele sabia que não ia gostar do que ela lhe ia dizer.

— Ela já está em casa, a preparar-se para esta noite. A magia que ela precisa de fazer é... é maior do que todas as que já fez. Para dizer a verdade, é maior do que todas as que eu já fiz, e é preciso preparação. Não podes perturbar isso.

Rhys sentiu-se como se tivesse levado um murro no estômago.

Tinha chegado tarde de mais.

Parecia que chegava sempre tarde de mais.

— Certo — concordou ele, sorrindo para Elaine. — Definitivamente, não posso.

Elaine apertou-lhe o braço.

— Diz-lhe depois.

— Eu digo — respondeu ele, enquanto uma sensação de desconforto lhe percorria a espinha.

«Partindo do princípio de que depois ainda cá estarei, é o que vou fazer.»

O banho não estava a ajudar.

De novo.

Pelo menos desta vez, quando Vivi se sentou na banheira com a água até ao queixo, rodeada por velas, não havia vodka à vista. E não estava a evocar a cara de Rhys ou o cheiro do seu perfume. Nem sequer estava a fungar.

Um grande progresso relativamente ao anterior Banho de Desgosto.

Então, porque se sentia muito pior?

Sabia a resposta a essa pergunta — porque, desta vez, o desgosto da separação era muito maior e a tarefa que tinha pela frente era assustadora. A tia Elaine era a melhor e mais forte bruxa que Vivi conhecia, e até mesmo ela nunca tentara fazer algo semelhante. E agora Vivi, cujo feitiço a que mais recorria era o de reaquecer o chá sem usar micro-ondas, ia convocar um espírito que morrera há muito e exigir-lhe que revertisse uma maldição.

De alguma maneira.

A água salpicou quando se pôs em pé e se esticou para agarrar numa toalha, mal se perguntando que tipo de roupa deveria usar num ritual de convocação num cemitério na noite de *Halloween*. Provavelmente, algo adequadamente impressionante, tudo preto, talvez, algumas joias de prata.

Mas quando foi ver ao armário, os olhos caíram no vestido que estava a usar na primeira noite em que Rhys voltara à cidade, o preto com bolinhas cor de laranja, e no cinto de couro envernizado também cor de laranja.

Adorava aquele vestido como o caraças. Mas não era um vestido que dissesse propriamente *Bruxa Poderosa*.

Passou por ele com as mãos, em busca do vestido preto que usara na Feira de Outono, mas deteve-se.

Este era o feitiço dela. Independentemente de ter sido a sua antepassada a dar o impulso necessário, fora ela a lançar a maldição original, e seria ela a tentar quebrá-la naquela noite. *Era* uma bruxa poderosa, com vestido às bolinhas ou sem elas. E se usar o seu vestido preferido a fazia sentir-se melhor, porque não?

Sentia-se um pouco melhor ao dirigir-se do apartamento para o cemitério. O sol acabara de se pôr e a vila estava completamente em modo *Halloween*. Todos os candeeiros de rua estavam acesos, uma sinistra música ensurdecadora

saía dos altifalantes colocados ao longo da rua principal e Vivi sorriu ao passar pelo *Coffee Cauldron*. Tinham colocado no exterior um caldeirão verdadeiro cheio de gelo seco e duas crianças vestidas de bruxas riam e davam gritinhos ao passarem a correr através da névoa artificial.

Graves Glen era um sítio bom. Um sítio feliz.

E ela ia salvá-lo.

Os sons da festa de *Halloween* iam ficando mais distantes à medida que Vivi se aproximava do cemitério. E ao abrir o portão de metal que rangia, apenas conseguiu ouvir o vento nas folhas por cima da sua cabeça e o ocasional grito de um pássaro.

A sepultura de Aelwyd encontrava-se no canto mais afastado e, ao caminhar para lá, Vivi conseguiu ver que Gwyn e Elaine já lá estavam à espera.

As duas tinham velas, e a expressão calorosa dos rostos fê-la subitamente sentir um nó na garganta.

— Estamos quase prontas — disse Elaine, entregando uma vela preta a Vivi. — Assim que o Rhys estiver aqui.

— E aqui está o Rhys — ouviu Vivi dizer atrás dela. Voltou-se para o ver descer a rua vagarosamente como se estivesse a passear no parque para ir ter com uma namorada, e não para a potencial morte. O coração de Vivi bateu-lhe dolorosamente dentro do peito.

Estava todo vestido de preto, o pendente a baloiçar no pescoço, e piscou um olho a Vivi quando Elaine lhe entregou a vela.

— Pronta para me desamaldiçoares, *cariad*?

Vivi inspirou profundamente e ouviu-se um som agudo e o súbito odor a enxofre no ar quando Gwyn acendeu um fósforo, encostando-o ao pavio da vela de Vivi.

— Tanto quanto alguma vez estarei.



Capítulo 32

Rhys não sabia se alguma vez estivera tão nervoso na vida. Viu Vivienne colocar-se na base da sepultura de Aelwyd, o cabelo louro puxado para trás e afastado da cara, ali parada com as suas bolinhas, de vela na mão.

Era tão bonita, tão corajosa, e, apesar de saber que deveria estar um pouco preocupado por si mesmo, era a ideia de lhe acontecer alguma coisa que dava a Rhys um nó no estômago e o fazia ter as mãos fechadas em punho.

«Devia ter-lhe dito antes», pensou, mas agora era tarde de mais. Ela já murmurava, ajoelhada na base da campa de Aelwyd. Rhys não sabia muito bem o que aconteceria naquele ritual, mas tinha consciência de que seria mais do que a convocação de um fantasma. Os fantasmas eram seres completamente à parte, feitos de energia que não se podia libertar.

Um espírito, ainda preso na sua sepultura, era uma criatura muito mais difícil de convocar.

Piper McBride aprendera isso da forma mais dura, mas agora, ao ver Vivienne, Rhys tinha de lutar contra a sua vontade de correr para ela e tirá-la dali. A vila que fosse para o inferno, e/e que fosse para o inferno, só não queria

deixar Vivienne arriscar a vida para salvar uma e outro, pensou ele.

Só que ela queria fazer aquilo. Acreditava que conseguia fazer aquilo.

E ele tinha de acreditar nela.

Gwyn e Elaine também se ajoelharam. E quando Elaine tirou uma pequena faca do cinto, Rhys cerrou os dentes. Era uma maldição de sangue e Vivi era familiar de sangue de Aelwyd, por isso não o devia surpreender que houvesse sangue envolvido. Ainda assim estremeceu quando a lâmina passou sobre a palma da mão de Vivienne, um corte rápido e pequeno, mas um corte.

Contudo, Vivienne não estremeceu, pressionando a palma da mão na terra e baixando a cabeça.

Gwyn e Elaine sussurravam juntamente com Vivienne, as chamas das suas velas tremeluziam com o vento da noite, e Rhys sentiu um frio a percorrer-lhe a espinha no momento em que o chão tremeu ligeiramente sob os seus pés.

Não conseguia identificar exatamente o momento em que sentiu que estava a acontecer. Não houve nada dramático como com Piper, do túmulo não saltou qualquer forma sinistra.

Mas quando Vivienne voltou a cabeça para ele, Rhys soube que não era ela atrás daqueles olhos.

— Penhallow — disse ela. Era a voz de Vivienne, mas com outra por baixo dela, num sotaque galês ritmado. E foi em galês que Rhys respondeu.

— Sou eu.

Os lábios de Vivienne levantaram-se ligeiramente nas pontas.

— És parecido com ele. Com Gryffud.

Rhys tocou na ponte do nariz e franziu a testa.

— Que se lixe.

— És tão fraco como ele era? Tão cruel? — continuou ela, pondo-se de pé. Era a coisa mais estranha, ver o corpo de Vivienne, um corpo que ele conhecia tão bem como o seu próprio, mas sem Os gestos habituais, com uma postura completamente diferente. E olhava para ele de uma forma tão fria. Nunca antes vira aquele olhar em Vivienne, nem mesmo quando ela o odiava.

— Fraco, talvez — respondeu ele. — Cruel? Espero bem que não.

Avançando para ele, Vivienne abriu os braços enquanto, atrás dela, Gwyn e Elaine observavam, pálidas.

— Gryffud quis que a sua magia construísse esta vila — disse ela. — Queria que fosse o seu legado. O seu reino particular.

— Isso soa muito aos homens da minha família.

— Mas não chegava. *E*le não chegava — continuou Vivienne, tão perto agora que ele sentiu um cheiro a ozono e terra, nada como o cheiro adocicado de Vivienne. — E pediu a minha ajuda.

Tinha os olhos fixos algures sobre o ombro de Rhys, e ele percebeu, de algum modo, que ela estava a olhar para as grutas, para as Linhas de Ley.

— Eu queria misturar a minha magia com a dele, mas ele ficou com toda. — Fixou o olhar em Rhys. — Tudo de mim. Esgotou-me para construir a sua vila e depois apagou o meu nome. Construiu altares à sua imagem. Não agradeceu o meu sacrifício nem o reconheceu. Foi como se eu nunca tivesse existido.

Rhys conseguia sentir a dor por detrás do que ela dizia. E apesar de saber que não era Vivienne a falar, as palavras alojavam-se no peito como pedras.

— Se serve de algum consolo — disse ele —, Gryffud morreu de varíola, que, pelo que sei, é bem horrível, por isso...

— Não há consolo possível!

O tom da voz subiu, o vento soprou mais forte, o cabelo de Vivienne ondulava para trás e para cima, as árvores agitavam-se e gemiam.

— A minha descendente recorreu a mim para te amaldiçoar, e foi o que fiz. E tu, por outro lado, amaldiçoaste a vila. A minha vingança ficará completa quando ambos se tornarem cinzas à minha frente.

Inclinou a cabeça e fitou-o. Rhys preparou-se para... não sabia bem para quê. Para se proteger de uma pancada? Parecia provável.

Mas então ela disse:

— Só que esta mulher, esta irmã do meu sangue, pede-me que te poupe. Que te liberte e à vila da maldição.

Rhys engoliu em seco e respirou fundo.

— Ela pede.

— E porque deveria eu fazê-lo?

Rhys pensou num qualquer motivo, num qualquer argumento completamente incontestável para salvar a sua vida e Graves Glen, mas só conseguiu dizer:

— Eu amo-a.

Aqueles olhos não pestanejaram.

— Tu ama-la — repetiu Vivienne/Aelwyd. Rhys assentiu.

— Eu amo-a e magoei-a, por isso mereço ser amaldiçoado. Mas Graves Glen é a casa dela. A casa da família dela. Não pode ser destruída por minha causa.

O luar iluminava o cemitério e, pela primeira vez, Rhys apercebeu-se de uma espécie de véu cintilante à volta de Vivienne, podia ver o coração dela a pulsar-lhe no pescoço. Ela ainda estaria ali? A sua Vivienne? Conseguiria ouvi-lo?

— E se eu poupasse a vila, mas te levasse, que tal?

Com o olhar fixo e sombrio, aproximou-se mais, mas Rhys manteve-se no seu lugar.

— Então, leve-me — disse ele. — É um preço justo pelo que lhe fizeram.

— Rhys — ouviu Gwyn dizer. Mas Elaine interrompeu-a, agarrando-lhe o braço com uma mão. Rhys esboçou um sorriso trémulo.

— Ah, até que enfim, já não sou o «imbecil».

Aelwyd ainda o observava através dos olhos de Vivienne, e Rhys rinha a perfeita noção de que a sua vida estava por um fio.

E então ela afastou-se dele, o vento abrandou um pouco, desvanecendo-se o cheiro a relâmpago que atingia a terra.

— Então, deves amá-la — prosseguiu ela.

— Amo — respondeu ele. — Loucamente.

Ela suspirou, o peito de Vivienne subia e descia, e então fechou os olhos.

— Consigo ver o coração dela — revelou Aelwyd. — Senti-lo dentro do peito dela. Ela também te ama e não quer ver-te magoado. E como ela é do meu sangue, decidi conceder-lhe o pedido.

Rhys tentou literalmente não cair ao chão de alívio, mas não foi fácil.

— Obrigado — exalou. E viu Gwyn e Elaine darem as mãos. — Obrigado — repetiu. — E prometo corrigir o que o sacana do Gryffud fez. Acabou-se a estátua, acabou-se definitivamente o Dia do Fundador. Posso até tentar fazer com que o meu irmão Wells mude o nome do meio.

Aelwyd franziu a testa e, por um segundo, Rhys perguntou-se se mencionar a família tinha sido má ideia, mas não era isso. Ela nem sequer estava a olhar para ele,

mas para trás, na direção da campa, com as mãos a abrir e a fechar ao lado do corpo.

— É... a maldição. Não a consigo quebrar.

— Como?

Ajoelhou-se, com a cabeça inclinada para trás e a olhar para o céu.

— Não tenho força suficiente.

A sua voz foi ficando cada vez mais fraca, mais ténue, e a de Vivienne mais forte.

Os olhos dela encontraram de novo os dele. E, desta vez, parecia mais ser Vivienne a olhar para ele.

— Lamento, Rhys Penhallow — disse Aelwyd. — É tarde de mais.

E então ouviu-se um som como o de um trovão, e Vivienne caiu ao chão.



Capítulo 33

Vivi estava a ficar um pouco farta de acabar no chão sempre que fazia magia.

Ao abrir os olhos, viu Gwyn, Rhys e Elaine sobre ela. Pelas expressões que mostravam, deduziu que o ritual não correria bem. Ou nem sequer teria conseguido fazê-lo? A última coisa de que se lembrava era de colocar a mão na campa de Aelwyd, de pedir à antepassada que removesse a maldição. Tudo o que a seguir aconteceu estava em branco na sua memória.

— Acabou? — perguntou a Rhys. Ele tentou sorrir enquanto a ajudava a levantar-se.

— Foste magnífica. A sério.

— Isso não é uma resposta — reagiu Vivi, sacudindo o pó da saia e observando Gwyn e Elaine, ambas com o olhar mais sério que ela alguma vez lhes tinha visto.

— Conquistaste, Vivi — reforçou Gwyn, aproximando-se para pegar na mão dela. — Trouxeste o espírito de Aelwyd para o teu corpo, foi a magia mais fixe que alguma vez vi. Estavas toda deusa e o teu cabelo esvoaçava ao vento, tipo Beyoncé...

Vivi ficou a olhar para ela.

— E não funcionou — conclui ela. — Já percebi pelas vossas caras.

A fanfarronice de Gwyn esmoreceu e ela colocou a mão no rosto de Vivi.

— Não tiveste culpa.

Em pânico, Vivi olhou para Rhys, ali parado tão atraente, tão casual, com as mãos nos bolsos. Mas tinha rugas à volta da boca, os ombros tensos.

— Aparentemente, Aelwyd não tinha a energia necessária, Samhain ou não. — Encolheu os ombros. — Umas ganham-se, outras perdem-se.

— Não — contrapôs Vivi, abanando a cabeça. Ainda se sentia trémula devido ao feitiço acabado de fazer, ainda podia sentir um estranho sabor metálico na boca e ainda tremia, mas também tinha a certeza, completa e absoluta, de que não ia deixar nada acontecer a Rhys.

Ou a Graves Glen.

— Não, isto ainda não acabou — continuou, e Elaine aproximou-se, agarrando na mão de Vivi.

— Minha querida, fizeste o melhor que podias. Sabes quantas bruxas conseguem sobreviver ao que acabaste de fazer? Mesmo no Samhain, chamar um espírito é obra. A magia envolvida pode matar, e olha para ti. Estou tão orgulhosa.

— Obrigada, tia Elaine — agradeceu Vivi, com sinceridade. — Mas estou a falar a sério. Não podemos desistir.

— Vivienne — chamou suavemente Rhys. — Não há mais nada que possamos fazer.

Fechando os olhos, Vivi abanou a cabeça.

— Não. Tem de haver. Se pensarmos...

Pensar talvez fosse mais fácil se ela não tivesse tido dentro de si um espírito com trezentos anos e a sua cabeça não estivesse a entoar «Rhys vai morrer, Rhys vai morrer,

Rhys vai morrer» uma e outra vez, mas tentou aquietar um pouco os pensamentos, tentou inspirar profundamente para se acalmar, de modo a procurar uma solução.

Rhys estava amaldiçoado, por isso a vila estava amaldiçoada. Rhys e a vila ligados um ao outro por causa das Linhas de Ley. As linhas mágicas que o antepassado de Rhys criara.

Mas não.

Abriu os olhos.

Não tinha sido o antepassado de Rhys. Não fora *só o* antepassado dele. Aelwyd também lá estivera. A magia de Aelwyd também se encontrava nas Linhas de Ley. E a magia de Aelwyd estava no sangue de Vivi. De Gwyn, de Elaine.

Podia não funcionar. Provavelmente, não funcionaria.

Mas tinha de tentar.

— As Linhas de Ley — disse ela a Rhys, já a caminhar em direção ao portão do cemitério. — Temos de ir até às Linhas de Ley.

E Rhys, a deusa o abençoe, nem questionou.

— Tenho o meu carro e temos — confirmou no relógio — cerca de uma hora até à meia-noite.

— Vocês as duas também — disse ela para Gwyn e Elaine. — Preciso das duas.

— Vamos mesmo atrás de ti — garantiu Elaine. E Vivi sentiu novamente uma enorme gratidão por aquelas pessoas, aquelas pessoas que a amavam e confiavam nela.

A viagem até às grutas decorreu sem incidentes, nem Rhys nem Vivi disseram muito, e, na verdade, Gwyn e Elaine já estavam à espera deles quando chegaram.

— Rhys — disse Vivi, quando entravam na primeira gruta, a câmara maior que levava ao resto do sistema. — Preciso que esperes aqui, está bem? Temos de ser só nós as três.

Ele não questionou, limitou-se a assentir.

— Claro.

Contudo, enquanto Vivi avançava para a abertura que levava às Linhas de Ley, ele não conseguiu evitar gritar:

— Boa sorte em fazeres com que eu não morra!

Desta vez, quando Vivi entrou na câmara onde se encontravam as Linhas de Ley, não sentiu aquela onda de calor que sentiu com Rhys. Quando muito, uma pequena náusea, desorientação, como se tivesse andado à roda vezes de mais. A magia ainda lá estava, ainda tão poderosa, mas agora também poderosa e terrivelmente *errada*.

— Merda — ouviu Gwyn sussurrar, e as três olharam para a magia que pulsava no chão da gruta. O que antes era um límpido púrpura luminoso estava agora turvo de podridão, denso e letárgico, com faíscas avermelhadas a cintilar ocasionalmente.

— Piorou — observou Vivi. — Estava mal naquela primeira vez, mas isto...

Pela primeira vez desde que lhe surgira aquele plano, começava a preocupar-se com a hipótese de talvez ser uma ideia estúpida. Talvez não conseguisse resolver nada.

Mas tinha de tentar. Por Graves Glen. Por Rhys. Até por Aelwyd, que merecia tão mais do que o que lhe aconteceu.

— Deem as mãos — pediu Vivi, e ela, Elaine e Gwyn formaram um círculo, juntando todas as mãos.

— Nós fizemos esta magia — disse Vivi, fechando os olhos. — A nossa família. Ninguém lhe ergueu uma estátua nem deu o seu nome a uma faculdade, mas era real e esteve aqui e ajudou esta vila a ser o que é. Deu a sua vida por ela. E nós somos descendentes dela.

Sentiu tanto Gwyn como Elaine apertarem as mãos, o que lhe deu coragem para inspirar profundamente e dizer:

— Por isso, que se lixe o Gryffud Penhallow. As Bruxas Jones vão tomar conta disto.

Vivi conseguia sentir a onda de poder sob os pés, e subitamente as mãos de Gwyn e de Elaine ficaram tão quentes que quase queimavam. Mas Vivi continuou a

agarrá-las com força, continuou a enviar cada pedacinho de magia que conseguia para o círculo feito pelas três e depois para baixo, para as Linhas de Ley.

Era como tentar empurrar uma rocha montanha acima enquanto algo a empurrava para baixo. Vivi não sabia se era o resto da magia de Penhallow ou da própria maldição, mas respondeu empurrando com igual força, sentindo a transpiração a escorrer da testa enquanto se concentrava.

E então ouviu Gwyn dizer:

— Está a resultar!

Vivi abriu os olhos e dirigiu-os para baixo, para as Linhas de Ley. A luz púrpura brilhante estava a tornar-se mais forte enquanto a imundície negra retrocedia. Agarrou ainda com mais força as mãos da tia e da prima, pensando em Aelwyd, pensando em Piper McBride e pensando até nos bruxos da faculdade, todos com poder e com tanto direito a reclamar a magia de Graves Glen como qualquer um.

Houve um súbito clarão de luz, tão brilhante que Vivi arquejou, largando as mãos de Gwyn e Elaine para proteger os olhos, e então, tão depressa quanto apareceu, desapareceu, deixando-lhe a visão um pouco distorcida e ofuscada.

Mas à frente dela, no chão da gruta, as Linhas de Ley fluíam, límpidas e púrpura, agora a sussurrar.

— Pelas mamas de Rhiannon — suspirou Gwyn. Virou-se para Vivi com um sorriso deslumbrante. — Conseguiste!

— Conseguimos — corrigiu Vivi, e abraçou Gwyn e Elaine, rindo enquanto, ao mesmo tempo, lhe corriam lágrimas dos olhos.

— Adoro-vos, miúdas — disse Elaine, limpando também os olhos. — E agora prometam-me que nunca, mas nunca mais misturam vodca com feitiçaria.

— Prometemos solenemente — disse de imediato Gwyn, e Vivi assentiu.

— Lição mais do que aprendida, acredite.

— Então... parece que não vou morrer?

Viraram-se e viram Rhys a espreitar para dentro da gruta.

Gwyn apontou para ele.

— O cabelo ainda faz Aquela Coisa.

— Pois faz — concordou Vivi, e Rhys piscou-lhe o olho e levantou o polegar, ainda à entrada da gruta.

— Nesse caso, podemos sair daqui? Com maldição ou sem ela, não é aqui que quero passar o resto do *Halloween*.

Capítulo 34



Vivienne estava radiante quando conduziam de volta à vila.

Rhys tinha dificuldade em manter os olhos na estrada, mas não nela.

— Era como... como se tivesse um rio dentro de mim, só que o rio era *magia*, e eu conseguia senti-la, verdadeiramente *senti-la* à medida que ela saía das minhas mãos, tipo *um sopro forte* — relatou, entusiasmada, fazendo gestos com as duas mãos, o rosto corado, os olhos brilhantes. Rhys ria.

— Pois, já o disseste, *cariad*.

Baixando as mãos, Vivienne sorriu para ele.

— Desculpa. Estou um bocado excitada de mais, não estou?

— Bem, salvaste uma vila inteira e a minha vida com a tua magia — lembrou-lhe ele. — Tens todo o direito.

Encostando a cabeça ao banco do carro, Vivienne riu-se novamente.

— Pois foi. Eu fiz isso. Sou uma bruxa certificada do caraças.

— Põe caraças nisso — concordou Rhys, batendo com os dedos no volante do carro —, e talvez também estejas um bocadinho Bêbeda de Magia.

— Isso é uma grande possibilidade, sim — concordou ela, para depois voltar a sorrir, um sorriso que aqueceu cada centímetro de Rhys.

Ele também estava um bocado mais do que eufórico. Safar-se da morte tem esse efeito nos homens. E apesar de não saber bem como é que o pai iria receber as notícias de que Graves Glen já não era território dos Penhallow, naquele momento não se ralava nada com isso. Isso era um problema para o Rhys do Futuro, e de certeza que esse malandro saberia lidar com o assunto. Vivi agarrou-lhe subitamente o braço.

— Encosta.

Rhys olhou para ela, desconfiado.

— Não vais vomitar, pois não?

— Que nojo, não — disse ela, fazendo uma careta, depois apontou pelo para-brisas — Ali.

Rhys seguiu as indicações dela, parando o carro numa reentrância de terra na berma de uma colina que dava para o vale. A lua brilhava o suficiente para revelar o campo por baixo deles, as montanhas em redor eram formas escuras contra o céu azul-marinho.

— Foi ali que nos conhecemos — lembrou ela docemente. — No solstício de verão. Mesmo ali naquele campo.

Rhys percebera isso assim que estacionara o carro. Lembrava-se daquelas colinas, lembrava-se de estar sentado com Vivi a olhar para elas, lembrava-se da coroa de flores que ela usava toda torta na cabeça e do seu doce sorriso.

— Posso contar-te um segredo? — perguntou ela, com a voz tranquila e agora mais calma.

— Não me vais dizer que acabaste com a maldição e me trouxeste aqui para me atirares montanha abaixo, pois não?

Ela riu-se, mais baixo desta vez. O cabelo roçava-lhe os ombros enquanto abanava a cabeça.

— Adorei esse verão — disse ela. — Penso nele como um momento perfeito e maravilhoso, e dizia para comigo que era apenas por ter sido o primeiro, sabes? O primeiro verdadeiro ritual por que passei, primeiro verão da faculdade, o primeiro rapaz por quem me apaixonei.

Quando se virou para ele, tinha os olhos cheios de algo que ele não conseguia nomear, mas que, fosse o que fosse, lhe aqueceu o peito, o coração.

Como a amava, meu Deus.

— Mas desta vez foi ainda melhor — garantiu ela, aproximando-se de Rhys. E depois sorriu.

— Posso beijar-te?

O coração de Rhys deu um salto quase doloroso contra as costelas.

— Agora?

— Estou disponível para qualquer horário que te seja mais conveniente.

— Sorte a tua, pois estou completamente livre — respondeu ele. Ela riu-se enquanto ele a puxava para si, ajeitando-se no banco para que Vivienne conseguisse sentar-se no seu colo.

Há já algum tempo que Rhys não tinha sexo com alguém num carro, mas de alguma forma eles conseguiram, o vestido dela levantado até à cintura, a braguilha dele aberta, tocando na buzina do carro apenas duas vezes.

Já dentro dela, envolto nos braços daquela mulher bela e mágica por quem se apaixonara duas vezes, sentindo no rosto o seu cabelo, ele percebeu que tinha de lhe dizer o que sentia.

Depois, tinha ele prometido, e depois era agora.

Mas antes queria senti-la desmoronar-se em seu redor, queria ouvi-la soltar aqueles gemidos suaves e sentir os seus dentes mordiscarem-lhe a orelha.

Sentiu tudo isso e mais. E quando ela se abandonou, arquejando encostada ao peito dele, Rhys puxou-lhe o cabelo para trás e beijou-lhe a pele transpirada do pescoço.

— Vivienne — começou ele, e ela suspirou, encostando-se ainda mais a ele.

— Vou sentir a tua falta, Rhys — disse ela com uma voz suave e sonhadora.

Foi aí que ele percebeu o que se estava a passar. Leva-lo ali, àquele sítio onde se conheceram, fazer amor com ele.

Estava a despedir-se dele.

Já passava da meia-noite quando atravessaram a montanha para chegar a casa de Elaine. Subiram os degraus do alpendre, os dedos a tocarem-se, e Vivi agitou a cabeça para o céu.

— O Samhain acabou. É oficialmente Dia de Todos os Santos.

— E eu estou oficialmente não amaldiçoado e tu és oficialmente a bruxa mais incrível que conheço.

Vivi soltou um risinho e fez uma pequena vénia, ainda um pouco embriagada pela magia, pelo sexo e por alguma mistura mística de ambos.

De facto, pensou ela, quando pararam à frente da porta de Elaine, podia fazer um bocadinho mais de ambos.

— Entras? — perguntou ela. — Não tenho muita prática em enfiar sorrateiramente rapazes no meu quarto, mas para dizer a verdade acho que a tia Elaine não se vai importar.

Rhys sorriu, mas foi um sorriso breve, e quando ele estendeu a mão para lhe afastar o cabelo da cara, Vivi sentiu que sabia o que ele ia dizer.

— Por mais que eu gostasse disso, *cariad*, receio bem que amanhã tenha de ir embora.

Vivi cambaleou um pouco para trás, as mãos a afastarem-se da cintura dele.

— Embora para... Gales?

— É isso mesmo — replicou ele. — O meu pai precisa de saber de tudo isto, e esta conversa é melhor tê-la pessoalmente. O trabalho também vai aumentar com as férias...

Vivi sentiu que alguém a mergulhara em água fria, toda aquela tonta alegria mágica a esvair-se dela enquanto ali estava, especada no alpendre, levantando o olhar para os olhos azuis de Rhys.

— Certo, claro — anuiu ela, forçando um sorriso. — Quero dizer, ambos sabíamos que isto era apenas temporário. A tua vida lá, a minha aqui.

— Exatamente — concordou ele. E o sorriso de Rhys também pareceu um pouco forçado. — Claro — acrescentou, puxando-a para si — que podia implorar-te que viesses comigo, de joelhos, a treta toda, muito dramático, uma cena completa.

Ela riu-se um pouco, apesar de ter de fechar os olhos para contrariar a força das lágrimas.

— Gostava mesmo de ver isso.

E era a verdade. Queria que Rhys lhe pedisse a sério que fosse com ele, queria saber o que tudo aquilo significava para ele.

Mas ele tinha-lhe mostrado, não tinha? Gostava dela, gostaria sempre. Só que Rhys não era exatamente o tipo de homem que se limitava a ficar num sítio. Construíra a sua vida à volta disso.

E agora que a magia dela estava inextricavelmente ligada a Graves Glen, não queria ir-se embora. Era a casa

dela.

— Muito gostas tu de me ver de joelhos.

Vivi encurtou o espaço entre eles, envolvendo-o com os braços, inspirando o cheiro a outono que se desprendia da sua roupa, o ténue aroma a lenha que ainda pairava entre os dois.

— É, na verdade, onde fazes o teu melhor trabalho.

Ele apertou-a com mais força enquanto se ria, e Vivi desejou que aquele momento pudesse manter-se por mais tempo. Estar com ele só mais um pouco, mais uma noite, talvez duas.

Mas isso não tornaria as coisas mais fáceis. Quando muito, faria exatamente o contrário. Porque Rhys não podia ficar.

E Vivi não podia ir.

— Vê o lado positivo — disse ela, ao afastar-se. — Pelo menos desta vez não te vou amaldiçoar. Sou até capaz de fazer um minialtar Rhys Penhallow na secretária do meu gabinete.

— Com cama de dossel incluída, espero.

Vivi sentiu a hesitação no modo como lhe sorriu. Estava a tomar a decisão certa. Estavam os dois. Esta coisa entre eles não fora feita para durar. Eram demasiado diferentes, queriam vidas diferentes, tinham sonhos diferentes.

Deixá-lo partir não era mais fácil por isso.

Mas deixou-o partir.

— Adeus, Rhys — despediu-se ela, roçando os lábios nos dele só mais uma vez.

— Adeus, Vivienne — murmurou ele, mas não a beijou de novo. Limitou-se a dar meia-volta e a descer os degraus alpendre, saindo, pela segunda vez, da vida dela.

Capítulo 35



O semestre de inverno era sempre um pouco deprimente. Se Graves Glen estava no seu completo auge em outubro, janeiro era o reverso da medalha, a altura do ano em que Vivi começava a ponderar ir viver para perto de uma praia ou uma coisa do género. A neve nunca era má, e chegava mesmo a ser bonita quando era admirada de um alpendre nas montanhas, os flocos de neve a flutuar através das árvores despidas.

Era menos bonita quando, para chegar ao trabalho, tinha de se enterrar alguns centímetros numa mistura de neve com lama.

Com uma careta, raspou as botas no tapete antes de entrar do departamento de História.

— Janeiro é uma treeeeeeta — ouviu Ezichi gritar do seu gabinete, quando ela passava. Vivi espreitou pela porta.

— Concorde. Mas ouvi dizer que finalmente estás efetiva, parabéns.

Ao contrário de Vivi, Ezi tinha o doutoramento e estava presa às trincheiras das aulas há anos, por isso Vivi estava genuinamente feliz por ela. E Ezi também, a avaliar pelo sorriso.

— E parabéns para ti também — retribuiu Ezi, saindo de trás da sua secretária. — Ouvi dizer que estás a dar umas aulas extra no departamento de Folclore?

Vivi anuiu, já sentindo borboletas no estômago só de pensar nisso. Depois do *Halloween*, tivera uma conversa com a doutora Arbuthnot sobre o que se passara, a mudança na magia de Graves Glen.

Assumiu que ela ficaria zangada, ou pelo menos que reagiria de mau humor.

Surpreendendo-a, ofereceu-lhe trabalho.

Naquele semestre já estava a dar duas cadeiras na ala da Feitiçaria, o curso de História da Magia, centrado no passado de Graves Glen, e uma cadeira sobre Magia Ritual.

E até comprara um lenço novo.

Mas só um.

Despediu-se de Ezi e dirigiu-se para o seu gabinete. Ligou a chaleira assim que entrou e pôs a carteira em cima da secretária. Tirou do seu interior um livro pesado, com capa de couro vermelho-sangue, o título estampado a folha de ouro. Era a história de Gales escrita por uma bruxa galesa há mais de cem anos. Tinha-o recebido pelo correio no Natal, sem endereço de envio, apenas uma nota com a letra manuscrita de Rhys:

Para o teu gabinete. Beijos

Nem *cariad* nem tenho saudades tuas. Mas estava a pensar nela, e isso era suficiente.

Pelo menos, era o que dizia a si própria.

Abanou a cabeça e preparou uma chávena de chá. Ligou o computador.

Quando acabou de escrever as notas para a aula da tarde, apercebeu-se de que estava atrasada para ir ter com a doutora Arbuthnot na ala da Feitiçaria e suspirou. Enfiou os braços no casaco e colocou o lenço à volta do pescoço.

Estava mais calmo naquele lado do *campus*, a neve rinha sido um pouco menos espezinhada no caminho até ao edifício principal. O seu nariz contraiu-se um pouco ao sentir o cheiro a patchuli — a sério, haveria alguém a quem ela pudesse falar sobre aquilo? —, mas percorreu o átrio enquanto olhava para as portas à medida que avançava.

Além do mobiliário mais elegante, não era assim tão diferente do edifício de História. As mesmas filas de portas, os mesmos vidros foscos com os nomes escritos a preto.

A. Parsons.

J. Brown.

C. Acevedo.

R. Penhallow.

Vivi já passara por esta última porta quando se deu conta. Virou-se lentamente e olhou para ela, o coração a martelar-lhe no peito.

Não podia ser.

Tinha de ser outra pessoa, outro Penhallow com o primeiro nome a começar por *R.* Rhys, provavelmente, tinha um primo, Richard Penhallow. Ou Rebecca Penhallow.

Mas deu por si a estender a mão para a maçaneta.

Vivi sabia que era falta de educação entrar no gabinete de alguém sem bater à porta, mas tinha de ver, tinha de acabar com aquela estúpida palpitação de esperança no seu peito antes que levantasse voo.

A porta abriu-se, revelando um gabinete que não era assim tão diferente do seu. Pequeno, uma janela, secretária

e um candeeiro, um armário de arquivo, uma estante. A única diferença era que a estante estava vazia e não havia nada nas paredes. E, sentado atrás da secretária, viu Rhys.

Quase se perguntou se teria passado por algum feitiço ao entrar ali ou se seria uma brincadeira que os bruxos estavam a pregar-lhe, algum tipo de praxe da faculdade.

Mas então ele levantou-se e avançou para ela, tão quente e real como o que há de mais real, enquanto, suavemente, fechava a porta atrás dela e dizia:

— Olá, *cariad*.

Havia um milhão de coisas que ela lhe queria dizer, que lhe queria perguntar.

Mas tudo o que lhe saiu foi:

— Tu tens... um gabinete.

— Tenho.

— E uma secretária.

— É isso mesmo.

— E estás... aqui.

— Reparaste nisso, não foi?

— Porquê?

Dando um sopro, Rhys pôs as mãos nos bolsos e encolheu os ombros.

— Bem, estás a ver, voltei para Gales, negócios como de costume, só que eu andava completamente infeliz. O desgraçado mais infeliz que alguma vez poderias ter visto na vida. Tão infeliz, de facto, que o Wells... o *Wells!*... me disse que eu era um desgraçado infeliz, e como ele é o presidente do Clube dos Desgraçados Infelizes, achei tudo aquilo muito perturbador.

O rosto de Vivi doía-lhe e ela apercebeu-se de que era por estar a sorrir.

Rhys também estava a sorrir e prosseguiu.

— E então pensei no que poderia fazer para me sentir menos um desgraçado infeliz e cheguei à conclusão de que a única coisa era estar contigo. Ou, pelo menos, perto de ti. E acontece que quando uma faculdade tem o nosso nome de família há uma disponibilidade muito maior para nos deixarem dar o curso mais bizarro, e aqui estou eu.

— E o teu negócio? — perguntou Vivi, sentindo-se ainda um pouco atordoada. Rhys acenou com a cabeça.

— Ainda o tenho. Posso geri-lo sem problemas a partir daqui, mas o Bowen disse que este momento precisava de um grande gesto... quero dizer... eu decidi que este momento precisava de um grande gesto e não tive ajuda nenhuma do meu irmão. — E continuou: — Além disso, queria provar-te que estava a falar a sério sobre isto, sobre ficar aqui. Assentar arraiais. Isto não é a brincar, Vivienne.

Aproximou-se dela e Vivienne inspirou-o, as mãos já em direção ao peito dele, onde as palmas sentiram o coração dele bater.

— Tenho noção de que mudar completamente a minha vida e mudar-me para a Geórgia por causa de uma mulher pode cair na categoria do irrefletido e mal planeado, mas o que se passa é que estou muito apaixonado por essa mulher.

Inclinou-se um pouco mais para ela e baixou a voz.

— Já agora, essa mulher és tu. Queria assegurar-me de que isso ficava claro.

Vivi riu-se ao mesmo tempo que sentia lágrimas a picarem-lhe os olhos.

— Ainda bem, porque não consigo competir com a tia Elaine pelo teu coração. Sou péssima a cozinhar.

— O teu único defeito.

Rhys respirou fundo e envolveu-lhe a cara com as mãos, os dedos pousados na nuca, olhos nos olhos.

— Amo-te. Tanto, tanto, tanto. Sei que às vezes sou leviano e que digo uma piada em vez de dizer a verdade, mas quero que saibas que és tudo para mim, Vivienne. Tudo. — Inclinou-se e encostou a testa à dela, fechando os olhos enquanto Vivi levantava os braços e lhe agarrava os pulsos. — O meu coração é teu desde o momento em que te vi naquela colina e detesto ter desperdiçado nove anos sem ti, mas não vou desperdiçar nem mais um segundo. Se precisas de estar aqui, eu preciso de estar aqui. Tão simples quanto isso.

Vivi afastou-se e encarou aqueles olhos azuis. Rhys podia ter sido O Louco, mas talvez ela também o tinha sido, porque apercebeu-se de que aquela imagem, a pessoa a caminhar alegremente à beira de um precipício, não significava necessariamente irresponsabilidade.

Significava darmos um salto em frente e confiar em que alguma coisa — alguém — nos ampararia.

— Eu quero ir para Gales contigo — desabafou ela, e Rhys franziu o sobrolho, confuso.

— Não ouviste a parte em que disse que me mudei para aqui?

Rindo e chorando, Vivi abanou a cabeça.

— Não, quero dizer... não tem de ser ou uma coisa ou outra. Tu aqui ou eu em Gales. Podemos estar nos dois sítios. Podemos ter as duas coisas. Vai ser confuso e complicado, às vezes, mas vai valer a pena. Porque eu também te amo. Também tens o meu coração desde que te vi, e é com ele que confio em ti.

Assim que pronunciou estas palavras, soube que correspondiam à verdade.

Confiava em Rhys com o coração. O imprudente e caprichoso Rhys, que deslizava pela vida, mas que a amava e que o provaria uma e outra vez.

O Louco e A Estrela, tal como as cartas de Gwyn tinham mostrado. A saltar de falésias e a brilhar firmemente, opostos que não podiam viver um sem o outro.

Que não precisavam de o fazer.

E isso, Vivi teve de admitir quando Rhys se inclinou para a beijar, era a coisa mais mágica de todas.

Agradecimentos



Como é apropriado a uma história sobre bruxos, este é o meu décimo terceiro romance publicado e tive a felicidade de contar com Holly Root como minha agente em cada um desses treze livros. A magia que um bom agente pode exercer é uma força verdadeiramente poderosa e tenho muita sorte por Holly tecer os seus feitiços para mim.

Tessa Woodward entendeu este livro desde o início e, graças à sua particular marca mágica, é muito mais forte do que eu sonhei que poderia vir a ser.

Tenho a certeza de que toda a equipa da William Morrow é composta por bruxos, e estou grata por isso!

À minha própria assembleia, em particular à minha Orlando Ladies (as Antifura-Vidas), obrigada por me ouvirem quando este livro ainda estava na sua fase mais flexível e amorfa. A próxima rodada de *brie* é por minha conta!

Este é, no seu âmago, um livro sobre famílias, e eu fui muito abençoada com a minha, tanto aquela de onde venho como aquela que fiz. Amo-vos a todos.